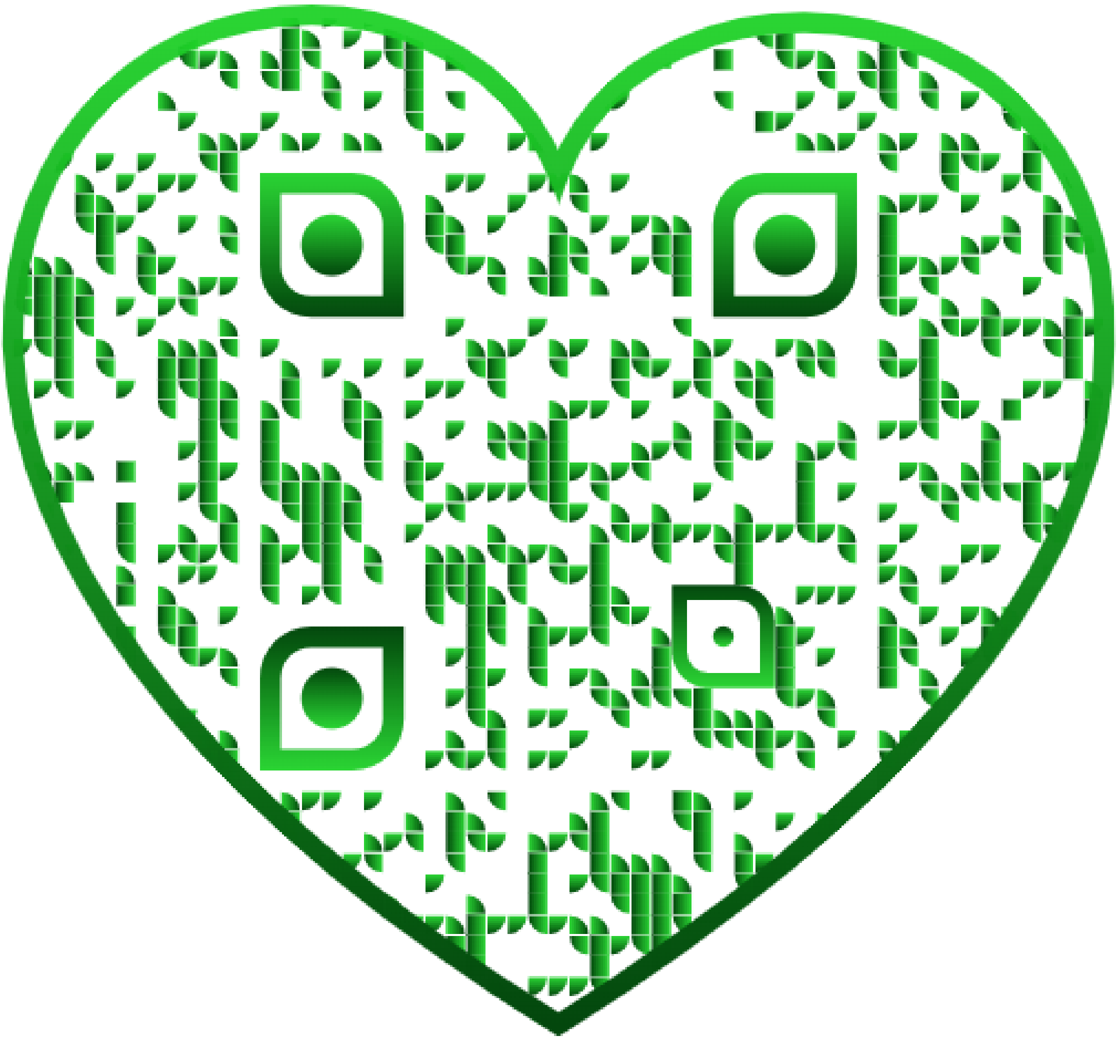
CAFÉ FORTE

ELIANE QUINTELLA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Café Forte

Eliane Quintella

Café Forte
Copyright © Eliane Quintella
Edição Digital

Todos os direitos reservados.
É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra sem o consentimento por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção.
Todos os personagens e situações aqui narradas são frutos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Capa: Renato Klisman
Revisão: Vanessa Straioto
Diagramação: Nanie Dias

São Paulo, Brasil
2014

Papai, é para você!

Sumário

– 1. Uma xícara de café –
– 2. Artigo 252 do CTB –
– 3. Vestido Azul –
– 4. Em terras cariocas –
– 5. Missa de sétimo dia –
– 6. Avião –
– 7. Um pequeno e aconchegante bistrô –
– 8. Consultório da Dra. Lara Fonseca –
– 9. Mais uma dose de café forte –
– 10. Sinistra paisagem –
– 11. Algumas taças de vinho e muito mais –
– 12. Inconsolável –
– 13. Árvore sinistra –
– 14. Contra a parede –
– 15. Uma descoberta –
– 16. Eu preciso te contar... –
– 17. Pesadelo –
– 18. Um ombro amigo –
– 19. Do outro lado da cidade –
– 20. Zoológico –
– 21. Eu vi –
– 22. Essa foi por pouco –
– 23. Cartas na mesa –
– 24. Chá da tarde –

– 25. Há muito tempo –
– 26. Branco como papel –
– 27. Caipirinha –
– 28. Residência dos Monteiros na Barra da Tijuca –
– 29. Arpoador –
– 30. De vista para o mar –
– 31. Entre facas e canivetes –
– 32. No meio das pedras –
– 33. Era verdade –
– 34. Petrópolis –
– 35. Um encontro no parque –
– 36. Uma noite de sexta-feira –
– 37. Despedida e recomeço –
– 38. Angra dos Reis –
– 39. Pombinhos –
– 40. Uma nova vingança –
– 41. Beijo é sinal de amor –
– 42. O sono dos justos –
Agradecimentos
Sobre o autor

– 1. Uma xícara de café –

Miguel orgulhava-se de quantas vezes olhou lesões sangrentas e purulentas de pacientes sem alterar sua expressão facial. Muitos médicos torciam o rosto quando viam coisas fortes, Miguel dificilmente erguia mais que uma sobrancelha. Os anos de P.A. no Hospital das Clínicas tinham lhe garantindo um estômago de vira-lata. Mas essa frieza profissional evaporava em se tratando de Dora, a primeira mulher que Miguel realmente amou. Miguel não suportava ver as feridas que se renovavam em seu corpo. Era um soco na cara, uma facada no peito, uma alfinetada nos olhos, impossível não sentir as pernas fraquejarem e o coração falhar. Miguel não aguentava mais. Era sempre a mesma coisa. Dora apanhava e não dizia quem era.

Ele queria partir por aquela porta maldita que lhe chamava para entrar e depois o instigava a sair toda vez que as cicatrizes apareciam e sempre apareciam. Nunca mais ver aquela porta, nunca mais voltar, nunca mais sofrer, nunca mais Dora. Nunca mais? Talvez dessa vez tivesse, enfim, coragem. Coragem de retomar sua vida de antes, a mesmice dos encontros casuais e do sexo banal. Besteira. Depois que se descobre o sabor do amor sua vida nunca mais é a mesma. E Miguel mais do que amor, tinha adoração por Dora, seu anjo imaculado. E era por isso que doía e como doía aquela tortura de descobrir os sinais da tortura no corpo do seu anjo sem saber o nome do carrasco. Miguel estava descontrolado, fora de si, tinha chegado ao limite, tinha sido demais, impossível suportar tudo de novo. Ela tinha que falar! Dessa vez ela tinha que contar! Ela precisava!

Emocionado Miguel agarrou Dora pelos braços com força e a sacudiu violentamente, gritando:

— Vamos me diga!!! Quem é que está fazendo mal a você? Quem é? Eu não aguento mais! Eu não aguento mais! Você precisa me dizer! – depois de falar ele desmoronou em lágrimas brutais que pareciam ferir seus olhos.

Miguel sentia que havia muito mais para saber sobre Dora e ele precisava

saber tudo, pois a amava, e sabia que, quando se ama, há força para enfrentar aquele esqueleto assustador guardado dentro do armário. Ela não precisava temer, podia escancarar o esqueleto na cara de Miguel que ele suportaria. Ele estava do lado dela para tudo. Será que ela não via?

Dora jogou-se no sofá e gritou:

— Eu não sei, Guel! Você precisa acreditar em mim!

Miguel não acreditou. Foi até o sofá, levantou brutamente seu tronco, a olhou com fúria e disse:

— É ridículo você protegê-lo. É seu ex-namorado, não é? Pode falar, eu sei que é ele. Deve ser ele...

— Eu não sei quem é – Os olhos de Dora estavam molhados.

— Dora, me diga quem é! Eu não aguento mais isso! Você não vê? – Miguel tinha aquele olhar vermelho e emocionado demais de louco.

— Eu não sei, Guel – sua voz era tão baixa que quase sumiu.

— Olhe para você, Dora. Vamos, por favor. Olha isso! – disse Miguel apontando para algumas feridas antigas — Não é possível que você não saiba quem fez isso com você. Não é possível! Não minta para mim!

— Eu não sei. Eu...

Dora parecia que queria dizer mais alguma coisa, porém parou subitamente de falar. Não era possível saber se ela escondia alguma coisa, se não confiava em Miguel ou se tinha medo de revelar alguma coisa. Ela se aproximou de Miguel, tentou abraçá-lo, mas ele a afastou com o braço e disse apenas:

— Eu falei, eu não aguento mais.

Miguel se foi. Essa tinha sido a última vez que Dora tinha visto Miguel. Dora pensava sempre nele, aguardava o dia que ele voltaria. Era apenas uma questão de tempo, seus frios olhos azuis carregavam essa certeza. E, enquanto se olhava nua no espelho, passando pomada em suas cicatrizes, a lembrança de Miguel era ainda mais forte. E Dora sorria. Ela sabia que chegaria a hora dele abraçá-la novamente, sentiria suas cicatrizes, a pele dura e disforme, ele iria sofrer, pois a amava e, então, ela o consolaria de suas próprias dilacerações.

Foi por pensar em Miguel que Dora se vestiu, foi até a cozinha e colocou a água para ferver. Já fazia seis meses que eles estavam juntos. Ela sabia que Miguel estava no limite de sua tolerância, mas ela entendia que o amor era capaz de superar qualquer obstáculo.

Dora olhava seu café sem tocá-lo, enquanto se lembrava do dia em que Miguel falou com ela pela primeira vez. Tinha sido naquela livraria antiga e charmosa do centro da cidade, perto do Mosteiro São Bento, que Miguel frequentava nos finais de semana.

Dora lembrava-se de Miguel, encantador, lindo e seguro de si, riu ao se lembrar de que como seu bronzeado destoava do ambiente intelectual da pequena livraria. Outro sorriso quis brincar em seus lábios quando se lembrou de Miguel aproximando-se dela com seu jeito maroto de garoto de praia e perguntando com seu irresistível sotaque carioca se ela sabia onde ficavam os livros de romances. Ela lembra que sorriu, perguntou qual livro ele estava procurando e ele respondeu:

— Eu não sei. Estou procurando um romance, pode estar em um livro, pode estar por aí, pode estar bem aqui na minha frente – ao dizer essa última parte, encarou-a com muito interesse.

Dora lembra que depois disso Miguel a convidou para o primeiro café, daí muitos outros cafés vieram. Miguel sempre teve a impressão que conquistara Dora, o que ele não sabia, sequer desconfiava, é que ela já o queria há muito tempo. A vida tinha sido doce para Miguel até as primeiras feridas aparecerem pelo corpo de Dora. E ela sabia que tinha sido responsável por tirar o brilho daquele lindo menino do Rio.

Quando o conheceu, ela recordava-se bem, ele tinha uma luminosidade das pessoas que são felizes e leves, mas agora isso era passado, ele já tinha o olhar carregado de escuridão. Dora lhe dera isso. Ela sabia que tinha matado a alegria e a leveza de Miguel. A vida não passava de um fardo que carregava sobre seus fortes ombros, feito penitência.

Foi somente após alguns instantes que percebeu que a campainha tocava incessantemente. Dora, perdida em seus pensamentos, recobrou a consciência e correu para a porta. Antes de abrir ela já sabia: era Miguel. Dora abriu um sorriso. Suas olheiras marcavam noites de insônia e ele trazia em seus olhos aquela escuridão que ela lhe dera.

— Vou ficar com você, meu anjo. Não vou mais deixá-la – disse Miguel a abraçando forte demais.

Dora retribuiu o abraço:

— Eu senti a sua falta!

Após um longo abraço, Dora o convidou para um café. Miguel sorriu de lado fazendo charme, daquele jeito que costumava sorrir quando ainda era feliz. Mero resquício de um tempo que não voltava mais.

Miguel sabia que sua volta dizia tudo. Mais nada precisava ser dito. Ainda assim, após o primeiro gole de café, Miguel quis se explicar. Ele achava que devia isso à Dora:

— Meu anjo, eu pensei muito nesse tempo em que me afastei. Eu voltei porque eu te amo. Tenho certeza que há alguém por trás disso tudo. Ainda não consigo acreditar que possa ser uma assombração. Você me conhece, isso para

mim é impossível. Eu realmente não acredito nisso. E...

Dora o interrompeu acariciando seu rosto.

— Guel, eu também pensei muito e não fui totalmente sincera com você. Eu quero te contar tudo.

Miguel, que estava pronto para continuar seu discurso, parou para ouvir o que Dora tinha escondido. Ele tinha o rosto sério demais, aguardava que, enfim, fosse revelado o motivo de todas aquelas lesões que tiraram seu sono e sua paz..

— Guel, há mais. Além disso tudo, – disse Dora apontando para suas feridas — eu estou sendo ameaçada de morte.

— Eu sabia que tinha alguém por trás disso! – disse Miguel quase triunfante.

— Não. Eu não estou sendo ameaçada dessa forma... Eu não queria contar para você antes porque eu tinha medo que você me achasse louca. Ainda tenho medo, mas agora você voltou e... Bom, o que realmente interessa é que eu quero compartilhar tudo com você. E eu também preciso desabafar. Eu não estou louca, Guel. Você tem que acreditar em mim.

— Eu mesmo tratei das suas lesões. Eu sei que você não está louca, meu anjo.

— Eu realmente não sei quem está me ameaçando, mas há muito mais acontecendo, coisas realmente apavorantes. – Dora olhava para Miguel e parecia assustada.

— Você podia ter confiado em mim... Eu teria ficado do seu lado para te apoiar. Você sabe disso.

— Eu queria, mas é tão louco tudo isso que eu não tinha coragem de dizer em voz alta. É como se tornasse tudo verdadeiro e eu quero acreditar que é um pesadelo, sabe?

— Dora, fala logo.

Miguel olhava para Dora desolado. É como se o que tivesse escutado fosse pior do que qualquer outra coisa. Ele sempre se orgulhou de seu ceticismo, não acreditava em assombrações, demônios, espíritos ou o que quer que seja. Nunca imaginou que um dia a mulher de sua vida estaria convicta da existência dessas entidades e que lhe pediria para acreditar que estava sendo perseguida por uma. Ele tinha desconfiado que esse era o caso só pelo início do discurso de Dora.

— Tudo? – quis saber Dora.

— Tudo! Não esconda mais nada, meu anjo.

— Bom, acho que tenho mesmo que compartilhar tudo com você. Você se lembra daquele primeiro machucado horroroso que apareceu nas minhas

costas?

— Lembro, era enorme. Você disse que não sabia o que tinha acontecido.

— Pois é, eu não sei mesmo como aconteceu. Mas eu não te contei que na manhã que acordei com ele, estava escrito no espelho do meu banheiro, na cor de um vermelho sanguíneo: obedeça ou morrerá.

Miguel suspirou fundo. Sua desconfiança tinha se confirmado: o anjo de sua vida era uma daquelas pessoas que abandonou a razão e passou a acreditar em coisas que não tinham sentido ou prova de existência, mas tudo que conseguiu dizer foi:

— Você tinha que ter me contado, Dora.

— Lembra aquele corte fundo no meu tornozelo?

— Claro! Fui eu que dei os pontos!

— Isso mesmo. Pois é, picharam na parede da sala a mesma frase: obedeça ou morrerá.

— Mas, como eu não vi isso!? – duvidou Miguel, sem querer magoá-la.

— Eu evitei que viesse em casa até que pintassem a parede. Lembra que eu pintei a parede da sala de cinza?

— Você disse que queria mudar a cor... Mas por que você quis esconder de mim?

— Eu não queria que soubesse. Eu queria que tudo isso desaparecesse sozinho. É o que sempre quis. Também sei que não acredita que possa ser, bem, o que eu acredito que possa ser.

— Um demônio? – perguntou arrasado.

— É...

— E isso, seja lá o que for, disse o que você tinha que obedecer? – perguntou Miguel para mostrar consideração, ainda que não tivesse nenhum interesse em saber a resposta.

— Não, mas encontrei um livro de mitologia na sala. Duas páginas estavam marcadas, a de Nêmesis e de Thanatos.

— Não lembro de ter ouvido falar.

— Nêmesis é a deusa da vingança e Thanatos é o deus da morte.

— Não é Hades, o deus da morte?

— Não, Hades é o deus dos mortos, ele reina no chamado mundo inferior.

— Bom, parece que a mensagem só foi reforçada, né? – disse Miguel esforçando-se para manter aquela conversa. Aquele tipo de diálogo era apenas mais uma prova de como amava Dora.

— Pode ser – respondeu Dora em voz baixa e sem convicção.

Miguel olhou Dora com compaixão e amor. Ele sentia-se mal por seu anjo estar passando por tudo aquilo. Não era justo ela sofrer daquele jeito. Nada poderia acontecer ao seu anjo. Ele pegaria o sádico idiota que estivesse por trás disso tudo. Não passava na cabeça de Miguel, nem por um segundo sequer, que isso pudesse ser obra de um demônio. Ele tinha certeza de que havia um responsável bem de carne osso responsável pelas ameaças à sua amada e só queria encontrá-lo para que ele pudesse provar do próprio remédio.

Antes de Dora, nenhuma mulher tinha sido capaz de conquistar Miguel. Para Miguel, Dora era sagrada. A fragilidade de Dora, o branco marmóreo de sua pele, o rosado de suas bochechas, seus perfeitos cachos dourados, o profundo azul dos seus olhos, a boca vermelha, tal qual um botão de rosa, e sua delicadeza de bailarina transformavam-na em um anjo, seu anjo.

Miguel pegou as mãos de Dora e as apertou forte contra o peito, dizendo em juramento:

— Eu estou com você, para sempre, meu anjo.

Dora sorriu e o abraçou:

— Eu sei, aliás, eu tenho certeza disso.

Após alguns instantes em silêncio, Dora retomou a conversa:

— Guel, é horrível ter um demônio à minha espreita. Se você tivesse vivido tudo o que eu vivi, você saberia que não há nada pior nesse mundo. Meu demônio é terrível...

Miguel ainda se esforçava para parecer interessado. Aquilo era importante para seu amor, ele sabia, mas não conseguia. Estava estampado em seu rosto que ele achava aquilo tudo um monte de baboseira e do pior tipo. Miguel tinha os olhos puros demais.

— Guel, se você não está interessado por que me pediu para contar tudo?

Aquela conversa estava indo longe demais para Miguel. Ele não queria desrespeitá-la, mas ele a amava demais para continuar calado engolindo toda aquela merda. Ele tinha que abrir os olhos de sua amada ainda que a magoasse. *Era para seu próprio bem,* pensou.

— Dora, por favor. Você não pode estar levando isso a sério!

— Você fala assim porque isso não está acontecendo com você. É fácil para você ser tão cético. Você nunca viveu nada parecido.

— Dora, para tudo há uma explicação lógica. Essas suas especulações não farão bem a você.

— Eu entendo seu ponto de vista, Guel, mas procure entender meu lado e respeite meu modo de enxergar as coisas. Eu preciso entender o que está

acontecendo. É muito importante para mim – disse Dora pegando nas mãos de Miguel.

— Eu respeito. Vem cá, meu anjo, me dá aquele abraço – Dora se aproximou e Miguel a abraçou forte. — Eu só não quero que nada nos distancie da verdade. Na minha opinião, todo esse espetáculo é para te amedrontar e te enlouquecer. Só pode ser isso.

— Eu concordo com você que essa é uma hipótese, Guel. Mas há outra hipótese, que é que existe algo que não é desse mundo por trás disso tudo e eu preciso descobrir o que ele quer.

— Essa não é uma hipótese, Dora. Tente racionalizar. Você está caindo no jogo de quem quer que esteja armando isso tudo.

— Para você não é uma hipótese, eu sei. Para mim é. Todas as vezes em que essas coisas ruins aconteceram eu estava sozinha em casa, estava tudo trancado... Guel, eu já tentei racionalizar, mas se você vivesse o que eu vivi, você saberia que está realmente acontecendo alguma coisa comigo e é muito sério. Parece que você não ouviu nada do que te contei. Há um demônio atrás de mim e eu não sei o que ele quer! Eu não sei realmente...Eu nunca soube...

Dora abaixou a cabeça e Miguel escutou um choro fraco e ofendido, instantaneamente, voltou a abraçá-la com força.

— Dora, eu sei. Mas pense bem, meu anjo. Olha para mim – disse Miguel carinhosamente ao erguer seu pequeno queixo. — Pode ser que alguém tenha conseguido cópia das suas chaves. – Dora começou a soluçar mais alto. — Calma, meu anjo, pense comigo. Isso é possível.

— Guel, depois que aconteceu a primeira vez, eu troquei os segredos. Você se lembra! Foi você que foi atrás disso para mim. E você sabe, não mudou nada, voltou a acontecer. – Dora enxugava suas lágrimas.

— A pessoa pode ter feito uma cópia das suas novas chaves. Além disso, não é difícil abrir uma porta.

Dora se distanciou de Guel e o desafiou:

— Guel, não é possível que você tenha tanta certeza que essas coisas não existam, afinal, desde que o mundo é mundo se fala a respeito de demônios.

— Bom, Dora, você sabe o que acho dessas coisas, além disso sou médico, por isso coloco tudo sob essa perspectiva. E, na minha experiência, pessoas que têm alucinações, como você, possuem um transtorno mental, sei lá, pode ser psicose – defendeu-se Miguel.

— Ai, Miguel, às vezes é difícil falar com você! Em português claro, você acha que estou ficando louca? Você acha que isso tudo foi uma alucinação minha? Eu sabia que você diria isso! Foi por isso que não queria te contar nada.

Miguel não queria isso. Não queria que ela se fechasse novamente. Era preciso que ela ficasse aberta, confiasse nele, contasse tudo, afinal ele a amava de verdade. Foi pensando nisso tudo que Miguel aproximou-se mais de Dora e tocou em suas mãos com delicadeza:

— Calma, meu anjo. Eu não acho que seja isso. Eu vi suas lesões. Elas são reais, disso eu sei. Eu acredito que tenha visto o que disse que viu. Eu acredito que deva ser alguém obcecado por você que está por trás disso tudo, armando esse espetáculo para te assustar, alguém muito doente.

— Uma pessoa seria capaz de fazer tudo isso, Guel?

— É possível, meu anjo. É o que eu acredito.

— Mas se é uma pessoa, como eu não saberia quem é? Como essa pessoa entra na minha casa, me machuca e eu não acordo?

— É isso que eu quero entender. Você realmente não sabe quem é ou está querendo proteger alguém?

— Miguel, você disse que acredita em mim, mas isso não parece ser verdade. Você quer ter a mesma discussão que tivemos antes de você ir embora? De verdade, por que você voltou?

Miguel se arrependeu do que disse. Não era brigando que daria o conforto que Dora precisava. Ele olhou para uma ferida de Dora que estava a mostra em sua coxa direita e aquilo lhe fez lembrar de que ela precisava de seu apoio incondicional. Ela era o amor de sua vida e tinha decidido que a ajudaria de qualquer jeito.

— Tem razão, meu anjo, me desculpe. Eu acredito em você.

Dora até sorriu. Não era sempre que sorria. Miguel derretia-se toda vez que via aquele sorriso, por isso aproveitou para abraçá-la mais uma vez, acarinhar seu rosto, depois disse:

— Acho que de alguma forma você tem sido drogada. Só pode ser isso.

— Isso é possível?

— É. Não sei como isso está acontecendo, mas vamos descobrir. Você notou alguma coisa diferente nas manhãs em que acordou machucada?

— Nada que eu me lembre. Mas, pense comigo, Guel, se é alguém que está mesmo obcecado por mim, porque iria querer me assustar desse jeito?

— Sei lá. Pode ser alguém que você desprezou, que você largou, que você machucou profundamente, o amor pode ter virado ódio. Meu anjo, você é linda. Você sabe que é a mulher mais linda que já conheci, eu sempre te falo isso. – Dora balançou a cabeça. — Não me olhe assim, estou falando sério. O seu ex-namorado pode estar atrás disso tudo. Ele te persegue até hoje e descobriu onde você está morando. Você sabe que eu desconfio dele. Pense bem! Pode muito

bem ser ele.

— Guel, você acha que alguém que eu realmente fiz sofrer pode estar por trás disso tudo? Você acha que as pessoas podem carregar essa sede de vingança?

Miguel olhava para aqueles olhos azuis brilhantes e não podia entender como alguém poderia ser tão cruel com seu anjo. Por outro lado tinha sentido, as pessoas quando perdem algo precioso de forma violenta, seja a inocência, seja alguém querido ou até alguma coisa de valor sentem vontade de fazer mal a quem causou a violência.

— Eu não tenho dúvida.

— Interessante...

Miguel realmente acreditava que existiam pessoas que podiam ser bastante vingativas. Não era seu caso, mas ele não era tolo a ponto de achar que perdoar fosse fácil. Dora ainda quis saber a opinião de Miguel sobre seu ex-namorado:

— Você acha que meu ex-namorado pode ser louco a esse ponto?

— Isso eu não sei, mas achei a carta que ele te enviou bem ameaçadora.

— Aquele porteiro folgado! Ele não tinha que ter te entregado minha correspondência.

Miguel estranhou a grosseria de Dora. Ela era sempre educada. Ficou pensando se por acaso Dora não confiava nele. Afinal, por que ele não podia ler suas cartas?

— E por quê não, Dora? Eu estava subindo e ele só aproveitou a viagem.

— Porque agora você abriu aquela carta idiota e ficou preocupado, Guel – disse carinhosamente ao passar a mão nos cabelos de Miguel. — Além do mais, é trabalho dele trazer minha correspondência.

— É claro que eu fiquei preocupado. Na carta seu ex dizia que ele sabia de tudo e que você iria pagar. Quer mais que isso?

— É, foi esquisita mesmo... Você realmente não conhece meu ex-namorado? Ele também é do Rio de Janeiro.

— De nome assim eu não me lembro...

— E eu ainda nem te contei tudo que aconteceu comigo, Guel.

— O que mais aconteceu?

— Um dia eu acordei coberta de sangue. Imaginei que alguém tinha me cortado, como das outras vezes, mas nada tinha acontecido comigo.

— E de onde vinha o sangue?

— Tinha um gato morto em minha cama. Foi horrível! – Dora virou a cara para o outro lado, apertando os olhos.

Os olhos de Miguel arregalaram-se. Miguel abraçou novamente Dora, colocando sua cabeça contra seu peito, aconchegando-a e protegendo-a.

— Isso é demais, meu anjo! Como você tem aguentado tudo isso sozinha? Devia ter me dito. Você não pode sofrer. Olha para você. – Miguel olhou para o rosto angelical de Dora mostrando que feriria, talvez de forma letal, se descobrisse quem estava por trás disso tudo. — Quem pode ser capaz de fazer uma coisa dessas com você? Quem consegue ser assim tão doente? – Miguel estava desabafando, nem esperava uma resposta.

— Acredite, Guel, há pessoas que são capazes de tudo. Guel, você não imagina o susto que levei! Só depois de algumas horas que me toquei que o gato era da minha vizinha!

— Claro, o gato da Amélia! É aquele que miava bastante à noite, não é?

— Pois é, o próprio. E o gato dela, como todo gato, adora liberdade. E nossas varandas são praticamente grudadas e às vezes ele pula para cá. Eu normalmente deixo a porta da varanda fechada, mas já deixei algumas vezes aberta e me deparei com o gato aqui na sala. Sei lá quem ou o quê encontrou o gato aqui e o matou.

— Você contou para a Amélia o que aconteceu com seu gato?

— Pois é, alguns dias depois, quando finalmente tomei coragem para contar a ela que seu gato estava morto, descobri que ela tinha se matado.

Dora observava as reações de Miguel enquanto lhe contava. Miguel estava absolutamente chocado, seus olhos não mentiam.

— A Amélia se matou? Não acredito!

— Foi um choque para mim também.

— Que tragédia! É muito difícil acreditar. Ela não tinha cara que... – Miguel não conseguiu terminar a frase... Ele estava visivelmente abalado.

— O suicida nunca tem cara de suicida. Normalmente os que tentam o suicídio e não são bem sucedidos, esses, sim, têm cara. O suicida que quer realmente se matar sabe esconder muito bem isso até atingir seu objetivo.

— Eu nunca tinha pensado a respeito – disse Miguel aturdido.

— É horrível. Eu sei.

— A família dela deve estar mal, seus amigos, a Toninha... Você sabe alguma coisa? – perguntou Miguel aflito.

— Sim, é triste, claro, mas de alguma forma todos aceitaram. Ela era infeliz, você sabe. Nunca aceitou seu excesso de peso. A depressão só aumentava e...

— Você imaginava que ela se mataria, Dora?

— Não, é claro que não.

— Eu também não... Como foi?

— Ela se jogou aqui do décimo sétimo andar.

— Nem isso você me contou... Como isso não foi noticiado?

— Foi na primeira semana que você... Bem, que você estava longe. E quanto à imprensa, isso foi divulgado, mas não fizeram tanto alarde. Acho que só saiu no Jornal no dia uma pequena nota sobre a tragédia.

— Você devia ter me contado. Eu teria voltado.

— Eu sei.

— Você queria que eu escolhesse voltar?

— É.

Os dois se olharam em silêncio, Miguel achava que compreendia Dora. Miguel, que não conseguia olhar para Dora sem deixar de tocá-la, pegou em sua mão e a beijou.

Passados alguns instantes, Dora perguntou.

— Sabe, Guel, não tem sido fácil. Mas você acha que o gato morto pode representar alguma coisa?

— Eu preciso falar com a Toninha, ela era amiga de Amélia.

— Guel, por favor, estou falando com você.

— Desculpe, meu anjo, é que eu ainda estou chocado com o que aconteceu.

— Já aconteceu.

— Eu sei. Me conta, o que você falou?

— Eu perguntei se você acha que o gato morto na minha cama pode significar alguma coisa?

— Está bem, meu anjo, se você quer que eu entre nesse jogo, tudo bem, eu entro. Deixa eu pensar...Eu realmente não faço a menor ideia.

— Eu pensei várias coisas, mas não sei realmente. Eu pensei que....

Miguel interrompeu Dora antes que ela terminasse suas considerações sobre o significado do gato morto em cima da cama.

— A coisa foi longe demais, Dora. Acho que passou da hora de irmos à Delegacia.

— E o que eles farão?

— Sei lá, a Polícia pode descobrir quem está fazendo isso com você.

— Eu realmente não acho que seja alguém. Há ainda mais. Depois do episódio do gato, eu estava saindo para trabalhar de manhã e quando fui colocar

meus sapatos, senti algo molhado e mole. Foi nojento! Assim que tirei meus pés dos sapatos, eles estavam vermelhos.

— O que era?

— Era o sangue da carne, carne crua.

— Dora, isso é muito sério!

— Eu sei... Você nem pode imaginar, como foi viver isso tudo... – Dora olhava para o horizonte, parecia perdida em seus próprios pensamentos.

— Você devia ter me procurado! Não vou me perdoar por não ter ficado ao seu lado. Tudo o que enfrentou sozinha! Quando eu penso em você, tão frágil e doce, exposta a esse tipo de coisa, de gente claramente doente, eu não devia ter ido, aqueles machucados e eu... Eu a deixei só. Como fui insensato! O que eu estava pensando? Eu não podia ter feito isso. Eu te amo. Te amo mais que tudo. Me perdoe, meu anjo! – Miguel disse isso com lágrimas escorrendo de seus olhos verdes e em seguida abraçou Dora, forte, muito forte. Ele claramente a amava muito, talvez demais. Dora sentia as palpitações daquele rompante de emoções. Sentia-se amada. Sabia também que ele a protegeria até o fim. Era o que precisava saber.

Dora abriu bem seus grandes olhos azuis e disse:

— Não acabou, Guel. Há mais. – Miguel só respirou fundo, ganhando fôlego, para conseguir escutar algo que sabia ser tenebroso. — Depois que voltei do trabalho, você sabe, no dia do episódio da carne, fui à geladeira pegar um copo de água e quando abri a porta, vi que todas as jarras de água estavam cheias de sangue.

Miguel mais uma vez lançou-se em direção à Dora, enlaçando-a com seus braços fortes. Os grandes olhos azuis de Dora pediam sua proteção. Miguel comovido continuou:

— Me desculpe, meu anjo. Você enfrentou isso tudo sozinha. Eu devia estar ao seu lado. Eu só pensei em mim. Isso nunca mais vai acontecer. Eu jamais vou te deixar novamente. – Miguel comprimia Dora contra seu peito, como quem aperta uma cruz, consagrando seu juramento.

— Eu preciso de você, Guel. Você não pode me deixar nunca mais. Prometa. – Dora que era sempre calma e segura, parecia aflita e assustada aos olhos de Miguel.

— Eu prometo.

Dora se deixou cair nos braços de Miguel, eram só em seus ombros que pesavam os pesadelos de Dora.

— Há mais alguma coisa para me contar?

— Eu contei tudo.

– 2. Artigo 252 do CTB –

As mãos de Miguel tremiam ao volante e ele corria ao máximo. A chuva forte não permitia que ele pudesse ir ainda mais rápido. Ele mal enxergava, mas sabia que tinha que chegar o mais rápido possível.

As ruas pareciam cobertas de gelo e Miguel deslizava nelas com a habilidade dos desesperados.

Ao chegar ao local Miguel voou para fora do carro e correu até Dora, seu anjo. Abraçou-a, envolveu-a, beijou-lhe as mãos, o rosto, os cabelos.

— Como isso foi acontecer? Como? – Miguel se perguntava desesperado.

Dora nada dizia. Seus olhos vazios miravam os escombros do carro.

— Como foi, Dora?

Dora falava com tranquilidade e ela parecia estar distante de tudo aquilo. *Provavelmente é o jeito que ela achou para se preservar dessa loucura*, pensava Miguel.

— Eu e a Raquel fomos juntas à festa da Estela. Você não quis ir, pois tinha plantão.

— Eu sei, meu anjo. Só me conta o que aconteceu.

— Saímos do trabalho, fomos lá em casa para a gente se arrumar. A Raquel começou a experimentar algumas roupas minhas, nada serviu muito bem, pois ela é gordinha. Ela não se cuida como a gente, Guel. Bom, ela se apaixonou pelo meu *Louboutin*, experimentou, e serviu perfeitamente.

— Dora, do que você está falando? Por favor, me conte do acidente!

— O *Loubotin* tem um salto muito alto. É muito alto mesmo. É perigoso até para andar, se a pessoa não é acostumada. – Dora sorriu de lado. — Ela não conseguia se equilibrar naqueles saltos. Bem, eu uso salto todo dia e para mim é como estar descalça, mas ela não, sabe? Acho que nem ela sabia disso, imagine se eu poderia imaginar... Se eu soubesse eu não teria emprestado a ela. Não teria

mesmo.

Dora parecia fora de si. Miguel chegou a pensar se não tinha sido demais para ela e por isso tinha sofrido um colapso nervoso. Não era normal ela falar daquele jeito calmo, desconectado e displicente.

— Conte-me do acidente, Dora! – disse Miguel em voz alta já sem paciência, porém Dora não se alterou e continuou calmamente suas explicações:

— Ela me disse quando chegamos na festa que teve dificuldade para acertar os pedais do carro, mas eu não dei bola. Quem iria imaginar que era para eu levar a sério? Sabe, eu dirijo com aqueles saltos tranquilamente. E, bom, estava chovendo. – Dora olhou para o horizonte. — Ainda está chovendo. Alguma coisa aconteceu, acho que foi o salto, ela perdeu o controle e morreu na hora. Foi o que me disseram.

Assim que Dora terminou a frase, Miguel sentiu uma necessidade de imediata de consolar Dora, acolhê-la. Pegou-a pelo braço, puxando-a para perto de si, e a abraçou daquele jeito forte e quase sufocante.

— Eu sinto muito, meu anjo. Sinto muito, muito mesmo.

Depois de um tempo, Dora defendeu-se daquele abraço:

— Eu estou bem, Guel.

— Eu sei, meu anjo. É que a possibilidade de te perder, me enlouquece, você sabe disso.

— Eu não estava no carro.

— Não? Mas é seu carro, vocês foram juntas para festa!

— Estava acabando o gelo da festa. Ela quis ir comprar. Eu falei que iria junto. Ela disse que não precisava, pegou as chaves do meu carro e saiu. Agora ela está morta e era para eu estar morta.

— Não fale assim! Só de pensar eu fico louco! — disse agarrando-a mais uma vez.

— Guel? – perguntou enquanto ainda estava envolta em seus braços fortes.

Miguel a olhou com seus olhos doces e verdes e ela pediu:

— Me abraça mais.

Miguel abraçou Dora com força e firmeza.

— Me leva embora daqui, Guel. Agora.

— Claro. Você já pode ir?

— Já disse tudo aos policiais.

— Conversou com a família da Raquel?

— Não... e também não pretendo falar com eles hoje. Está acontecendo muita coisa comigo.

— Eles podem querer falar com você.

— Se quiserem, eles sabem onde me encontrar. Agora vamos embora daqui.

Miguel concordou e perguntou a Dora:

— O que foi que aconteceu mesmo entre você e os pais da Raquel?

— Você não se lembra? Eu já te contei.

— Não lembro.

— Nada demais.

— Me conta.

— Bom, eu fui almoçar na casa de Raquel e contei como perdi minha família inteira ainda criança, e eles, sei lá por que, ao invés de mostrarem seus sentimentos, fizeram pouco caso de mim, disseram que nada poderia ser tão difícil e doloroso quanto perder um filho. Nada? Nem perder sua família inteira quando se ainda é criança? Achei absurdo o comentário. Depois disso, o clima ficou chato, sabe? E agora que eles perderam a Raquel também, o que eu posso dizer a eles? Dizer novamente que eu sei como é perder um membro da família para ouvir que nada é tão ruim quanto perder um filho?

— Por que eles falaram com você desse jeito?

— Acho que foi em razão do momento. A Roseli, irmã mais velha da Raquel, tinha acabado de falecer em um acidente de carro no carnaval. Foi atropelada.

— Entendi... E você não sabia disso.

— Não, eu sabia, nós tínhamos acabado de voltar da missa de sétimo dia. Eu só quis contar sobre a morte da minha família. Não sei qual foi o problema para eles serem tão rudes.

— Devia ser porque era o dia da missa da morte da filha deles. Eles queriam ser consolados e não consolar.

— Deve ter sido isso.

Miguel não disse mais nada. Eles caminharam até o carro. Antes de abrir a porta do carro, Miguel disse:

— Às vezes um simples olhar e um abraço são suficientes para mostrar como se sente. Você não precisa contar coisas parecidas que já aconteceram com você para consolar alguém. Na verdade, meu anjo, isso raramente funciona.

— Pois é...eu percebi.

Miguel pensou que Dora não tinha muito jeito para lidar com os sentimentos das pessoas. *Acho que ela é forte, parece não entender da fraqueza humana.* Miguel pensou até orgulhoso. Dora entrou no carro, olhou para Miguel, pegou em sua mão e pediu para dormir em sua casa. Miguel concordou, ele adorava ter Dora sob o mesmo teto. Dora sorriu para Miguel agradecida. O sorriso de Dora tinha a magia de elevar Miguel às nuvens e ela sabia disso.

Miguel serviu à Dora um chá. Ela aguardava ao pé da lareira. Miguel perguntou se ela queria que ele acendesse a lareira. Ela agradeceu.

Dora observou Miguel executar todo o procedimento para acender o fogo, pacientemente. O fogo lentamente começou a pegar. Dora pediu mais uma xícara de chá e Miguel trouxe e sentou-se ao seu lado.

Dora pegou nas mãos de Miguel e disse:

— Guel, eu acho que sou responsável pela morte da Raquel.

— Do que você está falando? Foi um acidente!

— Guel, você precisa me escutar. Eu não te contei ainda, mas foi no meu *Louboutin* que encontrei a carne crua. Eu sabia que não devia emprestá-los, eu senti isso, sabe? Senti uma coisa ruim, mesmo assim eu não disse nada, eu não queria contar para ela. Ela me acharia louca, sei lá. Fiquei quieta e agora ela está morta. Morta por minha culpa. Morreu no meu carro e com meu sapato...

— Não fale assim! Estava chovendo forte, essa provavelmente é a causa do acidente.

— Eu acho que a matei. Eu devia ter falado – disse Dora em voz baixa encarando o chão, depois olhou sobressaltada para Miguel e perguntou:

— Será que o sangue nas jarras de água representavam a chuva e a morte?

— Para com isso, meu anjo. Não tem nada a ver!

— Você não vê, Guel?

— Claro que não! Ela pegou seu sapato emprestado e teve um acidente com seu carro, uma coisa pode não ter nada a ver com a outra. Acidentes acontecem!

— Não pode ser coincidência. Ela me disse quando chegamos à festa que estava complicado dirigir o carro com aquele salto altíssimo e mesmo assim eu deixei que ela saísse de novo. Eu senti que alguma coisa estava errada e eu não fiz nada.

— Você não pode se culpar. Isso é loucura!

Dora ficou quieta, seu olhar estava perdido.

— Só de curiosidade, Dora, por que ela dirigiu seu carro até a festa e

depois para comprar o gelo?

— Você sabe que eu odeio dirigir. Todos meus amigos também sabem disso e por isso logo assumem a direção.

— Achei que isso era só comigo.

— Não. Eu só dirijo, se estou sozinha.

— A gente escuta histórias e acha que nunca vai acontecer com ninguém perto da gente, mas às vezes acontece.

— Eu sei. A vida humana é mesmo muito frágil.

Os olhos de Dora estavam vazios e longe e ela parecia ter perdido o interesse na conversa. Miguel achava que Dora estava triste, por isso não cansava de consolá-la.

— Dora, você não teve culpa. Não há nada a ser feito.

— Será? Você não acha que às vezes nos omitirmos pode ser suficiente para que ocorra uma desgraça? – perguntou Dora com renovado interesse naquela conversa.

Miguel segurava as mãos de Dora, olhou-a nos olhos e disse com segurança:

— Você não teve culpa.

— A pior pessoa é aquela que pode fazer alguma coisa e não faz nada.

Miguel quis falar alguma coisa, mas as palavras não saíram. Aquela frase causou um efeito em Miguel. Dora pegou em suas mãos e disse encarando-o:

— O lobo é do jeito que é porque é da sua natureza. Pior que o lobo é a ovelha que assiste covarde a chacina do seu rebanho. – Dora parou de falar e ficou avaliando a reação de Miguel que encarava o chão sem dizer nada. Depois ele passou as mãos nos cachos dourados de Dora e disse carinhosamente.

— Você é uma mulher muito forte e corajosa, Dora. Você deve saber disso.

Dora não disse mais nada, mas ela sabia.

– 3. Vestido Azul –

Alguns dias se passaram desde o acidente. Dora andava despreocupadamente pela rua cantarolando sua música predileta. Ela sorria feliz. Tinha marcado com Miguel às onze horas em sua casa e ela comprou um pouco de tudo aquilo que ela e Miguel adoravam, *brie, croissant,* geléia de framboesa, iogurte grego, presunto cru, peito de peru, pão italiano, alcachofra, tomate seco e outras maravilhas.

Dora cuidadosamente arrumou a toalha, os guardanapos de pano, escolheu o vinho, encheu a jarra com água gelada, posicionou seus talheres de prata, sua melhor louça e cristais respeitando todas as regras de etiqueta e encheu a mesa com os quitutes do *brunch*. O resultado final era uma mesa convidativa e deliciosa.

Miguel chegou e abraçou Dora com vontade. Ele nunca regulava carinhos, beijos e abraços.

— Que saudades suas! Já faz um tempo que não vinha aqui! Estive trabalhando tanto. – Miguel abraçou Dora, tirando-a do chão. Entrou no apartamento de Dora e notou a belíssima mesa posta. — Que delícia! Você caprichou, meu anjo! Qual o motivo da nossa comemoração?

— Não se faça de besta... – Dora sorria.

Miguel deu risada, levantou Dora do chão novamente e a beijou. Depois Miguel tirou do bolso uma pequena caixinha preta de veludo e entregou à Dora. Dora abriu a linda caixinha, viu o pequeno pingente de coração e disse:

— É lindo. E da concorrência!

— Não podia comprar na sua loja. Estragaria a surpresa – disse Miguel sem jeito.

— É verdade. Estava brincando com você. – Dora falou com uma voz animada e alegre. Era tão bom quando ela estava assim mais solta e menos sombria.

— Sete meses, meu anjo!

Dora mostrando a mesa com as mãos, disse:

— Esse é meu presente para você. Um pouco de tudo o que mais gosta.

— É mais do que mereço.

Dora não disse nada, pegou o vinho e começou a abri-lo.

Após alguns minutos, Miguel segurou nas mãos de Dora e perguntou:

— Mais alguma coisa aconteceu?

— Não.

— Nenhuma outra mensagem?

— Nenhuma. Não quero falar nisso – disse secamente, cortando o assunto.

Miguel ficou sem jeito e foi logo se desculpando:

— Claro, claro, não vamos falar sobre isso hoje. Vamos aproveitar, eu e você. Estou morrendo de saudades!

Passaram o *brunch* todo conversando sobre filmes, livros e música. Miguel também contou alguns casos inesquecíveis de sua época de cirurgia geral e outros recentes do P.A., pois Dora, apesar do jeito delicado, se entusiasmava com as cruentas experiências de Miguel e, é claro, que para agradá-la ele ainda apimentava mais as histórias.

Eles tinham resolvido ir ao cinema, na primeira sessão da tarde, pois, apesar dos lugares marcados, gostavam de pegar o shopping mais vazio. Dora foi para o quarto para se trocar. Da sala Miguel ouviu um grito aterrorizador e saiu correndo em direção ao quarto de Dora, enquanto corria, gritava desesperado:

— O que foi? O que foi?

Dora continuava gritando sem responder à pergunta de Miguel. Quando Miguel chegou no quarto, aflito e nervoso, Dora parecia controlada, em suas mãos jazia um vestido azul encharcado de sangue. Miguel gritou desesperado:

— O que é isso???

Dora fixou os olhos em Miguel e respondeu já calma com o vestido em suas mãos:

— Encontrei no armário.

— Largue isso!

— Vai sujar todo o tapete. Vou levar até o tanque.

Dora caminhou até o tanque e depois sentou-se no sofá com seu olhar perdido.

— Eu nunca gostei desse vestido mesmo. Decepcionante é o que sempre

achei dele.

Miguel se sentou ao lado de Dora, não tinha nada que ele podia dizer, por isso simplesmente a abraçou, e juntos permaneceram alguns momentos, até que Miguel disse:

— Acho bom irmos até a delegacia.

Dora não disse nada. Foram até a delegacia mais próxima e fizeram o boletim de ocorrência. Dora narrou novamente todos eventos que tinham acontecido, desde as pichações até o vestido ensanguentado. Após todo relato, Miguel quis saber:

— O que o senhor acha, delegado?

— Difícil dizer.

— Você nos manterá informados?

— Claro, mas não há muito o que fazer – disse o delegado. — Se tiverem algo mais concreto, voltem aqui.

O delegado era gordo, sua camisa esticada evidenciava que os botões eram fechados com dificuldade e deixavam à mostra os pelos minguados de sua barriga flácida, seu bigode estava sujo com uma cor bege leitosa, que, ao que tudo indicava, dada a xícara ao seu lado, era do seu café com leite, e, para completar sua figura, podia-se dizer pelo aspecto oleoso de seu cabelo e de sua pele que o delegado não era muito ligado aos aspectos de sua higiene pessoal, pelo cheiro era certo que o delegado não tomava banho já há alguns dias.

Ele tinha o jeito de quem sentava todos os dias naquela cadeira pela conveniência de uma aposentadoria e um salário certo no final do mês. Dava para notar que nada mais instigava o delegado em anos e que ele cumpria sua rotina sem vontade alguma. Parecia que ele representava um papel, sentava-se em sua cadeira e tomava seu café com leite displicentemente, seu café com leite deveria estar sempre morno, tal como ele.

Miguel olhava aquela figura que contrastava terrivelmente com seus músculos alinhados, sua roupa impecável e seu perfume francês e teve a certeza de que nada seria feito, mesmo assim perguntou:

— Vocês não podem ir atrás de todos suspeitos?

O delegado calmamente mergulhou sua bolacha de maizena na xícara de café com leite e ainda de boca cheia perguntou:

— E quem são eles?

— Sei lá, algum antigo namorado, algum inimigo, algum admirador desequilibrado.

O delegado olhou para Miguel com preguiça, limpou algumas migalhas dos papéis que estavam sobre sua mesa, refletiu por um instante, olhou para Dora

e resolveu, enfim, perguntar:

— Você tem algum inimigo? Alguém que você conheça pode estar por trás disso?

Dora olhou para Miguel, depois para o Delegado e respondeu sem muita confiança:

— Acho que não...

Miguel olhou bravo para Dora:

— Fale do seu ex-namorado, Dora.

— Bom, Tinha um namorado que eu terminei e ele não gostou muito.

— Há algum motivo para acreditar que seja ele?

— Bom, ele mandou uma mensagem dizendo que sabia de tudo e que eu iria pagar.

— Tudo o quê?

— Acho que ele se referia ao meu namoro atual – disse olhando para Miguel.

— Ele era violento?

— Não.

— Deu motivos para acreditar que seja descontrolado?

— Não.

— Entendo.

— Você acredita que seja ele?

— Não. Acho que deve ser alguma coisa que não é desse mundo.

O delegado bocejou e resmungou dando o caso por encerrado:

— Está vendo, doutor, nada a ser feito.

— Vocês não vão investigar o ex-namorado?

— Não, mas, como eu disse, se tiverem algo mais concreto voltem aqui.

Miguel estava revoltado. Ele sabia que a delegacia recebia casos bem mais concretos e que nem deles dava conta, sabia que mensagens ameaçadoras não representavam muita coisa para uma delegacia, sabia também da realidade brasileira, sabia que faltava pessoal, viatura, um salário melhor e com isso vontade, mas Miguel queria ter saído de lá com a sensação de dever cumprido, mas, ao invés disso, saía de lá com raiva de ter perdido tempo e com o olhar de Dora que não dizia nada além do: "eu te disse".

Miguel pegou nas mãos de Dora com força e disse:

— Vamos embora daqui.

No caminho de volta Dora não disse nada, mas Miguel quis se justificar:

— Pelo menos a polícia está avisada, podem não querer fazer nada a respeito, mas estão avisados. Se algo pior acontecer, terão remorso.

— Remorso? – duvidou Dora.

— Me desculpe, meu anjo. Nada vai acontecer a você. – O olhar de Miguel mostrava que de um jeito ou de outro ele garantiria sua segurança.

O silêncio tomou conta do carro por alguns instantes.

— Dora, por que você não dorme em casa? – perguntou animado.

— Guel, se algum louco atrás de mim, como você acha, ele sabe que namoramos.

— E se for uma assombração, como você pensa?

— Me acompanhará – disse Dora resignada.

— Como você sabe?

— Eu só sei. Não há limites físicos para as coisas do além.

— Não custa fazermos um teste – disse pacientemente para convencê-la. — E também eu vou adorar ter sua companhia.

Dora assentiu balançando a cabeça.

Naquela noite Dora dormiu na casa de Miguel. Ela acordou com Miguel levando o café na cama e abriu o sorriso que ele tanto gostava. Dora deu o primeiro gole no café com gosto:

— Esse café forte sempre me lembra você.

— Acontece a mesma coisa comigo – derreteu-se Miguel.

Dora estava acabando de tomar o café da manhã enquanto Miguel se vestia.

— Meu anjo, preciso ir para o hospital daqui a pouco, você quer ficar aqui mais um pouco para se arrumar com calma?

— Não, vou com você. Será bom chegar cedo ao trabalho.

— Droga, não encontro meu celular! – esbravejou Miguel.

— Será que deixou na delegacia?

— Talvez. Vou passar lá depois.

— Pelo menos você vai parar de olhar um pouco para ele – alfinetou Dora.

Miguel deu uma risada malandra concordando com Dora em sua obsessão de olhar o celular a cada minuto. Desde que inventaram o *smartphone*, Miguel transformara-se em um viciado convicto.

— Nunca escondi meu vício de você – admitiu Miguel.

— Nunca mesmo! Adoraria que tentasse esconder seu vício de mim.

— Parece que agora você vai ter um sossego, meu anjo, pois realmente não o encontro.

— Será que pode estar na minha casa?

— Não. Eu o usei ontem. Vamos embora, Dora? – disse Miguel apressado.

— Me dá cinco minutos?

— Tá bom. Se quiser falar comigo, liga no celular que dou aos pacientes.

— Tá.

Dora se arrumou em três minutos e meio e saíram juntos.

– 4. Em terras cariocas –

Miguel não foi ao hospital coisa nenhuma. Se o delegado não podia fazer nada, era problema dele. Miguel podia fazer alguma coisa e faria. Não ficaria de braços cruzados assistindo seu anjo ser aterrorizada por um doente. Dora nunca teria lhe dito nada sobre seu ex-namorado. Ela sempre era muito discreta. Porém a indiscrição de Miguel lhe valera o nome do ex-namorado de Dora: Antônio Rogério Dias Aguiar. Ele ainda lembrava do envelope da carta que violara. Descobriu sem dificuldades que ele era um advogado famoso do Rio de Janeiro. Agora não seria difícil para Miguel ir atrás dele.

Miguel sobrevoou a baía de Guanabara com um sorriso nos lábios. Os paulistas que o desculpassem, mas sua terra era linda demais. Chegando em Santos Dumont, apesar das saudades da família, tinha um destino certo: o escritório do ex-namorado de Dora. Por sorte, o escritório era no centro, bem perto do aeroporto, talvez sobrasse algum tempo para fazer uma visita surpresa para sua mãe.

Na recepção uma senhora idosa, mexia no computador sem nenhuma habilidade. Seu ar bondoso e seu corpo roliço combinavam muito mais com uma cozinha aconchegante do que com um frio escritório. Miguel sem dificuldade conseguia imaginá-la com um vestido xadrez cor-de-rosa e com as bochechas generosas rosadas tirando um bolo quente do forno.

A senhora olhou para Miguel e abriu um sorriso cativante e em seguida perguntou cordialmente com aquele sotaque carioca mais antigo, suave e ritmado:

— Bom dia, senhor. Como posso ajudá-lo?

Miguel sorriu. Ele ficou satisfeito por estar de volta a sua terra, e, não economizando no *carioquez,* respondeu:

— Bom dia. Espero que a senhora esteja bem. Eu procuro Antônio Rogério Dias Aguiar.

— O senhor tinha uma reunião com ele?

— Não.

— Sinto informá-lo que o doutor Antônio não está, vamos dizer assim, disponível, sabe?

— Sabe quando poderei encontrá-lo?

— Não poderá. Eu sinto muito – disse a senhora roliça com um proposital ar de suspense, encarando Miguel para ser mais uma vez questionada.

— Bom, sendo assim eu quero marcar uma hora.

— Infelizmente, temo que isso também será impossível. – Novamente a velha senhora lhe olhou longamente, insistindo para que Miguel lhe perguntasse.

— Mas por quê?

— Bem, sinto em ter que ser eu a lhe dar essa notícia, mas o doutor Antônio faleceu.

— Como?

— Sinto muito, senhor – disse a gentil senhora carregada de pesar.

— A senhora poderia me dizer o que aconteceu?

— Vocês eram próximos? – quis saber a senhora.

Percebia-se pela expressão daquela simpática senhora que ela estava louca para poder falar tudo que sabia sobre o ocorrido, só precisava mesmo de um empurrãozinho, o qual Miguel deu com prazer ao responder sem nenhuma convicção:

— Como irmãos.

Miguel não era um bom ator. Era péssimo e mesmo se esforçando em sua performance era claro a qualquer um que entendesse um pouco sobre o comportamento humano que ele mentia descaradamente. A recepcionista, contudo, realmente parecia não se importar com a má atuação de Miguel, afinal tudo o que ela queria era poder fofocar tudo que sabia.

— Bem, se você é muito amigo do doutor Antônio, eu posso dizer, aliás eu acho até que devo, não é mesmo? Sim, como boa samaritana eu tenho que lhe contar o ocorrido. É tudo muito estranho. Sabe, encontraram seu corpo no apartamento. Estranharam aqui no escritório que ele faltou a uma reunião importantíssima e não atendia o celular, tampouco respondia aos e-mails ou às mensagens de texto que lhe enviaram. Eu mesma lhe enviei umas cinco e nada, nenhuma resposta. E o doutor Antônio não é disso. Bem, você o conhece, o nome dele é trabalho. Até acho que ele trabalha demais, sabe. Eu digo isso aos meus netos. Trabalhar é bom, mas descansar é melhor ainda. Mas a geração de vocês, o senhor me perdoe, trabalha demais. Tem tanta coisa boa na vida, vocês nem imaginam. Vocês não podem imaginar como é bom viver e na minha época,

então!? Eram os anos dourados, o senhor deve imaginar que maravilha foi. – A velha senhora olhou para Miguel como se quisesse julgar seu interesse pelo assunto e aparentemente constatou que não existia, pois disse: — Bom, me desculpe, isso não vem ao caso. O que aconteceu foi que depois de muitas tentativas, o doutor Eduardo, que também é sócio aqui do escritório, você o conhece? – Miguel balançou a cabeça negativamente. — Achei que não conhecesse, pois bem, ele resolveu ir até o apartamento do doutor Antônio. Fez bem, afinal podia ter acontecido alguma coisa. O doutor Eduardo tem mesmo muito expediente não é como uns e outros, se é que o senhor me entende. Bem, então, o doutor Eduardo foi até o apartamento do doutor Antônio e arrombou a porta. É, ele é forte também e alto. Para ele foi moleza. Uma força esse homem, é de se admirar. Hoje em dia poucos homens são assim viris, sabe? Não entendo o que aconteceu com o mundo. Na minha época era diferente. Os homens eram homens com o "h" maiúsculo. Meu pai, o senhor tinha que ter conhecido, era homem de verdade. Feliz foi minha mãe, que Deus a tenha. Bom, mas o que importa é que o doutor Eduardo encontrou o doutor Antônio morto. Segundo disseram, já fazia pelo menos um dia.

Miguel ficou impressionado com a tagarelice da senhora, afinal ele estava acostumado com Dora que sempre economizava nas palavras. E, percebendo que ela falaria tudo que sabia e mais um pouco, Miguel resolveu investir naquela conversa. Era só dar corda que a senhora entregaria tudo.

— Que tristeza! Obrigado mesmo por me contar. Nós éramos próximos mesmo, sabe? Amigos de infância. Mas, me conte, do que ele morreu? Coração?

— Não sabemos, mas tudo indica...Cá entre nós, hein? Que ele não morreu de morte natural, se é que o senhor me entende.

— Ele foi assassinado?

A senhora arregalou tanto os olhos que pareciam que iriam lhe saltar da face:

— Ai, Senhor do céu! Que boca! Aqui nós não falamos essa palavra. Cuidado!

— Desculpe-me! Mas é que se ele não morreu de morte natural, ele foi, bom, a senhora me entende, não é?

— Claro! Mas sejamos discretos! – disse a senhora em tom autoritário.

Miguel achou graça, afinal era ela quem tagarelava sem parar, mas preferiu não retrucar:

— Claro, claro, a senhora tem toda razão. E eu que queria fazer uma surpresa para meu amigo aparecendo por aqui. É muito chocante. Eu não sei o que dizer.

— Ficamos todos muito chocados. O doutor Antônio era muito jovem e

muito atlético. Quem poderia imaginar que ele morreria tão cedo?

— Mas me conte, alguma pista de quem possa ter feito essa barbaridade?

— Nenhuma, mas não deve demorar muito. O doutor Antônio era muito influente. Muitos contatos, sabe? Imagine que era amigo íntimo do prefeito e também do governador! Advogado criminal dos mais respeitados. O senhor deve imaginar.

— Ah, sim, eu conheço o Antônio, excelente advogado.

— Pois é, a delegacia vai a fundo, o senhor pode escrever aí.

— É uma tragédia tudo isso. Acho que perdi a viagem. O enterro certamente já foi. Queria ter prestado meus pêsames à família.

Percebendo a estranheza no rosto da senhora, Miguel percebeu que aquela senhora devia estar se perguntando como um amigo que dizia ser íntimo simplesmente desconhecia a morte do seu suposto grande amigo de infância, por isso emendou:

— Nós éramos, como disse à senhora, amigos de infância, daí fui morar em São Paulo para fazer a faculdade e perdemos o contato, mas ele era um grande amigo. O que estou falando? A senhora deve compreender isso muito bem.

— Ah, eu entendo. Eu já perdi uma amiga muito próxima também. Foi um choque. Foi um terrível acidente. Ela não sabia nadar e um belo dia resolveu ir mais fundo do que deveria, morreu na praia de Ipanema, nesse mar de Deus, uma tristeza.

— Eu sinto muito. Sei como a senhora se sente.

— Mas não fique triste, sua viagem não foi perdida. Hoje vai ter missa de sétimo dia. É daqui a pouco, por isso que o escritório está vazio. Foram todos para lá, mas alguém precisa ficar, não é? Se o senhor correr, ainda dá tempo.

— Será ótimo dar meus pêsames à família. Onde é?

— Na paróquia Nossa Senhora da Paz, em Ipanema.

— Vou correr para lá. Obrigado! – Agarrou as mãos da senhora e as beijou, na hora a senhora avermelhou-se feito um tomate e respondeu timidamente:

— Não há de quê, meu filho.

– 5. Missa de sétimo dia –

Miguel chegou à missa e não conhecia ninguém, o que foi um alívio, já que tinha crescido naquele bairro e frequentado bastante aquela mesma Paróquia na época em que fez sua primeira comunhão.

Toda vez que Miguel visitava o Rio tinha a certeza de que algum dia voltaria a morar ali. O olhar saudosista de Miguel dizia tudo sobre o amor que tinha por aquele pedaço precioso de chão.

Abandonou seus pensamentos nostálgicos e começou a circular, antes que a missa começasse, para buscar informações sobre o ocorrido. Uma das mulheres chorava desolada e algumas amigas tentavam acalmá-la, aparentava que ela era namorada ou esposa do falecido. Miguel, parecendo um gato, aproximou-se silenciosamente e afiou seus ouvidos, tal como navalha.

— Nós íamos casar! – soluçava a mulher para suas amigas.

— Você há de encontrar alguém, Gigi. Acredite – dizia a amiga mais corpulenta e de óculos.

— Não era para ser – sentenciava a outra amiga, baixinha, magricela, de um loiro apagado, quase doente.

A noiva não se conformava.

— Não é justo. Estávamos tão felizes. Por que, meu Deus? Por que foi acontecer justo agora?

A moça corpulenta profetizou:

— Há muitos mistérios nos caminhos de Deus. Ele reserva algo para você. Não podemos querer compreender seus desígnios.

A loira apagada completou:

— Deus dá o cobertor conforme o frio. E não dá dor maior do que a que você pode suportar.

— Não consigo entender! Nós já tínhamos escolhido o destino da nossa

lua de mel! – gritava a noiva em prantos. — Não é justo, eu queria tanto me casar! Eu queria me casar com ele!

No outro canto da salão, trêmula, envolta em um manto negro funéreo, encolhia-se a mãe, como se quisesse proteger-se da horda de consoladores de meia-tigela que invadiam a igreja. A mãe carregava o olhar vazio de quem perde a compreensão da vida. Apertava o peito com suas mãos finas como se lhe tivesse sido brutalmente arrancado o coração e buscasse estancar o sangue que escorria. Não dizia nada. Poucos ousavam chegar perto. Sua tristeza colossal assustava até os incautos.

Miguel encheu o peito de coragem. Estava resoluto, falaria com a mãe. Sentia na saliva o sabor amargo da traição que volvia em sua boca enquanto aproximava-se da figura sagrada da mãe em plena missa de sétimo dia do seu amado filho recentemente assassinado. Suas pernas, que normalmente tinham determinação e firmeza, titubeavam e ganharam um andar trôpego e sofrível. Mesmo assim, Miguel, pelo amor de Dora, caminhava em direção àquela mãe inconsolável.

Miguel unindo toda sua energia, estendeu a mão direita àquela triste senhora e disse:

— Eu sinto muito por sua perda.

A mulher em negro, levantou seu rosto fino em direção a Miguel, seu rosto não tinha nenhuma maquiagem, como se quisesse mostrar a quem ali estivesse que tinha coragem suficiente em expor sua verdadeira dor ao assassino do seu amado filho, seus olhos eram cinzas e vazios, de um vazio que só tem quem perde tudo que já amou, qualquer faísca de alegria claramente não ousaria mais lhes visitar. Encarando Miguel com sua dor profunda perguntou:

— Quem é você?

— Sou Miguel, amigo de Antônio.

— Não me lembro de você – disse sem se preocupar em ser simpática.

A dor que uma mãe, que acaba de perder o filho, carrega serve de desculpa para dizer o que quer dizer na hora que bem quiser, ninguém acharia problema algum nisso. Quaisquer regras morais e de convívio social podiam ser ignoradas, o que era um pequeno consolo diante do pesadelo que aquela mãe tinha que suportar.

— Na verdade, o doutor Antônio foi meu advogado em um caso.

— Ah, compreendo – disse a mãe mostrando conhecimento dos assuntos criminais e delicados que seu filho conduzia em vida e que justificava na cabeça daquela senhora a apresentação equivocada de Miguel que certamente, segundo ela deduzia, devia ter querido esconder os laços profissionais que tinha com Antônio, já que estes presumiam a prática ou acusação de Miguel de algum

crime, o que era vergonhoso, embaraçoso e sigiloso.

— Ele me ajudou muito.

A senhora nada disse. Miguel sem saber como persistiria naquela conversa insistiu:

— Eu fiz questão de vir até aqui dar meus pêsames pessoalmente à senhora.

Sim, acho que me expressei bem, pensou Miguel. *Era preciso prestar as homenagens, era preciso fazer seu tributo e mostrar seu respeito*. Aquilo de alguma forma deve ter comovido a gélida senhora, como se de repente fizesse algum sentido o ritual funéreo, pois disse:

— Obrigada por sua presença – disse valorizando a vinda de Miguel. — Sabe, você me lembra meu filho. Fique um pouco comigo.

— Já me disseram que eu me pareço com o Antônio – disse Miguel mentindo.

— Não, você se parece com meu outro filho, o Fernando.

— Ele está aqui? – Antes de que a senhora estranhasse o interesse Miguel logo emendou: — Faço questão de dar meus sentimentos a ele também.

— Ele já faleceu.

— Sinto muito. É recente? – disse Miguel querendo saber mais, mas sem querer parecer indiscreto.

— Em julho completará dois anos.

— Eu sinto muito. Queria poder confortá-la.

— Isso não existe.

— O quê?

— Conforto.

— Que terrível coincidência perder dois filhos jovens. Eu sinto muito.

— Eu não acredito em coincidências.

— Não?

— Não.

— Desculpe-me pela intromissão, a senhora pode não responder se quiser, mas como morreu seu outro filho?

— Afogado – disse com desdém.

— Mas a senhora não acredita?

— Não.

A senhora fez uma pausa, repentinamente agarrou as mãos de Miguel, cravando as unhas em sua pele e disse:

— Eu também não acredito que você conhecia o Antônio. Diga a verdade. Por que você está aqui hoje?

Miguel perdeu a fala, não sabia o que poderia dizer aquela senhora, dizer que o filho dela era um alucinado fanático que perseguia e ameaçava Dora seria ofendê-la, por outro lado, mentir para uma mãe na missa de sétimo dia do seu próprio filho seria também imperdoável. Após um longo silêncio, Miguel finalmente disse:

— Eu vim aqui para conversar com o Antônio e descobri que ele morreu.

— O que você queria conversar?

— Não posso dizer.

— Você deve dizer.

— Acho que não devo.

— Você veio por um motivo e deve dizer qual é.

Miguel contorceu suas mãos para se conter. Tinha que pensar rápido. Não sabia se contava a verdade ou se mentia. Escolheu ir pelo caminho do meio, dizer a verdade, porém suavizando-a ao máximo.

— Está bem, eu vou dizer. Seu filho esteve procurando minha namorada. Eu não gostei e vim dizer isso a ele. Acho que ele não se conformou com o fim do namoro.

— Impossível. Antônio namora a Gisele, aquela loira histérica que não para de chorar, só por que não vai mais se casar, há muito tempo e antes dela não teve nenhuma namorada para valer.

Miguel sentiu o desprezo daquela senhora pela dor daquela noiva egoísta. Percebeu que para aquela senhora só sua dor era genuína. Dor de uma mãe que perdeu seus filhos.

A senhora segurou novamente nas mãos de Miguel e quis saber:

— Quem é sua namorada?

Miguel mostrou uma foto em seu celular.

A senhora suspirou com os olhos arregalados de surpresa e disse:

— Ah!

— Você a conhece? – quis saber Miguel interessado.

A mãe olhou para Miguel e disse:

— Sim, ela namorou meu filho.

Miguel olhou-a profundamente, mas não disse mais nada. A mulher em negro estendeu as mãos para Miguel, o cumprimentou e disse:

— Obrigada por ter vindo hoje. Sua vinda não foi mesmo obra do acaso.

Miguel não conseguiu dizer nada a tempo, a mulher em negro, após despedir-se de Miguel, virou-se e caminhou pelo salão. Tudo que Miguel fez foi acompanhar com os olhos a figura daquela triste senhora e ficar pensando o que ela quis dizer com o pouco que disse.

– 6. Avião –

No avião Miguel não parava de pensar naquela senhora de negro. A surpresa que tinha dado para sua mãe que quase desmaiou de alegria ao vê-lo não tinha detido sua atenção. Ele só conseguia pensar naquela mãe desesperada, tal como uma ideia fixa Miguel não podia evitar. Ela perturbara Miguel terrivelmente. Pensava nas palavras daquela mãe que acreditava ter tido seus dois filhos assassinados. Curioso, ela dizer que não acreditava em coincidências. Um sorriso largo tomou conta nos lábios de Miguel quando ele se lembrou da primeira vez que teve uma discussão com sua amiga Lara sobre sincronicidade e que sempre se repetia, quase como a síndrome do eterno retorno.

Lara tinha estudado com Miguel na Pinheiros, a famosa Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mas Miguel, após um período na cirurgia geral, optara por ortopedia, enquanto Lara resolveu seguir o caminho da psiquiatria. Mesmo antes de se especializar em psiquiatria, Lara já tinha lido muito a respeito, pois vinha de uma família de psiquiatras e psicólogos. Ela sempre soube o caminho que queria trilhar, entrara determinada a ser psiquiatra, somente não fez psicologia, que também a interessava muito, porque ela queria prescrever remédios, se entendesse necessário. Ela odiava a ideia de lhe faltar poder, ela queria tratar o paciente do início até o fim.

Miguel, apesar de ter aquele jeito maroto de garoto de praia, era fissurado por conhecimento e, por isso, se debruçou nas obras dos grandes pensadores e inventores da nossa história, entre os quais estava, é claro, o grande psiquiatra Jung.

Miguel, sempre extremamente racional e científico, não conseguia conceber que houvesse algum sentido lógico na teoria de Jung sobre sincronicidade, já Lara defendia com unhas e dentes que existiam eventos que se interligavam por conta de um significado e, não, por uma causa. “O princípio da causalidade não era a resposta para tudo”, ela gostava de dizer, Miguel ria de sua amiga, pois para ele era inconcebível acreditar que os eventos físicos pudessem

ter algum significado, soava por demais místico e sem sentido.

De qualquer forma, talvez fosse por essa crença que os olhos de Lara brilhassem mais que os de Miguel, pois para ela a vida podia, afinal, ter um sentido, podia ser mais que nascer, viver e morrer. Lara acreditava que o universo estava interligado por uma mesma força, energia ou espírito, que penetrava em todas as coisas. Ela tinha a convicção de que nós podíamos sentir a presença dessa força através do nosso inconsciente. Para Lara esse espírito do universo habitava dentro de nós e trazia o conhecimento, as respostas para nossas dúvidas, não, de forma clara e transparente, mas de forma inconsciente. Assim, quando e se o inconsciente abrisse uma porta de conexão com a consciência, tornaria possível para nós, se estivéssemos atentos, percebermos e conhecermos acontecimentos, situações e respostas, que estão além do nosso alcance. Lara queria saber abrir essa porta.

Assim, para Lara existiam respostas, existia conhecimento para os mistérios, existia alguma coisa além do que conhecíamos que a tudo e a todos envolvia. A chamada coincidência seja de acontecimentos, seja entre acontecimentos e pensamentos ou sonhos, tinha uma relação de significado, de sentido. Lara não acreditava que esse sentido estivesse dentro da própria psique humana, pois ela a conhecia bem demais para saber que dentro dela não existia magia, como lhe ensinou Jung, o sentido estava além disso, talvez nessa força universal. Ela não ousava dizer que sabia a resposta. Ela apenas sabia que havia algo a mais, algo maior.

Miguel, no avião, não parava de sorrir lembrando dos tempos deliciosos da faculdade. A vida estava passando rápido demais, ele já estava formado há cinco anos e parecia que tinha sido ontem que estava sentado na lanchonete com Lara, os dois debatendo, dois entusiastas de suas próprias opiniões. Miguel fechou os olhos e começou a se lembrar.

— Lara, você só pode estar brincando.

— Miguel, se você fosse um pouco menos preconceituoso daria razão a mim.

Nesse momento da discussão Lara geralmente parava de falar, como se não quisesse mais discutir e com a testa franzida voltava toda sua atenção para sua coca-cola. Miguel que conhecia bem sua amiga e seu gosto por discussões, a provocava sem trégua:

— Não tem nem lógica, Lara. Me desculpe, mas não tem mesmo nenhuma lógica!

Pronto a isca tinha sido mordida. Lara estava de volta, entusiasmada para provar seu ponto de vista:

— A sua lógica da causa e efeito não governa todo o mundo. Há relações

que são governadas por significado. – Os olhos de Lara faiscavam brilho de convencimento e Miguel admirava aquele entusiasmo que raramente via em seus outros colegas, mas que era constante em Lara.

Lara tinha os olhos castanhos mais inteligentes que Miguel conhecera, eles tinham um brilho e uma firmeza que convenciam quem os olhasse por poucos segundos. Por isso, a maioria das pessoas quando resolvia argumentar com Lara evitava seu olhar, já Miguel adorava aquele olhar e fazia questão de encará-lo durante todo o tempo. Lara agradecia. Ela gostava das pessoas que ainda olhavam nos olhos. Isso se tornava cada vez mais difícil de se ver. As pessoas conversam mais não estão mais presentes. Lara gostava de dizer que: "*Pior do que estar sozinha é estar acompanhada da presença ausente de algumas pessoas. Mortos-vivos!*"

Vendo o entusiasmo e o brilho nos olhos de sua amiga, Miguel aguçava a discussão:

— Eu não acredito nisso. Não há prova alguma do que você está falando.

— Se você tivesse vivido uma coincidência dessas que não têm explicação, carregadas de mistério, você concordaria comigo.

— Nem morto! – Miguel nesse momento sorria para sua amiga, que não desistia fácil, apenas esperando por seu próximo argumento.

— Há coincidências, Guel, que deixariam qualquer um de boca aberta. É evidente que elas trazem um significado.

— Lara, isso tem nome e é acaso!

— A probabilidade de ocorrerem é mínima. Você que tem o raciocínio tão científico deveria reconhecer isso.

— E eu reconheço, justamente por isso que ocorrem com tanta raridade.

Pelos olhos de sua amiga, Miguel percebia que nesse ponto da discussão ela estava rotulando-o como impossível, mas, por seus lábios ligeiramente levantados esboçando um sorriso, sabia também que ela estava satisfeita dele ser duro na queda. Lara gostava de uma boa discussão e de quem como ela estivesse disposto a levá-las até o fim.

— As coisas que os pacientes sabem e falam. Você precisa ver! Eles não tinham como saber! Existem sonhos reveladores, realmente telepáticos.

— Há indícios por aí de coisas que acontecerão, às vezes essas pessoas estavam atentas simplesmente e no sonho isso veio à tona. Não é preciso ter poderes especiais para saber que algumas coisas vão acontecer.

— Eu não estou dizendo que todo sonho é telepático. É claro que a maioria é fruto do nosso inconsciente. Isso que você falou realmente muitas vezes acontece. Vemos algum indício, na hora não percebemos, e depois o inconsciente

traz isso por nossos sonhos. Mas não é disso que estou falando. Estou falando do sonho que não tem conexão com a vida do sonhador. Estou falando da sincronicidade, desse campo que a ciência ainda desconhece.

— Eu não acredito que exista um sonho telepático. Na minha opinião o sonhador de alguma forma teve contato com os indícios desse futuro ou o sonho foi pura imaginação e sequer tem alguma relação com o acontecimento futuro.

— É inegável a existência do sonho telepático. A pessoa que tem esse sonho e depois vê o acontecimento no noticiário, se emociona, pois ela vê que tudo ocorreu exatamente da forma como ela sonhou.

— Pois, eu não acredito! Não tem explicação para isso! É pura balela. Eu duvido que a pessoa tenha realmente sonhado com um futuro com o qual ela não tinha conexão.

Lara sempre apertava seus olhos nessa hora. Miguel achava graça, mas não facilitava e mantinha-se firme a encarando.

— Imagine que isso seja possível. Vamos imaginar que você sonhou com alguma coisa com a qual você não tinha contato ou conexão e que depois você viu que aconteceu na vida real exatamente como você sonhou.

— Isso não tem como acontecer.

— Imagine, Guel.

— Está bem, Lara. Vou dar essa chance para você.

Lara sorria envaidecida:

— Pois, então. Se isso aconteceu, – e você viveu essa experiência, lembre-se disso – e a resposta, como você insiste, está em nós mesmos, na nossa psique, então, você terá que admitir que há um poder mágico nela.

— Eu acho que, de alguma forma, ainda que eu não me lembre, eu tive algum indício de que aconteceria o evento.

— Você concordou comigo em admitir que teve um sonho telepático.

— Ok, eu concordei, continue seu raciocínio.

— Então, se o que você sonhou estava na sua psique, então, você têm poderes mágicos.

— Está bem, vou entrar no seu jogo. Eu não acredito que eu tenha poderes mágicos. O que me resta?

— O mesmo que restou a Jung, existe uma conexão significativa entre os acontecimentos coincidentes, é o princípio da sincronicidade. É a única explicação que não entra em choque com o princípio da causalidade.

— Certo, Lara. O raciocínio é perfeito. O único ponto é que a premissa está errada. Não existem sonhos telepáticos.

— Eles existem e são narrados por muitos pacientes em diferentes épocas.

— E eu duvido desses pacientes. As pessoas adoram se achar especiais, adoram achar que sabem alguma coisa, mas a verdade é que não sabem nada.

— Já entendi. Você deixou bem claro.

— Bom, e na sua opinião, se existe mesmo esse princípio da sincronicidade, como ele funciona?

— Como eu disse, é um campo que a ciência ainda não tem a resposta.

— Quero saber para você. O que é isso? Como você explica?

— Eu acho que existe uma força que tudo habita e acho que ela traz conhecimento ao nosso inconsciente. Eu acho que, vez ou outra, a porta do nosso inconsciente é aberta e, então, temos alguma revelação.

— Que força?

— Se eu tivesse a resposta não estaria aqui...

— Isso é crendice.

— Sim, é uma crença minha, mas ela explica muitas coisas. Ela explica como as pessoas possuem um conhecimento sem que nunca tivessem aprendido algo a respeito. Ela explica como as pessoas de cultura e épocas diferentes tem em mente ideias e conceitos semelhantes.

— Você está falando do inconsciente coletivo?

— Sim.

— Pode usar os termos técnicos adequados, se eu não souber eu falo. Você se esqueceu que eu sou seu amigo mais culto? – perguntou Miguel sorrindo.

— E também o mais metido. Mas está bem, vou usar os termos adequados. Bom, para terminar, minha crença, como você a chama, explica também o conhecimento que habita nosso inconsciente e que vez ou outra emerge, e, finalmente, é essa força também que explica os atos de criação.

— Lara, é interessante sua crença.

— Você não concorda que realmente ela explica muita coisa?

— Não! É evidente que não!

— E como você explica os símbolos, os arquétipos ?

— O que eu preciso explicar?

— Como as pessoas têm as mesmas ideias?

— Lara, tudo isso é disseminado loucamente desde o momento em que nascemos. Simples assim.

— Ah é? E como pessoas que não tiveram acesso a essa cultura universal

tem exatamente o mesmo conhecimento.

— Você que pensa que elas não tiveram acesso.

— Miguel, abra sua cabeça. Há ideias comuns a todos os homens, mesmo em tribos isoladas. Eu não estou inventando isso. Está tudo documentado, relatado e provado.

— Somos todos homens porque deveríamos nos comportar de forma diferente?

— Você fala muito no princípio da causalidade.

— Sim, é o único princípio com lógica.

— E como você explica os atos de criação? Não há causa e efeito.

— Claro que há. A ciência já mostrou como nasce a vida.

— E como os cientistas não conseguem reproduzir a vida?

— Conseguem. Você já ouviu falar dos bebês de proveta, não?

— A vida. Os cientistas não sabem reproduzir a vida, não sabem impedir que ela acabe.

— Eu nunca disse que tínhamos todo o conhecimento. Só disse que temos conhecimento suficiente para não ficarmos acreditando em uma força qualquer. Evoluímos muito desde a antiguidade. Sabemos que não são os deuses que nos dão o fogo, sabemos explicar como ele ocorre. Sabemos por que chove, por que anoitece, enfim, sabemos muito. É claro que não sabemos tudo ainda, mas isso não é motivo de repetirmos o erro nos nossos antepassados atribuindo tudo a uma suposta força.

— Você é muito cético. Você precisa viver uma experiência de sincronicidade para mudar sua cabeça.

Miguel gargalhava e dizia:

— De jeito nenhum! Não daria esse valor todo a uma mera coincidência! Eu saberia que ela não passa de um acaso.

E a discussão seguia até que ambos estivesse cansados e começassem a repetir os mesmos argumentos. Miguel lembrava com saudades de sua amiga Lara e suas discussões. Ele percebeu que aquela mãe desesperada podia não saber a respeito da crença que carregava no peito, mas ela, tal como Lara, acreditava no princípio da sincronicidade.

Aquela mãe sentia em seu coração que seus dois filhos tinham sido assassinados. De alguma forma, seu inconsciente veio à tona e lhe disse que não era coincidência dois filhos jovens mortos. Não era. *Havia uma ligação de significado para ela*, pensou Miguel. Ela de alguma forma sabia e Miguel sentiu que sua visita apenas fortaleceu isso em sua alma. Talvez o significado fosse

alguma provação que ela tinha que passar. Miguel não ousaria adivinhar.

Assim que chegou no aeroporto, Miguel sentiu vontade de conversar com sua amiga Lara e ligou para ela enquanto esperava por um táxi.

— Lara!

— Não acredito! Guel, é você? Quanto tempo!

— Sim, faz tempo. Estava pensando em você.

— Não acredito!

— Estava lembrando das nossas discussões.

— Eu sinto falta delas, Guel!

— Eu também.

— Mas e aí? O que você manda?

— Eu queria conversar. Você pode almoçar amanhã?

— Posso.

— Eu te pego amanhã no seu consultório. Meio-dia?

— Meio-dia.

— Até amanhã. Um beijo.

— Até. Outro.

Miguel pediu que o táxi o levasse para o apartamento de Dora, já eram oito horas da noite e ela já devia ter chegado da loja. Dora era gerente da loja Tiffany & Co. do shopping Iguatemi.

— Vou para os Jardins, alameda Tietê, por favor.

— Pois não, doutor – respondeu o taxista.

No caminho não trocaram mais nenhuma palavra. Assim, que o taxista estava chegando perto Miguel disse:

— Pode encostar aqui, por favor.

Miguel pagou o taxista e foi andando até o prédio. O porteiro anunciou sua chegada a Dora e sua entrada foi autorizada.

A porta destravou e Miguel entrou no prédio rumo ao elevador. *Sétimo andar*. Desceu. A porta estava aberta, Miguel entrou e a surpreendeu na cozinha fazendo um café.

— Muito bom te ver, meu anjo! Hum! Café? Que delícia!

Dora nada disse apenas sorriu e o beijou.

— Onde você esteve hoje, Guel?

— Você sabe, eu fui para o Sírio.

— Eu tentei te ligar várias vezes no celular e depois resolvi ligar no

hospital e me disseram que você não tinha ido – disse calmamente enquanto coava o café.

— Você ligou no celular certo? – perguntou Miguel sem demonstrar ainda apreensão.

— Liguei, Guel.

Miguel não gostava de mentiras, e, sinceramente, ele não via motivos para continuar mentindo. Ele não tinha falado nada a Dora para não a preocupar. Também porque ela jamais teria aprovado a ideia de ver Miguel ameaçando seu antigo namorado. Assim, Miguel decidiu falar a verdade:

— Dora, eu menti para você porque não quis te preocupar. Mas descobri uma coisa e você precisa saber.

— Guel, o que você descobriu? – quis saber imediatamente.

— Hoje eu fui para o Rio de Janeiro. Eu queria ter uma conversa com seu ex-namorado.

— E?

— Descobri que seu ex-namorado morreu, Dora.

— Morreu? – perguntou enquanto servia ao Miguel uma xícara.

— Ele foi encontrado morto por um dos seus sócios.

— Como ele morreu?

— Ninguém sabe direito. Ele pode ter sido assassinado.

— O trabalho dele era perigoso – disse depois de terminar sua primeira xícara de café.

— Ele era bom?

— Era um dos advogados criminais mais conceituados do Rio de Janeiro.

— Eu conversei com a mãe dele. Ela perdeu os dois filhos jovens.

— Eu sei. – Dora encheu mais uma xícara de café e bebeu.

— Ela acredita que deve existir uma conexão entre as mortes, alguma coisa que possa explicar essa sucessão de tragédias em sua vida.

— Aceita mais café, Guel?

— Não.

— Quer comer alguma coisa?

— Também não, obrigado.

— Acho que vou tomar mais um gole. Sabe, ela certamente tem uma dose extra de azar.

— Esse sentimento que ela carrega não a ajuda em nada. A crença sempre atrapalha a razão. Aconteceu, pronto, agora tem que seguir em frente –

disse Miguel reflexivo. — É por isso, Dora, que você precisa parar de acreditar nessa maluquice de demônio. Isso não faz bem a você.

— Eu sei, Guel. Mas é que... – Dora parou de falar no meio da frase.

— Eu acho que agora tudo acabou. Você está livre, Dora.

— Eu não acho. Nunca considerei que pudesse ser ele. Você sabe disso.

Miguel pensou em retrucar, mas ficou quieto. Ele sempre considerou que o ex-namorado de Dora fosse o responsável por tudo que estava acontecendo, mas, de alguma forma, a conversa que teve com aquela mãe desolada mudara isso. Ele tinha dito que Dora estava livre da boca para fora. Assim que falou com aquela mãe Miguel soube o filho dela não era um assassino. Ele concordava com Dora.

– 7. Um pequeno e aconchegante bistrô –

Era meio-dia em ponto e Miguel olhava para o relógio. *Onde estava a Lara? Ela estava atrasada*, pensou. Para Miguel ser pontual era chegar alguns minutos antes do horário.

Era meio-dia e três quando Lara saía do prédio. Miguel olhou para o relógio mais uma vez. Lara cumprimentou Miguel já se desculpando, pois conhecia bem seu amigo.

Miguel levou Lara a um pequeno bistrô que tinha sido aberto na Vila Madalena, disse a ela que tinha sido bem recomendado e ela comentou que estava curiosa para conhecer o restaurante e que já tinha ouvido falar dele.

Miguel deixou seu carro com o manobrista. Quis abrir a porta para Lara, mas ela já tinha saído do carro e o esperava na porta do restaurante para entrarem juntos. Miguel sorriu para Lara.

— Já tinha me esquecido desse seu jeito atirado.

— Atirado? – Lara não entendeu o porquê do comentário.

— É, independente, de querer fazer sempre tudo sozinha.

Lara apenas sorriu e disse:

— Também estava com saudades, Guel.

Verdade seja dita: Lara sempre teve uma queda por Miguel, mais do que isso, ela sempre foi apaixonada por Miguel. Ela nunca depositou muitas esperanças em um romance entre os dois, pois Miguel era simplesmente o homem mais lindo da faculdade e ela sabia que, embora tivesse um rosto simpático, estava longe de ser uma beldade. E, bem, depois que Miguel começou a namorar a "Anjinha", apelido que Lara deu para Dora, claramente ironizando a forma carinhosa como Miguel a chamava, qualquer esperança que ela porventura tivesse escoou ralo abaixo.

Miguel se sentou à mesa, chamou o garçom e foi logo ordenando que trouxesse água para os dois. Lara imediatamente interrompeu Miguel:

— Para mim uma Coca, por favor.

O garçom perguntou:

— Coca zero?

— Não, normal – falou Lara.

Lara teve a leve impressão de que o garçom encarou sua barriga que sentada dobrava-se em três pequenos pneus, mas não se importou. Ela sempre foi segura demais para se importar com as opiniões alheias. Ela abriu um meio sorriso para o garçom e disse:

— Sou uma das poucas mulheres que não toma nada que tenha adoçante. Isso tem seus reflexos.

O garçom achou graça e disse simpaticamente:

— Faz muito bem, senhorita. Isso é tudo? Uma água e uma coca.

— Isso mesmo.

O garçom se foi e logo retornou com as bebidas.

— Você e seu vício. – Miguel reprovou.

— Como não vou pedir a melhor bebida do mundo? – Lara falava alegremente.

— Devia tomar água, faria bem para você.

— Não seja chato, Guel. Faz tempo que a gente não se vê. Me dá um desconto!

Miguel sorriu achando graça. Lara pegou um pãozinho do *couvert* e passou manteiga sem fazer nenhuma miséria. Miguel olhou de lado e sorriu mais uma vez.

— Tinha me esquecido como você gosta de acariciar seu monstrinho da gula.

— Você deveria praticar a autoindulgência, Guel. Seria bem mais feliz.

— Lara, só você mesmo para me dar um conselho desses.

Miguel era extremamente rigoroso com sua alimentação e queria que todos seguissem a mesma regra. Desde o início da faculdade, Lara percebeu que estava diante de um típico "garoto saúde", tanto pelos músculos rigorosamente esculpidos como pela maça que Miguel gostava de comer no intervalo religiosamente. Ela achava graça do rigor de Miguel, mas logo o desculpava em vista do físico que apresentava. *Sim, um corpo como aquele exigia disciplina,* pensava enquanto dava mais uma mordida no seu pãozinho. Lara não era gorda, mas também não era magra. As magras a chamariam de gorda e as muito gordas a chamariam de magra. Seu corpo não era perfeito como o da Anjinha. Ela sabia disso. Sim, ela tinha seus pneuzinhos e suas celulites. Mas querem

saber? Lara não conseguia dar muita importância para isso, era muito segura de si e para ela a vida era curta demais para se preocupar com esse tipo de coisa. Ela fazia só o que gostava e acreditava, e isso servia também para o que comia e bebia.

— Guel, aproveita e me passa esse patê. Meu monstrinho da gula está faminto.

Miguel sorriu, pegou o patê e passou para Lara. Miguel adorava a sua companhia, percebia isso, pois ria a toda hora do lado dela. E Miguel admirava Lara, gostava de como ela defendia suas opiniões, das suas ideias autênticas, das suas tiradas e do jeito alegre com que encarava a vida. Acima de tudo, ela era sua melhor amiga. Eles realmente se davam muito bem. Era curioso que Dora não era sua melhor amiga, porém ao mesmo tempo era compreensível já que ele sempre a idealizou demais a ponto de não querer se expor e mostrar suas próprias fraquezas. A verdade é que a amizade com Dora foi construída por esforço dia após dia e com Lara simplesmente era e fluía. Pensando em tudo isso, Miguel abriu um enorme sorriso para Lara, aquilo de alguma forma a comoveu, pois ela parou de falar e confidenciou:

— Sabe, adorei que você me ligou. Estava com saudades suas. – Lara suspirou, olhou para Miguel, mas, antes que ele tivesse chances de dizer qualquer coisa e até para não criar qualquer clima estranho no ar, emendou: — Me diga, Guel, como anda o mundo dos atletas?

Miguel tinha feito residência em ortopedia e agora estava se especializando em medicina esportiva, pois queria tratar de pacientes que, assim como ele, eram fissurados em esporte e boa forma.

— Muito bem. E seus malucos estão bem?

— Doutor Miguel Albuquerque, você sabe como tenho profundo fascínio e respeito por eles. Não fale assim – disse sorrindo.

— Calma, só estava brincando, doutora Lara Fonseca.

Eles riram juntos daquela brincadeira sem graça que gostavam de fazer quando se encontravam. Lara resolveu puxar assunto.

— Guel, é fascinante. – Os olhos inteligentes de Lara brilhavam toda vez que ela falava do seu trabalho e Miguel sempre que os via assim sorria, ele adorava aqueles olhos. — Ontem mesmo atendi uma mulher cleptomaníaca. Ela é riquíssima, mas rouba sempre. Ela adora a sensação de cometer seus pequenos delitos. Não é maravilhoso o ser humano? Bom, você sabe, que eu acho.

— Lara, eu daria um péssimo psiquiatra. Não tenho a menor paciência para ficar ouvindo conversa mole. Você sabe que minhas consultas durariam, no máximo, cinco minutos.

— Sei. – Lara riu. — Você só tem paciência para os seus atletas cheios de

TOC.

— Não fale assim deles, você sabe que eu também acho que são fascinantes – provocou Miguel.

— Doutor Miguel Albuquerque!

— Fique calma, Doutora Lara Fonseca. Não fica bem para uma psiquiatra perder a paciência.

Lara riu, gostava de passar tempo com Miguel. Eles sempre foram muito amigos. Porém, depois que ele começou a namorar a anjinha, o tempo que eles passavam juntos começou a rarear e ela sabia que havia um motivo para ele tê-la convidado para um almoço e perguntou na lata:

— Qual o motivo para esse inesperado almoço?

O rosto de Miguel tornou-se sério e ele estava prestes a falar alguma coisa quando o garçom trouxe os cardápios e esperou ao lado da mesa até que escolhessem seus pratos. Após alguns instantes, Miguel fechou o cardápio e olhou angustiado para Lara.

— Já escolheu?

Lara nem tinha terminado de ler o cardápio, mas percebendo a angústia de Miguel resolveu pedir logo o primeiro prato que lhe apetecera.

— Vou querer um *steak au poivre* com suflê de queijo.

Miguel olhou para o garçom e disse:

— Para mim igual.

O garçom retirou os cardápios que estavam sobre a mesa e disse:

— Dois *steaks au poivre* com suflê de queijo.

— Exatamente – disse Miguel.

Assim que o garçom se foi. Lara retomou a conversa, pois sabia que Miguel precisava urgentemente desabafar.

— Não faça mais mistério, Guel. Qual o motivo para esse almoço maravilhoso com meu melhor amigo?

Miguel olhou para suas mãos em cima da toalha, apoiou sua cabeça em uma das mãos, como se estivesse pesada demais para que seu pescoço a suportasse sozinha. Tentou olhar para Lara, mas seu olhar durou apenas alguns segundos, logo desviou os olhos para o chão e disse, quase sussurrando:

— Ontem eu me lembrei de você por causa daquela discussão que tínhamos sobre sincronicidade, lembra?

— Claro que me lembro!

— Mas não foi só isso... Lara, eu preciso da sua ajuda. Estou com um

problema.

Lara viu que era realmente sério e parou de fazer graça.

— Guel, você sabe que pode contar comigo. O que está acontecendo?

— É a Dora.

Lara nunca gostou muito de Dora, em primeiro lugar, porque ela namorava o Miguel, em segundo lugar, porque era linda, não linda era pouco, a expressão linda de morrer se aplicava à Dora, e em terceiro lugar, porque Lara nas duas vezes que encontrou Dora sentiu em sua boca o amargo da falsidade. Dora tinha sido simpática, mas Lara tinha a achado superficial, fria e estranha. Como diz o ditado, o santo não tinha batido. De qualquer forma, Lara estava pronta a superar isso tudo para ajudar Miguel e foi por isso que quis saber de verdade:

— Ela está bem?

— Não.

— O que houve?

— Vou te contar.

Miguel respirou fundo. Deu um gole da sua água gelada. Olhou fundo nos olhos de Lara e começou.

— Eu confio muito em você, Lara. É por isso que estou aqui.

— Eu sei. Você sabe que vou te ajudar se eu puder – respondeu Lara seriamente.

— Eu sei. Esse patê é bom?

— Uma delícia.

Miguel pegou um pãozinho e o lambuzou tanto de patê que sujou até seus dedos. Miguel sem jeito limpou as mãos com o guardanapo. A educação de Miguel jamais permitiria que ele lambesse os dedos, coisa que Lara faria sem nem pensar a respeito. No entanto, sem seguir a etiqueta francesa, comeu o pãozinho inteiro com apenas três mordidas. Lara observou assustada Miguel com a boca cheia mastigando e devorando todo pão em poucos segundos. *Miguel comendo com essa fúria e ainda por cima um patê gorduroso. Meu Deus, o que era aquilo?* Em seis anos de faculdade e onze de amizade Lara nunca tinha visto nada parecido. A situação era claramente grave. Fosse outro dia, Lara gozaria de Miguel, diria que ele não era mais o mesmo, que tinha perdido os bons modos, mas não era hora de brincar. Lara resolveu se solidarizar ao Miguel, por isso pegou mais um pãozinho e passou patê com o mesmo exagero. Miguel sorriu para amiga agradecido. Ele tinha compreendido seu gesto.

— Lara, eu preciso que você prometa que não contará nada a ninguém.

— Guel, você se esqueceu com quem está falando? Sou Lara, sua melhor

amiga.

— Eu sei, é que envolve a Dora.

— Pode confiar. Não falarei nada a ninguém, nem sob tortura – disse Lara sorrindo. Ela sabia como o tranquilizar.

— Obrigado, Lara. Bom, há alguns meses Dora está sofrendo. Eu não sei o que está acontecendo. Estava convencido de que alguém estava fazendo mal a ela, mas agora eu não tenho mais certeza. Eu realmente não sei.

— Guel, por que ela está sofrendo?

— Ela começou a aparecer gravemente machucada. Não era toda dia, mas de tempos em tempos um corte grave acontecia.

— Você acha que ela está se mutilando?

— Não, não acho isso. Ela me diz que acorda cortada e que não sabe o que aconteceu.

— Não sabe como aconteceu?

— Ela diz que não tem a menor ideia. Todas as vezes em que aconteceu ela estava sozinha em seu apartamento. – Miguel olhou para toalha da mesa, depois para janela e disse sem olhar Lara nos olhos em tom baixo. — Ela acredita que seja um demônio.

— Um demônio? – Lara não conseguiu controlar seu espanto.

Miguel respirou fundo, para ele só o fato de mencionar esse assunto já era embaraçoso. Estava claro para ele que era alguém. Era ridículo pensar em demônio. E expor o pensamento idiota de sua namorada, na opinião de Miguel, era ofensivo e até humilhante. Miguel amava demais Dora e preocupava-se com sua imagem e, verdade seja dita, também com sua própria imagem, afinal ele não escolhera namorar Dora por ela flertar com a loucura. Lara percebendo o desconforto de Miguel, facilitou:

— Calma, Guel. Esqueceu-se que eu não sou tão cética como você?

— Isso hoje é um alívio. Bom, você sabe como me sinto em relação a esses assuntos.

— Sei bem... Relaxa e continua.

— Além dos cortes, ela me disse que algumas coisas estranhas têm acontecido. Uma mensagem foi deixada no seu apartamento.

— Uma mensagem?

— Obedeça ou morrerá.

— Pesado.

— Pois é... Algumas vezes a mensagem é mais, vamos dizer assim, literal. Ela já acordou com um gato morto em sua cama. E também já encontrou

jarras de sangue na geladeira e uma carne crua no sapato. Da última vez eu estava lá e apareceu no seu armário um vestido coberto de sangue.

— Que assustador!

— Muito. Eu realmente não sei como ela tem suportado. Eu cheguei a me separar dela por um tempo, pois achava que ela estava mentindo para mim. Eu achava que ela sabia quem era, mas que por algum motivo não queria me contar. Depois, eu voltei decidido a descobrir quem era o filho da puta que estava por trás dessa palhaçada. Para mim era seu ex-namorado. Ela é linda, bom, você a conhece. O ex-namorado não se conformou com o fim do namoro, chegou a enviar uma carta, na verdade, um bilhete bem ameaçador dizendo que sabia de tudo e que ela iria pagar. Então, fui ao Rio de Janeiro. Ele também é de lá, um advogado famoso. Quando cheguei lá, eu descobri que ele tinha morrido, e para completar o drama é provável que tenha sido assassinado.

— Uau! Quase não dá para acreditar! Parece história de um livro.

— Mas é real, até demais.

— Se o ex-namorado morreu, então, não era ele.

— Saberemos agora... Se essas coisas estranhas continuarem acontecendo... Lara, como eu te falei, eu estava certo que era o ex-namorado de Lara, ainda acho que é alguém, mas agora eu já não tenho tanta certeza.

— Você mudou de ideia por que ele morreu?

— Não. Talvez isso tenha ajudado, mas o que me fez mudar de opinião foi a mãe do ex-namorado.

— Você a conheceu?

— Eu descobri que ele estava morto e fui à missa de sétimo dia.

— Por quê?

— Eu fiquei intrigado dele ter sido assassinado.

— Faz sentido.

— Pois eu fui conversar com a mãe e, Lara, a mulher tinha um buraco dentro do peito.

— Não é à toa.

— Era o segundo filho que perdia. O primeiro tinha morrido afogado.

— Que coisa! – Lara esticou o braço e pegou mais um pãozinho da cesta do *couvert*.

— Ela, assim como você, não acredita em coincidências, para ela o primeiro filho também foi assassinado.

— Ela acredita que haja relação entre as mortes? – perguntou Lara enquanto lambuzava seu pãozinho com mais patê.

— Acredita. Ela é como você, teimosa, não acha que seja coincidência. Pelo que eu entendi, para ela há um significado maior por trás dessas desgraças. Mas aquela mulher era muito enigmática, ela não falou muito.

— Você devia ter procurado entender.

— Eu até queria, mas era a missa de sétimo dia, eu não podia fazer um interrogatório.

— Realmente...

— A questão, Lara, é que agora eu já não tenho mais tanta certeza de que existe alguém por trás disso tudo. O jeito daquela mãe, sabe, aquela dor, o amor que ea tinha pelos filhos, não consigo imaginar que ela tenha criado um maluco...Não me olhe assim, vai! Eu sei que não tem nada a ver, que malucos podem aparecer em qualquer lar. De qualquer forma, vou descobrir isso logo.

— Se não for mesmo o ex-namorado de Dora. Você tem outro suspeito?

— Não.

— Entendi.

— Você tem que prometer que nunca dirá nada à Dora. – Miguel aflito quebrava os palitos de dente.

— Eu prometo.

— Você já entendeu. Eu sei. É isso mesmo. Eu tenho medo que ela possa estar com algum transtorno mental. Pois se não tiver ninguém atrás dela, deve ser ela mesma. – Miguel olhou para os olhos de Lara aflito e nervoso. Lara percebeu que Miguel queria que ela desse essa resposta.

— Como eram os cortes? Você conseguiu ver se era possível que eles tivessem sido feitos por outra pessoa ou se tinha cara mesmo de automutilação?

— Não tinham cara de automutilação. Bom, eu posso estar envolvido demais e ter perdido alguma coisa, mas na minha opinião foram obra de alguém.

— Há alguma outra coisa diferente nela, Guel? Algum comportamento, atitude?

— Tem tudo isso que eu te falei, mas eu estou perto demais, sinceramente não sei avaliar. Aparentemente ela tem levado a vida como sempre leva.

— E você quer que eu a avalie? – facilitou Lara já sabendo a resposta.

— Você poderia fazer esse imenso favor para mim?

— Claro, Guel. – Assim que disse isso, Lara ficou pensativa. *Talvez eu devesse ter dito não, afinal eu gosto do Miguel e isso pode atrapalhar. Mas também o que eu posso fazer? Não ajudar meu melhor amigo no único momento que pediu minha ajuda? Não, isso também não é correto. E também se dissesse que não ajudaria ele iria querer saber o porquê. E o que eu iria dizer? Teria que mentir... Não poderia simplesmente dizer que gosto dele. Não, jamais. Teria que inventar*

uma desculpa qualquer, ele perceberia e ficaria magoado. Ele saberia que eu estava recusando ajuda no momento que ele precisou. Não vou fazer isso com ele. Eu vou atender a anjinha...Só espero que não me arrependa depois.

— Eu direi a ela que quero que ela te veja, pois acho que fará bem a ela um pouco de terapia. E acho que fará mesmo, mas também quero saber se ela está bem. Você sabe – Miguel olhou para mesa constrangido –, mentalmente bem.

Ouvir aquilo trouxe Lara de volta a realidade. Parou com seus pensamentos e respondeu:

— Pode contar comigo.

Logo depois os pratos chegaram que os dois apenas relembraram os bons tempos de faculdade, mais nada foi dito sobre Dora, mas Lara não parava de pensar em tudo que Miguel tinha lhe dito. *Será que a anjinha era mesmo psicótica?*

– 8. Consultório da Dra. Lara Fonseca –

Lara abriu sua pequena geladeira e tirou uma coca gelada. Abriu a lata, *tchiuuuu* fez o barulho de gás, pegou seu copo de coca e despejou o néctar dos deuses ali. Lara tinha todo um ritual para tomar sua coca, tinha que ser coca normal, de lata, e tinha que estar bem gelada, pois odiava colocar gelo, na sua opinião estragava a composição perfeita da coca, além disso, ela tinha seu copo especial que tinha o tamanho exato para caber uma lata inteira de coca, era grande, de um verde claro transparente, fino embaixo e largo em cima e tinha escrito nas laterais *Coca-Cola*.

Lara olhava o relógio e pensava: *Em dez minutos, Dora entraria por aquela porta*. Não poderia deixar que suas ideias preconcebidas atrapalhassem a consulta. Não seria fácil, pois Lara achava Dora falsa, fria, metida, fútil e linda de morrer. Ela tentava amenizar a péssima impressão que tinha da anjinha lembrando que era namorada do seu grande amigo. *Se ele está com ela, ela deve ser legal. Era bom que fosse...*

Lara estava ansiosa. Terminou a coca e resolveu comer um chocolate. Tinha uma gaveta cheia deles para essas ocasiões. Vira e mexe tinha que lidar com pacientes realmente difíceis e nada como um chocolate para amaciar o clima. Ela sabia que era uma compensação, afinal era psiquiatra. *Mas haveria algo melhor para dar conforto que o chocolate?*

Cinco minutos após o horário, Dora chegou ao consultório. A secretária anunciou e Lara autorizou a entrada de Dora em sua sala.

Dora estava deslumbrante. Seu cabelo esvoaçante, dourado e perfeito, sua pele de bebê, seus olhos azuis e seu corpo feminino e magro provavam para Lara que a perfeição não era apenas uma invenção das revistas de moda, mas que existia e estava ali na sua frente. Isso tinha irritado Lara profundamente. Ela gostava de dizer que modelos esquálidas não existiam, que as revistas de moda vendiam um ideal impossível, mas Dora provava exatamente o contrário. Lara teve uma súbita vergonha da embalagem de chocolate em cima de sua mesa e

em um ato abrupto, quase violento a jogou no lixo.

Dora vestia uma calça jeans levemente rasgada, que emoldurava seu corpo perfeito, usava um salto alto demais, e uma camisa de seda cinza claro, um colar comprido completava seu visual, sem esquecer é claro do seu óculos escuros, tudo é claro do bom e do melhor. Lara identificou rapidamente a marca de cada item e queria poder rir daquela caricatura pop, porém não podia, é claro, e se controlou. *Sim, parecia que a anjinha tinha sido retirada de alguma revista de moda e tomado vida. Controle-se, Lara! Você sabe que Dora é assim. O que poderia esperar da gerente da Tiffany? Controle-se! Seu melhor amigo a ama de verdade. Pudera? Ela era perfeita como ele. O casal perfeitinho. Controle-se! Droga!,* falava consigo mesma em pensamento.

— Olá, doutora Lara. Obrigada por me atender. O Miguel fala muito bem de você. Estou ansiosa para começarmos.

Aquela simpatia de Dora tinha desarmado a Lara que já se sentia mal por seus pensamentos mesquinhos e invejosos. *Talvez o ciúme me cegou,* pensou Lara antes de dizer:

— Oi, Dora. É um prazer. Espero que não se importe pelo fato de eu ser amiga do Miguel.

— Imagina, nos vimos o quê? Duas vezes?

— Acho que foi isso – disse Lara displicentemente, porém lembrando-se com exatidão das duas vezes em que se deparara com a Senhorita Perfeição, uma vez no aniversário de Miguel e outra no casamento de um casal de amigos da faculdade.

— Nós vamos nos dar bem – disse Dora com segurança.

— Espero que sim.

A consulta transcorreu normalmente. Dora contou à Lara novamente todas as ocorrências sinistras que Miguel já tinha contado, mas, dessa vez, enriqueceu com detalhes de quem tinha vivenciado tudo aquilo. Lara se fechasse os olhos poderia ver a cena. O horror dos acontecimentos fez um arrepio percorrer lentamente a espinha de Lara.

Dora olhou para Lara e perguntou sem rodeios:

— Você acha que eu estou doente?

— Não tenho como responder isso agora, Dora, mas eu sei que *há mais mistérios entre o céu e a terra, do que toda nossa vã filosofia*.

— Shakespeare.

— Eu não acredito que o homem tenha descoberto tudo, Dora. Acho que há um campo vasto que ainda desconhecemos.

— Miguel também pensa assim – disse Dora.

— Eu sei, mas ele não acha que possa existir uma força maior que dê um significado a tudo – Os olhos de Lara brilharam.

— Realmente não.

— Conhecendo a mente humana eu acredito que exista. Há pensamentos, sonhos, descobertas que parecem não pertencer ao homem que os teve.

— Você acredita que pode existir alguma coisa que encontra um jeito de entrar em nossa psique? É isso? – Dora parecia interessada no ponto de vista de Lara.

— Sim, é mais ou menos isso.

— A maioria das coisas, é claro, são do inconsciente da própria pessoa, mas há exceções a essa regra. São raras, eu acho, mas existem.

— Você acha que pode ser que não exista ninguém, quero dizer, nenhuma pessoa me perseguindo?

— É uma das opções.

— Você acredita em demônios, doutora Lara? – Os olhos de Dora subitamente adquiriram brilho.

— Você acredita, Dora? – Lara devolveu a pergunta.

— Acredito. E logo você acreditará também.

— Eu preferia que eles não existissem – disse Lara com um sorriso para aliviar a conversa.

— Mas, eles existem. Você já teve algum paciente com possessão demoníaca?

— Por que você quer saber?

— Pois, eu estou com medo.

Lara escutava com atenção Dora. Ela não a conhecia realmente, mas não via medo em seu olhar. *Era cedo para julgar*, pensava. *Preciso absorver o máximo que conseguir disso tudo*.

— O que você acha que ele pode fazer? – perguntou Lara.

— Ou já está fazendo... – Dora ao dizer isso olhou para a janela misteriosamente.

— O que ele está fazendo?

Dora continuava olhando a janela como se estivesse com vontade de estar em outro lugar.

— Eu não tenho certeza, mas tenho uma teoria, é completamente idiota, você não vai querer ouvir, doutora.

— Muito pelo contrário, Dora, eu adoraria ouvir.

Nesse momento Dora olhou nos olhos de Lara com firmeza e segurança e disse, levantando-se da cadeira:

— Eu acho que o demônio me tornou cúmplice de seus crimes. Eu tenho sangue em minhas mãos.

— Ele tem falado com você? – quis saber Lara.

— Tem.

Lara assustou-se. Miguel não tinha mencionado nada a respeito. Lara, devido a sua vasta experiência, aprendera a manter o rosto impassível, mesmo diante das piores barbaridades. Por isso, conseguiu manter no rosto o mesmo olhar. Dora olhava para Lara e sentiu vontade de rir. Ela permitiu-se gargalhar um pouco. De alguma forma, aquela gargalhada de Dora incomodou a Lara.

— Não precisa ficar com essa cara séria como se nada pudesse te abalar. Sei que está escondendo seus sentimentos – desafiou Dora.

— O que esse demônio te diz?

Dora recobrou a seriedade e seu olhar voltou a ficar fundo e pesado:

— Ele me dá os nomes.

— Os nomes?

— De suas vítimas.

— O que acontece com suas vítimas?

— Elas morrem.

— Alguém já morreu?

— Já, várias pessoas. Você sabe disso. Por que pergunta como se não soubesse? – Dora estava um pouco irritada.

— Conte-me. Como foi que ele falou com você? – retrucou seriamente.

— A primeira vítima foi minha vizinha, Amélia, você sabe. Eu escutei o demônio balbuciar o nome dela. Acho que ouvi umas três vezes. Depois de uns dois dias, como te disse, acordei com seu gato morto da minha cama. Imaginei que era por isso que tinha ouvido seu nome, mas depois descobri que ela tinha se matado e fiquei pensando se o demônio não teria me avisado.

— Continue, Dora.

— A segunda vez foi a minha amiga, Raquel, o demônio me deu seu nome. Dessa vez ele só pronunciou o nome da Raquel uma vez. Depois encontrei uma carne crua em meus sapatos. Coincidência ou não, foi esse mesmo par de sapatos que a Raquel quis emprestado para ir a uma festa. Eu o emprestei. E o que aconteceu? Morreu no meu carro e com meus sapatos.

— Por que ela dirigia seu carro?

— Eu não gosto de dirigir meu carro. Sempre que eu posso alguém dirige no meu lugar.

— Por que você acha que seus sapatos têm alguma coisa a ver com o acidente? Você tinha me dito que estava chovendo no dia? Essa não pode ter sido a causa?

— Pode ser, é claro, mas não é. A Raquel me falou sobre a dificuldade que estava enfrentando para dirigir com meus sapatos e eu não fiz nada. O salto desses meus sapatos são altíssimos, é um *loubotin*.

— Você está se culpando por esse acidente, Dora?

— Estou.

— Por quê?

— Eu sabia que ela iria morrer. Eu poderia ter evitado.

— Será que você não tinha como adivinhar que ela morreria em um acidente de carro? – sentenciou Lara.

— Eu pensei nisso. Quando ela disse que iria comprar gelo, eu pensei "ela vai morrer", mas achei que fosse paranoia minha. Eu não dei importância e o que aconteceu? Agora ela está morta.

Lara olhou nos olhos de Dora que estavam abertos e eram provocadores. *Ela estava me provocando? Para quê? Para que eu a consolasse? Referendasse sua culpa? Talvez não. Nesse momento pouco importa, eu preciso retomar a conversa.*

— Dora, será que no momento que tudo aconteceu estava fácil você emitir um juízo de que ela morreria? Será que você tinha como saber? Será que a culpa vai te trazer nenhum benefício?

— É muito difícil eu não me culpar. No fundo eu sabia que ela morreria. Eu só não dei importância à voz que dizia dentro de mim: ela vai morrerá agora. Eu a ignorei e ela morreu. Você está entendendo o que eu disse? Eu sabia!

Dora encarava a Lara com aquele seu olhar de comando. Lara hesitou por um momento e ficou calada. Ela não sabia o que Dora pensava, mas precisava saber. *Que olhar é esse, meu Deus?* Dora continuou:

— O demônio tinha me dado o nome da Raquel. Eu sabia. Ela vai morrer, foi o que pensei antes do acidente. E, daí, ela morreu. Estava claro para mim. Eu sou cúmplice do demônio.

O contato visual contínuo e provocador continuava. *O que era aquilo? O que era aquilo?* perguntava-se Lara ansiosa, pensando quando poderia abrir sua gaveta de chocolates. *Será que ela está querendo me controlar? Me manipular? Me convencer? Me provocar? Eu não sei, mas é estranho aquele olhar.*

— Eu imagino como se sente, Dora. Você também se sente dessa forma

em relação à sua vizinha e ao seu ex-namorado?

— A minha vizinha foi a primeira e eu não sabia que ela ia morrer. Não, pela morte dela eu não me culpo. Mas eu me culpo pela morte do meu ex-namorado, a dele eu já sabia. O demônio tinha me dado seu nome. Eu ainda encontrei o vestido que ele tinha me dado de presente coberto de sangue. E, mais uma vez, não fiz nada.

— Por que você acha que não fez nada?

— Por que meu ex-namorado era um inferno na minha vida, eu vivia fugindo dele, não queria falar com ele. E também o que eu poderia dizer a ele? *Um demônio me disse que você vai morrer. Tome cuidado.*

— E aconteceu mais alguma coisa depois disso?

A feição de Dora relaxou e ela começou a olhar a paisagem da janela ocupada por uma copa florida de *flamboyant*. O escritório de Lara ficava em uma antiga mansão na Avenida Brasil que dividia com outros médicos. A mansão era clássica, charmosa e acolhedora. Dora respirou fundo e com a voz calma disse:

— Ainda não, mas eu tenho certeza que não acabou.

— Por quê?

— Ele me disse.

— Ele sempre fala com você?

— Não é sempre, às vezes, quando me visita.

— Como assim?

— Quando ele aparece para mim...

— Sei.

Dora deixou de olhar a paisagem e olhou para Lara com seus grandes olhos azuis.

— Doutora Lara, eu estou com medo.

Lara achou estranho aquele comentário. Ela dizia ter medo, mas não parecia que Dora tinha realmente medo. *Sim, parecia que ela estava gostando de tudo aquilo. Será que ela só queria chamar a atenção? Ou era real?* Lara interrompeu seus pensamentos. Ela não podia parar a conversa que estava se encaminhando tão bem, por isso perguntou:

— O que faz você pensar nisso?

— Eu o sinto próximo. Às vezes acho que ele entra dentro de mim e comanda meus pensamentos. Sabe, eu tenho pensamentos horríveis, vejo coisas que nunca vi e acho que um dia podem acontecer.

— Que coisas horríveis?

— Eu vi o Miguel morrendo. – Depois de alguns segundos Dora completou: — Foi horrível.

Lara assustou-se com aquela afirmação contundente que quase lhe perfurou os ouvidos. Instintivamente, Lara colocou as mãos nos ouvidos, mas conseguiu manter o controle de suas expressões faciais com um esforço hercúleo, perguntando casualmente enquanto abaixou a cabeça fingindo fazer anotações:

— O demônio a avisou, como das outras vezes?

— Ainda não.

— Como foi que você teve essa imagem de Miguel morrendo?

— Em um pesadelo.

— Será que você está impressionada com tudo que tem passado?

— Não, parecia que eu estava acessando os pensamentos do demônio.

Lara estava impressionada com as coisas que Dora estava lhe contando. *Dora estava se abrindo realmente? Por quê? Por quê?* Seu cérebro se perguntava, mas novamente ela não podia deixar a conversa esfriar, tinha que evitar seus pensamentos e guardá-los para mais tarde, por isso rabiscou algumas anotações:

— Você comentou isso com o Miguel, Dora?

— Não.

— Pretende comentar?

— Não adiantará.

O jeito calmo e manso com que de Dora falava perturbava Lara que sempre fora enérgica no modo de falar. Ela sentia vontade de sacudir Dora e gritar ao seu ouvido: “Acorda!”. Ao passo que Lara sempre gesticulava, ria, movimentava-se, elevava a voz e olhava a pessoa com que conversava com seus olhos vivos e inteligentes, Dora raramente transparecia qualquer emoção e falava de um jeito tão calmo, baixo e suave que parecia que estava tomando chá com a Rainha no castelo de *Buckingham*.

— Por quê? – perguntou Lara elevando a voz na esperança que pudesse motivar Dora a comportar-se da mesma forma.

— Ele não vai acreditar em mim. Vai pensar que estou perdendo...que estou perdendo minha sanidade.

Dora contorceu suas mãos e as entrelaçou como se estivesse nervosa com alguma coisa, porém seus olhos não diziam muito, foi o que concluiu Lara depois de conseguir por um rápido momento olhar dentro dos seus olhos. *Aquilo era sinceridade? Era tão difícil entender quem era Dora. Há alguma coisa nela que me impede de compreendê-la. Será? Ela não é natural como eu. Por vezes ela*

parece ser simpática, alegre e fútil, outras parece mais quieta, introspectiva e fria. Será que estou deixando a minha opinião prévia sobre Dora atrapalhar essa consulta? Isso não pode acontecer! Mas é esse meu sentimento! Não posso ignorar o que senti. Eu tenho que compreendê-la realmente. Ela está falando, mas eu percebo que ainda se esconde. Ela não está se mostrando realmente. Tem alguma coisa que não me convence. O que é? Antes que Dora pudesse perceber que Lara estava divagando, ela retomou a conversa:

— Já disse a ele como se sente, Dora?

— Já tentei.

Lara fez uma pausa, fingindo perder o interesse na conversa para ver se Dora queria sua atenção, levantou-se, abriu um pouco a cortina e voltou a se sentar. Dora mordeu a isca rapidamente.

— Eu menti para você, doutora Lara.

— Mentiu em quê?

— Eu não disse nada para as pessoas que morreram, não foi por que achei que elas não fossem morrer ou por que pensei que elas não acreditariam em mim. Eu não disse nada pois estava obedecendo ao demônio. Eu sabia que, se ele tinha me contado o futuro, eu não podia interferir nisso.

Finalmente sinceridade? Os pensamentos de Lara não a abandonavam. Ela tinha que absorver tudo, sentiu que estava lidando com uma pessoa muito inteligente. *Sim, a futilidade era apenas mais uma máscara que escondia a inteligência de Dora. Uma boa máscara, tenho que concordar, quase a julguei uma completa idiota.* Lara tinha a sensação que estava sendo manobrada por Dora, mesmo assim não podia deixar de saber onde aquela conversa iria chegar.

— Ele te falou isso?

— Não, mas os recados eram claros: obedeça ou morra.

— Você obedeceu, ficando quieta, sendo sua cúmplice.

— Exatamente. Não podia arriscar.

— E se nada disso for verdadeiro?

Dora sobressaltou-se. *Pareceu real a reação,* pensou Lara. *Ela acredita, então, no tal demônio? Eu preciso acalmá-la. Quebrar sua fantasia pode ser assustador.*

— Vamos apenas conversar a respeito disso, Dora. Só estamos cogitando essa hipótese, está bem?

— Você não acha que é um demônio, doutora Lara?

— Apenas pense nessa hipótese de que tudo pode ser pura imaginação.

— Pessoas morreram.

— Eu sei, mas pense comigo. Você não poderia fantasiar essas mortes em

sua cabeça?

— Aconteceu. – Dora falava severamente, como se Lara estivesse sendo imprudente.

— Eu só quero que você pense nessa hipótese.

— E como eu sabia que as pessoas morreriam antes de morrerem? – Dora desafiou.

— Será que isso também não é uma fantasia? Será que você sabia mesmo?

— Não. É real. Queria que não fosse. – Dora fez uma pausa e disse: — Se não é, então, faça parar.

Dora parecia sincera. Lara, por isso, lhe disse francamente:

— Eu cuidarei bem de você, Dora.

Dora não disse nada.

Lara rascunhou em suas anotações uma pergunta: *psicose?*

– 9. Mais uma dose de café forte –

Dora aquecia a água da máquina de café, colocou a cápsula e pronto saiu seu expresso. Dora gostava do seu café bem forte e quente. Miguel veio por trás e a abraçou. Ele adorava fazer visitas para Dora no seu trabalho e, é claro, que queria estar junto dela a maior parte do tempo.

— Só podia ser você! Que susto você me deu! – Dora sorria.

Miguel ficou subitamente sério:

— Eu não quis assustá-la, eu...

— Calma, Guel. Foi um susto bom.

Dora o beijou suavemente e perguntou:

— Quer um café?

— Claro.

— Como foi com a Lara? – Miguel estava curioso.

— Foi interessante.

— Gostou?

— Gostei. Acho que ela pode me ajudar.

— Ela é uma excelente psiquiatra, sempre se destacou na faculdade. – Miguel se empolgava quando falava sobre sua grande amiga. — Ela vem de uma família de psiquiatras e psicólogos. O pai dela é livre-docente em psiquiatria na USP e por muito tempo foi presidente do conselho diretor do IPq.

— IPQ?

— Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas. O avô dela foi um psiquiatra muito famoso e respeitado. Eu confio nela. São poucos médicos nos quais eu realmente confio, ela é uma. Tenho certeza que fará bem a você, meu anjo. Você sabe que quero o melhor para você.

— Isso será interessante – disse Dora com um sorriso de canto de boca.

Miguel segurou nas mãos de Dora e as beijou.

— Meu anjo, vamos dar uma volta no *shopping*?

— Agora?

— É. Você consegue fazer um intervalo?

— Consigo, sim. Deixa só eu avisar as meninas.

Dora voltou rapidamente com um sorriso nos lábios:

— Vamos, Guel?

Miguel beijou Dora nos lábios rapidamente e saíram da loja de mãos dadas. Foi ideia de Miguel pararem para tomar mais um café. A garçonete trouxe os expressos acompanhados de pequenos biscoitinhos em formato de estrelas ao lado das xícaras e de pequenos copos d'água e se foi.

— Guel, eu quero te contar mais uma coisa.

— É sobre meu ex-namorado.

— O que foi, Dora? – perguntou Miguel apreensivo.

— Eu vi o irmão do meu ex-namorado, o Fernando, morrer. Sua morte foi mesmo estranha.

— Como foi? – quis saber Miguel, já aflito.

— Calma, eu chego lá – respondeu do seu jeito calmo, colocando as mãos sobre as de Miguel que estavam em cima da mesa. — Bom, a família do Antônio sempre teve dinheiro. Eles mantinham um *yacht* em Angra. Era costume passarmos o final de semana lá. Fazíamos passeios de barco. Era gostoso. Fernando adorava nadar. Sempre que ancorávamos perto de alguma ilha o Fernando dava suas braçadas. Uma vez, ele saiu para nadar, e, como não voltava, fomos ver o que estava acontecendo e encontramos o corpo dele inerte, boiando. Ele estava morto. Foi horrível e muito estranho. O mar estava calmo. Ninguém entendeu.

— É por isso que aquela mãe que eu conheci não acredita que ele tenha se afogado?

— É. A Clarice ficou muito abalada com o que aconteceu, quase perdeu a cabeça. A família nunca mais foi a mesma. – Miguel fez cara de que não sabia quem diabos era Clarice e Dora adivinhou seus pensamentos e disse: — Clarice é o nome da mãe, Guel.

— Ela viu a cena?

— Viu. Toda família viu. Ninguém ficou bem. Soube depois que a Clarice começou a se desentender com o marido e eles se separaram. Ela nunca mais foi a mesma. Acho que ela se perdeu com tudo o que aconteceu, sabe?

— Pensei que ela fosse viúva.

— Não, ela é divorciada. O marido não suportou o jeito que ela ficou, eu

acho. Eu imagino que ela não aceitou a morte do Fernando e agora que o Antônio morreu, eu posso imaginar o que ela está passando. Talvez agora ela enlouqueça de vez, sei lá. Acho que é por isso que ela precisa acreditar que existe algo maior que explique essas duas tragédias. Sei lá, o destino, o *karma*, o desígnio dos deuses...

— Pode ser. Eu tinha ficado mesmo curioso com essa história.

— Eu percebi, por isso estou te falando.

— Quanto tempo você namorou o Antônio?

— Poucos meses. Acredito que não chegou a cinco, mas ele era muito ciumento e não deu certo. Depois da morte do irmão começou a cobrar muito de mim e a relação ficou inviável. Foi, então, que ele voltou para sua ex-namorada, Gisele, que nunca largou do pé dele, nem quando namorávamos.

— Eu a vi na missa de sétimo dia. Ela estava mais abalada por que não iria mais se casar do que com a morte do noivo.

— Ela sempre quis se casar com o Antônio e ele nunca quis. Acho que ele só marcou a data porque soube que eu estava com você.

— Não posso deixar de dar razão ao Antônio. Ela não chega aos seus pés, meu anjo.

Dora sorriu.

— Eu acho a Gisele linda.

Miguel pegou nas mãos de Dora e disse carinhosamente:

— Ninguém é tão linda quanto você. – Dora deu mais um sorriso.

Miguel beijou sua face e perguntou:

— Meu anjo, não precisa falar no assunto se não quiser. Mas, fiquei curioso. Por que a Clarice não investigou a morte do filho na época? Ainda mais sendo o Antônio advogado criminal, ele deve conhecer gente na delegacia, investigadores, sei lá.

— Ela ficou em choque logo que ele morreu. Não queria sair de casa, mal comia. Foi realmente grave. Acho que teve uma depressão forte. Foi feita necropsia e tudo, mas o resultado foi mesmo afogamento. Ela não se conformou, sabe? Ele era seu caçula, ela sempre buscava protegê-lo de tudo, deve ter sido frustrante saber, no final, que não conseguiu. Depois que deu uma recuperada, quis investigar o que tinha acontecido, mas não teve apoio da família, Antônio e seu pai achavam que não era bom para ela ficar remoendo a morte de Fernando. Depois de algum tempo de terapia, ela começou a melhorar, parou com suas paranoias sobre assassinato, mas acho que demorou demais, pois o casamento não resistiu. Hoje o Alfredo já está até com outra mulher, acho que ela é até mais nova que eu. Eles venderam a casa em Angra. Foi uma pena. Era uma casa

maravilhosa, mas como queriam se livrar da casa venderam a preço de banana. Soube que uma mulher muito elegante ligada ao mundo da moda comprou a casa e o *yacht*.

— Acho que o assunto não ficou bem resolvido na cabeça dela. Ela acredita que o Fernando não morreu afogado.

— E agora que o Antônio morreu ela acredita que tem alguma coisa por trás, não é, Guel?

— Isso mesmo.

— Ela precisa ver algum sentido maior ou ficará louca.

— Acho que ela tinha que aceitar e seguir com sua própria vida. A família dela está certa, ficar remoendo essas mortes não vai ajudar em nada.

— É verdade.

— Mas eu queria muito saber no que ela acredita. Ela parecia tão convicta.

— Sério?

— É, eu fiquei encanado com essa história. Você precisava ver. Ela tinha uma certeza absoluta de que as mortes tinham ligação. Será que ela imaginava que alguém no *yacht* tinha assassinado o Fernando? Vai ver não é uma ligação kármica, divina ou sei lá o que, vai ver ela acredita em uma ligação causal bem concreta mesmo.

— Se ela pensava isso, eu nunca fiquei sabendo.

— Mas faz todo sentido. Se ela cisma que o Fernando foi assassinado, faz todo sentido acreditar que o Antônio morreu pelas mãos do mesmo assassino. Quem estava no *yacht*?

— Só as namoradas e a família.

— Quem o Fernando namorava?

— Uma mulher linda e também simpática. Seu nome era Samanta.

— Será que foi ela?

— Você acha que ele foi assassinado, Guel?

— É uma possibilidade. Você acha possível?

— De jeito nenhum. A menina era um anjo. Se você a conhecesse, concordaria comigo.

Dora abriu um sorriso, mas logo em seguida ficou subitamente apreensiva. Seu rosto imediatamente escureceu.

— O que aconteceu, meu anjo?

— Agora que você está falando. Tem uma coisa. Só pode ser isso. Meu

Deus! Como não pensei nisso antes?

Dora tremia, seus olhos espelhavam terror e ela segurou forte nas mãos de Miguel, quase o machucando:

— Guel, eu sei o que aconteceu.

— O que foi? Me conta. Vamos, meu anjo, fale comigo!

Dora estava muda. Seus olhos estavam aterrorizados em choque.

Miguel tentou acalmá-la, mas Dora tremia.

— Calma, meu anjo! Vou pegar um copo de água com açúcar. Fique calma! Estou com você. Eu já volto. Espere um pouco.

Miguel saiu correndo comprou um copo de água no balcão da cafeteria, colocou açúcar e o levou à Dora. Durante todo o tempo em que ela bebia a água, ele a olhava aflito. *O que tinha acontecido? Será que ela viu o demônio?* Miguel não entendia, mas não queria pressioná-la. Ela precisava se acalmar antes. Dora terminou de beber, , seu olhar azul voltou à sua frieza natural e disse:

— Eu e a Samanta ficamos muito próximas uma da outra, pois o Antônio e o Fernando faziam tudo juntos. Um dia estávamos no *yacht* e ela tinha um corte feio na canela. Eu perguntei o que tinha acontecido e ela disse que tinha caído. Você sabe que eu me interesso muito por esses assuntos.

— Claro que sei! Você não sossega enquanto não te dou o relatório completo dos meus pacientes mais graves.

— Pois é... Na hora eu disse sem nem pensar: *Caiu nada*! Se eu pensasse, eu não teria dito isso, afinal, se ela mentiu, era por que ela não queria que eu soubesse a causa. Mas saiu da minha boca de forma tão natural e foi, então, que ela me contou. Ela me disse que não sabia como tinha acontecido, mas que estava acordando com essas lesões. É claro que eu duvidei de novo. Foi, então, que eu perguntei se era o Fernando. Ela me disse não com bastante segurança. Falou a verdade. Eu falei que ela podia se abrir e falar o que era. Eu vi que ela queria me contar alguma coisa, mas estava tomando coragem e antes que ela falasse, a Clarice apareceu e a conversa tomou outro rumo. Depois disso, não falamos mais a respeito, eu não quis ser indelicada de novo. E, então, o Fernando morreu, a família desmoronou e eu terminei com o Antônio e nunca mais me encontrei com a Samanta.

Dora respirou fundo, agarrou nas mãos de Miguel e olhou-o nos olhos:

— Guel, você não vê? Aconteceu com a Samanta o que está acontecendo agora comigo. Eu estou com o demônio da Samanta.

Miguel não conseguiu contradizer seu anjo. Ela estava doente e ele precisava apoiá-la, não era hora para julgamentos. Ele segurou firme nas mãos de Dora e disse:

— Eu estou com você, meu anjo.

— Guel, foi o demônio que matou o Fernando e seu irmão, Antônio. A Clarice está certa: há mesmo relação entre as mortes.

Miguel queria que Dora parasse de falar aqueles absurdos, mas Dora estava empolgada com sua descoberta e, por isso, ele deixou de lado. Dora pegou nas mãos de Miguel e disse:

— Guel, eu não aguento mais. Eu preciso te contar.

— Conte, meu anjo.

— Eu sonhei com sua morte.

Miguel não conseguiu dizer mais nada. Engoliu seco e respirou fundo. *Dora, meu anjo, você está louca,* foi o que pensou. Nos olhos de Miguel, Dora via amor e compaixão. Ela sabia que ele tinha pena dela, muita pena. Em pensamento Dora se perguntava quanto tempo demoraria para que ele acreditasse nela.

– 10. Sinistra paisagem –

Da janela de sua sala, Miguel olhava para aquela árvore, velha conhecida de sua pacata rua. A árvore sinistra nunca tinha lhe incomodado tanto. Coçavam-lhe os dedos uma enorme vontade de matar a desgraçada. A árvore era seca, completamente sem folhas, com poucos galhos compridos e curvos que formavam aterrorizantes tridentes tridimensionais. *Aquela árvore deve existir no inferno,* pensou Miguel, *sinistra, pontiaguda e demoníaca. Vou derrubá-la.*

Miguel pensava em Dora e em tudo que estava acontecendo. Pegou o telefone, não sabia se ligava ou não para Lara. Ele queria muito. Ele precisava lhe contar sobre a estranha conversa no café. Começou a discar o número da Lara e desligou o telefone, discou mais uma vez e deixou tocar. Lara atendeu:

— Guel?

— Oi, Lara. Tudo bem?

— Tudo.

— Como foi a consulta?

— Foi tudo bem.

— O que você achou?

— É muito cedo para falar, mas pode ser psicose, Guel, ainda não tenho certeza. Tem alguma coisa estranha, eu...

Miguel interrompeu Lara, ele precisava contar:

— Eu estive com a Dora ontem e quero te contar uma coisa.

— Pode falar, Guel.

— Bom, ela me contou sobre a morte do irmão do ex-namorado dela, o Fernando.

— Aquele que morreu afogado, mas que a mãe acha que foi assassinado?

— O próprio.

— Ela me contou que estava no *yacht* quando tudo aconteceu e que foi

mesmo estranho, pois o Fernando era um ótimo nadador. A mãe quase enlouqueceu, seu casamento acabou. Pouco tempo depois da tragédia, Dora disse que terminou o namoro com o Antônio. Bom, isso tudo é interessante você saber, mas não é isso que quero te contar.

— O que é, Guel?

— Enquanto eu e Dora conversávamos sobre a morte de Fernando ela teve um *insight*. Ela ficou muito assustada com a descoberta.

— O que ela descobriu, Guel?

— Ela acredita que está com o demônio da Samanta.

— Samanta?

— Era a namorada do Fernando na época em que ele morreu. Dora me contou que um dia no *yacht* viu um corte feio na Samanta e a Dora entende bastante sobre lesões e quis saber como tinha acontecido, a Samanta contou que tinha caído e Dora não acreditou. A Samanta, então, disse à Dora que ela estava acordando machucada e que não sabia o que estava acontecendo. Dora duvidou e quis saber mais, mas na hora que a Samanta falaria, elas foram interrompidas pela Clarice, a mãe. Depois, elas nunca mais retomaram o assunto. E, então, o Fernando morreu, Dora terminou o namoro e nunca mais falou com a Samanta. Ela acredita piamente que está com esse demônio e que foi esse tal demônio que matou o Fernando e o Antônio.

— Guel, se Dora estiver doente, ela pode estar começando a fantasiar sua própria vida, ligar todas essas mortes de alguma forma, entende?

— Eu sei, Lara. Dora está muito assustada. Ontem eu vi em seus olhos. Ela finge que está calma e no controle, mas na verdade ela está aterrorizada. Disse essa loucura que está com o demônio da Samanta. E depois, você não sabe.

— O quê?

— Ela disse também que eu estou marcado para morrer, disse que sonhou com isso. Talvez seja o caso de medicá-la. É, eu acho que você precisa medicá-la logo.

— Eu sei que você tem pressa. Eu sei que não tem sido fácil. Mas eu só tive uma consulta com a Dora, é importante que você me dê um pouco mais de tempo. Eu não tenho certeza se é psicose. Está bem?

— Eu sei. Eu só quero que saiba que acho que Dora está se perdendo. Não sei se temos esse tempo.

— Eu já entendi como se sente, Guel.

— Você não pode demorar, Lara. Precisa começar a medicação agora.

— Você sabe que não gosto de trabalhar assim, Guel. Me dê mais tempo. Eu preciso observar a Dora um pouco mais.

— Lara, esperar pode ser perigoso.

— Você acha que vai morrer? Você está acreditando também?

— Eu só estou com medo por Dora. Ela está muito assustada. Não precisa passar por isso.

— Eu sei. Eu vou fazer o possível.

Miguel desligou o telefone. Dora escutava tudo atrás da porta. Percebendo que Miguel caminhava em sua direção, antes que a visse, correu de volta em direção ao quarto, jogou-se na cama e fingiu que estava acordando. Miguel entrou no quarto e ficou parado por alguns instantes só para assistir Dora se espreguiçando com prazer. Ela era linda.

— Dormiu bem, meu anjo?

— Dormi. Me dá um beijo.

Miguel a beijou com vontade e disse:

— Aqui você está protegida, meu anjo.

Miguel beijou-a novamente, suas mãos começaram a acariciar Dora. De repente Miguel sentiu alguma coisa molhada na cama. Assustou-se. Tirou o lençol com uma fúria desesperada. Havia uma enorme mancha de sangue. Olhou para Dora, seu pijama também estava ensanguentado. Miguel gritou:

— Você se machucou? – Dora o olhou assustada, parecia também que não sabia de onde vinha o sangue. — Dora, meu anjo, me responda!

Miguel procurava alguma lesão pelo corpo de Dora. Nas costas de Dora, na região lombar, um corte fundo sangrava.

Dora olhou para Miguel e disse:

— Eu não te falei que o demônio me acompanharia? Eu sabia, eu... Guel, está tudo bem?

Miguel não conseguiu dizer nada. Era estava transtornado. O corte que havia nas costas não tinha como ter sido feito por Dora. *Era alguém. Tem que ser alguém. Não existe demônio. Eu vou matar quem estiver fazendo isso. Eu vou matar.* Dora percebeu que Miguel estava por um fio. Ele tremia de raiva. Ele sabia que estava perdido, não sabia o que fazer e não havia volta. A segurança que antes o acompanhava já não existia. Ele precisava com urgência de uma resposta para tudo aquilo.

— Guel, é um demônio. Quando é que você vai acreditar em mim?

Miguel abraçou Dora com força. Senti-la entre seus braços, fez com que ele se lembrasse que precisava cuidar com urgência daquele corte:

— Não pode ser um demônio. Não pode. Precisamos dar um jeito nesse corte agora mesmo – disse Miguel levantando-se para ir ao banheiro buscar o

material necessário para fazer um curativo em Dora.

— Fique aqui, Dora, eu preciso fazer uma coisa.

Miguel saiu apressado do quarto. Ele sentia necessidade de extravasar sua raiva de alguma forma. Foi até a garagem e pegou um machado. Saiu da casa em direção ao outro lado da rua e aniquilou a árvore sinistra com fúria. Dora o observava da janela enquanto tomava um chá quente, seus olhos azuis pareciam impassíveis.

Sim, ele já está acreditando, pensou Dora.

– 11. Algumas taças de vinho e muito mais –

Dora e Miguel estavam jantando no Carlota, um restaurante muito agradável e despojado que ficava perto do pequeno sobrado de Miguel. Miguel adorava ir ali, o ambiente descontraído e as cores claras da decoração sempre tinham o efeito de o acalmar. Mas dessa vez, ele estava nervoso e olhava sem jeito o cardápio, revirando suas folhas compulsiva e freneticamente. Dora mantinha-se calma como de costume.

— Guel, da última vez você gostou muito do robalo, lembra?

— Você tem razão, meu anjo. Acho que é uma boa pedida – disse jogando finalmente o cardápio de lado.

Os pratos demoravam para chegar e Miguel enchia o copo de vinho e comia bastante pãozinho do *couvert*. Dora sorria internamente: *Ele está nervoso. Olha como ele come sem controle. Ele me ama.*

— Guel, está tudo bem? Você parece nervoso.

— Dora, eu preciso falar com você. Eu não sei como você mantém a calma. Eu não entendo. Eu...

Dora o interrompeu:

— Pode falar, Guel.

— Eu já não tenho tanta certeza que tem alguém atrás de você, querendo te enlouquecer. Eu sei que não é você que está se ferindo, pelo menos não teria como, eu acho...e...

Dora pegou nas mãos de Miguel, abriu seus grandes olhos azuis e disse com firmeza interrompendo-o:

— Guel, é um demônio. Você tem que acreditar em mim.

— Eu... eu não acredito – Miguel abriu bem os olhos para mostrar que falava com sinceridade.

— Acho até que você já acredita. Só precisa aceitar.

Miguel olhou para baixo um pouco sem jeito. Respirou fundo tomou coragem e disse, não sem antes beber mais um bom gole de vinho.

— Dora, meu anjo, eu acho que está doente. Eu não sei como você tem conseguido se ferir dessa forma, se está usando algum instrumento ou se pede para algum maluco te esfaquear. Só pode ser isso, você só pode estar doente, se é verdade o que me diz que não tem ninguém atrás de você.

Aquele comentário bruto de sinceridade deveria abalá-la. Miguel estranhou como ela manteve a calma, mas a verdade é que Dora tinha ouvido ele conversando com a Lara. Para ela não havia novidade. Miguel abriu os olhos. Ele estava mais assustado que ela. *Talvez ela não tivesse entendido. Talvez eu devesse repetir.* Mas, antes que Miguel tomasse qualquer atitude, Dora falou:

— Guel, eu nunca te disse, mas ele fala comigo.

— O quê?

— O demônio, ele fala comigo.

— Fala o quê?

— Ele me dá os nomes das pessoas que irão morrer.

— Por quê você não me contou?

— Porque eu sabia que você iria achar que eu estava louca, mas agora que você já acha isso tanto faz.

Ela entendeu, Miguel pensou aliviado. Enfim, conseguiu desabafar aquilo que tinha escondido até de si mesmo.

— Dora, meu anjo, eu te amo demais. Eu só quero seu bem. Isso que você está passando... – Miguel engoliu seco sem querer completar a frase. — Nós vamos superar isso juntos.

— Eu sei, Guel, mas bem você me faria se acreditasse em mim. Eu estou sozinha.

— Não, você não está sozinha. Eu estou com você sempre. Acho que não fará mal a você começar um tratamento – disse Miguel, arriscando magoá-la. A verdade é que Miguel estava preocupado demais querendo salvar Dora para se preocupar em não magoá-la.

— Está bem – respondeu sem titubear.

— Está bem? – duvidou Miguel.

— Se for para eu me livrar de tudo isso, faço o que for preciso. Agora vamos jantar e parar de falar nesse assunto?

— Claro. – Miguel respirou fundo, aliviado e esperançoso.

Dora ria para Miguel. Ela achava graça de sua preocupação. Pegou suas mãos e disse:

— Guel, se o tratamento não der resultado, você vai acreditar em mim?

— Claro que sim – respondeu Miguel sem pensar direito.

— Sabe, de verdade, eu acho que você já está acreditando, mas isso é demais para você assumir, não é?

— Eu preciso saber se você está doente, meu anjo. Eu preciso saber, eu...

— Calma, Guel, já disse que farei o tratamento. Vamos jantar agora e me conte sobre aquele caso da perna do paciente que quase foi amputada.

Dora fez Miguel contar depois mais alguns casos memoráveis de seu início de carreira como cirurgião geral e ambos se divertiram. A noite que tinha tudo para ser tensa e desagradável acabou sendo leve e prazerosa. Miguel não compreendia como Dora conseguia manter-se calma com tudo que vivia.

Naquele dia no café, quando ela descobriu sobre o demônio da Samanta, ela pareceu bem nervosa, mas agora parece que nada aconteceu. É estranho. Talvez ela fosse daquelas pessoas que guardam tudo dentro de si e lutam para aparentar uma calma que na verdade não possuem. Talvez ela conseguisse armazenar tudo em alguma gaveta do cérebro para pensar depois. O que importa? O importante é que ela parece muito bem, considerando tudo que está vivendo. Sim, ela está conseguindo passar por tudo isso muito bem. É isso que importa. É meu anjo é mais forte do que eu imaginei. Ela parece até mais forte do que eu...

Dora quis dormir em seu apartamento, afinal para ela a casa de Miguel não era imune ao tal demônio. Miguel não insistiu. Não adiantaria em nada contrariá-la. *Se era uma doença, para ela tudo aquilo era verdadeiro,* foi o que pensou. Os olhos de Miguel estavam prestes a se encher de lágrimas, mas a lembrança de que tudo ficaria bem aquietou seu coração.

Dora foi se despedir de Miguel. Ele a apertou com força contra o peito. Dora sentia-se amada. Miguel, o mais cético entre os céticos, logo acreditaria nela.

— Vou te levar pro trabalho amanhã. Quero te ver.

— Tá bom, Guel.

Dora o beijou rapidamente e saiu do carro. Ela sabia que para Miguel vê-la era uma necessidade diária. *Ele é louco por mim,* pensou.

No dia seguinte, era um pouco antes das oito da manhã quando Miguel estacionou o carro na rua de Dora. Ainda era cedo, portanto, daria para tomarem um café juntos antes de irem para o trabalho. Miguel chegou na portaria e o porteiro pediu para que Miguel aguardasse a autorização de Dora. O porteiro interfonava para Dora. Miguel odiava isso. *Aquele porteiro sabe muito bem que eu sou o namorado de Dora e fica fingindo que não me conhece. Por que não abre logo essa porta?* Após cinco minutos de espera, Miguel perdeu a paciência.

— Por favor, eu sou o namorado da Dora. O senhor pode abrir a porta?

— Não sem autorização – respondeu secamente. — Ainda mais para a dona Dora. Ela é muito exigente e faz questão que todos sejam anunciados.

Miguel achou engraçado. *Dora exigente? Ela é um doce, porteiro idiota.* De qualquer forma, Miguel sabia que discutir com aquele porteiro não era uma boa ideia. O ideal era ser gentil para quem sabe aquele homem quebrar o protocolo e abrir logo a droga da porta.

Miguel respirou fundo e aguentou mais cinco minutos de espera. O porteiro não largava o maldito interfone. Miguel tocou a campainha novamente e perguntou:

— Conseguiu?

— Não responde.

Miguel viu que o porteiro estava preocupado. A paciência de Miguel se esgotou:

— Meu senhor, eu sou namorado de Dora e sou médico. Ela combinou comigo hoje aqui. Eu preciso entrar. Pode ter acontecido alguma coisa.

O porteiro estava nervoso, percebia-se só de olhar para ele.

— Sim, eu vi que a dona Dora entrou ontem de noite e depois disso não saiu mais não. Mas, ela não gosta de que ninguém suba lá não sem avisar. Espera um pouco que ela pode tá ocupada.

Miguel olhava a porta do prédio como se estudasse alguma maneira de pular aquelas grades. O porteiro, agora visivelmente preocupado, apertava incessantemente o botão do apartamento de Dora no painel de controle.

Miguel se cansou de esperar. A situação era muito preocupante para ficar lá aguentando a moleza daquele porteiro. Tinha acontecido alguma coisa ruim com Dora, ela devia estar sangrando com algum corte profundo, podia estar perdendo muito sangue, precisando de sua ajuda... A imagem de Dora sangrando desesperou Miguel. Ele tocou a campainha mais uma vez e gritou:

— Já chega, ou o senhor abre essa porta ou eu vou chamar a polícia. Alguma coisa pode ter acontecido com minha namorada, ela pode estar precisando de socorro e o senhor está impedindo, está impedindo que eu a salve. Abra já essa porta!

Miguel estava transtornado. O porteiro acuado e preocupado abriu a porta, mas disse:

— Vou subir com o senhor.

— Faça o que quiser.

Miguel e o porteiro subiram pelo elevador, ao chegarem tocaram a campainha e nada. Tocaram mais uma vez e nada. Miguel não teve dúvida. Tomou distância para arrombar a porta. Não conseguiu da primeira vez, nem da

segunda, mas na terceira a porta cedeu. O porteiro assustado, não disse nada.

Um grito mudo saiu da boca do Miguel seguido de um urro de dor. O porteiro em choque não se movia, estava paralisado. Havia sangue muito sangue em volta de Dora. Miguel correu para Dora, sacudia-a em vão, dos frágeis punhos o sangue escorria freneticamente como a lava de um vulcão. Ela não estava acordada. Miguel gritava:

— Dora, por favor. Meu anjo, Dora, Dora!!!!!!!!!!!!!

Dora continuava inerte. O porteiro sacou o celular do bolso. Miguel disse apressado:

— Ligue para esse número. – Miguel jogou um cartão na direção do porteiro. — É do hospital que trabalho. Fale meu nome: doutor Miguel Albuquerque. Diga que é uma emergência. Liga agora! Agora!!!

O porteiro discava os números tremendo. Miguel tentava reanimar Dora. Tudo parecia ser em vão. Miguel gritava desesperado.

— Está falando com o hospital?? Diga que ela está viva, mas precisam vir urgente. Diga! Rápido, fala logo!

O porteiro repetia tudo que Miguel lhe dizia. Dora abriu os olhos e olhou para Miguel. Lágrimas escorriam dos verdes olhos de Miguel. *Ela ficaria bem! Ela ficaria bem! O pulso estava bom,* consolava-se Miguel. Ele segurava forte as mãos de Dora e dizia que tudo ficaria bem. Dora parecia muito fraca, mas conseguiu dizer ao Miguel antes que desmaiasse, mais uma vez:

— Ele me disse seu nome.

Miguel reconheceu ao lado do corpo de Dora, o celular que tinha perdido coberto de sangue. Um pensamento passou por sua cabeça sem que tivesse chance de impedir de pensar tal disparate: *Será que sou o próximo?*

– 12. Inconsolável –

Miguel estava sentado no banco do hospital desolado, suas mãos seguravam a cabeça mostrando tristeza e desespero. Lara chegou apressada, nervosa e preocupada. Correu para abraçar Miguel, como se pudesse com seu abraço minimizar um pouco sua dor, mas não podia.

— Eu sinto muito, Guel.

— Eu sei – respondeu secamente.

— Como ela tá?

— Está bem, considerando, bom, você sabe. Ela vai ficar boa.

— Você conseguiu falar com ela?

— Consegui. Ela disse que não foi ela quem cortou os punhos. Você sabe... Ela culpa o tal demônio.

— Eu sei.

— Ela disse que eu sou o próximo. Eu encontrei o celular que tinha perdido todo ensanguentado.

— O objeto que o tal demônio usa para indicar sua vítima.

— Isso.

— Ela ouviu seu nome?

— Foi o que ela me disse.

— Você está com medo?

— Não seja boba. Eu quero mais é que esse tal demônio apareça para eu acabar com ele.

— Miguel, eu sou sua amiga, você pode se abrir comigo.

— Eu não tenho medo nenhum do que não existe.

— Por mais que queiramos ser racionais, há sempre uma parte da gente que não é.

— Você me conhece – respondeu asperamente e já sem paciência.

Lara viu que não valia a pena insistir, ela conhecia bem seu amigo e sua dificuldade que tinha de mostrar qualquer tipo de fraqueza, por isso resolveu correr atrás do que era realmente útil, no fundo, era tudo que Miguel queria que cuidassem de sua Dora.

— Vou começar a dar antipsicótico. Quem está de plantão?

Lara viu que o rosto de Miguel amaciou quando ela mudou o foco da conversa para a recuperação de Dora. De verdade, Miguel estava certo. Era mesmo o que importava naquele momento.

— É o Rodrigo Venâncio. Você se lembra dele? – respondeu aliviado.

— Lembro sim. Vou falar com ele agora.

— O que você vai ministrar?

— Vou começar com Haldol.

Lara andou apressadamente em direção à U.T.I., precisava passar as coordenadas. Chegando lá viu Dora. Ela era mesmo linda, parecia um anjo adoecido repousando, alheia a todo desespero que lhe rodeava.

Após alguns instantes, Lara retornou e sentou-se ao lado de Miguel.

— Ela vai ficar boa, Guel.

— Eu sei.

— Você quer conversar?

— Não. Essa foi demais. Eu quase perdi meu anjo.

— Vou cuidar dela.

— Cuide muito bem dela.

— Pode deixar.

Miguel se afundou novamente no banco do hospital. No fundo ele estava com raiva da Lara. Ele achava que de alguma forma ela deveria ter previsto o que aconteceria. *Dora quase se matou! Como a Lara não percebeu isso? Como eu não percebi isso? Como eu deixei chegar a esse ponto?* Ao fazer a última pergunta, Miguel se calou. Ele sentia-se também culpado, muito culpado por tudo.

— Você vai ficar, Guel? – Lara quis saber, trazendo-o de volta à realidade.

— Até ela ficar bem.

— Eu preciso ir.

— Tudo bem. Depois nos falamos.

Lara pensou em abraçar novamente Miguel para dar a última força, mas

ele já estava afundado no banco do hospital, sem forças, por isso, tudo que disse foi:

— Pode me ligar para qualquer coisa.

— Obrigado. Eu sei.

O olhar de Miguel cruzou com o de Lara e ela soube que já tinha sido perdoada por seu amigo. *No fundo, ele está certo de ficar bravo comigo. Dora é minha paciente. Será que eu falhei?*

Lara começou a andar com pressa em direção ao elevador. Queria sair logo dali. Olhou para ver se Miguel a acompanhava com os olhos, mas percebeu, olhando aquele homem desolado, que ele estava triste e fraco demais para se distrair. Lara teve pena. *Aquele homem forte, atlético, cheio de si agora está fraco e perdido. Eu nunca podia imaginar que um dia o veria tão frágil. Ele ama Dora mesmo. O que eu fui fazer? Espero poder ajudá-la.*

– 13. Árvore sinistra –

Após uma semana, Dora apoiada em Miguel entrava no seu sobrado. Ela tinha aceitado passar alguns dias com ele até se recuperar. No fundo, Lara e Miguel temiam que ela voltasse a tentar o suicídio. Dora sabia que era ridícula essa preocupação, mas resolveu não discordar. Miguel a tratava com extremo zelo e cuidado, era como se qualquer coisa pudesse acontecer a qualquer instante. Ela parou na janela da sala e ali se deteve alguns instantes.

— O céu está preto.

— Vai chover forte.

— Eu sinto falta daquela árvore que tinha no outro lado da rua.

— Eu cortei.

— Eu sei, eu vi. Eu gostava de vê-la daqui.

— Eu comecei a não gostar dela.

— Por quê?

— Ela me lembrava do seu demônio.

— Ele gostava da árvore.

As pernas de Miguel bambearam. Ele queria mostrar para Dora que nada tinha mudado, principalmente que ele era o mesmo, forte e confiante, mas a verdade era bem outra: Miguel estava extremamente abalado, confuso e perdido. Reuniu as forças que tinha para conversar com Dora. Ele imaginava que ela precisava desabafar com alguém. Ele estava disposto a dar tudo a ela até a força que não tinha.

— Como você sabe que ele gostava da árvore, meu anjo?

— Ele me disse.

— Ele te falou por que fez aquilo com você?

— Aquilo o quê?

— Tentou te matar.

— Para eu aprender a não desobedecer.

— Você o desobedeceu?

— Sim. Assim que ele me disse seu nome. – Dora falava baixo e olhava para os lados assustada. Eu te liguei para contar. – Dora pegou nas mãos de Miguel como se lhe desse segurança. — Foi horrível o celular começou a tocar dentro de casa. E...e...ele... – Dora gaguejava apavorada. — Ele jogou o celular ensanguentado em cima de mim e me cortou.

Dora sabia que sempre que demonstrava fraqueza Miguel corria para ajudá-la. Nada importava, ele vinha cegamente em disparada. Ela queria e precisava sentir o apoio de Miguel.

— Eu sinto tanto, Dora. Eu queria ter evitado isso tudo. Eu prometi que te protegeria, mas não te protegi.

Dora olhava para o além, como se certificasse que o demônio não estava lá. Depois de alguns instantes observando, falou:

— Ele sabe de tudo. Foi ele quem pegou seu celular. Ele sabia que eu o trairia. Ele sabia que dessa vez eu não seria sua cúmplice. Ele sabia que eu correria para ligar para você. Foi por isso que ele escolheu o celular como objeto. Ele sabia todo o tempo.

Dora tremia. Era estranho para Miguel ver Dora assim alterada. Ela sempre tinha mantido o controle. *Tudo que ela viveu e ela tinha mantido a sanidade mental*, pensou Miguel. *Agora tinha sido demais para ela.* Lembrando-se que Dora nunca gostava de falar a respeito de um assunto que a incomodava, Miguel disse:

— Meu anjo, sente-se aqui. Vamos mudar de assunto.

Dora se sentou na poltrona e olhou Guel dentro dos olhos, ignorando sua sugestão.

— Ele sabia também que eu seria sua cúmplice nos outros casos. Ele sabia que eu não faria nada para salvá-los.

Dora olhou Miguel e depois para suas próprias mãos.

— Minhas mãos estão sujas de sangue. Eu matei aquelas pessoas. Fui eu.

Miguel achou que Dora dessa vez precisava desabafar e ele tinha que estar ali para apoiá-la.

— Não pense assim, meu anjo. Você não tem culpa de nada.

— Mas é a verdade. Você acredita em mim agora?

— Vamos aguardar o tratamento. Tudo vai passar, confie em mim.

— Foda-se o remédio, Guel.

Dora estava nervosa e já sem nenhuma paciência. Caminhava

apressadamente pela sala, parou do lado da janela e disse em um tom forte e alto:

— Me escute bem dessa vez! O remédio pode simplesmente impedir, inibir, ou sei lá o que, uma capacidade que eu tenho de ver, ouvir e saber. É real. Você precisa acreditar em mim. Quem pode dizer com autoridade que o mundo que a maioria vê é o mundo real? Por que o mundo que poucos veem não pode ser o mundo verdadeiro? Por um acaso tudo o que uma maioria faz ou pensa é legítimo? Desde quando a maioria tem capacidade para legitimar alguma coisa?

— Dora, eu só...

— Deixe eu acabar de falar. Isso já foi longe demais. Estou cansada de ter esse tipo de conversa com você. Você precisa me escutar, porra! — Os soluços tomaram conta de Dora e ela não conseguiu terminar a frase.

Miguel abraçou-a e disse baixinho em seu ouvido:

— Vai ficar tudo bem, meu anjo.

Dora afastou-o de perto de si, enxugou as lágrimas e ordenou:

— Deixa eu falar!

Miguel olhou-a em silêncio e Dora assumiu a conversa:

— Como eu estava dizendo, você acha que a maioria legitima alguma coisa? Então, o bom é ter inteligência mediana, altura mediana, beleza mediana, velocidade mediana, esperteza mediana? Todo o resto é anormal? Ser mais rápido, mais inteligente, mais esbelto, mais esperto, é anormal, é ruim? Saber de coisas que outras pessoas não sabem não é mais um dom como outro qualquer? É loucura? Por que, hein, Guel? Por que é falso meu contato com o demônio? Só porque você nunca viu? Isso torna tudo o que eu escuto falso? Você viu o vestido cheio de sangue? Você acha que fui eu que o coloquei lá? Você acha que eu não saberia se eu estivesse fazendo isso? Você acha que eu tentei me matar? Foi ele! É real! Você tem que acreditar em mim. Você precisa...

Miguel ficou transtornado de ver Dora descontrolada. Ele nunca a vira assim. Dora era calma, quieta e tranquila. Não reconhecia aquela mulher, tampouco sabia o que dizer a ela. Ele sabia que Dora clamava por seu apoio incondicional, mas ele ainda não tinha descartado um transtorno mental, muito pelo contrário, para ele agora era a única saída. Miguel não acreditava em qualquer força sobrenatural, para ele Dora estava louca. Ele tinha que insistir no tratamento. Era a única solução para seu anjo ficar bem.

— Meu anjo, faça o tratamento. Vai fazer bem a você. Seja o que for que você está passando, o fato é que não tem feito nada bem a você. Você podia ter morrido.

— Eu vou fazer, mas eu sinto muito por você não acreditar em mim. Eu

sinto de verdade. Quando você matou a árvore, eu achei que estava acreditando...

— Aquela árvore me lembrava seu demônio. Eu não sei o porquê disso. E eu acredito em tudo o que diz que viu e ouviu. Eu sei que para você é real, mas talvez não seja real de fato, entende?

— A árvore fazia você se lembrar do demônio porque ele gostava dela. Você sentiu isso, você percebe? Você não consegue acreditar no seu próprio sentimento? Tudo precisa ser tão racional? Que droga, Guel! Você viu o vestido com sangue. Você me viu estirada no chão? Isso não foi real o suficiente para você?

— Claro que foi.

— Você acha que eu fiz isso? Mais que droga, Guel! Não fui eu! Você está cego!

Miguel abraçou Dora forte. Ela era muito especial para ter que viver tudo o que vivia. Ele queria protegê-la de tudo aquilo, queria poder fazer tudo desaparecer, mas não podia.

Desde o dia em que se apaixonara por Dora, Miguel imaginou apenas felicidade. Ele queria dar a ela uma festa de casamento maravilhosa, depois construir um lar com Dora, constituir uma família, ter uma vida farta, alegre e boa. A realidade, porém, foi bem diferente, só o início do namoro foi feliz, logo Dora começou a aparecer machucada e os dias de tranquilidade e felicidade terminaram. Miguel amava Dora de uma maneira muito forte. Ele queria continuar imaginando sua felicidade com Dora, mas agora só via tristeza.

— Eu estou com você sempre. Não se esqueça.

— Disso eu sei.

Dora se deixou afundar no sofá. Recobrando seu olhar sereno e tranquilo, olhou para o Miguel e pediu:

— Eu quero um chocolate quente. Você prepara?

— Claro.

Miguel saiu da sala em direção a cozinha enquanto Dora admirava o vazio que via pela janela. *Aquela árvore faz falta. Eu gostava de tê-la aqui.*

– 14. Contra a parede –

Lara não tomava sua coca-cola habitual. Ao invés disso, ela pensava se era possível roer as unhas discretamente, mas teve a certeza que não era. Na poltrona à sua frente, Dora a fitava com desprezo. De alguma forma, Lara culpava-se por não ter percebido que Dora poderia cometer o suicídio. Dora estava farta de ninguém acreditar nela e não poupou esforços para mostrar sua insatisfação.

— Eu esperava mais de você – disse secamente.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com você, Dora.

— Eu confiei em você.

— Eu sei disso. Eu não imaginei que estivesse tão abalada – disse Lara sinceramente.

— Eu falei claramente a você que há um demônio me perseguindo. Você não acreditou.

— Sim, você disse.

— E agora? – desafiou irritada.

— E agora? – Lara olhou curiosa. *O que ela quer saber, meu Deus?*

— É, doutora Lara, o que irá fazer agora?

— Bom, eu já comecei seu tratamento. Tudo irá melhorar.

— Tratamento? É o que disse?

Lara sentia que cada frase de Dora era um tapa em sua cara. Ela sentia a irritação e a hostilidade de Dora estalando em sua própria pele como um chicote. Lara abriu a gaveta e olhou para a sua barra de chocolate ao leite da *Lindt* de trezentos gramas e pensou que depois daquela sessão iria poder devorá-la. Fechou a gaveta, voltando a si.

— Sim, eu ... – disse Lara um pouco insegura diante de uma Dora irritada e suicida, mas, antes que pudesse concluir sua frase, Dora a interrompeu

abismada com seus olhos faiscando de ódio.

— Tratamento?

Lara respirou fundo, manteve sua calma e educadamente afirmou:

— Sim, tratamento.

— Que porra!

Lara não imaginava que Dora pudesse ser tão brava e incisiva, porém, em vista de tudo que passou, a verdade é que não podia esperar outra coisa. *Sim, ela tinha o direito de estar nervosa.* Esse pensamento acalmou Lara que olhou para Dora com renovado interesse para retomar a conversa. Dora olhou mais uma vez com desprezo para Lara, levantou-se e disse:

— Você disse que existiam forças. Você disse que era uma hipótese o demônio existir e agora você vem com esse seu tratamento? Você é uma hipócrita, sabia? Para mim isso é demais. Eu vou embora.

Apesar dos olhos cheios de ódio de Dora, Lara levantou-se, posicionou-se bem na frente de Dora e disse:

— Sente-se, Dora. Nós ainda não terminamos.

Lara não entendeu por que, mas Dora se sentou, certamente não foi pela intimidação. Era perceptível que Dora não se abalaria com isso. *Ela não era esse tipo de pessoa*, pensou. *Foi alguma outra coisa que a fez ficar.* Lara não sabia o motivo, talvez fosse por Miguel.

Lara também se sentou em seguida e disse com calma:

— Dora, você precisa compreender que tivemos apenas uma consulta. Sinceramente, há a hipótese de ser o demônio, mas existe também a hipótese de ser um transtorno mental. Depois do que aconteceu com você, eu não posso arriscar. Eu preciso começar o tratamento imediatamente.

— Isso eu entendo – respondeu Dora com sua calma habitual.

Lara quis suspirar aliviada, mas conseguiu se conter. Dora disse:

— O que eu não entendo, doutora Lara, é você não fazer nada em relação à primeira hipótese.

— Eu sou psiquiatra, Dora.

— Você disse que me ajudaria. Achei que realmente quisesse me ajudar.

— Sim, eu disse sinceramente. – Lara queria realmente ajudar Dora, principalmente queria ajudar Miguel, seu amigo ficara desolado com o ocorrido.

— Considere também que seja um demônio, que eu quase morri por causa disso e faça alguma coisa.

— Se for um demônio, você mais do que ninguém deve entender que isso está fora do meu controle.

— E do meu.

— Não devemos nos concentrar em fazer aquilo que podemos?

— É lógico o que você está dizendo, porém eu sei que é inútil. Estou vendo que nosso horário acabou.

— Sim, é verdade.

— Eu vou embora.

— Até a próxima sessão.

Dora não disse nada e saiu. Não haveria uma próxima sessão.

– 15. Uma descoberta –

Dora deixou o consultório e Lara sentia uma pressão ruim dentro do peito. Ela já tinha devorado 300 gramas de chocolate, duas cocas e nada tinha ajudado. *O jeito era abrir mais uma barra de chocolate e me afundar nessa cadeira,* pensou derrotada. Lara sentia-se mal pela tentativa de suicídio de Dora, mas principalmente mal pelo seu amigo. *Eu entrei nessa para ajudar o Guel, mas de alguma forma eu falhei. Dora está puta da vida. Eu não tenho a confiança dela e agora nem do Guel. Merda. Puta merda! Vou tentar ligar para ele de novo...*

Antes que Dora discasse o número, seu telefone tocou.

— Sua próxima paciente – disse gentilmente sua secretária.

— Aquela nova?

— Exatamente.

— Isabela, peça para ela entrar.

Isabela era uma mulher solteira, que tinha seus trinta e muitos anos, extremamente séria, daquelas que passaram do ponto. Lara no início brincava muito com Isabela, mas logo percebeu que ou lhe faltava senso de humor ou ela não era dada a brincadeiras, fosse o que fosse, Lara resolveu parar. Lara também tentou fazer perguntas pessoais e criar uma espécie de laço afetivo, mas Isabela era seca e áspera em suas respostas, por isso mais uma vez resolveu não insistir. Assim, a relação era estritamente profissional. Lara só suportava aquela austeridade pela extrema eficiência de Isabela, que estava muito além dos padrões de uma secretária comum.

Isabela já tinha passado a ficha completa da nova paciente. Lara não sabia como e achava melhor continuar não sabendo, mas Isabela conseguia informações interessantíssimas sobre os pacientes que lhe eram sempre preciosas. Isabela não tinha jeito de que revelaria à Lara sua expertise. Lara pensava a respeito que quanto menos soubesse melhor.

Antes que entrasse a nova paciente, Lara girava em sua cadeira e seus

olhos perdidos observavam a rua. Ela ficava imaginando se deixara de alguma forma escapar o suicídio de Dora. *Não, ela não deu nenhuma pista. Não deu. Eu me lembro conversamos sobre seu demônio. Ela não parecia aterrorizada. Por que ela não estava aterrorizada? Eu teria ficado. Preciso perguntar o que ela faz para se sentir segura. E agora está irritada, também podia ter morrido. Mas porque ela não está assustada?*

— Olá. Prazer.

— Prazer, doutora.

— Sente-se, Clarice.

— Obrigada.

— Eu posso falar?

— Claro, quero que se sinta à vontade.

— Eu não estou aqui pela consulta. O buraco que eu sinto vai continuar sempre comigo e não acredito que qualquer terapia possa ajudar. Eu só quero conversar com a senhora.

— Não pense assim.

— Por favor, doutora, apenas escute o que eu tenho a dizer.

— Claro. Fique à vontade e me conte o que quiser.

— Eu estou aqui por causa de uma paciente sua.

— Que paciente?

— A que acabou de sair.

— Quero que entenda que por uma questão ética eu não poderei falar nada a seu respeito.

— Eu entendo.

— Você a conhece?

— Conheço. Ela namorou meu filho. Meu filho morreu.

— Eu sinto muito por seu filho.

— Disseram que ele morreu afogado. Eu não acredito.

— Eu acredito que sei quem é a senhora. Miguel é meu amigo, ele esteve com a senhora na missa de sétimo dia do seu filho.

— Sim, ele esteve.

— Fiquei em dúvida. Você mencionou que ela namorou seu filho que morreu afogado, quer dizer que supostamente morreu afogado?

— Exatamente.

— Engraçado, eu tinha entendido que Dora tinha namorado seu outro filho.

— Dora?

— Sim, é o nome da paciente que acaba de sair.

— Não, o nome dela é Samanta.

Lara arregalou os olhos assustada, dessa vez não conseguiu controlar suas expressões faciais tamanho foi o choque. *Meu Deus, que mentira era essa?* Após alguns instantes, Lara quis entender:

— Eu não entendo. Até onde eu sei, o nome dela é Dora. Ela namorou o Antônio, mas estava no *yacht* quando o Fernando morreu. E o Fernando namorava uma mulher que via um demônio e o nome dessa mulher que era Samanta.

— Na missa de sétimo dia do meu filho, o Miguel me disse que meu filho era um antigo namorado de sua namorada e que ele a tinha procurado. Eu estranhei, pois a Gisele foi a única moça que Antônio namorou seriamente. Então, o Miguel me mostrou a foto da Samanta e eu disse que ela realmente tinha namorado meu filho, só não esclareci que ela tinha sido namorada do Fernando.

— Mas por que você já não esclareceu tudo para o Miguel na hora?

— Bom, ele disse que o Antônio estava procurando a Samanta e ela por algum motivo mentiu para Miguel dizendo que ele era seu ex-namorado. Meu filho foi assassinado e eu pretendia falar com a Samanta para saber se ela falou com o Antônio, antes dele morrer, o que ele disse e etc. Eu tive medo de que, se eu desmascarasse sua mentira, ela não quisesse falar comigo.

— Entendi. Você já conversou com ela?

— Não. Antes de falar com ela, eu queria descobrir mais a seu respeito.

— Mas como eu disse eu não posso falar nada.

— Não precisa. Já descobri que ela veio para cá mentindo sobre quem é. Isso é mais do que suficiente.

— Eu sou amiga de Miguel. Eu terei que contar a ele sobre a Dora ou a Samanta, seja lá qual for seu nome.

— Pode contar, pouco me importa.

— Talvez, depois disso, ela não vai querer falar com você, exatamente como você temia.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Eu não quero mais falar com ela. Com licença, eu preciso ir.

Clarice levantou-se e se despediu. Lara pensou em impedi-la, por Miguel ela queria saber mais sobre quem era Samanta, o que ela já tinha descoberto a seu respeito, mas, ao mesmo tempo, como psiquiatra de Dora ou Samanta, seja

lá ela quem for, ela não podia quebrar o protocolo, por isso disse:

— Clarice, espere. Como eu disse, Miguel é meu amigo. Eu posso lhe dar seu telefone. Vocês poderão conversar livremente. Eu tenho certeza que ele não fará nenhuma objeção.

— Não precisa. Eu já tenho.

E assim, Clarice deixou o consultório de Lara. Lara estava pasma. Não sabia o que pensar. Olhou para a segunda barra de chocolate e começou a devorá-la. *Mais uma coca também cairia bem.*

– 16. Eu preciso te contar... –

Miguel tinha a sensação de que seu coração tremia. Ele não sabia em que pensar. Lá estava seu anjo, puro e imaculado, revelando mais um segredo, talvez grande demais para ele. *Ela tinha me dito que tinha contado tudo. Ela mentiu. Ela mentiu de novo.*

— Dora, quer dizer, Samanta, eu não sei o que pensar. É difícil, muito difícil.

— Guel, você precisa entender. Eu nunca quis mentir para você. A mentira era para mim mesma. Eu quis acreditar que eu era outra pessoa. Eu precisava...Eu...

Samanta parou de falar, a vontade de chorar era maior, o soluço veio, parecia desenfreado e sem controle, as lágrimas caíram e ela deixou sua cabeça cair sobre os braços em cima da mesa. Miguel levantou a mão direita, ele pensou em colocá-la sobre a cabeça de Samanta e lhe dizer que ela não precisava ficar assim, mas sua mão permaneceu imóvel, ele não conseguia confortá-la. Ele não sabia quem era aquela mulher. Ele não sabia se a pessoa que ele amara um dia existira realmente.

Samanta olhou para seu café, uma das raras vezes que não quis tomá-lo, afastou-o para alcançar as mãos de Miguel que estavam do outro lado da mesa, porém Miguel tirou as mãos a tempo e as mãos de Samanta retraíram-se vazias.

Samanta resolveu que beberia, enfim, seu café. Deu um pequeno gole e ele desceu amargo e frio por sua garganta. Ela queria tocar em Miguel, ela sabia que um carinho abrandaria seu coração, mas percebeu que era cedo demais para isso, antes ela tinha que explicar tudo.

— Guel, me desculpe. Eu vou te contar tudo. Eu prometo. Só me escute.

Os olhos azuis de Samanta estavam abertos implorando a Miguel apenas uma chance. Miguel não quis olhar aqueles grandes olhos por muito tempo, ele não podia abraçá-la agora, ele tinha apenas que ouvir sua história para decidir o que faria. *Eu preciso apenas escutá-la. Mais nada.* Miguel assentiu com a cabeça

e Samanta começou a falar:

— Tudo começou quando eu ainda era criança. Eu tinha sete anos. O demônio aparecia quando eu dormia, nos meus piores pesadelos. No início, foi muito assustador. Sabe, eu me abalava tanto que eu não queria mais dormir, nunca mais na vida. Eu tentava passar as noites acordada, mas, é claro, que eu não consegui levar isso por muito tempo e sempre que dormia ele aparecia para mim. Depois ele começou a aparecer sem que eu precisasse estar dormindo. Nessa época eu já estava mais acostumada com ele. Eu sentia medo, é claro, mas não era mais como antes. Ele começou a falar comigo, contava coisas que sabia de mim, às vezes, me contava segredos, sabe, de pessoas próximas, às vezes ele me falava do futuro e dizia coisas sobre a vida, coisas que eu não sabia, como sexo, inveja, ambição, ira, morte e outras coisas que uma criança não conhece realmente. Ele me falava coisas ruins sobre as pessoas, seus sentimentos mais sórdidos, vivia me incentivando a fazer maldades. Ele gostava de me dizer que seríamos unidos de um jeito ou de outro. Hoje eu entendo o que ele queria dizer. Não me olhe assim, Guel. Esse olhar de dúvida. Eu vivi isso, Guel. Escute apenas.

Miguel esforçou-se para não olhar seu anjo com um misto de pena, ódio e desilusão. Tudo indicava que ela sempre fora louca, completamente louca, tão louca que acreditava que sempre existiu um demônio em sua vida e que conversava com ele. Ele entendia que para ela era real, porém para ele, extremamente racional e cético, acreditar naquilo era demais. Doía-lhe no peito descobrir de forma tão escancarada a loucura completa do seu anjo imaculado. No coração doía saber que seu sonhos com Dora jamais se concretizariam. Aquela louca não poderia ser a mãe de seus filhos. Ele era racional demais para saber que uma loucura assim estava além da cura e da redenção. Sabia que tinha que esquecê-la, que aquilo era o fim do seu amor. Isso rasgava seu coração, pois ele a amava e como a amava. Era muito difícil ver o castelo que tinha construído para sua princesa ruir completamente.

Os grandes olhos azuis, porém, desarmavam Miguel de um jeito inexplicável. A simplicidade de que a amava de verdade fazia tudo parecer fácil. Por instantes, ele acreditava que seu anjo, tal como ele sempre a vira, poderia voltar, que podiam encontrar uma cura, que tudo era possível, contornável e até prático. Era nisso que Miguel queria acreditar. Em uma saída, uma esperança, uma alternativa para aquela realidade funda e inexorável.

Miguel estava perdido e confuso. Não sabia se Samanta sempre fora louca ou se a loucura tomava-lhe agora completamente e de tal forma que tinha passado a fantasiar sua vida, contando histórias que nunca aconteceram.

Samanta sabia exatamente o que Miguel estava sentindo. *Ele tinha que saber que ainda era eu, seu anjo, que estava ali.*

— Miguel, me deixe explicar. Você entenderá. Eu não estou louca. Eu ainda sou seu anjo. Nada, nada mesmo mudou. Ouça minha história. Você verá que é verdade, a mais pura verdade.

Samanta olhava dentro dos olhos de Miguel, os olhos abertos, tão abertos que fazia parecer impossível esconder o que quer que fosse. Miguel vendo-a assim sentia que era sincera. Os olhos de Samanta eram tão puros para Miguel que ele sentia que podia enxergar sua alma por eles.

— Me conta tudo.

— Vou contar – disse com um longo suspiro. — Um dia eu fiz uma maldade. Eu nunca me perdoei. Eu era criança, tola, eu não pensei que podia ser tão grave. Sabe, eu nunca te contei, mas meus pais ajudaram a criar uma menina da minha idade, filha da nossa empregada, ela se chamava Júlia. Eu nunca gostei dela. Ela pegava minhas coisas, destruía meus brinquedos, minhas bonecas e batia no meu irmão caçula, além disso ela mentia a todos dizendo que era filha dos meus pais e realmente eles gostavam tanto dela que a tratavam como filha e faziam vista grossa para essa mentira. Sabe, todos gostavam muito dela, ela era querida, linda e popular, mas para mim e para meu irmão ela era infernal. Um dia, por inveja ou raiva, sei lá, eu revelei seu segredo para todos que a conheciam. Ninguém mais quis falar com ela. Ela ficou sem amigos, calada e isolada. Deve ter sofrido muito. O demônio apareceu gargalhando muito alto para mim. Ele sempre gargalhava, mas naquele dia ele estava ainda mais exaltado, parecia triunfante. Ele disse que tínhamos nos tornado cúmplices para toda vida. Ele sempre me atiçava a fazer algo contra ela e eu nunca tinha feito até esse dia. Nesse dia foi como se eu finalmente tivesse mordido a maça proibida. Não haveria mais volta, foi o que ele me disse. Ele estava certo. Depois disso, tudo começou a desmoronar a minha volta. Então, uma foto que tínhamos de nós quatro – papai, mamãe, eu e meu irmãozinho – em um porta retrato antigo apareceu quebrada no chão com todos os rostos riscados, menos o meu. Eu sabia que era coisa do demônio, mas não quis dizer nada. Eu tinha medo. Minha mãe me deu uma bronca. Eu aceitei como se tivesse sido mesmo culpada. O demônio, então, me deu o nome de minha mãe, do meu pai e do meu irmão pequeno. Eu sabia que não era coisa boa. Eu gritei com o demônio para que não fizesse nada a eles. Eu chorava implorando. Eu me lembro, como se fosse hoje, de sua risada sarcástica. Deixei de dormir e de comer, fiquei transtornada, eu sabia que algo de muito ruim aconteceria. Eu tive que ser internada no hospital. Não adiantou nada. Ele me chamava de fraca e ria, ria muito. Minha família inteira morreu queimada em casa, só eu escapei. Foi horrível. Eu acho que depois disso eu passei alguns anos sem dormir de verdade. Eu perdi a vontade de viver.

Miguel sentia um profundo sentimento de compaixão por Samanta. Fora a

compaixão que o levara a ser médico em primeiro lugar e em segundo o lugar o fascínio de salvar vidas. Foi, por isso, que quando saiu da faculdade Miguel resolveu que faria residência em cirurgia geral. Após um período, Miguel se desiludiu com essa especialidade. Passou a se irritar com o fato de que a medicina não era uma ciência exata, por vezes ele fazia tudo conforme aprendera e o paciente não se salvava, outras vezes que dava o caso por perdido o paciente do nada se recuperava. Irritava também o fato de que ele fazia tudo pela saúde do paciente, mas o paciente muitas vezes não se ajudava ou pouco se importava. Pior ainda era quando Miguel salvava a pessoa, mas tinha a sensação de que ele não devia ter interferido. Miguel se lembra de que uma vez salvou a vida de uma mulher que ficou tetraplégica. A mulher olhou nos olhos de Miguel e disse: *Você não devia ter se metido nos caminhos de Deus! Era para eu ter morrido! Você vai pagar por isso!* Miguel teve, então, conhecimento que a medicina às vezes não era boa, só prolongava uma vida de sofrimento contra muitas vezes a vontade da própria pessoa, mas sabia que como cirurgião geral, pouco importava uma coisa ou outra, a ordem era salvar sempre, não importava a vontade do paciente ou a sua própria vontade. Miguel fora obrigado a atender os piores tipos de seres humanos, ele sabia que tinha salvado a vida de muitos bandidos baleados que mataram gente inocente. Tudo isso somado às milhões de noites mal dormidas fizeram com que Miguel trocasse a cirurgia geral pela ortopedia. Depois de concluir a residência em ortopedia e traumatologia, Miguel quis continuar na residência para se especializar também em medicina esportiva. Foi trabalhando com ortopedia que Miguel percebeu que queria era trabalhar com atletas, pessoas que, assim como ele, importavam-se com saúde e performance.

Apesar da desilusão de Miguel na arte de salvar vidas, o fato é que nada disso abalou sua compaixão. Miguel reconhecia o drama que Samanta pensava ter vivido. Tentava imaginá-la no auge dos seus sete anos com toda sua família carbonizada e a crença abominável de que tinha um demônio à sua espreita. Uma vida de medo e traumas. Miguel sentia suas pernas fraquejarem e uma tristeza avassaladora invadiu sua alma. *Ninguém merecia passar por aquilo, muito menos meu anjo.* Miguel não aguentou e quebrou seu silêncio, exaltado:

— Que horror, meu anjo! Eu sabia que você tinha perdido sua família em um incêndio, mas não podia imaginar...Você tinha que ter me contado.

— Eu sei... Eu nunca mais vou mentir. Eu juro. Depois que perdi minha família, fui morar com a minha Tia, irmã da minha mãe. Eu já falei dela para você.

— Claro, a Tia Leila que te criou.

— Tia Leila sempre foi muito boa para mim. Ela sabia tudo que eu já tinha sofrido e por isso sempre fez tudo por mim. Acho que, por isso, o demônio

nunca quis fazer mal a ela. Ela era maravilhosa para mim. Eu era como uma filha para ela. Ela nunca se zangava comigo ou me reprimia, não importava o que eu fizesse. Ela me entendia. Eu fiquei triste de verdade quando ela morreu.

— Eu imagino, meu anjo.

— Tia Leila é tudo para mim.

— Foi.

— Ainda é. Sabe, depois que ele matou minha família inteira, o demônio me disse que eles não me amavam como deveriam. Ele disse que eu tinha que ser forte para me separar de quem não era bom para mim, que as lágrimas só podiam ser usadas com quem valesse realmente a pena. Eu não dava ouvidos e chorava até as lágrimas secarem. Ele ria do meu choro e dizia que um dia eu aprenderia a deixar de ser fraca. Eu acho que eu nunca aprendi. Quando eu chorei pela morte da minha Tia, ele deixou, não me disse nada. – Samanta derramou mais lágrimas, suspirou fundo, olhou com seus grandes olhos azuis para Miguel e desabafou: — Eu sinto tanto a falta da minha tia. Ela sempre acreditou em mim. Se ela estivesse aqui, eu não estaria tão sozinha.

Assim que terminou essa última frase, foi inevitável, os soluços vieram fortes, Samanta já não conseguia dizer mais nada, tinha se entregado àquela avalanche de sentimentos que a possuíram completamente. Miguel nunca tinha visto Samanta tão emocionada. *Devia ser muito difícil relembrar de tudo,* pensou solidário.

Miguel não disse nada, nenhuma palavra cabia ali, nada parecia adequado, por isso apenas a olhou com carinho e ternura. Seu amor era o maior conforto que ele podia dar. Um amor imenso que sobreviveria a mais aquele terremoto. Um amor como o seu não morria simplesmente. Miguel a amava além e acima do que quer que fosse, assim gostava de pensar, heroico. Samanta sorriu para Miguel, contendo suas lágrimas. Aproveitou a trégua para lançar suas mãos ao alcance das de Miguel, dessa vez elas se deixaram apanhar, as mãos permaneceram unidas em silêncio. Samanta aliviada com o perdão de Miguel acariciou suas mãos e levou-as até a boca para um beijo de agradecimento. O verde dos olhos de Miguel brilharam e ele deu aquele sorriso que Samanta conhecia tão bem. *Ele tinha me perdoado.*

— É tão bom ter você por perto, Guel. Não é fácil relembrar de tudo isso. Eu quero continuar. Eu quero te contar tudo, não quero mais segredos entre a gente. – Miguel assentiu e Samanta continuou a contar sua história: — Eu nem preciso dizer que eu fiquei traumatizada por um longo período. Perdi totalmente a vontade pela vida. Fiquei feito uma zumbi até o início da minha adolescência. Minha tia sofreu muito com meu isolamento. Aos poucos, acho até que pelo amor que ela sempre me deu, fui superando o trauma e voltando ao mundo, mas

eu nunca voltei realmente. Talvez porque o demônio nunca tenha me largado, talvez porque o trauma tenha sido fundo demais. Eu não sei mesmo. Eu sei que eu não me tornei a pessoa que eu deveria ser. Eu me fechei. Por medo do demônio, eu me aperfeiçoei na arte do silêncio, também aprendi a não demonstrar quaisquer emoções que eu estivesse sentindo, fossem boas ou ruins. Por causa disso, muitas pessoas me consideram quieta e até fria. Elas não sabem o que eu passei. No fundo, eu só queria impedir que o demônio entrasse mais na minha vida. Eu não queria que ele soubesse qualquer coisa de mim. Eu só queria que ele sumisse. Até para minha tia, que era tudo para mim, eu evitava fazer demonstrações de carinho e afeto. Eu não sei se tudo isso que eu fiz ajudou em alguma coisa, pois, no final das contas, ele esteve sempre presente, mesmo quando eu mesma estava ausente de mim. Ele continuava sempre perto dizendo suas coisas para mim. Até hoje eu não entendo como ele sabe de certas coisas. Eu nunca mais usei qualquer informação que ele me deu ou fiz quaisquer coisas que sabia que ele aprovaria, mesmo assim ele continuava dizendo que eu seria sua cúmplice por toda a vida. Aquilo me mortificava. E o pior é que ele estava certo.

Samanta olhava para os olhos compassivos de Miguel e respirava aliviada certa de seu perdão.

— Até eu conhecer o Fernando, apesar do demônio estar ali, ele já não me assustava tanto. Vamos dizer que eu aprendi a conviver com ele. Ele não se tornou melhor ou mais agradável, mas eu me acostumei. É verdade quando dizem que a gente pode se acostumar com qualquer coisa.

— Isso explica porque às vezes você parecia tão resignada e indiferente em relação a tudo que acontecia com você. Antes de me contar sobre o Fernando, me diz por que você mentiu sobre o demônio? Por que você não me disse que ele sempre esteve na sua vida?

— Eu demorei para te contar porque tinha medo que você não acreditasse em mim... Se eu contasse que ele sempre esteve comigo, que matou minha família, sobre o Fernando, eu temia que você achasse que eu era louca e desaparecesse da minha vida. E, Guel, eu não podia te perder. Eu te amo. De certo modo, eu não menti. Eu contei a você tudo o que aconteceu com a Dora.

A lembrança de que Miguel não sabia nada do passado da vida de seu anjo, fez uma onda de indignação tomar conta de si. Ele não conseguia pensar claramente. Ele sentia-se traído, bobo, ingênuo. *Como ela pôde mentir para mim? Eu que sempre fiz tudo por ela. Como meu anjo pode me ferir tanto assim?* Miguel tinha vontade de chorar, mas segurava suas lágrimas engolindo seus soluços secos e ásperos herculeamente. Após controlar um pouco seus ânimos, Miguel despejou sua indignação:

— Talvez você tenha me contado sobre o que aconteceu com a Dora, mas

e com a Samanta o que aconteceu? Você fingiu que a Samanta era outra pessoa! Você fingiu descobrir que estava com o demônio da Samanta! Por que você fez isso? Eu não entendo o motivo daquele teatro. Por quê, Samanta? É muito estranho chamá-la assim. Não sei se irei me acostumar...

— Guel, você foi até o Rio atrás do Antônio. E...

— Aliás, por que você mentiu que tinha namorado o Antônio? E por que o Antônio escreveu aquele bilhete ameaçador para você?

A essa altura, Miguel já havia controlado a serpente dos soluços que lhe queria saltar pela boca. Samanta que conhecia o coração derretido de Miguel admirou o jeito com que ele domou aquela fera. Pensou até em brincar com Miguel, mas sabia que as circunstâncias não permitiam essa indelicadeza:

— Calma, eu vou explicar tudo, Guel.

— É bom explicar...

— Guel, quando o porteiro te entregou o bilhete ameaçador do Antônio, eu tive que mentir, a resposta mais fácil foi dizer que ele era meu namorado e estava me perseguindo. Eu não queria te falar sobre meu passado. A verdade é que eu não consegui falar com o Antônio antes dele morrer, mas vou contar o que acho que aconteceu. Acho que o Antônio começou a pensar que eu tive alguma coisa a ver com a morte do Fernando. Só pode ter sido isso. Talvez isso aconteceu de tanto que a Clarice martelou em sua cabeça que o Fernando tenha sido assassinado. O atestado de afogamento só provava a ela que alguém tinha afogado seu filho. Todos conheciam seu delírio. Ninguém levou realmente a sério, nem o Antônio. Eu não sei por que ele mudou de ideia. Depois de pensar a respeito, eu acho que foi coisa da Gisele. Você a conheceu na missa de sétimo dia. Gisele era a noiva de Antônio. Eu contei para ela sobre o demônio. Eu contei mais que isso. Eu contei tudo para ela. Nós acabamos ficando muito amigas, pois o Antônio e o Fernando viviam grudados. Ela prometeu que nunca diria nada a ninguém. Eu sempre tive medo de me acharem louca, mas eu tive que desabafar. Acredito que depois de um tempo ela deve ter dito ao Antônio e ele deve ter desconfiado de mim, pois ele era cético como você. Eu não sei se foi isso que aconteceu eu nunca mais falei com ela, mas só pode ter sido isso. Depois eu acho que Antônio resolveu “jogar verde”, sabe? Me escrever esse bilhete louco e ver como eu reagia. Ele não sabia que pouco importava como eu reagiria, mas, sim, como o demônio reagiria. Bom, ele não gostou nem um pouco dessa ameaça. Você sabe o que aconteceu com o Antônio. Eu perdoei o fato deles terem pensado mal de mim. O demônio não perdoa.

— Você sabia que o demônio mataria o Antônio?

— Você sabe que sim. Tirando minha família, eu sempre soube. O demônio tem mesmo razão, eu sou sua cúmplice.

— Você quis me avisar, você quase perdeu sua vida.

— Por você eu me arriscaria de novo, Guel.

— Eu sei... Eu...

Miguel e Samanta se olharam. Miguel quis abraçá-la, mas algo ainda o incomodava. Ele endureceu novamente os olhos e inquiriu Samanta, fingindo controlar suas emoções, seu amor.

— Por que você fez aquele teatro que estava com o demônio da Samanta?

— Você tinha ido ao Rio. Eu vi como você ficou impressionado com a Clarice e com a convicção que ela carregava de que as mortes de seus filhos estavam ligadas. Eu sabia que você iria querer entender mais. Eu queria te contar que ela estava certa, que o demônio estava por trás de tudo. Mas como eu poderia dizer isso? Então, eu contei sobre a Samanta, assim você saberia de tudo, só não sabia ainda que eu era a Samanta...

— Por que você já não aproveitou e me contou que você era a Samanta?

— E com que coragem? Eu tinha mentido para você sobre ter namorado o Antônio e não o Fernando, tinha mentido a respeito de quem eu era, eu queria te contar, mas tive medo de te perder. Então, resolvi contar tudo, mas como se fosse outra pessoa, como se não fosse eu. Você entende?

— Mas agora você está me contando...

— Eu vi que eu não tinha mais alternativa. A Clarice está me procurando. Ela sabe que eu namorei o Fernando. Eu sei que ela irá procurar por você. Achei que você devia ouvir tudo pela minha boca.

— É verdade. Deixaram um recado no hospital. Eu fiquei tentando lembrar se alguma paciente minha se chamava Clarice. Nem me lembrei que a Clarice também era a mãe do seu ex-namorado...

— De certa forma, eu quis também proteger nós dois do meu passado. Eu nunca quis trazer de volta quem eu era. Eu queria que tudo ficasse para trás. Eu queria ter me libertado do demônio. Eu não aguento mais... – Samanta deixou sua cabeça cair sobre os braços e começou a chorar.

Miguel queria consolar Samanta, mas ainda não conseguia mover seus braços para abraçá-la como sempre fizera. Aos poucos o gelo derretia e ele se aproximava de Samanta. Ela sabia, pelos olhares que ele lançava, suplicantes e desesperados, que logo ele a abraçaria. Miguel até esse dia nunca tinha suportado ficar tanto tempo perto de Samanta sem a abraçar.

Samanta levantou a cabeça, seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas e de súplica, ela pegou nas mãos de Miguel, mais uma vez ele deixou ser acariciado e a olhou ternamente. Samanta abriu seus olhos, que para Miguel tinham a pureza do azul da água mais cristalina, e pediu perdão:

— Você precisa me perdoar, Guel. O demônio, você não tem ideia, ele sempre me perseguiu. Depois que o Fernando morreu afogado, eu não suportei, eu sabia que eu era culpada, eu sabia que o Fernando morreria, o demônio me avisou, eu pedi, eu pedi muitas vezes para ele não tirar o Fernando de mim, mesmo assim ele o matou. Eu tinha que mudar quem eu era. Eu não suportava mais ser a Samanta. Eu tinha que fugir de mim mesma, ser outra pessoa, recomeçar do zero. E realmente depois que eu mudei para São Paulo, de nome, de vida, de tudo, ele parou de aparecer para mim. Eu comecei achar que eu podia ser mesmo feliz. Eu pensei: *Meu Deus do céu, ele finalmente vai me deixar em paz!* Foi aí que eu te conheci. Eu achava que daria certo. Eu não achei que ele voltaria. Se eu soubesse, eu não teria saído com você, não teria, não se soubesse que ele iria querer te matar. Não, nunca, nunca mesmo. Mas depois que eu comecei a namorar você, ele voltou. Ele voltou diferente. Antes ele era mais suave, apesar de aterrorizador, agora ele está pior, bem pior. Talvez ele não suporte minha felicidade. Eu não sei. Os castigos pioraram, ele não gargalha como antes, não me conta mais coisas que sabe das outras pessoas, fala pouco, quase nada, antes ele falava comigo sempre, agora só me diz quem matará e me ameaça de morte, antes ele nunca fazia isso. Eu era uma espécie de amiga, eu acho. Agora eu não sou mais. Ele já não gosta de mim. Acho que me considera um caso perdido. Alguma coisa quebrou para sempre quando eu fugi. Ele não gostou. Para ele isso representa fraqueza. Eu sou uma fraca, eu sei que ele pensa assim. Ele ainda não me perdoou. Eu comecei a apanhar e cada vez mais e mais. Eu...

Miguel não conseguia dizer nada. Samanta via as lágrimas se acumularem em seus olhos verdes, depois ele rapidamente as enxugava antes que descessem pelo rosto. Ela sabia que tudo estava sendo demais para Miguel. Ele sofria com ela.

— Não é fácil. – Miguel disse com o olhar mais leve.

— Nunca foi. Eu ganhei minha primeira lesão quando quis contar tudo para o Fernando. Antes de ter coragem, ele me fez mudar de ideia e o Fernando morreu.

— O demônio te fere por que você tem a intenção de delatá-lo às vítimas?

— Em parte sim. Mas me deixe te contar tudo, tudo mesmo.

— É isso que eu quero.

— Realmente, algumas lesões representam minha intenção de salvar as vítimas do demônio, mas não é só por isso que eu sou castigada. Eu sempre fui castigada por um motivo ou por outro. Mas antes eram pequenas bobagens que o demônio fazia, como sumir ou estragar coisas que eu gostava, me trancar no quarto por um tempo ou me assustar. Agora ele está cruel, ele me machuca,

você viu, ele quase me matou.

— Eu vi... – Miguel olhou para o chão, uma agonia apertou seu coração quando veio à sua cabeça a imagem de seu anjo todo ensanguentado. Mas não queria que seu anjo pensasse nisso, por isso quis continuar a conversa e entender mais sobre as aflições do seu anjo:

— Por quais outros motivos ele te castiga?

— Fraqueza.

— Como assim?

— Quando eu sinto culpa, remorso, pena, compaixão, eu sou castigada. Para o demônio isso é ultrajante.

— Mas são esses sentimentos que nos tornam humanos.

— Não, Guel, para ele é isso que nos torna fracos. O conceito de humano para o demônio está ligado à força e ao prazer.

— Você concorda com ele?

— Eu não quero falar sobre isso. – Samanta desviou os olhos e algumas lágrimas caíram. Miguel quis compreender que sua amada temia sofrer novas dilacerações se dissesse o que realmente pensa. Esse pensamento de alguma forma o inquietou, afinal como ela podia revelar tanto sem ser penalizada depois.

— Você pode realmente me contar isso tudo?

— Hoje pouco me importa. Eu preciso contar tudo a você. Mas, não se preocupe. Eu não estou revelando nada que já não tenha acontecido De qualquer jeito, ele sabe também que ninguém nunca acredita realmente em mim – ao falar isso algumas lágrimas brotaram nos olhos de Samanta e ela as derramou docemente.

Miguel olhava para Samanta e ela parecia ainda mais imaculada do que antes, tudo que ela sofrera a transformava em uma mártir. *Ela era mesmo um anjo, aterrorizada por um demônio, pura e endurecida pelo sofrimento. Tantos anos de violência e tortura e a maldade ainda não foi despertada no meu anjo. Ela mantém acesa sua ingenuidade, sua pureza, deve ser isso que encanta tanto o demônio. Ela continua quem ela é. Tantos anos de castigos e ele não conseguiu embrutecê-la. Só conseguiu fazer com que ela aceitasse sofrer, aceitasse sua cruz*, pensava Miguel ainda mais enamorado. Um pensamento pousou rapidamente no cérebro de Miguel e assustou sua lógica. *Mas o demônio não existe*. Miguel recuperou o fôlego quando lhe veio a cabeça que os loucos só são loucos por acreditarem em suas loucuras. *Pouco importa, existe para ela. Para ela é uma realidade*.

As lágrimas continuavam caindo dos olhos de Samanta. Miguel em um súbito sentimento de compaixão aproximou sua cadeira e a abraçou. Eles

ficaram abraçados por alguns minutos sem nada dizerem um ao outro. Depois disso, Samanta afastou seu corpo, algo a impedia de desfrutar mais aquele momento:

— Eu não queria que você passasse por isso, Guel. Eu achava... Eu fui ingênua. Eu pensei que com você tudo pudesse mudar. Eu acreditei que eu tinha me livrado dele para sempre, mas ele ressurgiu, mais bruto do que antes. É claro que ele não permitirá que eu seja feliz. Eu não tenho dúvida disso. Ele vai te matar, Guel. Eu tenho que ir embora. Eu tenho que te deixar, só assim ele desistirá. Não podemos mais ficar juntos. Não podemos...

Miguel estava sem falas. Nunca imaginou que, depois de tudo, seria Samanta que o deixaria. Ele quis correr atrás e impedi-la, mas ainda não tinha forças. Ele deixaria para amanhã. Ele tinha muito em que pensar.

– 17. Pesadelo –

Miguel acordou suado e assustado. Fazia muito tempo que ele não tinha um pesadelo. Aliás, Miguel não teve muitos pesadelos durante sua vida. Ele era uma daquelas pessoas agraciadas com o bom sono, rápido, profundo e reparador. Miguel orgulhava-se de deitar em qualquer canto iluminado ou barulhento e dormir, simples assim. Isso sempre foi uma grande vantagem e motivo de inveja de seus colegas na época em que sua vida era tomada pelos plantões.

Miguel estava deitado em sua cama com os olhos bem abertos, suas mãos tremiam e seu coração batia acelerado. Ele não tinha vontade de fechá-los. Tinha medo de voltar a dormir, é claro que jamais admitiria isso, nem a si mesmo. Estava em choque. Ele não sabia que um pesadelo podia ser tão real. Era como se tivesse vivido de verdade. Era insano.

No pesadelo ele estava na cama em seu quarto e se levantou para tomar uma água, então, com o copo d'água na mão foi até a janela da sala para olhar a rua e lá reinava absoluta a árvore sinistra. Aquilo o assustou de tal maneira que o copo se espatifou no chão. Ele se lembrava muito bem que tinha derrubado a árvore. Saiu correndo de casa em direção à árvore e foi, então, que viu no meio da escuridão brilhando enormes olhos brancos, havia algo ali, era o demônio, mas não qualquer demônio, Miguel tinha a certeza de que ele era o demônio da Samanta.

O demônio era preto como piche, pela pele escamas úmidas e gelatinosas desencorajavam qualquer toque e davam a impressão que quem quer que nelas encostasse ficaria preso sem chances de se soltar. Ele tinha o corpo de um humano, embora fosse enorme como um gigante. Assustavam suas garras afiadas e imundas de terra e sangue, que denunciavam não apenas a habilidade de rasgar qualquer tipo de carne, como também a capacidade de cravarem no solo impulsionando uma corrida veloz como a de um felino. A face do monstro era aterrorizadora, os olhos eram completamente brancos, tornavam impossível saber para onde ele estava olhando e o que queria, mesmo assim Miguel não

tinha quaisquer dúvidas que em seu pesadelo o demônio o encarava faminto e o agarraria se quisesse.

Miguel, após ficar dez minutos absolutamente atônito, resolveu sair da cama. Olhou para o relógio e viu que não era nem quatro horas da manhã. Caminhou até a cozinha, esquentou uma xícara de leite no micro-ondas enquanto a água do café fervia no fogão. Miguel não sabia em que pensar. Pensou em ligar para Dora, quer dizer, Samanta, para contar do pesadelo, mas era muito cedo ainda, quis também ligar para Lara e contar que Dora era Samanta, mas o horário continuava o mesmo. *Ligaria para as duas depois*, concluiu. Terminou seu café com leite e começou a pensar em tudo, não sabia nem por onde começar... Lembrou-se do dia em que conheceu Samanta na livraria, do primeiro café que tomaram juntos, do seu sorriso angelical e de sua voz macia, lembrou-se do seu silêncio, Miguel apreciava que ela nunca chegou nem perto de parecer aquelas mulheres tagarelas e assustadoras, lembrou-se de suas feridas e cicatrizes, do seu olhar frio e distante, talvez calejado, provável olhar de quem já sofreu muito. Lembrou-se de ontem, da revelação, de como seu anjo tinha chorado, de como se abriu, talvez pela primeira vez, dos seus olhos grandes azuis e indefesos. Veio-lhe de uma só vez toda história de vida de Samanta em sua cabeça, todo seu sofrimento, todas suas marcas, seu grande olhar triste e aquilo de alguma forma dilacerava sua energia e sua força. Miguel não aguentou o peso das lembranças, largou a xícara no chão que se espatifou em mil pedaços e finalmente chorou. Sem ninguém por perto, ele pode chorar até cansar. Finalmente.

Quase seis da manhã e Miguel continuava deitado no chão da cozinha. A luz solar entrando mais forte pela janela deu a Miguel o ânimo suficiente para se levantar, quando fez isso, viu que sua perna sangrava, resultado provável de tê-la forçado contra algum caco estilhaçado. Com um pouco mais de atenção, pode notar a poça de sangue que tinha se formado. *Provavelmente terei que dar pontos.* Esse pensamento lhe veio à cabeça sem pressa ou sentido. Ele pouco se importava com aquilo. No rosto ele tinha o olhar que achava já tinha visto algumas vezes em Samanta, distante e perdido. Pegou o telefone e quis ligar para ela. *Ela já devia ter acordado para ir correr*. O telefone tocou algumas vezes até que ela atendesse.

— Eu te acordei? – perguntou Miguel.

— Não. Eu não dormi essa noite, Guel.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu fiquei pensando em tudo e perdi o sono, foi só isso. Você está bem?

— Não muito.

— Conseguiu dormir bem?

— Não, eu tive um pesadelo.

— Como foi?

— Eu sonhei com um demônio, ele estava do lado da árvore sinistra, aquela que eu derrubei. Eu sei que ele queria me devorar. Foi tão real. Parecia verdade. Você já sonhou com isso?

— Já perdi as contas de quantas vezes eu sonhei com o demônio e...

— Alguma vez o demônio queria devorar alguém?

— Sim.

— E depois que sonhou, aconteceu alguma coisa?

— Ainda não.

— É recente?

— É.

— Quem ele queria devorar?

— Eu tive um pesadelo com você, Guel. Eu até contei para Lara. Era você quem ele queria devorar.

Miguel sentiu a voz de Samanta fraquejar. *Ela não queria ter me contato isso,* foi o que pensou.

— O que aconteceu no seu sonho?

— Você quer mesmo falar sobre isso, Guel?

— Quero.

— Você morria.

— Como era seu sonho?

— O demônio aparecia rindo, depois te encarava com aquele olhar horrível dele...

— Os olhos brancos?

— Exatamente.

— Eu sei.

— Depois você começava a ficar aflito, queria fugir, mas...

— Mas eu não conseguia. E depois?

— Depois ele simplesmente te engolia.

— Ele é enorme?

— É.

— No pesadelo que eu tive, ele queria me devorar, mas ficou só ali me encarando.

— Será que ele desistiu de te matar porque eu me separei de você?

Tomara que sim. Acho que você não teve um pesadelo. Acho que ele quis me dar um recado de que você está livre, Guel. Ai, eu estou aliviada, Guel.

Miguel, que estava apreensivo e assustado, também suspirou aliviado. Samanta sorriu do outro lado da linha.

— Você se assustou, não foi? No começo é mesmo assustador, mas depois...

— Me assustei nada!

— Você me perdoou, Guel?

— Você sabe que é impossível ficar bravo com você, meu anjo.

— Eu só agi como agi, pois eu queria uma nova chance. Eu achava que merecia a chance de ser feliz. Eu não aguentava mais ser a Samanta. Eu queria ser outra pessoa. Eu nunca tive a intenção de magoá-lo. Eu só queria mesmo ter uma chance de ser feliz. Agora eu sei que é impossível para mim. Não importa o que eu faça, ele me perseguirá. No fundo eu acho que eu já sabia disso.

Miguel que sabia que seu anjo não era de falar muito, quanto mais por telefone, estranhou aquele desabafo, mas compreendeu que ela sentia necessidade de se explicar. No fundo, talvez Samanta não acreditasse que Miguel a havia perdoado totalmente ou sentia-se culpada por ter fugido na tentativa de se libertar do demônio mesmo sabendo, ainda que inconscientemente, que isso não era possível. Esses pensamentos passavam pela cabeça de Miguel, pois ele queria compreender Samanta para que sabendo dos seus medos e receios pudesse convencê-la a ficar ao seu lado. Ele a amava.

— Você não estava falando sério ontem quando me disse que iria me deixar?

— Eu estava e pelo visto acho que fiz a coisa certa. Você acabou de me dar o sinal que eu implorei durante a noite toda. Ontem, eu fiquei mal com nossa conversa, nem consegui dormir. Eu vi que te feri e essa nunca foi minha intenção. Doeu em minha alma decidir deixá-lo, mas fiz porque te amo, para que nada te aconteça, para que você possa viver sua vida e ser feliz com alguém menos problemática que eu. A dura verdade, Guel, é que se você ficar comigo, você pode morrer. Eu não quero isso. Eu não suportarei te perder.

— Meu anjo você não tem culpa de nada. Eu te amo. Nós podemos ficar juntos. Eu acho...

— Eu tenho culpa. Eu sei que tenho. O pior é que apesar de eu saber que te deixar é o melhor que eu posso fazer por você, eu não quero isso. Sabe, um outro pensamento me ocorreu durante essa noite que passei em claro. Você sabe o que dizem que quem ama deve permanecer unido, lutar junto e até o fim, somente essa luta verdadeira pela felicidade do amor poderia realmente significar vitória, que não seria só sua, mas minha também, seria nossa, nossa

vitória pela felicidade. Pensando nisso tudo eu fiquei perdida, sem confiança, e implorei aos céus por um sinal. E o sinal veio, você me ligou, me contou do seu pesadelo, o demônio não te devora, apesar de ter fome, ou seja, ele mudou de ideia, você viverá, pois saiu da minha vida. Era o que eu precisava saber para deixar você seguir em paz seu caminho. De certa forma, estou em paz agora, pois sei que nada acontecerá a você. No fundo eu sabia que era muito romantismo querer lutar ao seu lado, meu amor, e até o fim pela nossa felicidade.

Miguel estava muito emocionado para conseguir falar muito, mas conseguiu segurar por instantes a emoção e dizer forte com seu coração:

— Eu quero você comigo, meu anjo. É tudo que quero. Eu enfrentarei tudo, se estiver comigo.

— Guel, você não percebe? Você está livre. Está livre de mim, do demônio e de toda essa loucura que você nunca quis acreditar.

Miguel amava seu anjo demais para conseguir passar sua existência sem que ela estivesse ao seu lado. Morrer ou não morrer parecia algo secundário naquele instante. Tudo que ele queria era poder ver seu anjo todos os dias. Ver seu rosto angelical, seus cabelos dourados, sua boca perfeita, seus grandes olhos azuis, seu anjo era tudo que Miguel precisava para ser feliz, assim ele sempre pensou. Afinal, ela continuava seu anjo imaculado e idolatrado. De alguma forma, para Miguel tudo fazia sentido quando estava com Samanta. O mundo, enfim, tinha razão para existir. Doía em seu coração, mais que qualquer medo, mais que qualquer coisa, a ameaça de viver longe do seu anjo.

— Eu não quero ficar livre. Eu já te disse uma vez e repetirei quantas vezes forem necessárias. Eu estou do seu lado, meu anjo, isso é para sempre. Eu te amo. Tudo o que eu quero é estar com você.

— Será que se ficarmos juntos, estaremos fazendo o que é certo? Eu não quero te prejudicar...

— Eu só tenho chance de ser feliz se a tiver ao meu lado. Você sabe que é verdade. Você é meu anjo. É tudo que mais me importa. Não vou deixar que saia da minha vida. Nós dois já enfrentamos juntos bastante coisa e temos nos virado bem.

— Eu não suportarei te perder. Eu tenho medo. Se alguma coisa acontecer a você, eu nunca irei me perdoar.

— Se o demônio quer nossa separação, faremos o oposto disso. Ficaremos juntos e o venceremos.

— Agora você acredita nele?

— Acredito. Acho que sim... Meu sonho foi tão real, você nem tem ideia de como foi real.

— Isso eu tenho.

— Vou dormir um pouco. Estou cansado. Você também devia tentar dormir um pouco.

— Acho que será mesmo uma boa ideia.

Miguel desligou o telefone e ficou ali parado pensando em suas próprias palavras: *Eu acredito nele. Como isso tinha acontecido? Bom, certamente o pesadelo foi real demais. O fato de Dora, quer dizer, Samanta ter sonhado praticamente a mesma coisa não ajudava. Droga, onde está minha lógica? Será que a lógica racional é a única que pode prevalecer? Será que no final não existem mesmos mais mistérios e mais coisas que não conhecemos? Merda! O que eu estou falando!!?? Não é possível que exista um demônio. Ou será que é? Eu tenho a sensação de que o pesadelo foi real. Será possível? Eu vivi aquilo. Eu sei. Eu tenho certeza. Será que estou ficando louco? E meu anjo acredita mesmo nisso. Será que somente algumas pessoas conseguem ver esse tipo de coisa. Será que agora eu sou uma delas? Há tanta coisa que eu sabia e agora eu já não sei...*

Miguel estava cansado e com muito sono, não era um boa hora para ficar divagando. Deitou na cama e deixou o sono derrubá-lo. Após duas horas, Miguel acordou e resolveu fazer outro café pois o que tinha feito já devia estar morno e gostava do café forte e quente. Ficou ali pensando enquanto preparava mais um pouco de café. Lembrou-se de Lara, que queria falar com ela. *O que ela diria disso tudo? Acho que ela não se espantará no final das contas, afinal foi sempre ela que acreditou que existem coisas que nós não conhecemos direito. Talvez, dessa vez, eu finalmente dê o braço a torcer. A conclusão de uma das nossas discussões foi que se o ser humano não tem poderes mágicos para prever coisas, tem que haver alguma outra coisa que consiga penetrar em nosso inconsciente e nos dar a previsão. Acho que o demônio faz isso com meu anjo. Ele é parte dessa força. Se alguém pudesse ouvir meus pensamentos diria que é absurdo o que eu estou pensando, como eu mesmo já disse tantas vezes. Não adianta chegou a hora em que eu tenho que acreditar no meu anjo e no seu demônio ou tomá-la por uma louca completa que fantasia as mortes que a rondam. Eu acredito no meu anjo. Eu não estou louco. Eu vi seu demônio. Eu sei disso. Posso imaginar o impacto que esse monstro causou a uma criança. Como ela suportou?*

Miguel foi até sua janela e para seu grande espanto a árvore sinistra estava lá. Seu coração disparou, outra xícara se estilhaçou pelo chão. *Como aquilo era possível?*

Saiu em disparada em direção à arvore como no pesadelo. Assim que chegou lá teve uma certeza: era ela. Percebia-se no tronco as machadadas que Miguel desferira, mas aparentemente não tinham sido suficientes para derrubar a árvore. Mas isso era impossível, Miguel tinha visto a árvore caindo. Samanta também. *A árvore de alguma forma foi reconstruída? Como aquilo era possível?* Miguel estava assustado demais. Resolveu ligar novamente para Samanta. Ela atendeu.

— Olá, Guel.

— Desculpe te ligar de novo.

— Mas você não ligou.

Nesse momento, Miguel percebeu que estava sonhando e acordou. Correu para janela e a árvore não estava lá, sentiu um alívio. Ao mesmo tempo, Miguel sabia que aquele alívio era fraco, sem valor. Miguel tinha sentido o demônio, sua presença, tinha experimentado, mais de uma vez, um sonho incrivelmente real, como nunca havia antes experimentado em toda sua vida, tudo aquilo não podia ser coincidência. *Não podia.* Miguel estava incrivelmente perdido. Tudo que sempre acreditou e defendeu podia, afinal, estar errado.

De repente algo forte apertou seu coração, ele quis muito falar com Lara, sua amiga verdadeira, tinha que desabafar. Ele precisava disso. Pensou em ligar, mas queria vê-la, ter seu conforto, ver seus olhos, carregar-se em sua segurança. Saiu apressado de sua cama, colocou a primeira roupa que encontrou, pegou as chaves do carro e correu em direção a seu consultório. Já eram oito e meia da manhã.

– 18. Um ombro amigo –

No consultório Isabela e Miguel se encaravam. Ela estranhava que aquele rapaz, que já encontrara antes extremamente alinhado, estava com uma bermuda velha e uma camiseta amarrotada e um pouco suja ao que parecia de sangue. Miguel sabia que estava longe de estar apresentável, mas pouco se importava. Isabela continuava encarando-o. Miguel fechou a cara e olhava o relógio a cada segundo que passava. Nenhum dos dois dizia uma palavra. O silêncio reinava absoluto. Finalmente Lara entrou pela porta do consultório aliviando a tensão que se espalhava pelo ambiente. Lara não conseguiu disfarçar a surpresa de encontrar Miguel ali, notou que os olhos de Miguel brilharam forte quando a viram entrar, ela percebeu que se ele pudesse a abraçaria ali mesmo. Lara observou que Isabela lançava um olhar de rapina para ambos. Sem dar chances para quaisquer questionamentos, Lara secamente informou:

— Bom dia, Isabela. Não vou querer ser interrompida.

— Bom dia, Miguel. Me acompanhe, por favor.

Assim que fechou a porta do consultório. Lara abraçou seu amigo. Ela sabia que ele estava precisando de um longo abraço. Ficaram ali por instantes, longos instantes. Miguel deixou-se cair nos ombros de Lara e ali mesmo chorou como uma criança. Lara não disse nada, apenas abraçou-o com mais força.

Alguns minutos se passaram com os dois ali juntos, finalmente Miguel conseguiu reunir forças e desabafou:

— Eu precisava tanto te ver.

Lara abriu um enorme sorriso, só mesmo nos sonhos mais loucos imaginava Miguel lhe dizendo isso. Ela só não o agarrou naquele instante, pois sabia que Miguel não estava ali porque estava se declarando, mas pedindo socorro.

— Sente-se aqui, Guel – disse com as mãos em cima da poltrona.

Miguel se jogou na poltrona e disse:

— Precisamos conversar.

— Eu imagino, meu amigo.

— Eu estava desesperado para te ver. Você é minha melhor amiga. Você sabe, né?

— Eu sei, meu querido. Me conta! O que aconteceu?

— É tanta coisa...

— Fale tudo que vier na cabeça.

— Eu descobri que o verdadeiro nome da Dora é Samanta e essa não foi a única mentira. Ela mentiu ao dizer que namorava o Antônio. Na verdade, ela tinha namorado o Fernando. Ela fingiu na minha frente que teve um choque ao descobrir que estava com o demônio da Samanta, mas ela era a própria Samanta. Ela ainda me contou que demônio a acompanha, desde muito pequena.

— Eu descobri ontem à tarde que Dora é Samanta.

— Por que não me contou?

— Calma, Guel. Fiquei sabendo ontem à tarde e tentei te ligar várias vezes e não consegui. Eu planejava hoje ir até o Sírio para falar com você pessoalmente.

— Eu joguei fora meu celular com chip e tudo. Você se lembra ele estava todo ensanguentado e...

— Claro que me lembro.

— Lara, mas como você ficou sabendo? Falou com a Dora, quer dizer Samanta?

— Não, a Clarice, a mãe, aquela que você conheceu na missa de sétimo dia, esteve aqui. Ela não veio para uma consulta, ela queria que eu falasse sobre a paciente que tinha acabado de sair do consultório, a Dora. Eu disse que não podia contar nada sobre a Dora. Foi, então, que a Clarice me disse que o nome daquela paciente era Samanta. Depois disso ela disse que já tinha descoberto o suficiente e foi embora.

— O que ela queria com a Samanta?

— Ela disse que queria conversar com ela, mas depois que soube que a Samanta mentiu sobre quem de fato era, ela disse que já não precisava falar com ela.

— Por que será?

— Não tenho a menor ideia, Guel. Foi tudo muito estranho.

— Eu estou perdido, Lara. Já não sei em que pensar. Eu tive um pesadelo horrível com um demônio – disse quase sussurrando.

— Como foi?

— Eu acordei, parecia realmente que estava acordando, sabe? Daí fui para a cozinha e peguei um copo de água, caminhei até a janela da sala e foi, então, que vi que a árvore sinistra, que eu tinha derrubado à machadadas, continuava ali, fiquei surpreso e saí correndo de casa em direção à árvore. Ali do lado da árvore estava o demônio da Samanta. Ele era tão negro que era difícil perceber ele naquela escuridão, eu só o notei pelos terríveis olhos brancos, inteiramente brancos, que me olhavam famintos. Ele ficava apenas me encarando. Depois eu acordei.

— A árvore sinistra é aquela que parecia um monte de tridentes reunidos?

— É, a própria.

— Você a derrubou?

— Um dia após descobrir mais um corte violento na lombar da Dora, quer dizer Samanta, e ela ter me dito que era o demônio, eu fiquei louco, fui lá e a derrubei. Acho que fiz isso, pois já que não podia acabar com a droga do demônio ao menos eu podia destruir o que me lembrava ele.

— E você sonhou com a árvore restaurada e o demônio?

— É.

— Você teve um sonho que pareceu realidade. Isso é possível, cientificamente para o cérebro é como se você tivesse vivido aquela experiência. Já se descobriu que o cérebro responde aos estímulos recebidos durante o sonho exatamente da forma que responderia se a pessoa estivesse acordada.

— Lara, isso não foi tudo que aconteceu.

— O que mais aconteceu?

— De madrugada eu acordei de verdade, depois do pesadelo, eu acho que eram umas quatro horas da manhã. Fui até a cozinha fiz um café com leite, derrubei a xícara que se espatifou no chão. E depois, lá pelas seis, acordei no chão da cozinha com o sol na minha cara e eu estava com um corte e na hora eu não me liguei, mas agora eu não sei se foi o demônio. Foi coincidência demais e... Bom, eu liguei para Samanta e depois fui até minha cama para dormir. Eu estava exausto. E aconteceu de novo. Eu sonhei que estava acordando, que vi a árvore sinistra da janela, fui para fora para ver se era a árvore e realmente era, daí eu resolvi ligar para Samanta e, quando falei com ela, eu me toquei que estava dormindo e acordei, te liguei e vim para cá. Foi tudo muito louco. Pareceu tudo real. Eu não sei o que pensar...

— Guel, como eu disse, o que aconteceu com você foi um falso despertar repetido. Não estranhe que sinta que tudo foi real. De fato, para o cérebro é como se tudo tivesse acontecido.

— Lara, mais sério que tudo é o que eu vou te contar agora: eu estou

acreditando nesse demônio. Eu quero fingir que não, eu sei que é absurdo achar que ele realmente possa existir. Bom, você sabe como eu me sinto em relação a esse tipo de assunto, mas depois do sonho, é doido, mas eu acho que ele existe.

Lara sabia como era difícil para seu amigo assumir que acreditava no demônio. Ele confessando desse jeito era realmente algo que Lara nunca imaginaria acontecer. O pesadelo deve ter sido mesmo extremamente real. Fosse outra a situação, Lara gozaria do Miguel até se cansar, mas Miguel estava muito abalado, o que era fácil de se notar, tanto pela combinação estranha de roupas mal passadas e sujas que vestia, como pelo seu rosto perdido, cansado e triste. Por isso, tudo que Lara queria era ajudar seu amigo do jeito que conseguisse, apesar de Lara não ser cética como Miguel, ela achava que um pouco de lógica lhe faria muito bem.

— Guel, calma. Você teve um falso despertar. Como eu já disse, o sonho ativa partes do cérebro tal como na vida real e nos dá a sensação que realmente aconteceu. Tudo isso acontece e não há nada de estranho, principalmente diante de tudo que você tem vivido. Lembre-se de tudo que você sempre acreditou. Pense com lógica. Eu sei que não sou tão descrente como você em relação a esses assuntos, mas temos que manter o pé bem fincado ao chão e descartar todas as explicações lógicas antes de realmente acreditarmos nesse demônio. O mais provável é que ele não exista. Vamos com calma. Vamos pensar racionalmente, Guel.

— Eu sei. É que estou tão perdido... – disse estendendo a mão para que Lara a pegasse.

Lara se levantou e pegou na mão de Miguel, assim que fez isso, ele se levantou e a abraçou de novo. Passados alguns instantes, Lara tomou coragem e resolveu dizer:

— Guel, eu preciso falar com você e talvez não seja agradável o que eu vou dizer. O que você sabe realmente sobre a Samanta? – Mas antes que Miguel respondesse, Lara continuou: — A verdade é que não sabemos muito a respeito dela. Ela mentiu a respeito sobre quem era. Ela mentiu sobre quem namorou. Ela pode estar mentindo sobre o demônio. Pense comigo. Pode ser que ela tenha inventado toda essa história do demônio.

— Mas por que ela faria isso?! – Miguel estava transtornado. Lara sentia muito de ver seu amigo naquele estado.

— Isso não sabemos, mas podemos investigar.

— Mas e os cortes? O último corte que apareceu nela, aquele da lombar, não tem jeito dela ter feito sozinha.

— Ela pode ter um cúmplice – ao dizer isso, um pensamento veio a cabeça de Lara: *e se fosse Miguel?*

Lara não queria pensar aquilo, mas não conseguia interromper a corrente de pensamentos. *E se Miguel estivesse ferindo Samanta? E se ele se aproveitou da história do demônio para machucá-la? E se ele estava se aproveitando da pobre Samanta, atormentada por um demônio, para assustá-la ainda mais? Não, isso não tem sentido. Miguel nunca faria isso! Eu o conheço. Ele jamais. Não, de jeito nenhum. O que eu estou pensando? Ele está em frangalhos. Ele a ama. Ele nunca faria mal a ela. Será? E se ele tiver transtorno dissociativo de personalidade? Miguel com dupla personalidade? Não...Será?*

Miguel não disse nada. E eles ficaram alguns minutos em silêncio, até que Lara não conseguiu se controlar.

— Você mencionou que o demônio aterroriza Samanta desde muito pequena.

— É, ela me disse que ele matou a família dela em um incêndio.

— Depois vou querer que me fale sobre isso. O demônio sempre feriu a Samanta?

— Ela disse que antes ele era mais amigo dela, porém a castigava às vezes e que depois que fugiu, mudou de nome e começou a namorar comigo, ele piorou e começou a feri-la mais.

— Depois que começou a namorar com você?

— É, foi isso que ela me contou.

Não tem nada a ver, Lara! Lara esforçava-se para tirar aqueles pensamentos de sua cabeça, porém ela imaginava um Miguel diferente, violento, aproveitando-se dos delírios e alucinações de sua amada durante as madrugadas. *Pode ser que seja ele. Ele pode não ter consciência da sua outra personalidade. Será? Lara, seu amigo veio atrás de você pedindo ajuda e você o coloca no banco dos réus? Você o conhece mais que ninguém. Pare de pensar besteira e foque em seu amigo. Olhe para ele. Ele precisa de você, da sua ajuda.* Com esse último corte às suas fantasias, Lara conseguiu se controlar e inocentar seu amigo em seu coração, afinal aquilo eram apenas conjecturas que ela fazia para tentar explicar o que estava acontecendo.

— Você me disse que ela perdeu sua família em um incêndio, como foi isso?

Miguel, então, começou a contar em detalhes toda conversa que tivera com Samanta, falou sobre a foto do porta-retratos riscada, o incêndio, a morte de sua família, e o impacto dessas mortes na vida de Samanta, contou sobre sua tia amada que a adotou e a compreendia como ninguém, de como se fechou para o mundo para se defender do demônio, de como o demônio conversava com Samanta, dos castigos por fraqueza, de como sofreu com a morte do Fernando e que, por isso, resolveu mudar de nome e de vida, do distanciamento do demônio até sua mudança de comportamento com a adoção de castigos físicos severos.

Tudo isso de alguma forma acalentou ainda mais o coração de Lara que percebia pelas descrições de Miguel uma possível evolução da psicose.

— Guel, você acha que Samanta foi sincera?

— Ela foi. Ela viveu tudo que disse, nem que seja em sua imaginação. Ela não mentiu. Não, acho que não...

— Guel, vou ser sincera com você. Eu estou tão perdida como você. Existe essa possível psicose da Samanta, mas ao mesmo tempo há inúmeros acontecimentos no mundo físico absolutamente reais. Ela pode ter fantasiado as mortes, depois delas terem ocorrido, ao mesmo tempo ela insiste em dizer que sabia delas antes mesmo de acontecerem, porém como ela não disse nada antes para nós, não temos como saber se ela realmente sabia. E se ela realmente sabia das mortes antes de acontecerem, provavelmente ela é a assassina. Ou, é claro, se existir esse demônio, pode ter sido ele – disse essa última parte buscando o olhar de Miguel. Via-se claramente que a Lara só tinha incluído o demônio em suas conjecturas em respeito ao Miguel que agora acreditava nele.

— Ou existe outro assassino – completou Miguel.

Quando Miguel disse isso, um frio percorreu lentamente a coluna de Lara, pois lhe veio à tona todos os pensamentos cruéis a respeito de Miguel e sua suposta dupla personalidade, mas dessa vez ela conseguiu interrompê-los antes que eles ganhassem força:

— E por que esse outro assassino iria querer contar sobre as mortes para Samanta, Guel? Qual o sentido disso? E como ele conseguiria copiar o demônio da imaginação dela?

— Eu não sei. Pode ser alguém que a odeie ou um louco.

— Não, acho que não. O demônio a persegue desde a infância, esse suposto assassino não conseguiria assustá-la como seu legítimo demônio, não conseguiria imitar o padrão. Ela perceberia a farsa.

— Mesmo se a Samanta for mentalmente doente, ela perceberia a farsa? Ela mesmo disse que quando mudou-se para cá o demônio estava diferente.

— Sim, diferente, mas era ele.

— Pode ser, mas acho bom perguntarmos isso também para Samanta.

— Claro, mas quando perguntar tenha em mente que ela pode ser a assassina. Tudo o que sabemos é o que ela sempre nos contou – asseverou Lara.

Miguel viu dureza no olhar e sua amiga, mas sabia que ela estava se esforçando para pensar fria e racionalmente, tudo para ajudá-lo. Aquelas acusações contra seu anjo soavam absurdas aos ouvidos de Miguel. Se Lara conhecesse seu anjo, saberia que julgá-la uma assassina era absurdo. Em toda sua vida, Miguel não tinha conhecido alguém mais doce e delicado que Samanta.

A verdade, porém, é que Miguel não conseguia mais pensar. Ele queria que alguém pensasse por ele. Estava perdido. Ele tinha ido atrás de sua amiga apenas para desabafar, para ela lhe dizer o que fazer pura e tão somente, mas percebeu que sua amiga não podia fazer isso sem entender o que acontecia, precisava entender para poder realmente ajudá-lo. *E faz sentido, eu também precisava entender*. Foi nesse espírito que Miguel quis saber:

— E por que ela iria querer fantasiar tantas mortes com um demônio? Por que simplesmente não matou as pessoas sem chamar a atenção para esse fato?

— Pode ser que ela só quisesse matar uma pessoa. Pode ser que armou esse circo, essa cortina de fumaça, para que a gente não enxergue isso claramente.

— E ter todo esse trabalho?

— Por que não?

— Eu não a vejo como uma assassina. Para mim é muito estranho ter essa conversa...

— Eu sei, Guel, mas temos que pensar em tudo. Como eu posso te falar isso sem chocá-lo? Acho que não tem como... Tenha em mente que chegou a hora de aventarmos todas as possibilidades. Você já pensou que ela pode ser mais que uma simples assassina, pode ser uma psicopata? Calma, não me olhe assim. Vamos pensar com calma. Se ela for, pense apenas nisso, bom, então, ela pode ter friamente assassinado essas pessoas e depois fantasiado suas mortes apenas para nos enganar, para que a julgássemos doente, assim, se um dia ela fosse pega, ela seria uma psicótica e poderia escapar da cadeia e acabar em um hospital psiquiátrico.

— É muita coisa para pensar. Mas psicopata, o meu anjo? Não... E tem mais, as mortes são acidentais.

— São mesmo?

— Claro que são.

— O Antônio nós sabemos que foi assassinado. E a Clarice tem certeza que o Fernando também foi assassinado.

— Está bem, Lara. Vamos pensar. Quem morreu até agora? O Fernando e o Antônio, um nós sabemos que foi assassinado com certeza. A vizinha de Samanta se suicidou, ok, ela poderia ter sido jogada da sacada. A Raquel que morreu em um acidente de carro, dificilmente foi assassinada, mas podemos verificar qual foi a causa da morte. E eu sou o próximo da lista.

— É verdade, nós sabemos que o demônio disse seu nome. É o único caso que temos certeza de que ela sabia antes de acontecer...

— Você quer dizer, se eu morrer...

— Se tentarem te matar, Guel, nós saberemos que ela realmente pode ser sua assassina.

— Não podemos esquecer que também pode ser esse demônio ou um outro assassino.

— Guel, não existe essa hipótese de outro assassino.

— Pode existir, Lara.

— Se houver um outro assassino amedrontando a Samanta, ele só pode ser uma pessoa.

— Quem?

— Você.

— Você acha que sou eu? – perguntou Miguel com sorriso nos lábios, fazendo cara de suspeito.

— Cala a boca! E vamos nos concentrar no que interessa! Pense comigo, uma psicopata gostaria de todo esse espetáculo. Imagina só, como pode ser fascinante para ela matar as pessoas, acusar um demônio e ninguém nunca desconfiar dela.

— Mas se ela é uma assassina, psicopata ou não, como você explica os cortes no corpo dela?

— Como eu disse, o último corte eu tenho certeza absoluta que não foi ela quem fez, foi na lombar, era impossível.

— Nem com um instrumento?

— Acho difícil.

— Então, temos que considerar a hipótese dela ter um cúmplice.

— Lara, nem acredito que vou dizer o que vou dizer... Mas tudo indica que seja mesmo um demônio. É claro que relutaremos contra essa hipótese, mas é o que os fatos mostram. Afinal o que nós temos de concreto? Mortes naturais, pesadelos, assombrações...

— Será que é isso que os fatos mostram ou o que a Samanta nos contou? Vamos investigar!

— Sim, você está certa, Lara.

— Vou te levar para sua casa, Guel. Você está um caco.

— Vou aceitar.

Lara estacionou o carro de Miguel em sua garagem. Colocou as mãos no ombro do amigo e disse:

— Nunca pensei que um dia diria isso, mas lá vai: você está um lixo, Guel. Cuide desse machucado, descanse, durma, tome banho e se alimente, pelo

amor de Deus. Deixe por enquanto a investigação comigo. Você não se importa, não é?

— Não, vá em frente. Eu não sei mesmo o que pensar...O que você quer descobrir, Lara?

— Tudo, meu amigo. Tudo e tudo.

— Eu quero ajudá-la. Isso é assunto meu. Eu não devia envolvê-la desse jeito.

— Deixa de bobagens, Guel. Você está um lixo. Descanse bastante e só depois me procure, está bem? Espero que até lá eu tenha descoberto alguma coisa.

— Tomara que sim. E tome cuidado.

— Todo cuidado é pouco, sei disso.

Lara abraçou o amigo para lhe dar forças. Miguel olhou a amiga. Ela tinha sido muito gentil. Pensou em chamá-la, convidá-la para entrar, ele podia fazer um café, mas estava extremamente cansado e sem forças. Lara parece que adivinhou seus pensamentos:

— Nem pense nisso, Guel. Vou embora. Quero começar o quanto antes nossa investigação. Tomamos café juntos outro dia, está bem? E olhe para você! Você precisa dormir agora.

— Mas eu não estou cansado...

— Não está uma ova! Eu te conheço, se esqueceu? Agora seja um bom menino e vá dormir – Lara deu uma piscada para Miguel e sorriu de lado.

Assim que Miguel virou as costas, Lara disse:

— Não vai dar um beijo na sua amiga?

Miguel sorriu, beijou a amiga. Lara devolveu o sorriso e se foi. Depois de alguns instantes, Lara olhou para trás e viu Miguel entrando em casa, sorriu aliviada. Lara acelerou o passo em direção ao ponto de táxi.

– 19. Do outro lado da cidade –

Clarice estava sentada em um café lendo o Jornal. Havia uma xícara de café expresso terminada e um prato com um resto de bolo de laranja. Olhou para o relógio de pulso. *Dez e vinte. Ele está atrasado há vinte minutos. Droga!*

Clarice pegou o garfo e comeu mais um pedaço de bolo de laranja. Chamou o garçom e pediu mais um expresso. Voltou a ler o jornal. *Só notícias desinteressantes. O que eu estou fazendo? A resposta que procuro não está no Jornal.* Desde que perdera o Fernando, Clarice tinha a fantasia de que leria no Jornal a respeito de sua morte. Na imaginação de Clarice a polícia descobriria que o Fernando havia sido mesmo assassinado. Clarice quase podia ver a notícia publicada: *Polícia descobre que Fernando Dias Aguiar, empresário que foi encontrado morto em Angra dos Reis pela família, em 10/04/2010, foi assassinado. O Instituto Médico Legal atestou afogamento no óbito, mas a mãe da vítima, Clarice Dias, sempre soube que seu filho tinha sido assassinado, por isso comandou uma investigação para descobrir seu assassino.* A reportagem, então, seguiria com os resultados da investigação e terminaria com uma declaração apaixonada de Clarice sobre o instinto maternal. Quem quer que olhasse aquela elegante senhora tomando café com seus belos óculos escuros não poderia imaginar que debaixo daquelas lentes brilhavam lágrimas.

Clarice abaixou o Jornal e o viu. *Finalmente. Lá estava ele.*

Geraldo Roberto era o tipo de investigador, cuja aparência não impunha respeito. Era magro, baixo, muito baixo, não tinha de jeito nenhum mais que um metro e sessenta de altura, estava sempre de terno, grande e folgado, orgulhava-se de usar roupas confortáveis e antigas, como ele gostava de dizer: *Velhas não, antigas, meu caro.* Ele possuía um nariz imponente e olhos grandes demais para seu rosto pequeno e fino. Normalmente Geraldo Roberto passava desapercebido, mas se alguém o visse realmente, teria pena. Era tão pequeno que parecia uma criança crescida com ar de abandono. É só olhar para ele que se sente uma necessidade muito natural de ajudar. Muitas vezes Geraldo Roberto aproveita-se de sua pequenez para conseguir vantagens e favores. Ele apelidou sua tática de

bote do filhote. *Até rimava,* pensava gargalhando silenciosamente. Era só ele abrir seus grandes olhos, tal como um filhote de mamífero, gesticular suas mãozinhas, como se não tivesse controle de seus movimentos, exatamente como um bebê de um ano faz, e depois pairar seu olhar por longos instantes. *Era infalível,* ele gostava de se gabar. *Isso sempre convenceu qualquer um, especialmente do sexo feminino,* era exatamente esse pensamento que lhe ocorria ao olhar de longe Clarice bufando sem paciência. Assim que os olhos de Clarice fixaram-se nos seus, Geraldo Roberto deu o bote de filhote e, como sempre, funcionou como mágica.

— Desculpe o atraso, madame Clarice. A madame está ainda mais linda, elegante e perfumada, que de costume – disse respirando fundo, como se quisesse guardar dentro dos pulmões a fragrância do perfume de Clarice, e pegando as mãos de Clarice para beijá-las.

Geraldo Roberto gostava de tratar as mulheres à moda antiga. Era um cavalheiro. *As mulheres eram frágeis rosas e assim deveriam ser tratadas,* era o que costumava dizer aos seus amigos. Outra frase clássica de Geraldo Roberto era: *uma mulher é sempre uma dama, ainda que ela não saiba disso.* Geraldo Roberto, por isso, assim as tratava, ainda que suas clientes fossem altas executivas ou pilotas, sim Geraldo Roberto já teve uma cliente pilota de avião. E todas, sem exceção, se derretiam por seu cavalheirismo em extinção.

Clarice abriu um sorriso, já derretida.

— Que bom vê-lo tão radiante. Boas notícias?

— Sim, madame Clarice.

Geraldo Roberto era um investigador muito bem recomendado nos altos círculos da sociedade carioca, tanto pela sua discrição e educação, como por sua competência. Tinha gente que achava graça de Geraldo Roberto, sua estatura pequena, seus ternos largos e seus cabelos sempre banhados em excesso de gel, mas essas pessoas não o conheciam, pois todos os que conheciam Geraldo Roberto sabiam muito bem do alto valor de sua esperteza, inteligência e confiança e pouco se importavam com sua aparência.

— Por que você marcou nesse café tão longe de tudo, Geraldo? Nunca tinha vindo a essa região da cidade de São Paulo.

— Não, madame? A senhora ficaria admirada com as mansões daqui do Morumbi. Nem no shopping Cidade Jardim, madame Clarice? – Clarice negou com a cabeça. Pois lá é um luxo. Faço questão de outro dia levá-la passear comigo para mais um café. De qualquer forma, peço desculpas pelo incômodo, eu imaginei que por ser um bairro em franca expansão e de pessoas abastadas que a senhora estivesse familiarizada.

— Não tem problema, Geraldo. Mas por que quis marcar aqui? Têm

tantos cafés nos jardins perto do Hotel Fasano.

— Infelizmente, não é mais seguro que nos vejam juntos, madame Clarice. Mas eu fiz uma pequena descoberta que a madame certamente apreciará.

— Me conte! Não aguento mais esse suspense!

— É para já – ao dizer isso esboçou um sorriso de satisfação e orgulho. — Eu descobri que Samanta já foi Eleonor.

— E a Eleonor existe?

— Não. Ainda não sabemos a verdadeira identidade de nossa inimiga.

— Alguém morreu?

— Pelo que pude descobrir só seu namorado da época.

— Como ele se chama?

— Wagner Araújo.

— Quem ele é?

— Um fazendeiro muito rico do Mato Grosso do Sul.

— Algum elo?

— Talvez. Sua família por parte de mãe é carioca.

— Eu não me lembro de conhecer alguém com sobrenome Araújo. O que mais você tem para mim?

— Antes, conte-me também suas novidades, madame Clarice. Conversou com o médico, doutor Miguel Albuquerque? Ele já sabe que Dora não existe?

— Eu pensei em contar. Cheguei até a ligar para ele no hospital, mas depois achei melhor fazer diferente. Lembra a psiquiatra da Samanta, aquela moça que você disse que era muito amiga do Miguel? – Geraldo Roberto assentiu. — Pois é, eu fui até ela e, sem dizer nada, abri seus olhos que sua paciente não era quem dizia ser. Foi muito interessante eu fingi que assim como ela estava descobrindo que Samanta mentiu a respeito de quem ela era. Achei que se ele ficasse sabendo de que Dora não é Dora por sua amiga médica seria mais convincente.

— Pensou bem, aliás como sempre, madame Clarice.

— Você encontrou alguma evidência ligando Samanta à morte de Antônio?

— Não. Até agora só temos a visita da Gisele ao apartamento de Antônio, madame, nada além.

— Nada além da *overdose*?

— Nada.

— Geraldo, não é fácil para uma mãe admitir isso, mas eu sabia que meu filho gostava de cheirar coca de vez em quando. Bom, quase todos os jovens do nosso círculo faziam isso. Mas o Antônio não cheirava para morrer. Ele sempre foi responsável. Nunca faltou a um compromisso. Eu tenho certeza que a Samanta o matou também. Eu não sei como, mas é ela que está por trás disso. É muita coincidência meu filho morrer logo depois de lhe enviar uma carta ameaçadora. Você sabe que eu não acredito em coincidências ou elas têm uma lógica causal ou um significado maior. Bom, nesse caso as coincidências têm uma relação causal bem clara, chamada Samanta, quer dizer, não sabemos ainda o verdadeiro nome dessa assassina.

— É realmente muito estranho todos os namorados dessa misteriosa mulher morrerem, mais estranho ainda é ela mudar de nome a cada namorado.

— Nós não sabemos como ela os mata, mas que ela os mata, ah, disso nós sabemos. Como morreu o Wagner?

— Eletrocutado. Pelo que investiguei ele foi encontrado morto, preso a uma cerca elétrica.

— Que morte estranha!

— Muito estranha. O proprietário das terras jurou pela morte de sua finada mãe, se viva ainda estivesse, que não foi ele quem instalou a cerca elétrica assassina. Eu conversei com ele e sei que falava a verdade. Após tantos anos de experiência, eu reconheço quando alguém está mentindo. É impossível enganar os meus sentidos alertas de investigador, madame Clarice.

— Deve ter sido a Samanta que deu um jeito de instalar essa cerca, Geraldo. Nós precisamos saber quem ela é e por que ela mata seus namorados. O Antônio eu sei que ela matou porque ele resolveu enviar aquela mensagem ameaçadora. Eu contei a ele sobre a investigação. O que estou falando? Você sabe, eu já te contei essa história – disse já se interrompendo.

— Vamos repassá-la novamente – disse com um olhar compreensivo. — É sempre salutar refletir sobre os mesmos fatos, passado algum tempo, madame Clarice.

— Bom, você sabe que o Antônio ficou muito tempo querendo me dissuadir de continuar a investigação. Ele achava que eu estava ficando obsessiva. – Clarice olhou para o horizonte sem esperança. — De certa forma, ele tinha razão. Eu resolvi que eu não contaria nada a ele, até ter alguma coisa mais concreta. Eu não queria preocupá-lo à toa e também sabia que ele não pouparia o desgraçado que tivesse feito qualquer mal a seu irmão. Bom, quando descobrimos que Samanta estava se passando por Dora, eu resolvi contar ao Antônio. Era uma grande descoberta. Eu queria que ele entrasse na investigação e nos ajudasse. Você sabe que advogado maravilhoso meu filho era. – Geraldo

Roberto assentiu com entusiasmo. Os olhos de Clarice ficaram subitamente tristes e ela disse: — Eu também queria que ele soubesse que eu não estava louca. Meu filho ficou surpreso com a descoberta. Ele quis ajudar. Ele achou que se jogasse verde, a Samanta poderia morder a isca e se entregar de alguma forma. Ele tinha mesmo uma lábia fantástica e se tivesse conversado com a Samanta, era mesmo bem capaz que tivesse descoberto alguma coisa, mas ela não deu sequer essa chance, recebeu a mensagem e simplesmente o matou. Meus dois meninos, ela matou meus dois meninos, essa maldita! – Os olhos de Clarice transbordavam lágrimas, por isso ela rapidamente as enxugou e voltou a colocar seus óculos escuros.

Geraldo Roberto não podia ver uma dama se desfazer em lágrimas sem consolá-la. Rapidamente colocou as mãos no braço de Clarice e disse:

— Não fique assim, madame Clarice. Eu garanto a senhora que tudo será descoberto.

Clarice tentou esboçar um sorriso, sem muito êxito. Geraldo Roberto disse euforicamente:

— Isso mesmo, um belo sorriso. Madame Clarice, a senhora sabe que estou investigando essa Samanta há tempos. Ela não deixa pontas soltas, a senhora sabe muito bem. – Clarice anuiu. Bem, nós precisamos descobrir quem ela é de verdade. Se ela mata por algum motivo ou se é uma psicopata que gosta de namorar jovens de sua idade para depois matá-los. Desculpe-me por falar tão abertamente, madame Clarice. Tudo o que sabemos é que ela fria, paciente e inteligente. Se soubéssemos quem ela é de verdade ajudaria tremendamente. Sei que temos mantido essa investigação discretíssima, até porque sabemos do que ela é capaz, mas eu pensei muito e temos que falar com as pessoas que tiveram contato com ela para ver se descobrimos alguma coisa. A pessoa que talvez mais a conheça é o doutor Miguel Albuquerque, dado o relacionamento íntimo que possuem. É claro que ela deve ter contado a ele muitas mentiras, mas deve haver alguma verdade em seu discurso. Nós temos que falar com ele, não há dúvidas disso. Acredito que é seguro, madame Clarice, pois ele já sabe que você descobriu que Samanta quis se passar por Dora. É natural que você queira conversar com ele a respeito. A Samanta não achará estranho. Basta você dar a impressão de que não desconfia dela.

— Como posso dar essa impressão?

— Podemos dizer que você acha que o destino, ou melhor, que Deus, vamos usar o bom nome do Altíssimo, madame, quer que a senhora passe por algum tipo de provação. É fundamental que acredite em qualquer versão de defesa da Samanta que Miguel contar.

— E se abrirmos o jogo para o Miguel?

— Não sei se chegou a hora.

— Eu acho que devíamos falar tudo. O rapaz corre risco de vida.

— Vamos fazer o seguinte. Eu vou com a senhora no encontro e analisamos, de acordo com o desenrolar do encontro e nossas descobertas, o que é mais interessante fazermos.

— Mas como eu te apresento, Geraldo?

— Seu primo, madame. Filho da irmã de sua mãe, Dona Maria Alice Veiga Bastos.

— Você é filho da minha Tia Alicinha?

— Exatamente.

— Está bem, Geraldo, você será meu primo João Pedro.

— Ele existe, madame?

Existe, mas não se parece em nada com você.

— Isso não é um problema, a não ser que Samanta o conheça.

— Não, ela não conhece meus primos.

— Perfeito, então, madame.

— Se você achar que ajuda, Geraldo, eu posso também falar com a própria Samanta. Ela já sabe que eu sei. É natural que eu queira procurá-la.

— Com ela não vamos mexer, ainda não. Ela já provou que é muito inteligente e que não se entregará facilmente. Não quero lhe expor a essa assassina sem necessidade, madame.

— Eu também sou inteligente.

— Muitíssimo, madame, mas vamos guardar essa carta na manga. Não vamos por ainda a mão nesse vespeiro, está bem?

— Como achar melhor, Geraldo.

— Devemos também falar com Gisele, você disse que ela era uma boa amiga da Samanta na época. Você confia nela?

— Não confio mais em ninguém, embora ela tenha namorado meu filho por cinco anos.

— Vamos começar por Miguel e ver o que ele tem a nos dizer. Depois partimos para Gisele, se acharmos prudente.

— Está bem. Vou marcar nosso encontro com o Miguel.

— Vou telefonar para a senhora na sexta-feira, de uma linha segura. Direi que sou João Pedro. Peço que me trate por esse nome e lembre-se que sou seu primo querido.

— Vou tratá-lo por Pedrinho. É assim que ele é chamado por nossa

família.

— Pedrinho? – disse Geraldo Roberto pouco à vontade com o apelido dada a formalidade que prezava.

— Sim, Geraldo, você será Pedrinho.

— Pois, Pedrinho serei. Como é Pedrinho?

— Bom, ele é mais alto que você, e...

— Não fisicamente, madame

— Bom, Pedrinho é um *playboy*. Gosta de uma boa comida, uma boa festa, não se casou, mas está sempre com uma mulher que tenha no mínimo quinze anos a menos.

— Ele trabalha com alguma coisa?

— Não, ele é um legítimo *playboy*. Vive com a herança que seu pai deixou, que não foi pouca, se é que me entende. Às vezes se mete em algum investimento, o último foi um restaurante que abriu com um amigo, supostamente um grande *chef* ainda desconhecido, bom, o *chef* realmente era espetacular, mas o restaurante faliu, pois eles não souberam administrar, primeiro gastaram muito com decoração e equipamentos, depois eles erravam na condução do negócio, encomendavam em uma quantidade bem maior que a demanda, usavam ingredientes caríssimos, entre outros erros que uma pessoa que tem alguma noção de administração jamais cometeria. Fernando que tinha se formado em *business* em *Illlinois* ficava passado com seu tio, os erros eram tão básicos – os olhos de Clarice marejaram de lágrimas quando ela lembrou do seu caçula.

Geraldo Roberto segurou forte sua mão como quem dizia: Eu estou aqui para você. Clarice olhou agradecida. Nenhum dos dois disse nada. Passados alguns instantes Clarice se recompôs e Geraldo Roberto voltou com naturalidade à conversa.

— E o que ele faz atualmente, madame Clarice?

— Frequentando as festas de sempre da alta sociedade carioca, desfilando com suas bonequinhas de luxo, e, agora, ajudando sua querida prima Clarice a suportar sua dor.

— Você tem uma foto dele?

— Não tenho comigo. Mas procure na internet, ele sempre aparece nas colunas sociais.

— Farei isso, madame. Eu preciso criar meu personagem.

— Se tiver alguma pergunta, me telefone.

— Não é seguro, madame. De todo modo, já tenho seu nome, não será

difícil investigar mais a respeito do seu primo, se achar necessário.

Clarice olhou para o relógio e Geraldo curioso fez o mesmo movimento para saber que horas eram. *Onze horas.* O tempo tinha passado rápido demais.

— Eu preciso ir, Geraldo.

— Bem, madame Clarice, foi um enorme prazer revê-la.

— O prazer foi meu, Geraldo.

— Eu acompanho a senhora até o carro.

Geraldo foi até o carro de Clarice. O motorista logo que os viu se aproximar abriu a porta. Geraldo Roberto se despediu, beijando-lhe mais uma vez a mão. Clarice sorriu contente de ainda existir no mundo um cavalheiro como Geraldo Roberto.

– 20. Zoológico –

O zoológico ficava longe, Lara sabia disso. Dava preguiça só de pensar no longo caminho a percorrer, mas Lara tinha uma relação especial com o zoológico, ele abrigava suas melhores memórias da infância. O avô de Lara era fã de animais, ele sempre que podia a levava ao zoológico, no fundo, ela sabia que era ele quem queria ir. Aos poucos, porém, tornou-se o passeio predileto dos dois, pois Lara, como seu avô, desenvolveu uma verdadeira loucura pelo zoológico. Para ela era incrível e extremamente prazeroso ver todos aqueles animais, comer algodão doce e passear de mãos dadas com seu avô embaixo das árvores em um belo dia de sol. Seu avô sempre apontava para o leão e dizia a Lara: *Ele é o rei da selva. Ele dorme a maior parte do dia. Na vida, meu docinho, só precisamos saber a hora de atacar.* Na área dos macacos, seu avô lhe dizia: *Docinho, os macacos são engraçados. Eles gostam de fazer macaquices. As pessoas gostam deles, mas não o levam à sério.* Seu avô, que também era psiquiatra, mostrava os animais e assim ensinava a pequena Lara coisas importantes sobre o comportamento humano e a vida. Lara, que desde pequena demonstrou possuir uma inteligência bem acima da média, absorvia toda sabedoria do seu amado avô. O zoológico era para os dois um santuário.

O avô de Lara faleceu no seu aniversário de dezoito anos. Lara o viu nesse dia, ela se lembra perfeitamente, os anos nunca seriam capazes de apagar essa memória de suas lembranças. Ele estava na cama de sua casa. Estava gripado há alguns dias, mas ninguém imaginou que fosse sério. Lara, porém, sentia há dias um nó na garganta. Ela lembra-se que em seu aniversário correu para a casa do seu avô e ficou com ele durante toda manhã conversando. No final da conversa, antes que Lara partisse, ele pegou em suas mãos e disse: *De todas as pessoas que conheci em minha vida, você é minha predileta, docinho. Eu quis esperar você completar dezoito anos para ir embora. Tudo o que achei importante que soubesse, eu te expliquei. Se sentir saudades das nossas conversas, não fique triste, vá ao zoológico e lembre-se delas.* Lara lembra-se que pensou em dizer ao avô que era bobagem, que ele logo estaria bom, mas alguma coisa

em seu coração apertava forte e ela sabia que ele iria embora. Antes do almoço ele morreu.

Lara sempre que se sentia perdida, acuada ou simplesmente com saudades do seu avô, visitava o zoológico. De alguma forma, a maneira simples, honesta e descomplicada com que os animais levavam a vida, a acalmava. *Eles vivem conforme sua natureza,* pensava. *Simples assim*.

Lara andava pelas ruas do zoológico pensando na natureza de Samanta, Dora ou qualquer que fosse seu nome. *Quantas máscaras ela usava? Quem eu encontrarei atrás dessas máscaras? Uma criança atormentada por um demônio, que mata sua família. Ela torna-se sua cúmplice. Ela mata por ele? Ela escuta seu chamado e assassina suas vítimas. Não, não. Se agisse assim, já teria sido pega. Todas as mortes, se forem realmente assassinatos, foram muito bem arquitetadas para parecerem acidentes. Uma criança atormentada pelo demônio. Que adulta ela se torna? Não se tornaria a Samanta, certamente não. Seria uma pessoa extremamente religiosa ou aficionada por demonologia. Ela poderia até se mutilar, mas a mutilação estaria ligada à expiação dos pecados, por compartilhar os segredos de um demônio. Os cortes de Samanta não são dessa origem. O Miguel acha que não foram feitos por ela. Poderia ser um demônio causando essas mortes aparentemente acidentais e reprimindo Samanta? Em tese sim, mas seria outra Samanta. A Samanta não seria quem é, se tivesse vivido tudo o que diz ter vivido. Não seria. Será que eu posso ter certeza disso? Acho que sim. Essa história do demônio é um imbróglio! Não existe a procura natural para entender mais sobre o demônio na religião, não há medo. Sim, Samanta não tem medo nenhum. Sim! Era isso que eu estranhei nela desde o início e não compreendia o que era. Ela quase morreu e mesmo assim eu nunca vi medo nos seus olhos, além disso absolutamente nada em seu comportamento denuncia medo. Ela leva sua vida como sempre levou. Não existe demônio algum. Ela está inventando. Nada a amedronta. Por que ela está fazendo esse teatro? Por quê? Será que quer enlouquecer o Miguel? O que ela tem contra ele?*

A cabeça de Lara não parava. Ela já tinha se convencido de que Samanta não era psicótica e que tinha deliberadamente criado o demônio para Miguel. Em relação às mortes, Lara ainda não sabia se Samanta tinha apenas as fantasiado para enlouquecer Miguel ou se realmente tinha assassinado aquelas pessoas. De repente, veio a imagem de Samanta internada após a tentativa de suicídio. Era falsa a tentativa, certamente. Samanta teve ajuda. Os cortes também mostravam isso. Samanta tinha um cúmplice. Justamente quando esse pensamento passou pela mente de Lara, foi que ela viu duas mulheres sentadas em um banco de frente para o lago, elas estavam de costas, mas tinha certeza que uma delas era Samanta. Elas estavam sentadas encostadas uma na outra. Lara achou estranho. Uma delas virou seu rosto de lado em direção a outra, foi, então, que Lara teve certeza absoluta, era mesmo Samanta. Resolveu olhá-las de longe para ver o que acontecia. Foi, então, que Samanta levantou-se de frente para Lara, dando suas costas para o lago, mas felizmente Samanta não a viu. Lara estava bem longe

perto de muitas pessoas na área da lanchonete. Samanta puxou as duas mãos da outra mulher para que ela se levantasse. A mulher se levantou e virou-se em minha direção. Era loira e bem bonita também. Samanta pegou em uma das mãos da mulher e foi a puxando em direção ao outro lado do zoológico onde ficavam as aves, os répteis, e outros animais de menor porte.

Lara não pensou duas vezes e começou a seguir Samanta e a misteriosa loira. Era uma quarta-feira fria e cinzenta e o zoológico estava vazio, por isso Lara as seguia respeitando uma longa distância. *Era só não perdê-las de vista.* Não tinha ninguém perto do aviário. Samanta voltou a pegar na mão da misteriosa loira e a puxá-la. Parecia que se divertia enquanto corria em volta do aviário com aquela mulher. Foi, então, que Lara viu. A mulher para de repente, puxa Samanta com força para junto de si e elas dão um dos beijos mais demorados que Lara já teve chance de presenciar. Os corpos de enlaçaram em uma dança erótica, as mãos de uma percorriam o corpo da outra e as cabeças giravam em volúpia. Lara perto da árvore observava tudo. *Eu posso não saber muitas coisas de Samanta, mas sei que ela está apaixonada por essa mulher. Eu tenho que descobrir quem ela é.*

Lara resolveu ficar escondida atrás daquela grande árvore, pois quando resolvessem ir embora do zoológico teriam que passar por ali e Lara teria uma chance, talvez única, de tirar uma foto daquela misteriosa mulher.

Demorou muito. Talvez duas horas. Finalmente, elas tinham saciado um pouco da sede que tinham uma pela outra. Lara de longe viu Samanta e a loira se aproximarem. Nunca tinha visto o semblante de Samanta tão feliz e descontraído. Samanta tinha o corpo relaxado, o olhar aberto e sincero e um grande sorriso no rosto. *Ela realmente gosta e confia nessa mulher,* pensou. Antes que elas se aproximassem muito, Lara tirou boas fotos da dupla. Elas andavam abraçadas uma a outra. *Estavam matando as saudades,* Lara pensou. *Fazia tempo que não se viam.*

Lara deixou que elas saíssem do zoológico para sair alguns minutos depois. Um turbilhão de pensamentos inundou a mente de Lara. De tudo o que pensava, uma certeza ela formou: aquela misteriosa mulher era cúmplice de Samanta.

Dentro do carro, Lara sorria. Uma luz brilhava na escuridão. Mal acreditava na coincidência de ter encontrado as duas justamente no zoológico, lembrou-se de Jung e sorriu: não existiam coincidências. Sorriu, olhando para o céu e agradeceu em voz alta.

No caminho Lara pensava a respeito de sua descoberta. *Samanta gosta de mulher e provavelmente é uma predadora de homens. Isso explica muita coisa. Explica porque Miguel vinha sendo torturado. Explica a morte de Fernando, de Antônio, a ameaça de morte de Miguel. Não explica a morte de Amélia e de*

Raquel. Até aí, sem problemas, essas mortes podem ser uma cortina de fumaça. Tudo para nos impedir de enxergar com clareza. Tudo para que não reconheçamos a assassina. Tudo para que percamos tempo em ligar coisas que não se ligam. Tudo para nos confundir, nos desviar do que interessa, da ameaça de morte à Miguel. Sim, o foco foi sempre Miguel. Lara estava excitada com sua descoberta. Tinha que contar tudo a Miguel com urgência. Ele precisava tomar cuidado. Foi assim que pisou o pé no acelerador em direção ao Hospital Sírio Libanês.

No caminho até o Sírio, Lara ficou pensando como a descoberta daquele romance fora capaz de confirmar sua suspeita contra Samanta. Afinal, se Samanta estava apaixonada por outra mulher não tinha sentido nenhum encontrar com ela às escondidas a não ser que quisesse manter o namoro com Miguel, e alguém só manteria um namoro, mesmo estando apaixonada por outra pessoa que é do mesmo sexo que o seu, por que tem algum interesse. Samanta queria alguma coisa ainda com Miguel. Provavelmente ela ainda não tinha terminado de o aterrorizar. Agora por que ela fazia isso? Lara não sabia, mas parecia algo friamente arquitetado que contava com a anuência da amante de Samanta. Cheirava à vingança. *Por quê?* Lara estava decidida a descobrir. *A pensar que chegou a passar em minha cabeça que Miguel pudesse aterrorizar Samanta. Quanta besteira! Ele é a vítima!*

– 21. Eu vi –

Lara deixou o carro com o manobrista e saiu correndo em disparada. Em poucos instantes estava ao lado do elevador apertando o botão repetidamente. Foi, então, que viu Miguel no café do hospital e gritou:

— Guel!!!

Miguel abriu um largo sorriso tanto de alegria por ver sua amiga, como pela cena engraçada que ela armava sem se importar nem um pouco com isso.

Lara saiu correndo em direção a Miguel. Um ex-colega, Edmundo Saivola, interrompeu sua concentração ao chamá-la entusiasmado:

— Lara? É você?

Ainda correndo Lara olhou para ver quem a chamava. *Edmundo? Não acredito. Não vou cumprimentá-lo. Não agora. Droga de Edmundo! Ele que pense que eu não o reconheci.*

Lara alcançou Miguel e disse já sem nenhum fôlego, pois não era nem um pouco chegada a esportes e aquilo para ela tinha sido uma maratona:

— Guel, precisamos conversar é urgente.

Lara viu o chato do Edmundo indo em sua direção.

— Vamos rápido, Guel, antes que ele nos alcance.

Miguel sempre achou graça de Lara com Edmundo. Ele foi, desde o primeiro ano da faculdade, apaixonado por Lara. Vivia trazendo pequenos mimos a Lara que sabia que ela apreciava, como chocolates dos mais variados tipos, tortas, balas entre outros doces. Lara fingia que aquilo não era nada demais. Dizia sem nem olhar direito nos olhos do pobre coitado frases nada estimulantes como "*Obrigada Edmundo. Estava com fome mesmo"* ou *"O que você quer? Me transformar em uma baleia?"*. Pior ainda é quando Lara via que Edmundo segurava um chocolate embrulhado para presente na mão e ela sabia, como de praxe, que ela era a destinatária e dizia: *"Me dá logo esse chocolate, Edmundo. Estou morrendo de fome"* ou *"Você vai me dar esse doce ou não?"*. O coitado do

Edmundo estendia as mãos e lhe entregava o embrulho sem jeito. Lara batia em suas costas com entusiasmo: "*Valeu, Edmundo!"*.

Ainda que estivesse claro para a faculdade inteira que Lara não dava a mínima para Edmundo, ele não desistia, foi assim até o final. Ele nunca teve a coragem de se declarar para Lara, também nunca precisou. Lara tinha pena de Edmundo, mas tinha a consciência tranquila de que nunca deu margens ou esperança para Edmundo achar que tivesse chance de qualquer coisa a mais da amizade.

Miguel gostava de brincar com Lara, por isso a provocava: *"Lara, o Edmundo quer te dar um presente? Que lindo embrulho! Olhe para cá, Lara! Veja que mimo"*. Edmundo sorria para Miguel orgulhoso de seu presente. Também às vezes dizia à Lara quando ela propunha ao Miguel formarem uma dupla para algum trabalho: *"Outra vez nós fazemos o trabalho juntos, Lara. Acho que Edmundo quer fazer dupla com você*". Edmundo sorria agradecido a Miguel e Lara só faltava pular em seu pescoço de tão irritada que ficava. Miguel simplesmente abria um sorriso e a braveza de Lara desaparecia, mas ela não deixava de sussurrar para Miguel: "*Vai ter troco, Guel!"*. Miguel, então, gargalhava. Foi lembrando desses tempos que Miguel disse para Lara:

— Vamos dar uma chance ao pobre coitado!

Lara imediatamente murmurou:

— Vai ter troco, Guel!

Edmundo, então, se aproximou dos dois, eufórico:

— Quanto tempo que eu não vejo vocês. Vocês trabalham aqui?

Miguel respondeu animado:

— Quanto tempo, Edmundo! Eu trabalho aqui na parte de ortopedia. Lara? – respondeu Miguel, sorrindo para Edmundo e cutucando a Lara.

— Quanto tempo! Eu só vim fazer uma visita ao Miguel.

— Você está muito bem – disse Edmundo para Lara corando.

Edmundo era o único ruivo que Lara tinha conhecido em sua vida. Era branco como um fantasma e suas sardas cobriam praticamente todo seu corpo. Era extremamente tímido e retraído, por isso sempre que falava corava como um tomate maduro.

— É impressão sua, eu...

— Está sim, Lara. Está linda, como sempre. – O rosto de Edmundo foi novamente tomado por uma vermelhidão.

— Obrigada, Edmundo. Você também não mudou nada.

Miguel apenas assistia ao diálogo sorrindo satisfeito como nos tempos de faculdade. Aquilo o divertia imensamente.

— Eu estava indo tomar um café. Vocês não querem me acompanhar? – convidou Edmundo olhando apenas para Lara.

Miguel respondeu antes que Lara pudesse se esquivar:

— Claro! Vamos tomar um café juntos! – disse abraçando Edmundo e a Lara simultaneamente.

Lara olhou enfurecida para Miguel. Os três sentaram-se à mesa. Edmundo prontificou-se a pegar os cafés. Assim que ele saiu, Lara disse ao Miguel:

— É sério, Guel. Eu preciso muito falar com você.

— Nós podemos tomar um café juntos, Lara. Relaxe.

— É importante.

— Eu sei, do contrário não teria vindo até aqui, mas olhe para ele – disse apontando discretamente para Edmundo. — Você vai fazer o dia dele imensamente feliz, só tomando um café. Agora tire essa carranca e sorria. Isso vai fazer bem a nós dois, depois de tudo...

Lara lembrou-se de Miguel acabado em seu consultório, pedindo sua ajuda e abriu um sorriso:

— Guel, você tem razão. O Edmundo merece esse café.

— Está vendo só, você consegue ser gentil. – Miguel quis provocar a Lara.

— Controle-se, Guel. Estou a minutos de esfolá-lo vivo.

Miguel apenas sorriu de lado. Instantes depois, Edmundo chegou com as xícaras. A conversa foi bem gostosa. Eles se lembraram de professores, de festas e amigos e foi difícil despedirem-se. Foi ideia de Miguel que trocassem os números dos celulares para manterem contato. Depois que Edmundo se despediu. Lara disse a Miguel de mal humor:

— Se ele me convidar para sair, você é um homem morto.

Miguel gargalhou:

— Só você para reagir a um encontro dessa maneira! Sabe, Lara, não faria mal a você dar uma chance ao Edmundo. Ele visivelmente fica muito abalado ao seu lado. Veja – disse Miguel apontando para Edmundo — já é a segunda cadeira que ele esbarra. É um milagre ele não ter derramado nossos cafés.

— Já disse, homem morto.

— Você está muito rabugenta! Venha vou te comprar um brigadeiro. Eu sempre compro um sorriso seu com um brigadeiro!

Miguel puxou as mãos de Lara e ela contrariada o seguiu até o caixa do café.

Depois de comer seu brigadeiro com bastante entusiasmo, Lara disse:

— Miguel, eu preciso falar com você. É muito importante.

— Pode falar.

— Você não tem uma sala aqui no hospital?

— Claro, vamos até lá.

Miguel abriu a porta. Lara entrou e se sentou em um sofá. Miguel a seguiu e sentou-se ao seu lado.

— Diga, minha amiga, o que foi?

— Quero dizer que estou feliz de vê-lo assim bem humorado depois de tudo o que passou. Algum outro pesadelo?

— Nenhum.

— Fico feliz. E a árvore?

— Continua derrubada.

— Excelente.

— Você não veio até aqui para me perguntar se eu tive um pesadelo. Vamos me diga.

— Estava ganhando coragem.

— Você sabe que não precisa disso. Sou eu, o Miguel, sou melhor amigo.

— Eu sei.

— Então?

— Guel, você sabe como eu adoro ir ao zoológico, não sabe?

— Sei, essa é uma das suas manias divertidas.

— Pois é. Eu fui hoje ao zoológico.

— Com esse tempo? Você é louca mesmo, Lara.

— Eu vi a Samanta lá.

— Falou com ela?

— Não, eu a vi de longe.

— E?

— Ela estava acompanhada, Guel.

— Acompanhada? Vamos, fale logo. Você viu alguma coisa?

— Eu vi. Eu vi a Samanta beijando outra mulher.

Miguel começou a rir:

— Você não pode estar falando sério.

Lara continuou séria. Ela sabia que o riso muitas vezes era uma defesa.

— Guel, me escute, é importante.

Miguel levantou-se do sofá e ficou de costas para Lara olhando pela janela e disse secamente:

— Me deixe sozinho.

— Eu tirei uma foto. Você não quer ver com seus próprios olhos?

Miguel não se virou. Lara imaginava que estivesse chorando.

— Guel?

Miguel repetiu sem virar-se:

— Lara, me deixe só, agora.

Lara queria dividir todas as conclusões que tinha tirado a respeito de Samanta. Queria contar a Miguel que Samanta não tinha o comportamento de quem desde criança é perseguida por um demônio, queria dizer que nunca a viu com medo, que, por tudo isso, a história do demônio só pode ser balela, queria dizer que a morte de Amélia e Raquel deviam ser só para nos confundir e que Miguel devia ser o alvo, que ele tinha que tomar cuidado, que estava lidando com uma predadora de homens, fria, paciente e inteligente, mas nada disso foi possível. Lara sabia que Miguel tinha que digerir tudo aquilo para depois conversarem a respeito. Ele precisava refletir sobre tudo. Então, Lara teria oportunidade de trocar suas impressões. *Eu preciso ser paciente. Eu preciso esperar,* Lara pensou.

Lara parou ao lado da porta e antes de sair disse:

— Tome cuidado, Guel. É a única coisa que te peço.

Miguel não respondeu e Lara saiu. Miguel sozinho desabou em lágrimas. A raiva entrou em ebulição e invadiu seu coração com ódio. Miguel podia odiar com a mesma intensidade que amava. Enxugou as lágrimas e saiu correndo de sua sala. *Ainda daria tempo de alcançar a Lara e ver a foto da vadia,* pensou. *Lá estava Lara. Não, não pegue esse elevador. Preciso chamá-la:*

— Lara!!! Lara!!!

Lara ouviu seu nome e parou. O elevador se foi e ela esperou Miguel alcançá-la. Tudo que Miguel disse foi:

— Eu quero ver a foto.

Lara pegou seu celular, abriu a foto das duas abraçadas e mostrou a Miguel. Miguel ficou lívido. Lara assustou-se:

— O que foi, Guel? O que foi?

— Essa mulher é a Gisele, namorada do Antônio.

— Nossa!

— Samanta tinha me dito que elas ficaram muito amigas, mas amantes?

Você realmente viu elas se beijarem?

— Vi.

O ódio de Miguel voltou a inflamar. Miguel apertou o botão do elevador, mas não aguentou esperar e saiu correndo em direção à escada de incêndio.

— Guel, eu te imploro: não vá! Volte aqui!

Miguel gritou, já empurrando a barra da porta antipânico:

— Eu preciso ir.

Lara sabia que não conseguiria impedir seu amigo pois estava tomado pela raiva, mas tinha que tentar tudo o que podia e evitar que cometesse qualquer loucura ou pior que fosse assassinado. O elevador chegou. Assim que o elevador parou no térreo, Lara correu o máximo que pôde rumo ao estacionamento que ficava ao lado do hospital. Assim que chegou lá, viu Miguel de longe entrando em seu veículo. Lara respirou fundo, tomando coragem. *Eu vou ficar aqui na entrada. Ele vai ter que me atropelar se quiser sair. Meu Deus, espero que ele não me atropele!* Lentamente caminhou e se posicionou no meio do rua de saída do estacionamento. Ela viu o volvo preto chegando com uma velocidade bem acima da usual para um estacionamento, fechou os olhos, tremeu e repetiu seu mantra:

— Daqui eu não saio. Daqui eu não saio. Daqui eu não saio.

Miguel notou a presença de Lara no meio da rua, mas já estava muito próximo, tinha que brecar de qualquer jeito. Pisou no freio e puxou o freio de mão. O cheiro de pneu queimado era forte. O coração de Miguel batia forte. *Será que ela está bem? Será?* Miguel olhou para rua e lá continuava Lara, com os ombros retraídos e os olhos fechados. Miguel sorriu, largou o carro e correu em sua direção:

— Sua louca! – disse carinhosamente a abraçando forte. — Eu podia ter te matado! Fico feliz que não sofreu nem um arranhão.

Lara sorriu nos braços de Miguel:

— Que susto que você me deu! – Lara ainda sentia suas pernas bambas e deixou-se cair nos braços fortes de Miguel.

— Eu te dei? – disse segurando-a forte.

— Claro, isso lá é velocidade para se dirigir em um estacionamento, seu maluco?

— Ai, Lara, você não tem jeito mesmo. Se algo acontecesse a você eu não sei o que faria... Eu não gosto nem de pensar – ao falar isso a abraçou novamente e ainda mais forte.

Lara sorriu para si mesma. Era bom ser abraçada daquele jeito.

De alguma forma, aquele susto fez com que a raiva escaldante, que possuiu a alma de Miguel, se esvaísse. Lara conseguiu ter seu amigo Miguel de

volta.

— Guel, eu tinha que impedi-lo. Você queria cometer alguma loucura. Esqueceu que sou psiquiatra? Posso ver de longe um louco chegando – brincou com Miguel.

— Venha, ilustre doutora Lara Fonseca. Vamos tirar meu carro do meio do caminho, pois daqui a pouco ao invés de aplausos por ter salvado sua vida o que eu receberei são buzinas!

— Salvar a minha vida!? Você quase me matou doutor Miguel Albuquerque.

Miguel riu alto:

— Só você mesmo para me fazer rir depois de tudo o que aconteceu.

Lara abraçou seu amigo:

— Ainda estou abalada. Vamos me abrace!

Miguel a abraçou e assim andaram até o carro. Miguel abriu a porta para Lara. *Ele tem dessas manias de cavalheiro,* pensou contente. Miguel estacionou o carro, olhou para Lara e disse:

— Vamos, fale!

— Fale?

— Obviamente para parar o carro do jeito que parou, você quer me dizer alguma coisa importante.

— Eu tenho mesmo, mas quero que antes você também reflita sobre tudo o que sabe sobre Samanta.

— Não quer me dizer suas conclusões?

— Não agora. Quero que você chegue às suas próprias conclusões.

— Está bem.

— Mas quero que me prometa que até nós dois conversarmos, você não vai procurar a Samanta e, se ela aparecer, fuja dela, fale comigo antes. Combinado?

— Combinado.

— Almoçamos amanhã juntos para falarmos ou você prefere um café da manhã?

— Café da manhã. Não quero ficar curioso até a hora do almoço.

— Você está bem, Guel?

— Há tempos eu desconfiava que meu relacionamento com Samanta não iria dar em nada, embora eu tentasse me enganar. Agora foi a última gota que faltava: traição. Eu não perdoo traição.

— Você perdoaria se ela fosse uma assassina?

— Dependendo do motivo, sim eu perdoaria.

— Está vendo porque a mente humana é fascinante, Guel? – disse Lara sorrindo. — E lembre-se: nada de Samanta até amanhã de manhã.

— Pode deixar, doutora Lara Fonseca.

— Você ainda vai trabalhar, Guel?

— Não, vou para casa. Vou ligar para Tânia para ela desmarcar tudo. Você me dá uma carona? Acho melhor não dirigir sozinho.

— Claro.

– 22. Essa foi por pouco –

No caminho até a casa de Lara eles optaram por continuar a conversa que deixaram ir embora junto com o Edmundo. Lara morava em um apartamento em Higienópolis perto da casa de Miguel, por isso, Miguel sabia que não era trabalho nenhum deixá-lo em casa. Miguel não gostava de abusar da docilidade e bondade das mulheres. Por conta de sua beleza, muitas mulheres se dispunham a fazer tudo por ele, mas Miguel não se sentia bem com isso, por isso não deixava. Era ele que queria exercer esse papel. Miguel era um romântico.

Poucos minutos depois de Lara ter ido embora, Miguel resolveu tomar *whisky* puro. Tinha muita tristeza e raiva no seu coração. Acima de tudo, Miguel se sentia um otário, um romântico imbecil. Adjetivos como *vadia mentirosa* ou *puta dissimulada*, eram exclamados em gritos dentro de seu cérebro entre um pensamento e outro.

Miguel sentia muita raiva de Samanta, mas sobretudo de si mesmo. *Como pude ser tão otário? A história idiota do demônio devia ser uma desculpa furada para ela não transar. Por que ela quis namorar comigo, aquela vaca? Inventar essa história idiota, fingir que é outra pessoa, que se apaixonou por mim, por quê? Puta dissimulada! Eu dizendo a todo tempo que era alguém obcecado por ela querendo enlouquecê-la, era ela quem estava obcecada por mim, querendo me torturar. Vadia mentirosa! Que ódio! Puta, puta e puta! Duas putas malditas! Por quê? Por quê? Tanto ódio. Por quê? Eu fiz tudo por ela. Eu faria qualquer coisa. Eu não consigo entender...*

Depois de alguns goles, o nó que tinha em sua garganta foi aliviado. A raiva diminuiu um pouco da sua ardência e a tristeza foi ocupando espaço. Miguel começou a pensar em tudo desolado. Não tinha jeito. Ele precisava saber. Miguel pegou o telefone. Seria horrível ouvir, mas precisava saber.

— Lara?

— Você não consegue ficar sem falar comigo, não é?

— Não – disse abrindo um sorriso. Lara podia sentir pelo tom de sua voz.

— Diga, meu querido amigo – derreteu-se Lara.

Miguel tomou coragem, parecia que era mais fácil dizer sem olhar nos olhos de Lara:

— Eu preciso saber. Como elas estavam juntas? Descreva para mim.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Eu vou até aí.

— O quê? Não precisa.

— Acho melhor. Eu te conheço, você vai ficar nervoso de novo e...

— Não precisa. Eu estou melhor agora.

— Não custa nada. Espere por mim. Promete?

— Está bem. Venha logo, caríssima doutora.

— É para já.

Depois de cinco minutos, Miguel ouviu a campainha. *Era Lara.*

Miguel foi até a porta e era Samanta. *Merda! Puta que pariu!* Miguel lembrou-se dos conselhos de Lara e esforçou-se para abrir um sorriso e disse forçadamente:

— Que surpresa, meu anjo!

— Que cara é essa, Guel? Você está com alguém aqui?

Depois de fechar a porta, resolveu andar em direção a qualquer lugar para evitar contato visual com Samanta, pois sabia que seus olhos eram sinceros demais.

— Guel, você está esquisito. – Samanta olhou para o copo de *whisky* em cima da mesa e estranhou. — Você está bebendo *whisky*?

— Estou. Deu vontade.

— Deu vontade?

— É de beber alguma coisa, sabe? Você sabe eu tive aquele pesadelo horrível e...

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo, a Lara está vindo aqui agora.

— Agora? – Samanta falava procurando os olhos de Miguel que tinha tido um súbito impulso de arrumar as almofadas do sofá.

— É. Ela está com uns problemas e quer conversar.

— Entendi – disse Samanta devagar observando Miguel feito um felino.

Miguel percebeu que Samanta desconfiava de alguma coisa, por isso

resolveu dar alguma explicação:

— Tem um cara que é apaixonado por ela, desde os tempos da faculdade, ele insiste em sair com ela, e, bem, ela quer conversar, sabe?

— Ela quer é ver como você reage, para ver se você sente alguma coisa por ela – alfinetou Samanta.

— Imagina. Nós somos amigos e...

Miguel estava nervoso. Felizmente a campainha tocou.

— Está vendo, ela chegou.

Miguel percebeu como Samanta tinha ficado desconfiada, antes que pudesse entregar seu olhar, correu para abrir a porta. Assim que Lara viu Samanta abriu um sorriso. Miguel poderia jurar de pé junto que aquele sorriso não era falso, mas diante das circunstâncias constatou que sua amiga era uma ótima atriz, ao contrário de Miguel, Lara tinha nascido para o teatro.

— Quanto tempo, Samanta. Desculpe para mim ainda é estranho te chamar assim.

— Imagina, doutora.

— Quanto tempo. Quando vamos nos ver novamente? Você desmarcou nossa consulta nessa semana.

— Semana que vem, com certeza.

— Que bom! Miguel me contou boa parte, mas temos muito o que trabalhar.

— Ele também me contou do seu encontro com um admirador. Boa sorte! – provocou Samanta.

Lara estava perdida. *Encontro?* Resolveu usar a tática que muitas vezes usava no consultório que era devolver uma pergunta.

— E o que você acha?

— O que eu acho?

— É. Eu gostaria de saber. Dou uma chance?

— Vai com tudo!

— Quem sabe eu não dou mesmo uma chance...

Lara tinha conseguido convencer Samanta do propósito de sua visita. *Ufa,* pensou Miguel aliviado. Samanta olhou para Miguel com seus habituais e frios olhos azuis e disse:

— Bom, eu vim sem avisar. Eu vou embora, Guel. Já vi que estou atrapalhando.

Lara disse:

— Se quiser, eu e Miguel conversamos outro dia.

Miguel não disse nada, nem conseguiria.

— Eu só vim passar um tempo com o Guel. Seu assunto é mais importante. Eu e o Guel queremos que você encontre alguém. Não é, Guel? – Samanta provocou.

— Claro que sim – respondeu Miguel sem pensar, apenas querendo fugir de qualquer confronto.

— Você me acompanha até a porta, Guel?

Miguel conseguiu recuperar o controle e disse:

— Claro, meu anjo.

Deram um beijo rápido e Samanta se foi. Lara e Miguel tiveram o cuidado de não falar nada até ouvirem o carro de Samanta dando partida.

— Essa foi por pouco – disse Miguel abalado.

— Você acha que ela desconfia de alguma coisa? – perguntou Lara.

— Ela disse que eu estava estranho, mas daí você chegou e aparentemente ela se convenceu, pois resolveu ir embora – disse Miguel desabando no sofá.

— Eu duvido que ela engoliu.

— Você acha que ela já sabe que sabemos de alguma coisa?

— Já, Guel.

— Ela não sabe o que sabemos exatamente. Será que conseguimos usar isso a nosso favor?

— Para quê? Chantageá-la? Não, Guel, nós queremos pegá-la.

— Ela pode se entregar. Dar mais alguma informação, sei lá.

— Ela já provou que é perigosa. Não vale nos arriscarmos, ao menos não agora. Foi assim que o Antônio morreu.

— O que nos temos?

— Muito e ao mesmo tempo nada. Você já conseguiu pensar um pouco a respeito de tudo?

— Um pouco.

— E?

— Acho que Samanta ou seja lá quem ela for, mentiu a respeito de tudo. Não acho que exista algum demônio, não acho que ela é de qualquer forma perseguida. Ela só pode estar querendo me enlouquecer. Só pode ser isso. E pensar que eu cheguei a acreditar na droga do demônio. Que raiva! E se ela gosta de outra mulher, não tem nenhum sentido ela estar comigo, a não ser para

me enlouquecer... Era por isso que eu te liguei, eu queria saber como elas estavam juntas. Pois se era para valer, então, realmente não tem razão nenhuma para ela estar comigo. O que eu estou pensando? É óbvio que ela nunca se importou comigo, ela mente para mim desde o início, tanto faz se o lance com a outra mulher é para valer ou não, está na cara que ela me odeia e eu não sei nem o porquê.

— Miguel, nós não sabemos como a mente dela funciona. Estou falando com você, como sua amiga, por favor, não se esqueça disso. Pode ser que alguma coisa a atraiu para você, talvez você seja o tipo de vítima que ela aprecia, sei lá porque motivo. Psicopatas não amam, simplesmente possuem. São predadores sociais. Se ela realmente for uma psicopata, o relacionamento com essa mulher é de pura posse. Os psicopatas são incapazes de amar. Um dia essa mulher deixará de ser interessante e também será descartada.

— Será que ela já estava com a Gisele quando começou a namorar comigo? O que será que a Gisele pensa disso tudo? Será que elas ficaram juntas só durante o nosso namoro? Será que a Gisele também torturava o Antônio? Ou só namorou com ele para estar perto da Samanta? Ou foi o contrário?

— Como ela conhece Gisele antes de te conhecer, realmente tudo indica que o romance rola há tempos, mas a verdade é que não temos as respostas para suas perguntas...

— Quando será que elas se apaixonaram?

— É difícil saber. Me conte, Guel, quando Samanta estava com você ela às vezes dizia alguma coisa a respeito de Gisele? Que se viam? Que ela era legal? Enfim, você sempre comenta uma coisa ou outra sobre um amigo ou amiga com seu namorado.

— Não.

— Se ela escondeu Gisele de você...

— Então, é porque ela já tinha alguma coisa com ela antes mesmo de me conhecer?

— Exatamente, Guel.

— A Samanta é lésbica. É difícil acreditar.

— E assassina.

— Isso nós não sabemos ainda.

— Mas tudo indica, Guel.

— É, tudo indica. Ela é a primeira a dizer que sabia que as pessoas morreriam antes de morrerem.

— A questão é: ela matou alguém ou só usou aquelas mortes para te assustar? Será que ela quer te matar?

— Não sei é tão confuso.

— Uma pessoa nós sabemos que realmente foi assassinada: o Antônio.

— Mas eu não entendo... Se Gisele apenas namorava o Antônio porque ela simplesmente não o largou. Por que matá-lo?

— Você mesmo contou da mensagem ameaçadora do Antônio. Pode ser que ele tenha descoberto o romance entre elas e quisesse se vingar e elas decidiram matá-lo.

— Isso não explica por que Samanta, depois do Fernando morrer, mudou de cidade, de nome e resolveu namorar comigo.

— Talvez quisesse esquecer da Gisele ou estivesse fugindo.

— Não.

— É acho que não mesmo, Guel.

— Lara, você também acha como eu que ela inventou a história do demônio?

— Com certeza, Guel. Ela não tem o comportamento que se espera de alguém que é perseguida por um demônio desde a infância. Eu achava que tinha alguma coisa estranha nela e é a falta de medo, de religiosidade, quem é perseguido por um demônio deveria procurar ajuda, se apoiar em alguma coisa. Ela simplesmente leva uma vida normal. Além disso, se ela tem um relacionamento sério com a Gisele desde antes de te conhecer, por que ela resolveu largar tudo para trás, namorar com você e por que criou toda essa história do demônio?

— Para confundir, para me aterrorizar, me destruir...

— Deve mesmo ser isso, Guel. E pode apostar, acho que ela deve ter feito a mesma coisa com o Fernando.

— Podemos falar com a Clarice. Ela andou me procurando, deixou seu telefone.

— Temos que falar com ela, Guel. Ligue agora. Peça para ela vir até aqui.

Miguel pegou o telefone, encontrou o número do celular da Clarice e ligou. Ninguém atendeu.

— Clarice, aqui é Miguel. Preciso conversar com você. Me ligue com urgência. Obrigado.

— Daqui a pouco tentamos de novo – disse Lara. — Ela pode ter fantasiado para gente a morte da Raquel e da Amélia só para florear essa história do demônio. Pode ser que você desde sempre era o único alvo.

— Ela também pode tê-las matado.

— E por quê?

— Podemos investigar. Eu não entendo o que ela pode ter contra mim.

— Não existe nada?

— Não. Eu não vejo motivo.

— Ela pode ser uma psicopata, Guel.

— E iria querer namorar comigo?

— Para ter sua confiança e estar livre para enfiar a faca mais fundo que qualquer pessoa. Namorando com você, ela pode acompanhar seu sofrimento de perto, isso deve dar prazer a ela, ela pode sugar sua energia, destruir sua alegria, sua vida e depois, quando você já não tiver nada que a interesse, ela irá matá-lo, como deve ter feito com o Fernando.

— Impressionante ela ter conseguido ser tão falsa... Eu nunca imaginei.

— Guel, os psicopatas podem ser extremamente envolventes. O importante é que ela sabe muito bem o que está fazendo e eu acho que você sempre foi a vítima. Cada corte que ela fez no corpo, era para te ver sofrer. Ela quis parecer que perdia a sanidade para que você perdesse o chão. E o último golpe era fazê-lo acreditar no demônio, o objetivo disso era para que você ficasse vulnerável, se assustasse, sofresse, então, quando o jogo para ela perdesse a graça, ela te mataria.

— Os cortes, ela não fez todos sozinha. Ela tem um cúmplice.

— Acho que nós sabemos quem é.

— A Gisele.

— Só pode ser, Guel. Talvez a Gisele tenha a ajudado em mais coisas. Pense bem. A Gisele pode ter ajudado a matar o Fernando e o Antônio.

— Mas por quê?

— Você e o Fernando pode ser puro prazer. O Antônio acho que morreu porque descobriu alguma coisa, não deve ter morrido por namorar Gisele. Não, eu acho que elas deliberadamente se aproximaram de vocês todos.

— Eu não consigo entender!

— Você não conhecia mesmo o Fernando ou o Antônio?

— Eu não os conhecia, mas eu acho que se eu ver alguma foto vou descobrir que já os conhecia de vista, afinal a zona sul é um ovo.

— Realmente nós precisamos falar com a Clarice. Tente de novo, Guel.

Miguel ligou novamente do seu celular à Clarice e dessa vez ela atendeu.

– 23. Cartas na mesa –

Clarice e Geraldo estavam saboreando uma limonada em uma das mesas do Casa Grande Hotel no Guarujá. Quem não os conhecesse, imaginaria que formavam um casal. Clarice estava como sempre elegante, um lindo vestido branco com flores azuis, que modulava perfeitamente seu corpo magro, quem não visse seu rosto, imaginaria que não tinha sequer trinta anos. Geraldo Roberto estava irreconhecível. Ele parecia um autêntico *playboy,* vestia o Ralph Lauren da cabeça aos pés e os óculos escuros, modelo aviador, davam o toque final.

Clarice abriu um sorriso discreto para Geraldo Roberto.

— Meu querido Pedrinho, você está perfeito.

— Obrigado, madame Clarice – disse em voz baixa.

— Pedrinho me chama de Cáli, fique à vontade para me chamar assim, Geraldo – sussurrou.

— Está bem, Cáli. Que horas são? Nossos amigos estão atrasados?

— Ainda não. Faltam cinco minutos para as duas.

Geraldo Roberto suspirou e voltou a sentar-se.

— Acho que vou me degustar mais uma refrescante limonada. Você me acompanha, Cáli?

— Sim, Pedrinho.

— Uma casquinha de siri?

— Não, obrigada.

Mais duas limonadas chegaram acompanhadas de uma casquinha de siri. Clarice gostaria de falar abertamente com Geraldo Roberto, mas ele tinha recomendado que encenassem o tempo todo. *Há testemunhas ocultas o tempo todo, madame Clarice,* foi a recomendação que dera.

— Finalmente! – exclamou Clarice. — São eles!

Pela varanda caminhavam Miguel e Lara. Miguel assim como Geraldo

Roberto vestia uma bermuda elegante com um cinto, uma camiseta pólo e um óculos aviador. Geraldo Roberto olhou para Miguel e sorriu para si mesmo satisfeito. *Acertei em cheio no figurino*. Não conseguiu conter uma pequena risadinha de satisfação. A moda tinha muitas vantagens. Era quase que um código para identificar a pessoa. Muitas vezes só olhando a roupa era possível descobrir a classe social, personalidade e até a ideologia.

Lara vestia uma calça jeans antiga, uma camiseta branca folgada e uma sapatilha despojada. Lara carregava uma bolsa grande marrom e não usava nenhum acessório, a não ser uma corrente dourada com um pequeno coração, que tinha sido dada de presente por seu avô. Lara vestia-se propositalmente de um jeito mais desleixado. Ela não gostava que pensassem que se importava com a aparência. Isso geralmente tinha um efeito muito positivo em seus pacientes. E a verdade é que Lara não se importava mesmo. Bom, não muito.

Os quatro se cumprimentaram, enquanto Clarice fazia as apresentações ao seu primo, Pedrinho.

— Espero que entendam que depois de ter perdido meus filhos, sinto-me muito só, Pedrinho foi muito gentil em se oferecer para me acompanhar nessa viagem.

— Claro. Vocês estão hospedados aqui? – quis saber Miguel.

— Não, estamos no Fasano.

— Quiseram passar o dia na praia? – aventou Lara.

— Não – foi o que respondeu Clarice sem maiores explicações.

Geraldo Roberto gentilmente puxou a cadeira para que Lara sentasse com um largo sorriso no rosto. Lara, que nem sequer tinha sido submetida ao bote filhote de Geraldo Roberto, derreteu-se.

— Permita-me fazer uma pergunta de natureza prática, Lara.

— Claro – respondeu àquele baixinho simpático e educado.

— O que quer beber?

— Uma coca-cola bem gelada.

— Ótima escolha para um dia quente. Aceita comer alguma coisa? – perguntou solicitamente.

— Estou vendo sua casquinha de siri. Acho que é uma boa ideia.

— Excelente, Lara. E você, Miguel? – Clarice tinha orientado Geraldo Roberto a ser o mais coloquial possível e Geraldo Roberto esforçava-se fazendo largo uso do pronome de tratamento “você” e passando longe de um linguajar mais formal.

— Vou querer uma água de coco bem gelada.

Geraldo Roberto chamou com destreza o garçom. Instantes depois o garçom trazia o pedido. Lara abriu um sorriso quando deu o primeiro gole:

— Ah, que delícia! Está perfeita!

— Minha amiga é viciada em coca-cola – disse Miguel para justificar o entusiasmo de Lara.

Geraldo Roberto e Clarice riram da felicidade de Lara. Passados alguns instantes em que cada um comentou qual era seu maior vício alimentar, Clarice iniciou a conversa.

— Miguel, eu quis muito falar com você porque descobrir que Samanta se passava por Dora realmente me assustou. Samanta lhe explicou o porquê?

— Sim, ela me contou uma história. Eu acho que devo contá-la a você.

Miguel contou sobre o demônio que assombrava Samanta desde menina, sobre a morte de sua família em um incêndio, sobre a tia que a criou, sobre as mortes de Fernando, Antônio, Amélia e Raquel, as lesões, sustos e ameaças do demônio, a tentativa de suicídio, a confissão a respeito de sua verdadeira identidade, sua justificativa por ter mentido, entre outras coisas que Miguel julgou relevante à Clarice.

Clarice e Geraldo Roberto ouviam cada palavra proferida com a máxima atenção. Assim que Miguel terminou de contar tudo, Clarice disse:

— Samanta também disse ao meu filho que um demônio a estava assombrando. Eu me lembro que ele ficou muito preocupado, mas meu filho era muito fechado, ele não gostava de ficar me trazendo seus problemas pessoais, ele sempre quis resolver tudo sozinho. Eu me lembro que disse a ele que a Samanta não tinha jeito de ser aterrorizada por demônio algum. Ele respondeu que ela era fechada como ele e guardava tudo para si. Eu fiquei preocupada. Cheguei a procurá-la, eu queria que ela se consultasse com um psiquiatra amigo meu. O Fernando brigou comigo. Ela pareceu satisfeita por eu ter procurado ajudá-la. Ela foi à consulta, começou o tratamento, mas as alucinações continuaram. Não sabíamos o que fazer. Gisele, a namorada do Antônio, era muito sua amiga e a ajudou muito. O Fernando também sempre a apoiou. Ele era alucinado por ela. Até eu a apoiei. Um dia estávamos no *yacht* e ela me contou que tinha tido um pesadelo e que nele o Fernando morria. Ela fez um verdadeiro teatro, chorava e tremia. Eu não gostei nem um pouco da conversa, nem da sua atuação. No final de semana seguinte, Fernando morreu. Eu tive certeza que era ela.

— Certeza, Cáli? Que palavra forte! Você começou a desconfiar de todos, se lembra? Você estava tão perdida...

Clarice olhou Geraldo Roberto com firmeza e disse convicta:

— É tudo ou nada, Geraldo. Esse rapaz corre risco de vida e não vou fazer mais jogos. Dane-se, Geraldo. Estamos seguros aqui.

Geraldo Roberto não disse nada, mas seus olhos mostravam que ele concordava.

— Miguel e Lara, esse é Geraldo Roberto, ele é meu investigador, não é meu primo. Vocês contaram tudo o que sabiam e eu vou contar tudo o que sei.

Lara interrompeu:

— Nós não contamos tudo ainda. Falta uma coisa.

— O quê? – perguntou Geraldo Roberto.

— Samanta tem uma amante. É a Gisele. Eu as vi juntas.

Assim que Lara disse isso, Geraldo Roberto arregalou os olhos assustado e instantaneamente os olhos de Clarice começaram a se encher de lágrimas que escorriam sem controle. Um ódio profundo tomou por completo conta do seu corpo. Forte demais, colossal. Ela precisava sair dali ou seria consumida em instantes. Precisava correr, forte, muito forte. Em poucos instantes alcançou a porta do hotel e seguiu em disparada para a praia. O mar mostrava sua majestade com suas ondas altas e estrondosas. A pequena e trêmula bandeira vermelha que agitava na areia da praia não conseguia dar conta de anunciar seu perigo. Clarice não tinha medo. Ela precisava sentir a fúria do mar em seu corpo mais do que qualquer coisa. Destemida ingressou sem cerimônia ou reverência naquelas águas poderosas. Seu corpo foi atingido pela primeira onda violenta, Clarice levantou-se, mais uma bateu-lhe na cara e lhe atirou longe, ergueu-se e uma terceira, finalmente, a liquidou. O corpo de Clarice foi engolido pelas águas escuras e famintas. Lá embaixo tudo estava sereno, a fúria de Clarice encolheu-se recuada em um canto escuro e uma tristeza profunda invadiu sua alma.

Miguel entrou no mar para resgatá-la. Todos aqueles anos de praia finalmente mostravam seu valor. Miguel provou-se um exímio nadador ao furar as ondas ferozes e alcançar Clarice em instantes. Ele olhou para seus braços e lá estava Clarice frágil, doce e mole. Ela parecia uma menina indefesa, teimosa ou corajosa demais para ignorar os riscos de uma ressaca marinha. Os olhos de Clarice sorriram quando pousaram em Miguel, forte e atlético, como seus filhos. Sem relutar, apoiou-se nos braços de Miguel que a tirou do mar e a levou sã e salva de volta ao hotel.

Geraldo Roberto já tinha corrido para o hotel e providenciado os primeiros socorros à Clarice, incluindo um roupão felpudo e roupas secas. Orientou que Miguel a conduzisse para o ambulatório. O médico a examinou e felizmente estava tudo bem. "Foi só um susto", foi o que disse. Recomendou repouso pelo resto do dia. Miguel se despediu do colega e conduziu Clarice para uma espreguiçadeira à beira da piscina. Na espreguiçadeira ao lado sentaram-se Lara e Geraldo Roberto. Miguel puxou uma cadeira e a posicionou bem perto da espreguiçadeira de Clarice e lhe deu sua mão.

Todos pensaram em falar alguma coisa, mas ninguém teve vontade, as palavras pareciam fracas, vazias e sem significado. Havia muito para ser assimilado por todos. Assim, permaneceram por tempo demais. Foi Clarice quem quebrou o silêncio.

— Malditas assassinas! Amantes? Isso realmente nunca passou por minha cabeça.

— Eu nunca imaginei que Samanta gostasse de outra mulher. Eu também não a imaginava uma assassina. Eu ainda não sei quem ela é. – Miguel confessou perdido.

— Psicopatas são extremamente dissimulados – atestou Lara.

— Nós ainda não contamos a vocês, mas Samanta não é Samanta. Não existe nenhuma Samanta – disse Clarice.

— Quem ela é? – quis saber Miguel abalado.

— Não sabemos – respondeu Clarice. — Mas sabemos que antes de ser Samanta, já foi Eleonor e seu namorado morreu estranhamente eletrocutado em uma cerca elétrica.

— Quem era seu namorado? – perguntou Miguel.

Geraldo Roberto apressou-se na resposta:

— Wagner Araújo, um fazendeiro abastado do Mato Grosso do Sul. Conhece?

— Sim, conheço.

— Conte tudo, Miguel – pediu Clarice.

— O Wagner é primo da Maria Antônia, a Toninha, que foi minha vizinha de rua durante a infância inteira.

— Você era vizinho da Paola? – perguntou Clarice referindo-se a mãe da garota.

— Sim, toda vida – respondeu Miguel.

— Eu não sabia – disse Clarice surpresa.

— Pois é, o Wagner era primo da Toninha e passou com a gente muitos verões. Ele era uma figura. Ele dizia que onde morava não tinha praia. Isso para gente era chocante e cruel. Gostamos dele logo de cara. A gente apelidou ele de Chico Bento, no final, ficou só Chico. Ele era nosso amigo caipira. É difícil acreditar que ele está morto. – Os olhos de Miguel sempre sinceros mostravam que ele sentia saudades de seu amigo caipira.

Geraldo Roberto quis consolá-lo:

— Mais uma vítima cuja memória devemos honrar. Eu sinto muito por sua perda, doutor Miguel.

— O Chico era demais. Ele namorou com a Samanta?

— Exatamente – atestou Geraldo Roberto.

— Nesse caso nós temos provas contra a Samanta? – quis saber Miguel.

— Não, ela fez parecer um acidente, sua especialidade, mas eu juro a você, Miguel, que foi ela quem providenciou a instalação dessa cerca, o proprietário disse que não tinha conhecimento de que havia uma cerca elétrica em seu terreno – Clarice disse com convicção.

— Eu sei que deve ser verdade, mas ainda é difícil acreditar. Dora, Samanta, sei lá, parecia tão frágil, um anjo – disse Miguel, expondo seus sentimentos.

— Ela quis parecer assim, Miguel. Ela não é nada disso. Ela é falsa, extremamente falsa. Você precisa esquecer a pessoa que acha que conheceu. Ela não é quem parece. Você me entendeu, Miguel? – Clarice olhou firme para Miguel.

Miguel quis dizer alguma coisa, mas limitou-se a anuir. Lara logo percebeu que seu amigo precisava de apoio.

— Eu também senti falsidade nela, Guel. Eu também senti na primeira consulta que, de vez em quando, sua máscara caía e ela assumia um olhar de comando, arrogante, de superioridade, isso é típico de psicopata, agora eu entendo – disse Lara afagando o braço de Miguel em consolo.

— Eu sei. Só é difícil. Para mim, ela não era essa predadora horrível, para mim Dora era um anjo – murmurou Miguel.

— É exatamente como na música do Elvis, *You are the Devil in disguise*. – E Geraldo Roberto cantarolou: — *You look like an Angel. Walk like an Angel. Talk like an Angel. But I got wise. You're the devil in disguise*.

— Ela falava sobre o demônio comigo e muito, só não dizia que ele morava dentro dela... – O olhar de Miguel estava longe, a tristeza era tamanha que o buraco em seu coração parecia que tinha atingido sua alma.

— Miguel, ela é o próprio demônio. Ela te seduziu, ela é linda, tem um rosto de anjo, ninguém tem dúvidas a respeito disso, mas não se esqueça que ela é uma assassina, de uma frieza e uma crueldade impressionantes. Ela enganou a todos até agora. Enganou meu filho – os olhos de Clarice se encheram de lágrimas —, enganou o Wagner e enganou você.

— Em todos meus anos de profissão, nunca me deparei com uma assassina com a inteligência e a frieza que tem a nossa inimiga, senhorita Samanta. Na minha opinião, ela arquitetou minuciosamente cada assassinato que cometeu. Ela é possuidora de um sangue frio sem precedentes e, sem dúvida, é uma atriz nata, pois é capaz de relacionar-se amorosamente com cada uma de

suas vítimas, enganando-as do início ao fim, de fantasiar uma perseguição sobrenatural e demoníaca com maestria cênica, e, finalmente, de assustar e perseguir suas vítimas até o momento em que o ciclo se fecha e ela as mata. Ainda demonstra criatividade em cada uma de suas execuções, sempre opta por uma morte aparentemente acidental que afasta das autoridades a ideia de assassinato. Não fosse a perseverança e determinação de madame Clarice, Samanta nunca seria descoberta.

Clarice sorriu para Geraldo Roberto que a olhava admirado. *Eis uma grande dama,* pensava Geraldo Roberto. Silenciosamente Miguel e Lara agradeciam a Clarice.

Passados alguns instantes da adoração velada, Clarice retomou a conversa:

— Sabe, Miguel, eu fui amiga de infância da Paola. Estudamos juntas a vida toda no Santo Inácio.

— Eu também estudei no Santo Inácio. Seus filhos também estudaram lá? — perguntou Miguel.

— Não, eles estudaram no Colégio São Bento, o pai fez questão.

— Por isso que eu não os conhecia... A Toninha fez Santo Agostinho. Ela era muito amiga dos seus filhos?

— Não. Nós até queríamos que eles fossem mais amigos, eu e Paola, mas eles só se encontravam em grandes festas.

O garçom olhou para Geraldo Roberto e perguntou se queriam mais alguma bebida. Geraldo Roberto disse:

— Uma rodada de água de coco para todos.

Depois perguntou:

— Aceitam? Madame?

— Uma água de coco será maravilhoso – respondeu Clarice educadamente.

Miguel e Lara também assentiram.

— Senhor garçom também gostaríamos de uma porção de manjubinha frita e outra de azeitonas pretas, certo, madame Clarice?

Geraldo Roberto era magro, muito magro mesmo, mas tinha um apetite voraz. Seu fraco eram os petiscos. Toda vez que sentava em algum lugar pedia uma porção atrás da outra.

— Perfeito. Geraldo Roberto conhece meu fraco por azeitonas – disse explicando o pedido para Lara e Miguel.

— Eu também adoro – confessou Lara.

O garçom deixou a mesa e seguiu em direção à cozinha para providenciar o pedido. Geraldo Roberto olhou com interesse para Lara e perguntou:

— Conte-me, senhorita Lara, se não for ousadia demais perguntar, o que exatamente a senhorita viu?

— Eu estava no zoológico, antes que estranhe, Geraldo. Posso chamá-lo assim, não posso? – Geraldo Roberto abriu um sorriso aberto mostrando que autorizava Lara a chamá-lo do que quisesse. — Obrigada, Geraldo. Bom, antes que estranhe eu adoro ir ao zoológico, me ajuda a espairecer, sabe?

— Eu também aprecio o mundo selvagem, senhorita Lara. Mas, por favor, continue, de modo algum pretendi interrompê-la.

— Bom, então, eu estava passeando e vi duas mulheres juntas, estranhamente juntas, se é que me entende – Geraldo Roberto anuiu efusivamente. — Então, como é incomum, olhei com mais atenção, sabe? Elas estavam de costas e achei que uma destas fosse a Samanta, então, ela se virou de lado e vi que realmente era a Samanta. Elas foram para uma parte do zoológico menos frequentada e eu resolvi segui-las. Eu precisava saber mais. Bom, daí eu realmente testemunhei uma série de longos beijos, bem apaixonados. — Lara olhou para Miguel e murmurou: — Me desculpe, Guel.

Miguel apenas olhou para Lara balançando a cabeça. Seus olhos diziam que ela tinha que falar com a Clarice e Geraldo Roberto o que sabia.

— Essa descoberta que fez, senhorita Lara, coloca uma pá de cal em muitas dúvidas que tínhamos. É formidável. Por exemplo, a última pessoa que viu Antônio com vida, foi Gisele. Talvez vocês ainda não saibam, mas o Antônio morreu de overdose, é o que atestou o médico legista. A polícia concluiu que Antônio cheirou cocaína e morreu acidentalmente, simples assim. Contudo, nós sabemos que o Antônio não tinha platina no nariz, se é que me entendem, ele usava essa droga apenas eventualmente. Agora que sabemos que Gisele e Samanta são amantes, eu imagino que Gisele foi ao apartamento de Antônio e lhe deu uma droga puríssima, sem avisá-lo, assim ele morreria de *overdose*. É claro que não temos provas, mas é o que deve ter acontecido.

— Eu sei que elas mataram meu caçula. Não sei como, mas aconteceu – disse Clarice.

— Madame Clarice, uma ideia me ocorreu. Fernando morreu afogado, segundo o médico legista, o doutor Brigadeiro. E, Doutores Miguel e Lara, eu conheço o doutor Brigadeiro, é um médico respeitado, nobre e muito competente. Tenho certeza de que assim realmente pareceu clinicamente para ele. Vocês que são médicos me respondam, como faço para uma pessoa morrer aparentemente afogada?

Lara abriu a boca para responder, mas Miguel já tinha começado a falar:

— Lhe dê algum veneno e jogue-a imediatamente na água.

— Perfeito, doutor Miguel.

— Elas fizeram isso – respondeu Geraldo convicto.

— Mas como isso passou batido? – perguntou Clarice.

Dessa vez, foi Lara quem respondeu.

— Basta usar uma droga rara ou incomum que não faz parte da triagem do Instituto Médico Legal.

— Exatamente, senhorita Lara.

— Que droga poderia ser? – perguntou Lara para Miguel.

— Qualquer droga incomum, como você mesmo disse. Lara, pode ser também que tenha sido usada substância encontrada fartamente no mar, mas que seja letal se injetada – respondeu Miguel.

— Cloreto de Potássio? – Os olhos de Lara brilharam.

— É perfeito – respondeu Miguel.

— Meu Deus! – exclamou Geraldo Roberto. — Foi isso! Deve ter sido isso. Ela é uma artista do crime. É sublime. Sim, trágico, mas sublime. – Geraldo Roberto estava absolutamente fascinado com a mente genial e assassina de Samanta.

— Sal *light*? – perguntou Clarice.

— Isso mesmo – respondeu Miguel. — E também é usado nas injeções letais para pena capital ou eutanásia.

— Meu Deus! – Clarice perdeu a cor. — Temos como pegá-la, Geraldo?

— Não, madame Clarice.

— Temos que encontrar algum jeito de pegar Samanta e sua amante maldita. – Clarice estava resoluta.

— Nós sabemos que ela pretende matar Miguel – disse Geraldo Roberto.

— Não podemos arriscar sua vida – disse Lara enfaticamente para Miguel.

Miguel quis dizer que estava disposto a se arriscar, mas Geraldo Roberto o interrompeu antes que discursasse:

— A senhorita Lara tem razão. Além do mais, dificilmente, Samanta não perceberia uma armadilha. Ninguém aqui tem o dom que ela tem para representação artística.

— A Lara é uma ótima atriz – disse Miguel.

— Não tão boa como uma psicopata dissimulada – ressaltou Lara.

— Tem que haver algum jeito – disse Clarice aflita. — Nós marcamos esse encontro com você, Miguel, para descobrirmos mais sobre Samanta e quem sabe assim a identificarmos. No final, com tantas descobertas, não falamos com você sobre isso. Miguel, quem Samanta lhe disse que era? Pode ser que alguma coisa que ela lhe disse entre tantas mentiras seja verdadeiro.

— Era tudo mentira.

— Vamos, se esforce – disse Clarice.

— Nada do que eu falei ajudou?

— Não, isso tudo eu sabia . O incêndio, a tia, as assombrações, tudo isso faz parte do passado da personagem que ela criou. Tente pensar em alguma frase desconexa, alguma coisa que ela contou e que parecia não ter sentido, algum lugar que ela disse que gostava, coisas assim.

— Bom, quando a Raquel morreu, Samanta ficou bem estranha. Ela começou a contar que Raquel tinha experimentado seu sapato e que tinha gostado, que eles eram altos e que ela não se equilibrava neles e que provavelmente morreu, pois não conseguiu acertar os pedais do carro.

— Não, isso infelizmente não nos ajuda, doutor Miguel. Nós estamos acompanhando a senhorita Samanta de perto desde a morte do Fernando. Verifiquei com as minhas fontes e o atestado de morte de Raquel realmente foi traumatismo craniano. Ela simplesmente aproveitou-se da morte de Raquel para assustá-lo – disse Geraldo Roberto.

— Ela estudou em um colégio de freiras, em Belo Horizonte. O nome era... – Miguel olhava para o horizonte fazendo esforço para se lembrar do nome do colégio.

— Colégio *Sacré Coeur de Marie*. Faz parte do personagem que Samanta criou. Já fomos atrás e Samanta nunca estudou lá – disse Clarice.

— Doutor Miguel, se me permite. Procure pensar em coisas que você estranhou, não pense muito, apenas diga, diga tudo que vem a sua mente.

— Vou me esforçar. Bom, eu estranhei que o porteiro disse que Dora, bem, Samanta era muito exigente.

— Sim, faz sentido, uma característica da personalidade que ela ocultava de você. – Clarice sorriu para Miguel, já era um avanço.

— O que mais? Vamos, rapaz, diga o que lhe vem a mente – disse Geraldo Roberto tentando animá-lo a dizer qualquer coisa.

— Bem, eu estranhava que ela reagia tão bem a todas ameaças, às mortes. Estranhei a morte da Amélia. Eu a conhecia. Foi muito estranho – disse Miguel em tom baixo.

— Você a conhecia? – perguntou Clarice.

— Bom, eu já tinha cruzado com ela algumas vezes, ela era uma amiga da Toninha – respondeu Miguel.

— Eu sabia que já tinha ouvido esse nome em algum lugar. – Clarice olhava para Geraldo Roberto. — Amélia Monteiro, claro. Ela é filha de Débora Marcondes e Eduardo Monteiro. Débora era muito amiga de Paola porque seus maridos trabalhavam juntos – disse Clarice. — Sim, agora eu me lembrei!

Geraldo Roberto fez questão de se explicar:

— Eu tinha contado à madame Clarice sobre a morte de Amélia Monteiro, disse que era carioca, mas na época ela não conseguiu se lembrar de ninguém com esse nome. Agora que o doutor Miguel disse que conhecia Amélia por ser amiga de Toninha, madame Clarice se lembrou que assim como ela era amiga de Paola e seus filhos eram conhecidos de Toninha, Amélia devia ser filha de alguém que era amiga de Paola, e, foi assim, que conseguiu se lembrar de Amélia e sua mãe, Débora.

— De novo, a Toninha. É muita coincidência. E eu não acredito em coincidências. Geraldo, precisamos falar com a Toninha com urgência. Ela deve saber quem é Samanta.

— Podemos enviar uma foto por e-mail. Eu tenho o e-mail da Toninha – disse Miguel empolgado.

— Não, eu quero fazer isso pessoalmente. Eu preciso olhar nos olhos da Toninha para saber se devo acreditar ou não na resposta.

— Vou telefonar para Paola e ver se ela e a filha podem tomar um chá amanhã à tarde comigo e com o Miguel.

— Vou comprar as passagens – respondeu Miguel.

— Não se preocupe com isso, Miguel. O Geraldo cuidará de tudo para gente. Antes eu preciso ver se elas poderão nos receber.

— Eu me lembrei de algo muito importante – disse Miguel. — Algo que passou desapercebido, até por mim, deve ser por que ando muito atordoado...

— O que é? – perguntou Lara.

— Samanta matou Raquel e Antônio.

— Ela e ou sua amante mataram Antônio, mas Raquel morreu de traumatismo craniano – afirmou Geraldo Roberto.

— Ela matou a Raquel também.

— Como você sabe? – perguntou Lara.

— Ela se sentiu culpada pela morte de Raquel, disse que encontrou carne crua no sapato que Raquel pegou emprestado, que ouviu seu nome, que esse era o tal objeto de aviso.

— Mas ela disse tudo isso depois que a Raquel já tinha morrido. Ela foi na minha consulta e...

Miguel interrompeu Lara antes que ela pudesse terminar a frase.

— Não, Lara. Ela me contou isso tudo antes do acidente. Nós tínhamos dado um tempo, eu fui até a casa dela e ela me contou de todas ameaças e sustos, inclusive, da carne crua no sapato. Depois de alguns dias, ocorreu o acidente.

— E a morte do Antônio, você também viu o objeto antes de ocorrer? – perguntou Lara.

— Não, mas era para eu ter visto. Eu me lembro que eu tinha marcado de ir na casa de Samanta numa quarta-feira à noite e não consegui ir, pois estava trabalhando muito. Fiquei chateado, pois comemorávamos os meses de namoro, bom, isso não vem ao caso, mas só conseguimos marcar o encontro para o segundo domingo depois dessa quarta.

— No nosso caso, o objeto de aviso foi o óculos de natação do Fernando. Eu e o Antônio o encontramos ensanguentado no convés. Foi horrível.

— Então, a senhorita Raquel também foi assassinada.

— Você a conhecia, Miguel? – quis saber Clarice.

— Não. Ela me disse quando nos conhecemos que tinha morado no Rio durante sua infância.

— Deu mais detalhes, doutor Miguel? – perguntou Geraldo Roberto.

— Bom, ela disse que na época morava na Urca. Nossa conversa não passou muito disso.

— Temos que descobrir tudo sobre ela, Geraldo.

— O nome dela é Raquel Assis. Vou pesquisar sua vida e ver o que descobrimos. Acredito que ela conhecia Toninha também. Averiguem isso na viagem de vocês.

— Ótimo, Geraldo – Clarice olhou para Miguel. — Lembra-se de mais alguma coisa, Miguel? Pode ser qualquer coisa que tenha achado estranha. Tente se lembrar.

— Deixa eu pensar. A Samanta soltou uma frase muito estranha. Bom, quando a Raquel morreu, ela me disse que sentia que devia ter impedido sua morte e eu a consolei dizendo que tinha sido só um acidente, ela insistiu dizendo que sabia que Raquel morreria e que era culpada, foi, então, que falou que o lobo é do jeito que é porque é da sua natureza. Pior que o lobo é a ovelha que assiste covarde a chacina do seu rebanho. Achei a frase muito esquisita e fora de contexto.

— De fato, é estranha – atestou Geraldo Roberto. — Devia ser um recado

para o senhor.

— Para mim? – estranhou Miguel.

— Sim, você pode ser a ovelha que assiste seu rebanho morrer? – perguntou Geraldo Roberto.

— Pelo contrário, eu sempre defendi Samanta de tudo e todos – reconheceu Miguel.

— Podia ser uma indireta para o futuro para que você não a traia, e a entregue de bandeja aos lobos – sugeriu Lara.

— Mais alguma coisa? Pode ser qualquer coisa? – incentivou Geraldo Roberto.

— Eu achava estranho como ela reagia tão bem a tantas coisas horríveis que aconteciam com ela, como já falei. Depois ela me disse que sempre tinha sido assombrada pelo tal demônio e entendi mais seu comportamento, mas a Lara continuou achando-o estranho e descobriu algo muito importante a respeito disso. Diga a eles, Lara.

— Eu pensei que alguém que é perseguido a vida inteira por um demônio não se tornaria um adulto como era a Dora, quer dizer, Samanta, bem não sabemos seu verdadeiro nome. Ela seria uma aficionada religiosa ou uma profunda conhecedora de demonologia. Jamais seria uma *fashionista* que é gerente da Tiffany e leva aparentemente uma vida normal. Não tem absolutamente nenhum sentido, ainda mais quando ela dizia que acredita no demônio.

— É verdade – refletiu Clarice em voz alta.

— Interessantíssima abordagem psicológica – disse Geraldo Roberto satisfeito.

— Outra coisa que notei foi que ela não demonstrava medo, não existia um pingo de medo legítimo. Para quem é assombrado desde pequeno não demonstrar medo, quanto mais diante das repressões que sofreu ao longo da vida, incluindo a tentativa de sua própria morte e a de sua família, é muito estranho, para não dizer impossível.

— Doutora Lara, depois de tamanha explanação não poderei mais chamá-la inocentemente de senhorita.

— Não, Geraldo, me chame de senhorita, faz muito bem aos meus ouvidos, Doutora Lara escuto todos os dias.

— Se insiste, senhorita Lara. Eu tenho uma pergunta a lhe fazer. Nós sabemos que Samanta é uma assassina fria, inteligente, com prazer mórbido para torturar suas vítimas até o momento em que as mata e faz parecer um acidente.

A senhorita faz ideia do motivo desse comportamento? Na minha experiência, criminosos em série apreciam um crime chamativo e espetacular e colecionam troféus de suas vítimas.

— Legitimar a fantasia que criou é o final que a Samanta quer, é o final perfeito para seu conto sobrenatural. Ela inventa um demônio, ninguém acredita, com o passar do tempo, ela faz com que todos acreditem em seu demônio, até os mais céticos – disse isso olhando para Miguel. — Então, o demônio que a aterrorizava desde a infância resolve escolher uma nova vítima, essa vítima imediatamente se identifica com a Samanta, afinal está vivendo o que Samanta viveu a vida inteira. A Samanta oferece seu apoio incondicional. Samanta tenta confortar a vítima contando suas histórias, dizendo que com o tempo o demônio deixará de ser importante, que com tudo na vida se acostuma, mas o contrário acontece, é claro, afinal a vítima está verdadeiramente aterrorizada. A vítima sente-se fraca e mal por não ter a força que Samanta um dia teve e se perde. A vítima deixa de ser tudo que um dia foi. Torna-se um rato amedrontado. E acredito que é exatamente nesse momento que Samanta mata sua vítima. Ela mata a pessoa covarde. A Samanta despreza a fraqueza humana, ela despreza a vítima que não soube lutar. Não é na morte que Samanta tem prazer. A morte é o final do jogo. A morte é o desprezo que Samanta possui pelos covardes. Não é disso que ela quer se lembrar. Ela gosta da tortura. É em relação às torturas que ela guarda seus troféus. E a morte, Geraldo Roberto, precisa fazer parte do seu jogo. A morte tem que parecer que foi obra do demônio, tem que parecer um acidente.

— Estou cada vez mais impressionado, senhorita Lara. Conte-me: se não é a morte que nossa inimiga queria, por que ela matava?

— Eu acredito, Geraldo Roberto, que para ela era um jogo, se a vítima sucumbisse, acreditasse no demônio, ela a mataria. Em outras palavras, a pessoa viveria enquanto se mantivesse firme e forte. Ela é uma predadora, mata quem é mais fraco, mata quem se acovarda.

— Eu comecei a acreditar no demônio. Ela deve pretender me matar logo.

— Não há dúvida disso, Guel. Fique longe da Samanta. Até por que se ela desconfiar que você sabe alguma coisa, ela o matará, exatamente como fez com o Antônio.

— Será que conseguimos investigar o apartamento da Samanta para ver se encontramos alguma coisa?

— A Samanta disse que irá à consulta na próxima semana. Você terá um pouco mais de uma hora Geraldo.

— Perfeito.

— Como você vai entrar no prédio?

— Acredito que o apartamento da senhorita Amélia Monteiro está para alugar.

— Excelente – disse Clarice.

— Falta descobrirmos se existe um motivo para ela escolher suas vítimas ou não. Tudo indica que existe. De alguma forma, todas as vítimas passaram pelo Rio de Janeiro, e à exceção da Raquel, que ainda não sabemos, todas conheciam Toninha – constatou Geraldo Roberto.

— Será que ela aterrorizou todas suas vítimas? – indagou Clarice.

— Eu acredito que o sofrimento ela reserva para as vítimas que, de acordo com seu julgamento, merecem sofrer – opinou Lara. — Agora quem merece sofrer nós não sabemos.

— Já sabemos tanto – animou-se Geraldo Roberto. — Sabemos que ela arquiteta seus assassinatos com maestria, ela conseguiu se envolver com todas suas vítimas, ainda não sabemos ao certo, mas acho que quanto mais ela achava que a vítima deveria sofrer, mais ela se envolvia para assistir de perto seu sofrimento. O que acha, senhorita Lara?

— Faz todo sentido, Geraldo. Então, já sabemos que por algum motivo o Wagner, o Fernando e o Miguel são os que mais mereciam sofrer de acordo com a Samanta. Agora precisamos descobrir o porquê. O que será que eles tem em comum?

— Por enquanto sabemos que eles tem Toninha em comum. Isso não deve ser apenas uma coincidência.

— Certamente que não – asseverou Clarice convicta.

— Será muito importante a conversa que terão com a Toninha. Desejo boa sorte a essa belíssima dupla! À grande dupla! – disse Geraldo Roberto levantando o copo de água de coco em tom comemorativo, como se já soubesse que estavam perto do desfecho da trama.

Todos sorriram e levantaram os copos.

– 24. Chá da tarde –

Clarice estava sentada de frente para o paredão de vidro olhando os aviões circularem no solo.

Miguel tomava um café e checava seus e-mails no seu novo *iPhone*.

Clarice disse para Miguel:

— Eu dizia ao meu filho que achava uma chatice esses celulares modernos. Sabe, ninguém mais conversa. Qualquer imbecil que esteja longe de você e que te manda um e-mail tem preferência a quem está ao seu lado, ao vivo e a cores.

— Desculpe-me – disse Miguel guardando o celular.

— Não, pode ver todos e-mails que quiser, rapaz. Eu só estava lembrando do meu filho e dos momentos que perdi com ele por causa dessa joça.

— Eu já chequei meus e-mails não há nada importante. Sabe, a Samanta também odiava que eu ficasse toda hora entretido com meu celular.

— Infelizmente, sou obrigada a concordar com ela nesse ponto.

— Fui procurar o Antônio da última vez que fui ao Rio. A Samanta tinha sumido com meu celular. Foi ele meu objeto de aviso. Apareceu ensanguentado na casa dela. Ela disse que tinha descoberto que eu morreria, sabe, o demônio tinha lhe dado meu nome, e ela tinha resolvido me contar. Ela começou a me ligar para contar e ela disse que foi sinistro que o telefone começou a tocar na casa dela, foi quando ela o encontrou todo ensanguentado. Depois disso, ela conta que o demônio tentou matá-la e eu a encontrei jorrando sangue na sala de estar. É difícil pensar que ela maquinou isso tudo. Ela se arriscou cortando os pulsos daquele jeito.

— Será?

— Bom, ela sabia que eu chegaria rápido na casa dela. Eu tinha marcado horário. Mas e se eu não aparecesse? Se tivesse acontecido algum imprevisto?

— Para isso existe sua cúmplice e amante.

— Não deve ter sido ela mesma quem cortou os punhos... Qual a profissão da Gisele? – quis saber Miguel.

— Ela também é médica, como você – respondeu Clarice, olhando para Miguel.

— É a Gisele quem ministrou a seringa no Fernando, quem forneceu coca pura ao Antônio, quem fez os cortes na Samanta, quem simulou o suicídio. Deve ainda ter ajudado Samanta com os outros crimes. Nós só não sabemos ainda como.

— Por que será que ela namorou tanto tempo o Antônio? Não tinha necessidade – perguntou Clarice.

— Talvez houvesse, só não sabemos o motivo.

Um elegante motorista aguardava Clarice no desembarque. Wesley trabalhava com Clarice há dez anos. Eficiência, silêncio, educação e discrição eram sua marca registrada. Clarice o adorava. Ele era o motorista perfeito, pontual, cuidadoso e prestativo, dirigia com louvor e resolvia tudo para Clarice desde o supermercado até uma perseguição. De todos os empregados que teve na vida, Wesley era o melhor. Ele se aproximou de Miguel, pegou a bagagem de Clarice de suas mãos e disse:

— Pode deixar, senhor, que agora eu cuido disso.

Clarice abriu um sorriso para Wesley que sorriu de volta e depois correu para o carro a fim de ligar o ar condicionado, guardar a bagagem e abrir as portas para seus passageiros. Em poucos minutos, Miguel e Clarice já estavam acomodados dentro do luxuoso carro preto com o ar condicionado no máximo.

— Miguel, podemos ir direto para casa da Paola?

— Podemos.

Clarice deu as instruções para Wesley e eles seguiram em direção ao antigo bairro de Miguel, Ipanema.

— Miguel, em hipótese alguma diremos que desconfiamos de Samanta. Está bem? Para todos os efeitos nós só queremos encontrá-la.

— A Toninha achará estranho me ver com você.

— Miguel, ela vai aceitar acredite. Está na moda mulheres da minha idade namorarem homens mais jovens.

— Eu não sei se serei convincente.

— Miguel, elas não serão indiscretas. Paola é educadíssima e Toninha puxou a discrição de sua mãe.

— Eu sei, é que...

— Pare de choramingar, meu amor – disse Clarice brincando. — Além

do mais, eu vou adorar o efeito disso no meu ex-marido.

— Está bem, Clarice, mas vou chamá-la de minha joia – disse vingativo com um sorriso nos lábios.

— Você pode até me chamar de minha velhinha que eu não ligo. – Clarice parecia estar se divertindo como há muito tempo não fazia.

Miguel ficou feliz de vê-la animada. A genuína tristeza que tinha presenciado na missa de sétimo dia do seu filho tinha marcado sua alma.

— É bom te ver assim.

— Estou feliz por estar finalmente vendo alguma luz no final do túnel.

— Isso é bom – disse Miguel sorrindo.

Clarice sorriu apenas.

Miguel olhava aquele prédio antigo e muitas lembranças de sua infância vinham à sua mente. *Bons tempos.* Na época em que Miguel era criança, Ipanema era outro bairro. Lembrava-se que ficava até tarde na rua na frente do prédio de Toninha, só conversando. Não tinha perigo algum. Era uma delícia, toda turma reunida na frente do prédio da Toninha que tinha a maior escadaria. Naquela época o calçadão da Vieira Souto não tinha a iluminação que tem hoje, por isso a criançada só ficava na praia até o final da tarde. Se bem que mesmo com toda aquela iluminação, as crianças de hoje não podem ficar sozinhas na rua até tarde. Miguel foi criado bem solto pelas ruas de Ipanema. Ele sabia que se passasse hoje sua infância lá, dificilmente teria conhecido a Toninha ou feito todas amizades que fez na rua. As crianças de hoje vivem boa parte do tempo trancafiadas em seu próprio apartamento. *Outros tempos,* concluiu Miguel.

Foi pensando nas conversas que teve naquela escadaria que Miguel deu seus passos com um sorriso no rosto. Clarice olhou de lado e sorriu. *A luz no final do túnel não tinha aparecido apenas para mim,* pensou.

Miguel e Clarice foram anunciados pelo porteiro e seguiram para o elevador. *Parecia que nada tinha mudado,* pensou Miguel enquanto andava pelo corredor imponente daquele prédio. O piso de mármore branco, o tapete vermelho esticado preso nas laterais por um metal dourado, os quadros que enfeitavam o largo corredor em estilo renascentista e a luz acolhedora, lembravam Miguel de um Rio de Janeiro que não voltava mais.

Assim que chegaram no andar Clarice pegou nas mãos de Miguel e disse:

— Venha, meu amor.

— Claro, minha joia.

— Você estava falando sério... – murmurou Clarice.

Miguel deu um sorriso de lado e piscou para Clarice. Foram recepcionados por uma empregada vestida à moda antiga de uniforme que os

conduziu até a sala de estar. Na sala Paola e Toninha aguardavam sentadas, porém assim que os viram, levantaram-se para cumprimentá-los. Clarice não pode deixar de notar que Paola não pode evitar olhar mais do que gostaria, dada sua discrição, para as mãos dadas do casal.

Clarice e Paola eram muito amigas e há muito tempo. Clarice sabia que Paola estava chocada com tudo e principalmente que sua amiga não tinha contado nada a respeito, foi por isso que Clarice sussurrou no ouvido de Paola quando se cumprimentaram:

— Depois eu te conto sobre o Miguel.

Paola deu um sorriso discreto para amiga, tal como fazia quando eram crianças.

— Adoramos saber que vocês vinham nos visitar, não é Toninha?

— Demais! – exclamou Toninha sorrindo depois de ter abraçado efusivamente Miguel.

Toninha era bem baixinha, com cabelo curto castanho escuro. Ela usava uma saia curta despojada que deixava à mostra suas pernas roliças. Toninha era extremamente simpática e dava-se com todo mundo. As festas de Toninha tornaram-se referência para os organizadores de evento do Rio de Janeiro por serem cheias e espetaculares. Não é por outro motivo que Toninha depois de ter cursado comunicação virou promotora de eventos, agora além da nata da sociedade carioca, tinha conquistado a admiração das celebridades e artistas.

Paola era mais clássica em relação ao seu vestuário, por isso tinha optado por uma saia na altura dos joelhos e uma camisa de seda. Paola fora muito bela em sua juventude, dona de um corpo atlético, pele morena e longos cabelos pretos que magnetizavam os corações dos rapazes cariocas, lembrava-se Clarice com saudade. Olhando para o rosto da amiga reconhecia claramente os traços daquela beleza juvenil, o corpo porém de Paola foi castigado com o tempo, a gordura acumulou-se em sua barriga, glúteos e coxas e percebia-se pela saia justa que Paola continuava a ganhar peso. Clarice que mantinha sua magreza dos tempos de menina não pode evitar de sentir pena de sua amiga, por isso disse:

— Que saudades. Que bom vê-la tão bem! Você continua com esse sorriso lindo!

Paola quando ouviu isso foi acometida pelo mesmo sentimento de pena por sua amiga de infância. Estranhou aquela magreza sofrida de Clarice que lhe parecia depressão. O comentário sobre seu sorriso, fez com que imediatamente se lembrasse da morte de seu filho, Fernando, de sua obsessão na busca de um assassino, de sua separação de Alfredo, a morte de Antônio ainda mais recente e aquilo lhe apertou o coração de tal forma que quase quis chorar. Controlou-se, forçou mais um sorriso e disse:

— Vejo que está muito bem agora, Clarice. Fico muito feliz que tenha vindo com o Miguel. Queridos, sentem-se, vamos conversar um pouco e depois tomaremos nosso chá.

Miguel e Toninha conversavam animadamente sobre tantas coisas da infância que Paola e Clarice foram perdendo o interesse na conversa e travaram, por isso, uma conversa paralela. Sabendo que Miguel não ouvia, ocupado demais em acompanhar toda vivacidade de Toninha, Paola disse:

— Cáli, pode me contar agora, como você conheceu o Miguel?

— Se eu te contar você não vai acreditar!

— Pode me testar agora. Não aguento mais de curiosidade!

Clarice inventou uma história interessante sobre um encontro na praia em Angra dos Reis que deixou Paola derretida.

— E foi assim, meu cachorro foi em sua direção. Uma loucura! Eu brinco que o Sagu sabe escolher os homens melhor que eu, aliás, muito melhor do que eu. Bom, daí foi muito engraçado, começamos a conversar e o Guel me chamou para tomar uma água de coco.

Paola pensava se Miguel já estava com ela quando Antônio morreu. *Acho que não, pois não o vi no enterro.*

— Há quanto tempo estão juntos? – quis saber Paola.

— É super-recente, nem um mês.

— É uma delícia o começo. Tão excitante.

— Eu rejuvenesci.

— Percebe-se, Cali, você está linda. Fico muito feliz por você. Ele é um doce. Eu o conheço desde menino, bom, você sabe. Tenho certeza que ele vai te fazer muito bem.

— Eu também.

Depois de uma meia hora, Toninha e Miguel já tinham matado a excitação do reencontro, por isso juntaram-se à conversa de Clarice e Paola. No primeiro momento em que a conversa esfriou, Clarice aproveitou a deixa:

— Paola e Toninha, vocês não chegaram a conhecer a Samanta namorada do Fernando, não é?

— Não – responderam juntas.

— Vocês se incomodam de nós mostrarmos uma foto?

— Não, claro que não – disse Toninha.

Miguel pegou o celular e lhes mostrou uma foto de Samanta. Paola disse:

— Não a conhecemos mesmo.

— Que pena! – disse Clarice decepcionada.

— Você não tem o telefone dela, não sabe onde mora, nada?

— Acho que ela mudou de celular – mentiu Clarice. — E pior ainda mudou-se para São Paulo. Não a encontro de jeito nenhum.

— Por que quer tanto falar com ela? – indagou Toninha.

— É que depois que arrumei as coisas do Fernando, encontrei algumas coisas dela e outras que acho que deveriam ficar com ela, bom, é o que acho que o Fernando queria, mas eu não a encontro. Eu queria cuidar disso e seguir em frente com a minha vida – disse olhando para Miguel.

— Que pena que não a conhecemos! – disse Paola triste porque queria ter ajudado sua amiga.

— Pois é, ela não tinha muitos amigos no Rio, os poucos com quem falamos disseram que ela se mudou para São Paulo e sumiu. Foi ideia do Guel, não é, querido? – Clarice pegou nas mãos de Miguel delicadamente. — De falar com você, Toninha. Miguel me disse: "Cáli não tem ninguém que conhece tantas pessoas no Rio de Janeiro como Toninha". E eu concordei. Não tem mesmo.

Toninha sorriu, seu sorriso era realmente sincero, espontâneo e largo. *Poucas pessoas tem a capacidade de sorrir de Toninha. O sorriso dela é como o de uma criança,* pensou Miguel, lembrando-se que Samanta quase nunca sorria. *Como eu nunca desconfiei? Ela sempre foi estranha. Acho que estava mesmo cego.*

— Eu sinto não poder ajudá-los, mas eu realmente não a conheço.

Ouvindo aquilo, uma ideia ocorreu na mente de Miguel e seus olhos verdes brilharam.

— Cáli, você me contou que a Samanta era muito amiga da Gisele e nós não estamos conseguimos conversar com a Gisele. Também, depois de perder o Antônio é normal que queria sumir por um tempo. Será que a Toninha não a conhece? Talvez ela saiba onde podemos encontrá-la ou convencê-la a conversar conosco.

Clarice ao ouvir aquilo não conseguiu conter um sorriso.

— Ótima ideia. Você a conhece, Toninha?

— Sim, ela eu conheço. Para mim foi uma surpresa quando ela começou a namorar o Antônio... – Toninha olhou para o chão. Miguel conhecia aquele olhar parecia que ela tentava disfarçar um pensamento, o que realmente queria falar. — A gente conhece pessoas de lugares diferentes e nunca imagina que um dia podem acabar juntas. Sabe, eu nem sei como os dois se conheceram.

Clarice estava curiosa demais, acabou interrompendo a Toninha:

— Eu imaginei mesmo que você a conhecesse. Como se conheceram?

— Ela era muito amiga da irmã de uma amiga minha.

— Que amiga? – indagou Clarice já sem conseguir esconder sua curiosidade.

— A Raquel – respondeu Toninha. Miguel olhou para Toninha curioso, mas antes que perguntasse Toninha falou: — Você não a conhece, Guel. Ela era mais uma colega, não frequentava muito minha casa, eu só a convidava para as minhas festas. Depois ela se mudou com a família para São Paulo e nunca mais a vi.

— Vocês estudaram juntas no Santo Agostinho?

— Não, nós fazíamos balé juntas.

Miguel não estava se aguentando de curiosidade. *A Raquel seria a Raquel, amiga de Dora, quer dizer, Samanta?* Miguel olhou nos olhos de Clarice e viu que ela tinha a mesma pergunta em mente, por isso perguntou:

— Qual era o nome da irmã da Raquel?

— Roseli – respondeu Toninha sorrindo.

Miguel e Clarice abriram os olhos assustados, não conseguiram se conter. Miguel imediatamente concluiu que Geraldo Roberto passou todas informações para Clarice, pois teve certeza de que ela sabia. *Sim, ela sabia, era Raquel. Raquel tinha mesmo sido assassinada.*

— O que foi? – perguntou Toninha curiosa. — Vocês a conhecem?

Clarice rapidamente conseguiu recuperar seu controle, Miguel continuava com seus olhos arregalados.

— É como você mesmo disse, Toninha, há pessoas que conhecemos de lugares diferentes que não imaginamos que possam conhecer umas as outras.

Toninha abriu um daqueles seus sorrisos largos e convidativos a serem correspondidos, o que motivou Miguel e Clarice a sorrirem de forma reflexa.

— Não é incrível. Eu conheço tantas pessoas e depois vou descobrindo que elas se conhecem, que namoram, que se casam. É uma loucura! – empolgava-se, Toninha.

— Não é? – Clarice ainda sorria.

Miguel tentava digerir os fatos. Era muita informação. Gisele era amiga de Roseli, irmã de Raquel. Roseli e Raquel estavam mortas. *Não podia ser coincidência,* pensou. Clarice pensava exatamente a mesma coisa.

— Quando você a conheceu? – perguntou Clarice.

— Na minha festa de quinze anos. Eu convidei metade do Rio de Janeiro para essa festa e a outra metade foi de penetra! – divertiu-se, Toninha.

Paola gargalhou:

— É verdade! Foi uma loucura!

— E você é amiga de Gisele? – perguntou Clarice.

— Infelizmente não. Eu só a conheço. Nem tenho seu telefone. Acho que não conseguirei ajudá-la. – Toninha estava chateada, ela era muito prestativa e gostava de ajudar os outros.

— Não se incomode. Pensaremos em outro jeito – respondeu Clarice.

— Eu me lembro dessa festa – disse Miguel pensativo.

À mente de Miguel veio a imagem da festa, da alegria, das bebidas alcoólicas servidas ao jovens sem parcimônia, a dança, o barulho, a música, os beijos. *Sim, o beijo.* Miguel, enfim, se lembrou. *Eram elas!* Toninha olhou para seu amigo e sorriu. *Ele também se lembrava do beijo.* Miguel devolveu o olhar para Toninha, seus olhos diziam a ela que ele tinha entendido o porquê dela há minutos atrás ter dito que tinha estranhado o namoro da Gisele com o Antônio. Toninha simplesmente sorriu para Miguel. Miguel não sorriu de volta. Nem poderia. Os olhos de Miguel ficaram distantes. *Toninha nunca soube o que aconteceu depois. Eu sei. Agora eu entendo. Eu sou a ovelha que assistiu covarde a chacina.*

– 25. Há muito tempo –

Toninha tinha razão, realmente a maior parte dos jovens do Rio de Janeiro que Miguel conhecia foram à sua festa de quinze anos. A festa estava muito animada. Miguel lembrava-se de ficar muito feliz de que o Wagner conseguiu ir à festa. Wagner era muito animado e descontraído, excelente companhia. Wagner e Miguel estavam na sacada do enorme casarão que Toninha alugou para a festa. Ele e mais uns cinquenta jovens. A sacada era enorme, quase um pátio, extremamente arejada, assim naturalmente servia de convite para aqueles que estavam cansados do aperto e do calor da pista de dança.

Eles estavam conversando e se divertindo apoiados na sacada perto de uma estátua de anjo, na lateral esquerda. Uma garota que estava na parte central da sacada com outras meninas identificou duas meninas se beijando e gritou histérica e excitada: Beijo lésbico! Beijo lésbico! Depois apontou para um canto do jardim escondido e, foi assim que Miguel, Wagner e todo mundo que estava na sacada se acotovelou para ver a cena. Wagner olhou excitado para Miguel e implorou para descerem para o jardim para verem de perto, afinal as meninas estavam tão excitadas naquele beijo que não notaram que tinham uma plateia em polvorosa, decerto também o barulho da festa impediu escutassem o grito da delatora. Miguel que achava graça do seu amigo caipira, aceitou a proposta.

Naquela época um beijo entre garotas de quinze anos era algo raríssimo de se ver, por isso estava justificada a empolgação de Wagner cujos hormônios e as mais travessas fantasias transpiravam por sua pele. Miguel lembra-se que achou impossível dizer não ao seu amigo, cujos olhos brilhavam como nunca ele recordava ter visto.

Wagner, Miguel e um terceiro garoto, que os seguiu, desceram pela lateral esquerda, tão logo alcançaram o jardim viram que a gangue do Ossada tinha descido pela lateral direita.

A gangue do Ossada era famosa no Rio de Janeiro pela má fama. Eles tinham a fama de destruírem as festas, clubes e boates que frequentavam e

arrumarem brigas onde quer que fossem. Além disso, dizia-se também que gostavam de bater em mendigos e jogar ovos nos travecos da Augusto Severo. O Ossada tinha esse apelido porque diziam que ele gostava de bater em suas vítimas com um fêmur que guardara de sua primeira vítima. Exageros à parte, verdade ou mentira, o fato é que eles eram violentos e ninguém mexia com eles.

Miguel olhou para os dois garotos e disse simplesmente: *Fudeu.* Wagner olhou sem saber, foi, então, que o terceiro garoto, que se chamava Fernando – *Sim, era ele,* lembrou-se Miguel – contou ao Wagner todas as maldades, boatos e conversas que já tinha escutado da famosa gangue. Wagner só arregalou seus olhos. Não conseguiu dizer nada.

Miguel viu que a gangue caminhava lentamente em direção às duas meninas, parecia uma matilha em direção as ovelhas, instantaneamente soube que algo ruim iria acontecer. Ele soube, sim, ele soube na hora, eles queriam estuprá-las. Os cinco rapazes cercaram as meninas. Miguel, Wagner e o Fernando se entreolharam como se perguntassem um ao outro que atitude deveriam tomar, mas permaneceram imóveis. O Ossada gritava rindo para os amigos: "Vocês gostam de mulher porque não sabem o que é um homem de verdade". Um outro rapaz segurava a calça, agarrando seu pênis e dizia excitado: "Vocês não sabem o que faz isso aqui!" Os comentários foram ficando cada vez mais ofensivos. As meninas estavam acuadas. A menina mais alta e que parecia um pouco mais velha, encolhia-se como um ratinho, tremendo. A menina menor olhava com ódio para os rapazes e gritava: Deixem a gente em paz! Ou vão pagar por isso! Eles riam e caçoavam, dizendo que estavam morrendo de medo. Foi, então, que a gangue partiu para o ataque. O líder da gangue abraçou a menor a força. Ela conseguiu desvencilhar-se do abraço forçado e fugir para dentro do jardim. A maior antes que os outros decidissem agarrá-la fugiu também. A gangue percebendo a plateia que assistia a tudo da sacada resolveu voltar para festa. Tudo voltou ao normal. A plateia se dispersou. Os três garotos relaxaram. Wagner que era simpático, simples e falante, começou a contar para Fernando e para Miguel os flagrantes lendários de sexo de sua cidade. Ficaram os três ali, rindo, despreocupados, até aliviados de que o pior tinha passado. Foi, então, que viram, a gangue se esgueirando para dentro do jardim. Cada membro da gangue entrou por um lado do jardim. Estava nítido que eles as queriam e que não estavam dispostos a deixarem que elas escapassem mais uma vez. De novo, os três meninos se entreolharam sem saber o que fazer. Miguel quis ir embora e esquecer que tinha visto esse novo ataque. O Fernando quis pedir ajuda e o Wagner esperava que lhe dissessem o que fazer. Foi Miguel quem se posicionou dizendo aos outros: "Vamos embora daqui". Wagner levantou-se para seguir o amigo. Fernando disse: "Nós temos que ajudá-las". Miguel sabia que era verdade. Teve medo, mas concordou: "Está bem". Foi assim que os três meninos foram atrás dos leões. Tão logo chegaram perto do salão de jogos perto da

piscina conseguiram ver que o ataque já tinha começado. O salão de jogos tinha em sua frente uma enorme e larga porta de vidro, o que permitia a quem estava do lado de fora uma visão completa e inequívoca do que se passava ali. Aquela visão horrenda enlouquecera Fernando que gritou sem pensar: “Larguem elas”. Três membros da gangue que estavam apenas assistindo o ataque do Ossada e de seu braço direito às duas garotas, aguardando sua vez, olharam pela vidraça e viram os três meninos e saíram correndo furiosos em sua direção. Miguel, Wagner e Fernando nunca correram tanto em sua vida, conseguiram entrar no casarão e se misturar à festa. Logo viram que os membros da gangue conversaram entre si e depois voltaram calmamente para o salão de jogos. Eles sabiam, assim como as duas meninas, que os três eram medrosos demais para as salvarem. Samanta e Gisele nunca se esqueceriam daqueles três rostos.

Samanta e Gisele ficaram destroçadas, mal conseguiam andar. Samanta olhava para o sangue que escorria pela face de sua namorada e Gisele lamentava a lembrança de todos os socos e pontapés que deixaram rastros cruentos pelo corpo de Samanta. Dilaceradas, espancadas e violentadas arrastaram-se para um canto do salão e permaneceram abraçadas até amanhecer. Com o raiar do sol e a esperança de um novo dia, levantaram-se e caminharam coxas e imundas para saída da festa, aliviadas pela certeza de que a festa tinha terminado.

Não disseram nada a ninguém, nem elas, nem os três meninos ou a gangue do Ossada, porém elas juraram naquela noite sobre o sangue derramado que se vingariam de todos aqueles que lhes fizeram tão mal. Elas aprenderam olhando uma a outra que não há nada pior que olhar a quem se ama ferido, souberam pelo medo contínuo que sentiram, que não há nada pior do que sentir o terror tão perto, tiveram a certeza pela injustiça que sofreram que as pessoas devem pagar pelos erros que cometem, e, foi assim que com tão pouca idade juntas planejaram uma das piores e mais cruéis vinganças que o mundo já conheceu.

– 26. Branco como papel –

Miguel suava, sentia que o corpo todo tremia e não conseguia mudar a expressão do seu rosto de absoluto e genuíno espanto. Miguel, que sempre ostentou em sua pele o bronzeado de rapaz carioca, ficou branco como um papel. Clarice imediatamente soube que não era possível esconder de Paola e Toninha que Miguel tivera um choque com alguma notícia, por isso simplesmente disse:

— Ele se assustou.

Toninha que sabia que Miguel se lembrou do beijo perguntou:

— O que foi, Guel? Não é possível que aquele beijo das duas garotas na minha festa tenha te assustado tanto!

Clarice imediatamente compreendeu que Miguel tinha visto Gisele beijando Samanta quando ainda eram garotas, por isso interveio antes que Miguel se entregasse:

— O problema é que Miguel se lembrou que já namorou uma dessas garotas.

— A Gisele? – perguntou Toninha.

— Não, a Gisele ele só foi conhecer recentemente, a outra garota.

— Eu sempre quis saber quem ela era. Bom, eu e a festa inteira. A Raquel me contou que Gisele não revelou a ninguém quem ela era.

— É estranho o que vou dizer – disse Clarice pensativa. — Mas eu acredito no que essa Raquel disse.

Toninha estava muito curiosa e pressionou Miguel:

— Guel, conte para gente! Quem ela era? Eu sempre quis saber! É alguém que eu conheço?

A cor foi voltando aos poucos ao rosto de Miguel, ele sentia que já não tremia e que tinha parado de suar. Ainda assim o rosto de Miguel estava todo suado, como Clarice pode observar, notou também que seu olhar estava distante.

— Dê um minuto a ele, Toninha. Ele acabou de ter um choque!

— Pudera – disse Toninha empolgada. — Rio de Janeiro inteira quis saber quem era aquela garota e ele agora descobriu!

Miguel pediu licença antes de responder a Toninha e foi ao banheiro de visitas. Sentou-se em um banco comprido que tinha encostado à parede e deixou a cabeça cair sobre suas mãos. Tudo fazia, enfim, sentido. Miguel compreendeu o ódio que Samanta e Gisele carregavam no coração, entendeu a sede de vingança, lamentou profundamente aquela noite, como lamentara à época. Perante sua consciência quis novamente se inocentar de qualquer culpa, ninguém mexia com a gangue do Ossada, não sem sair gravemente ferido, e Miguel nem conhecia aquelas garotas, por que deveria defendê-las? *Por quê?* Miguel quis fingir que não sabia a resposta, mas a resposta latejava em seu cérebro de tempos em tempos como uma procissão. Miguel sabia que fora cúmplice. Ele sabia que deveria ajudá-las porque não se pode assistir uma atrocidade daquelas e sair impune. Miguel olhou para suas mãos e soube imediatamente que elas também tinham o sangue de Gisele e Samanta e todo o pavor que sofreram naquela noite. Entendeu com isso mais um aspecto da vingança que pendia em sua cabeça. O demônio que dividia com Samanta suas vítimas antes delas morrerem foi criado com essa cumplicidade para provocar em Miguel a lembrança da mesma cumplicidade que carregava por aquela noite. Samanta quis isso também. Miguel entendeu que cada corte que Samanta sofreu era para torturá-lo, como ela foi torturada. Finalmente, compreendeu que ela queria que Miguel aceitasse e temesse o demônio para que ficasse Lara sua própria fraqueza e covardia. Finalmente, ele tinha entendido a Samanta. Certamente não de forma integral, Miguel sabia que ela era muito complexa, mas ao menos a compreendia um pouco.

Demorou alguns minutos até Miguel se recompor. Ele se levantou do banco, se olhou no espelho e lavou o rosto. Olhou novamente no espelho, aprovou sua imagem, seu rosto já estava melhor e saiu do banheiro.

No retorno Miguel notou que elas tinham se encaminhado para mesa de chá. Foi até elas e o assunto felizmente já era outro. Miguel sabia que devia esse favor à Clarice. Assim que Miguel chegou, Clarice abriu um sorriso e disse:

— Sente-se a meu lado, meu querido.

Miguel se sentou. Clarice sorriu para Toninha e disse para Miguel:

— Não se preocupe, Guel, que já contei à Toninha sobre sua ex-namorada, Nicole.

Toninha olhou Miguel com pena. *O que Clarice tinha contado?* Toninha quis consolá-lo.

— Traição é traição, Guel, seja com quem for.

Miguel sorriu sem graça. Logo imaginou que Clarice tinha contado que a ex-namorada de Miguel o deixou por outra mulher. *Não estava tão falsa essa história. Ficaram faltando alguns detalhes*, pensou Miguel, *como o fato da minha namorada, além de ter me traído, quer me aterrorizar e me matar com a ajuda de sua amante*. Miguel estava ácido. Ele não estava nada bem. Resolveu que escutaria a conversa e assim que tivesse uma brecha iria embora dali.

Clarice percebeu que Miguel estava mais controlado, mas ainda estava abalado com sua descoberta e quis amenizar um pouco a situação:

— Não precisa ter vergonha, meu querido. Hoje está cada vez mais comum esse tipo de coisa. Na nossa época a coisa não era assim tão assumida. Hoje em dia, bom, está até na moda. Sinceramente, eu acho isso fantástico.

— A liberdade sexual é mesmo positiva – esforçou-se Miguel.

— Agora sabendo dessa liberdade, não dá para entender o porquê da traição – disse Toninha.

Percebendo a curiosidade aguçada de Toninha e Paola e principalmente sabendo que elas não o deixariam ir embora enquanto ele não lhes desse alguns detalhes, Miguel resolveu colaborar:

— Bom, se querem saber ela me disse que nunca tinha estado com outra mulher antes, mas depois que conheceu sua namorada atual, tudo mudou, ela se apaixonou. Disse que nunca esteve tão feliz.

— Sinceramente – disse Paola. — Eu acho difícil alguém descobrir-se lésbica. Na minha opinião, ela já sabia, mas não queria assumir. Bom, e agora que sabemos que ela já beijava garotas aos quinze anos, isso só confirma o que eu disse.

— Pois é, eu concordo. Por isso que fiquei chocado com a descoberta – disfarçou Miguel.

— De repente ela é bissexual – disse Toninha. — Eu li uma reportagem que mostrava a opinião de um conceituado cientista europeu sobre sexualidade. Ele defende que no futuro caminharemos para um modelo único em que prevalecerá a bissexualidade.

— Tem gente que afirma que todos seres humanos são bissexuais, mas poucos têm coragem de assumir – disse Paola

— Freud disse isso, quer dizer, na verdade ele disse que os seres humanos nascem com uma bissexualidade inata – explicou Miguel.

— Bom, seja qual for a orientação sexual dela – disse Clarice — o que importa mesmo é o que a Toninha falou. Essa garota traiu Miguel e ponto final.

— A traição permite que vejamos com clareza aquilo que não queríamos ver – falou Miguel com sinceridade.

— Ela escancara a realidade – refletiu Clarice.

Miguel se lembrou que foi depois que Lara viu o beijo entre Samanta e Gisele que teve certeza de que Samanta mentira todo o tempo, todo castelo de ilusão que ela tinha construído desmoronou. A traição permitiu ao Miguel enxergar tudo.

Miguel queria ir embora, sua energia para aquela conversa estava acabando. Ele queria contar tudo para Clarice. Ela só sabia que Miguel tinha visto Samanta e Gisele se beijarem na festa, mas ela ainda não sabia o que tinha acontecido depois. Nunca Miguel tinha contado aquilo a alguém. Ele imaginou que Fernando tampouco, decerto a gangue do Ossada não espalhou a notícia. E as duas garotas nunca tocaram no assunto. Gisele recusou-se a falar sobre o assunto, afinal, todos queriam saber sobre a garota que ela beijou, mas ela não disse nada nunca. E a misteriosa garota, que ninguém conhecia, assim como surgiu, desapareceu. Era isso que Miguel e Clarice precisavam descobrir. Quem, afinal, é Samanta?

– 27. Caipirinha –

Assim que Miguel saiu do prédio de Toninha, ele desabou:

— Me leve para beber, Clarice. Eu preciso de uma bebida. Depois eu te conto tudo.

Clarice que apesar de ter sido criada na orla carioca não era adepta dos botecos. Era só olhar para Clarice que logo se via que ela só frequentava lugares que garantiam o frescor de um bom ar condicionado, além disso era impossível imaginá-la com um copo de *chopp* na mão, nada que não fosse de cristal poderia lhe cair bem. Foi por isso que Clarice disse ao Wesley para levá-los a um restaurante que gostava muito.

Logo depois que deu a ordem ao Wesley, olhou para Miguel e disse:

— Você não vai beber de estômago vazio, Miguel. Vou levá-lo ao Oro. É um restaurante maravilhoso.

— É uma boa ideia, pois pretendo beber muito.

— Não vejo a hora de saber o que o deixou tão abalado — disse Clarice sorrindo.

Miguel ficou sério:

— Não será agradável.

Clarice engoliu seco. Estava curiosa, mas não quis pressioná-lo. *Em breve eu saberia.* Foram longos minutos até chegarem ao restaurante. Desceram do carro. Clarice pediu ao Wesley que aproveitasse o intervalo para almoçar e que esperasse ali depois disso. Ele aquiesceu prontamente.

Clarice e Miguel sentaram-se em uma mesa de canto isolada, perfeita para a conversa que teriam. Assim que se sentaram, Clarice perguntou:

— O que vai querer beber?

— Uma caipirinha.

— *Vodka*?

— Absolut – respondeu Miguel decidido.

— Vou tomar uma também.

— Faz bem, você irá precisar.

Clarice pensou em falar alguma coisa, mas preferiu o silêncio. As caipirinhas chegaram rapidamente. Miguel bebeu como se fosse água.

— Eu sei que você está tenso, Miguel, mas ficar bêbado não ajudará em nada – disse Clarice preocupada.

— Eu sei, mas é que eu preciso relaxar – desculpou-se Miguel. — Talvez depois do que você ouvir o que eu tenho para dizer fará o mesmo.

Miguel devorou dois pãozinhos do *couvert* e antes que partisse para o terceiro, Clarice disse:

— Miguel, fale logo. Eu já não aguento mais esse suspense.

— Está bem, eu estava pensando em uma maneira suave de dizer isso a você, mas acho que não tem como.

— Na festa de quinze anos da Toninha, a Samanta e a Gisele foram estupradas pela gangue do Ossada. Eu, o Wagner e o Fernando vimos. Não ficamos ali assistindo, não me entenda mal, mas nós vimos acontecer.

Clarice que sempre era extremamente elegante perdeu a compostura, deixou sua cabeça despencar sobre as mãos, a boca se abriu e permaneceu aberta. Miguel sabia, Clarice estava em choque. Por alguns instantes, ela não conseguiu dizer nada. Depois, pegou sua caipirinha e tal como fizera Miguel a engoliu em poucos goles, tal como fizera Miguel. Finalmente, disse contrariada:

— Eu não acredito em você.

— Aconteceu, Clarice.

— Meu filho não faria isso.

— Ele não fez nada.

— Isso mesmo, meu filho não faria nada.

— Bom, ele até tentou fazer alguma coisa. Me deixa contar toda história. Talvez você entenda melhor depois disso.

Miguel pediu mais uma caipirinha tomou mais alguns goles e relatou toda história, deu ênfase à participação de Fernando, especialmente a parte em que decidiu heroicamente investir contra a gangue do Ossada adentrando sem pensar duas vezes no Jardim do casarão. A cada tanto Miguel tecia elogios à Fernando e fazia exclamações exageradas como: "Que coragem", "Seu filho era destemido" ou "Alma de herói". Depois começaram as desculpas: "Não havia nada a ser feito", "Nós tentamos", "Já estava feito, nós podíamos morrer" ou "Você sabe a fama da gangue do Ossada". Exaltou os boatos sinistros sobre a

gangue do Ossada. Concluiu, ao final, que o que realmente importava é que a Samanta e a Gisele viveram o inferno na terra. Depois começou a contar sobre suas conclusões a respeito da vingança das duas:

— Clarice, a vingança delas é perfeita, foi feita para provocar em mim, no Fernando e no Wagner todos os sentimentos ruins que elas passaram naquela noite e possivelmente nas que vieram depois, porque deve ter custado para que duas garotas tão novas se recuperassem de tamanha atrocidade. Você não acha? Pense comigo, os cortes na Samanta, o demônio, nosso sentimento de dor, impotência e terror... Faz todo sentido. E elas quererem que eu acreditasse no demônio? Você sabe o que elas queriam? Além do terror e da tortura psicológica, elas queriam que eu expusesse minha fraqueza ao mundo, queriam que eu me conscientizasse da minha própria covardia.

Miguel respirou fundo e aguardou que Clarice dissesse alguma coisa, mas ela ainda estava digerindo toda história. Miguel lembrou-se de como ficou abalado e achou melhor deixá-la só escutando.

— Os cortes faziam parte da nossa tortura, nós tínhamos que saber como era ter a pessoa que amamos dilacerada sem poder fazer nada. E a delatora do beijo, eu tenho certeza de que foi Amélia. Sabe combina com sua morte, assim como ela expôs as duas garotas se beijando para festa, sua depressão, sua vergonha e sua gordura foram expostas com seu suicídio.

Clarice apenas escutava calada os comentários e interpretações de Miguel. *Ele falava demais,* pensou, *podia ficar quieto um pouco. Eu preciso pensar.* Depois de algum tempo, Miguel continuou esperando por algum comentário, mas ele não veio. Por fim, indagou curioso:

— O que você acha?

Clarice sabia que Miguel não a deixaria pensar. Era inútil querer isso. Ela sabia também que ele precisava conversar e, por isso, resolveu dar a ele a chance de falar tudo que quisesse, chance que quisera pudesse dar ao seu filho, Fernando.

— Você quer mesmo saber? – perguntou Clarice, Miguel assentiu. — Estou pensando que vocês eram jovens demais para serem julgados de forma tão severa por essas garotas. Vocês eram tão jovens e inocentes como elas.

— Você sabe foi ideia do seu filho salvarmos as duas.

— Você disse. É, foi corajoso da parte dele, mas, por outro lado, foi porque vocês foram atrás das duas que foram reconhecidos.

— Eu sei. Talvez devêssemos ter ido embora como eu sugeri.

— Ou talvez pudessem ter lutado como quis o Fernando...É difícil dizer... – Clarice falou com o olhar distante. Ela estava ali, tentando ser racional e forte, apoiar Miguel, já que não pode apoiar seu próprio filho, mas estava tendo

dificuldades de segurar uma avalanche de emoções que sentia se aproximar rapidamente.

— Acabamos ficando na metade do caminho – disse Miguel, suspirando.

— Vocês ficaram...Mas seria possível exigir alguma coisa de vocês? – indagou Clarice, esforçando-se para manter a conversa.

— Eu sempre me culpei pelo que aconteceu. No fundo, eu sabia que podia ter feito alguma coisa, pedido por ajuda, sei lá...

— É fácil falar depois, mas no calor das emoções às vezes não pensamos direito. – Algumas lágrimas escaparam dos olhos de Clarice. Era possível ver que a barragem da represa já não estava conseguindo conter o turbilhão de água que a pressionava.

— O Fernando disse que devíamos ajudá-las, eu sabia que era perigoso demais para gente, mas sabia também que ele estava certo, nós não podíamos fingir que não tínhamos visto nada...

— O Fernando nunca me disse nada sobre isso. – Mais lágrimas caíram dos olhos de Clarice.

Miguel não disse mais nada. Ele pode ver que ele sofria com tudo aquilo, mas Clarice também sofria.

Clarice desabafou:

— Que revelação, Miguel! Fernando sempre foi fechado, sempre quis resolver suas coisas sozinhos. Eu podia ter ajudado...Eu tenho certeza que ele sofreu muito com isso. – Clarice enxugou as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Antes de você, eu nunca tinha falado isso com ninguém. Todos nós resolvemos esconder isso de todos e principalmente de nós mesmos. Até as duas ficaram quietas, bom, elas certamente foram ameaçadas de morte.

Miguel quis justificar o silêncio de Fernando e Clarice queria consolá-lo como não consolara seu filho.

— Vocês eram apenas garotos. O que vocês poderiam ter feito?

— Eu sempre me perguntei isso. Talvez devíamos ter pedido ajuda...

— Para quem? Para outros garotos de quinze anos? – As lágrimas de Clarice escorriam agora continuamente por sua face. Ela as enxugava rapidamente como se mostrasse a Miguel que não significassem nada.

— Sei lá, pensei que podíamos ter ligado para polícia...

— Você sabe melhor que eu que na hora não havia esse tempo, vocês sabiam que elas seriam pegas. Vocês tinham que ajudá-las antes que isso acontecesse...Vocês fizeram o natural, seguiram o coração de vocês e tentaram,

sim, vocês tentaram, fizeram o que estava ao alcance de vocês. Fizeram tudo que podiam!

Miguel já não queria maquiar a realidade. Tudo estava exposto, toda ferida estava aberta, diria tudo que estava sentindo, não pouparia Clarice, não, ela tinha que ouvir a verdade que gritava dentro do seu peito. Iria doer e muito, mas tinha que ser feito. Ele já tinha mascarado os fatos, distorcido e ignorado o que tinha acontecido e agora tinha percebido que fora tudo em vão. Não se pode mudar o passado. A verdade volta a bater na porta, cada vez mais forte. Não tinha jeito. Eles tinham que enfrentar a realidade, por isso insistiu:

— Nós fugimos.

— Vocês perceberam na hora que poderiam morrer e acho que talvez morressem mesmo ou ficassem terrivelmente machucados, talvez até em coma, sei lá...

— A verdade é simples nós sentimos medo, pensamos o pior, disso não há dúvida. Avaliamos bem a situação? Era tudo tão terrível quanto pensamos? Não sei...

Clarice percebeu que Miguel não queria ser consolado. Ele queria saber se sua fuga tinha ou não sido justificada. *Mas de que importava isso? Por que ele precisa saber disso? Não é essa a resposta que ele tem que procurar. Isso ele nunca irá saber. A questão é outra e ele não consegue enxergar. A questão é que elas exigiram a vida dos três garotos. Elas queriam seu sacrifício puro e simples. Elas pouco se importavam com eles ou o que restaria deles. Elas queriam que eles se sacrificassem como malditas ovelhas.* Clarice foi tomada por uma raiva que subiu pelo seu corpo como um vulcão em erupção. Sentiu um ódio genuíno das duas. *Eu poderia matá-las agora.* Estava revoltada, tinha que abrir os olhos de Miguel, não estava certo ele sentir-se culpado:

— Eu não acho que elas podiam exigir nada de vocês. Vocês não tinham essa obrigação. Elas queriam que vocês se sacrificassem, não estavam preocupadas se morreriam ou não. Elas queriam que vocês dessem suas vidas por elas.

— Será que não tínhamos essa obrigação? Nós éramos os únicos que podiam salvá-las...

— Ninguém pode exigir a vida da outra pessoa em troca da sua. Você deveria saber disso.

— Mas elas podiam ter morrido...

— E não morreram...

— Podiam...

— Vocês também podiam ter morrido se fizessem alguma coisa.

— Eu sei disso, mas não posso evitar de pensar no que a Samanta me disse uma vez que pior que o lobo é a ovelha que assiste covarde à chacina do seu rebanho.

— O sangue não está nas suas mãos, Miguel.

— Não? Pois eu acho que estão nas minhas mãos, o sangue sempre esteve nas mãos de nós três. Como disse a Samanta é da natureza do lobo matar, ele nada pode fazer a respeito disso, já a ovelha... – Miguel não terminou a frase.

— Miguel, eu não concordo com isso. Foi a gangue que estuprou as meninas. Vocês não tiveram coragem para enfrentar essa gangue. Eles estavam em maior número, eram mais velhos e mais fortes que vocês. Não precisa ser muito esperto para saber que vocês iriam apanhar feio, para dizer o mínimo. Vocês reagiram de forma natural. É compreensível. Bom, eu não estava lá. Eu não sei como tudo se passou. Eu só sei que vocês não tinham obrigação de serem os heróis delas. Ninguém pode exigir esse tipo de sacrifício! – Faiscava ódio dos olhos de Clarice.

— Talvez você esteja certa.

— Como talvez? Eu estou. E de qualquer forma, não podemos esquecer que hoje essas garotas são mulheres e são más, frias, vingativas e assassinas. Capazes de qualquer coisa. Tenho certeza que estão tendo prazer imenso em se vingarem. É imperdoável o que elas fizeram. Elas não podiam ter matado meu filho porque ele não se sacrificou como uma ovelha pela honra delas. De jeito nenhum! Meu filho não é uma ovelha para ser sacrificado! Esse papo maldito de ovelha dela...Ela vai ouvir isso de mim! Meu filho não é a merda de uma ovelha.

Miguel estranhou aquele palavrão na boca da Clarice, mas compreendia a raiva que ela sentia. Os olhos dela brilhavam, tinham um brilho estranho, um ódio vívido mais profundo que o de Miguel. Miguel, é claro, que sentia raiva de Samanta, ele a amava e foi enganado de todas as formas possíveis, porém sabendo quem ela era, ele compreendia sua vingança, mais até do que podia esperar por ser seu próximo alvo. A raiva de Miguel tinha sido amaciada. Ele sentia um estranho alívio porque entendia as razões de suas potenciais assassinas. Mais que isso. Miguel sentia-se ainda mais aliviado porque estava, enfim, pagando por seu erro.

Miguel lembrou-se da vingança e soube. *Elas não queriam que eu soubesse o motivo da vingança para que eu sofresse como elas sofreram. Esse alívio que eu sinto, elas não queriam me dar. De certa forma eu acho que já estraguei a vingança.*

A descoberta do motivo tinha despertado sentimentos variados em Miguel e Clarice. A raiva da Clarice tornou-se ainda maior enquanto a de Miguel diminuíra significativamente.

Clarice tinha ódio de que elas tinham exigido a vida de seu filho em troca da honra delas. *Como ousaram?* E depois, que seu filho se recusou a entregar sua própria vida, um garoto aterrorizado por uma gangue, elas tinham resolvido que o aterrorizariam e tirariam sua vida. *Quem elas pensam que são? São duas assassinas com ego gigante!* Exclamava em seu cérebro. A raiva estava em ebulição, fervia e seus olhos derretiam o ódio em lágrimas. A barragem tinha rompido. Miguel atordoado, não sabia o que fazer. Clarice estava chorando em prantos bem à sua frente. Ele levantou-se, queria abraçá-la, mas Clarice, antes que Miguel pudesse fazer qualquer coisa, correu em disparada para fora do restaurante.

– 28. Residência dos Monteiros na Barra da Tijuca –

Geraldo Roberto ajeitava seu terno largo. Sentia pequenas gotinhas de suor se formando em sua testa, sacou o lenço do seu paletó e a enxugou rapidamente. Cristo redentor me perdoe, mas nossa terra é quente demais. Olhou rapidamente para o relógio. Sim, era um bom horário. Passou pela última vez o pente pelo cabelo repleto de gel e preparou-se mentalmente para aplicar o bote do filhote se fosse necessário.

Tocou a campainha. Uma senhora gorda, realmente muito gorda, abriu a porta, sorrindo. Era tão incrivelmente gorda que as bochechas fartas não deixavam o sorriso ocupar o espaço que quisesse em seu rosto, porém pelas dobras da bochecha e pelo esforço dos olhos apertados, Geraldo Roberto soube que aquela senhora sorria exultante. Bom sinal, pensou Geraldo Roberto sentindo-se triunfante. Em retribuição ao esforço da senhora para sorrir, Geraldo Roberto com sua magreza infinita, sem aplicar o bote do filhote, fez uso do sorriso sincero de bebê. Essa era uma das características que encantavam as damas, sobretudo as maternais, gabava-se internamente Geraldo Roberto. Tiro certeiro. A imensa senhora derreteu-se feito sorvete em dia de calor.

— Boa tarde, madame. Fiquei lisonjeado que tenha aceitado me receber em tão curto espaço de tempo. — Mais uma vez Geraldo Roberto aplicou seu sorriso de bebê.

Débora Marcondes que parecia uma montanha, alta e grande, mais uma vez, desmoronou e foi logo se atirando para Geraldo Roberto, simpaticíssima, cumprimentou-o com um grande abraço como se fossem velhos amigos. Geraldo Roberto sumiu entre os braços roliços da encantadora senhora.

— Não há de que. Por favor, entre, vamos, fiz um café com bolinhos para gente!

Geraldo Roberto que tinha sempre um apetite de leão abriu mais um sorriso, Débora não se aguentou e segurou-o pelo braço. Geraldo Roberto parecia uma criança caminhando ao lado de sua mãe.

Assim que se sentaram à mesa de café, Geraldo Roberto tentou iniciar a conversa, mas Débora Marcondes imediatamente interrompeu:

— Coma antes seu bolinho, senhor Geraldo.

Geraldo olhou para Débora como costumava olhar para sua mãe e comeu todo bolinho e mais alguns outros. Débora Marcondes sorria satisfeita, ela não apenas gostava de comer, como gostava de ver os outros comendo.

— Me encanta alguém com seu apetite, senhor Geraldo. Hoje as pessoas com essa mania de dieta. Deus me livre! Ficam umas chatas. Ninguém mais aproveita o que a vida tem de bom.

— Concordo plenamente com a senhora, madame Débora. A mim me encantam raparigas com apetite.

— Fico feliz em ouvir isso, senhor Geraldo. É uma pena que não tenha conhecido minha menina, Amélia, ela tinha um apetite invejável, era ainda melhor que o meu, ao senhor teria dado gosto de ver. Ela era muito exuberante.

Geraldo Roberto viu lágrimas brilharem nos olhos de Débora Marcondes, aquilo feria-lhe como navalha. Ficou subitamente sério. Levantou-se da cadeira, ajoelhou-se aos pés da grande senhora sentada, beijou suas mãos com a cabeça baixa e disse já de cabeça erguida e olhando nos olhos da senhora:

— Eu sinto muito por seu sofrimento, madame Débora.

Débora Marcondes foi tocada pela sinceridade de Geraldo Roberto que soube falar ao seu coração. As lágrimas que brilhavam escorreram pelo seu rosto e ela confessou àquele estranho:

— Eu sinto muita falta da minha menina. Eu a amava muito. Eu queria que ela soubesse disso.

— Ela sabia, madame.

— Não sabia. Se soubesse, não tinha se matado daquele jeito.

— É justamente sobre isso, madame, que eu vim conversar com a senhora. Há uma chance razoável da senhorita Amélia ter sido assassinada.

Débora Marcondes, que tinha olhos pequeninos, os arregalou o máximo que pode:

— O senhor fala sério?

— Jamais brincaria com um assunto dessa seriedade, madame – disse Geraldo Roberto, depois levantou-se e se dirigiu à sua cadeira.

Débora Marcondes sorriu satisfeita com o que ouviu e disse:

— Pode me falar, senhor Geraldo. Me conte tudo.

— Contarei tudo para a senhora. Mas antes a senhora terá que me responder a algumas perguntas de máxima importância.

— Está bem.

— A senhora criou alguma sobrinha?

— Sim, criei, minha anjinha. Sabe ela tinha a mesma idade da Amélia. Por que pergunta?

— Por favor, madame, responda a algumas perguntas. Depois eu dou minha palavra de cavalheiro que lhe contarei tudo.

— Está bem, senhor Geraldo. Pode fazer suas perguntas.

— Farei. Antes disso, a senhora pode me mostrar uma foto de sua sobrinha?

Débora Marcondes foi até a outra sala pegou um porta-retrato e, quando o entregou a Geraldo Roberto, disse:

— Foi tirada no ano passado.

Geraldo Roberto abriu um sorriso triunfal. *Era Samanta.* Preocupado em disfarçar rapidamente o sorriso em seus lábios apressou-se em dizer:

— Muito bonita sua sobrinha.

— Sempre foi linda, desde bebê. Ela parecia um anjo.

— Me conte, madame, ela era sua sobrinha de fato?

— Sim, ela era.

— Eu imaginava. Como ela veio morar com você?

— Por que quer saber sobre meu anjo?

— Eu lhe dou minha palavra de cavalheiro que a madame saberá, só lhe peço um voto de confiança.

— O senhor contará tudo? Inclusive por que desconfia que minha Amélia tenha sido assassinada.

— Palavra de cavalheiro.

— Está bem. Bom, a história é muito triste. Eu vou ser sincera com o senhor. Eu sou de origem humilde. Meus pais eram empregados de uma família abastada de Minas Gerais. O sobrenome da família era Pereira Leite. Meus pais sempre foram muito conscientes da necessidade do estudo, por isso fizeram de tudo para que eu e minha irmã concluíssemos o colegial. E nós concluímos mesmo o colegial. Isso foi uma grande conquista para meus pais. Lembro que comemoramos com *champagne*. Meu pai fez questão de comprar *champagne* e brindar. Acho que ele via os Pereira Leite fazendo isso e quis fazer igual, coitadinho, que Deus o tenha.

Geraldo Roberto ouvia atentamente a história da Débora a fim de não perder nenhum detalhe precioso. Com o intuito de que Débora lhe contasse tudo, contribuía com exclamações de encorajamento e entusiasmo:

— Maravilhoso seus pais terem feito questão do estudo. Eles tinham plena razão, mas prossiga, conte-me tudo.

— Depois de concluir os estudos, eu resolvi vir para o Rio de Janeiro para conseguir um bom emprego e cursar uma faculdade, já minha irmã estava apaixonada pelo novo motorista da família Pereira Leite, o rapaz era lindo mesmo. Olha, que eu não sou de ficar olhando para homem nenhum, sou recatada, fui até professora de primeira comunhão, mas o Daniel chamava demais a atenção, parecia modelo de revista. Bom, minha irmã ficou tão alucinada pelo Daniel que não quis vir para cá comigo, ficou por lá, disse que iria conquistá-lo, no final, ela acabou engravidando com apenas dezessete anos. Eu comecei a trabalhar no Copacabana Palace como camareira, logo virei recepcionista, eu cresci rápido no hotel. Foi lá que conheci o Eduardo. Foi amor à primeira vista. Você acredita nisso, senhor Geraldo?

— Piamente, madame, piamente.

— Me casei com o Eduardo e sempre fui muito feliz no casamento. De alguma forma, eu sempre me senti um pouco mal por ter tido tanta sorte no casamento e minha irmã nenhuma. Ela acabou casando com o Daniel, mas ele não valia nada. O marido da minha irmã acabou revelando-se um empregado bastante problemático, ele vivia fazendo intrigas com os demais funcionários, mentia e tem gente que diz que até roubava. Felizmente os patrões dos meus pais, o Senhor Joaquim e sua esposa Doroteia, eram muito generosos e gostavam muito de minha irmã, que tinha crescido naquela casa, por isso resolveram enviar minha irmã e seu marido para trabalhar em sítio que tinham fora da cidade. Eles tiveram uma menina lindíssima. O safado era mesmo lindo demais e a menina puxou o pai. Eles a chamaram de Júlia. Eu logo me encantei com a menina. Ela parecia um anjo. Era o bebê mais lindo que eu vi em toda minha vida. Estou me desviando do assunto, não é?

— De jeito nenhum, madame. Conte-me tudo, quero ouvir toda história. A madame leva muito jeito para contar histórias, sabia?

— Você acha mesmo?

— Madame, dessa boca só sai verdade.

Débora Marcondes gargalhou, seu corpo gordo sacudiu prazerosamente e Geraldo Roberto abriu um largo sorriso. Ele adorava satisfazer e agradar o público feminino.

— Bom, a Júlia nasceu. Eu sempre a chamei de meu anjo. Ela foi criada no sítio dos Pereira Leite. Depois que a Betina, caçula dos Pereira Leite, morreu afogada no lago do sítio, uma desgraça maior recaiu sobre meu anjo.

— O que aconteceu?

— Foi horrível. Em um final de semana a caçulinha dos Pereira Leite,

que tinha a idade próxima de Júlia, morreu no lago. Eles a encontraram morta no lago. A bonequinha da coitada caiu no lago, ela mergulhou para pegar e nunca mais voltou. Foi uma desgraça. Fiquei arrasada. Os Pereira Leite eram gente muito boa para passarem por isso. Mas o pior ainda estava por vir.

— O que aconteceu, madame?

— A casa em que morava minha irmã foi incendiada. Morreu todo mundo. Só a Júlia sobreviveu.

— Ela tinha um irmãozinho?

— Sim. Era apenas um bebê, não tinha nem dois aninhos. Nossa! Como o senhor sabe?

— Ossos do ofício, madame. Prossiga, por favor.

— Pois é. Eu entrei em depressão profunda de ver meu anjo sem família. Foi aí que engordei, sabe? Eu era mais magra que o senhor. Depois de tanta desgraça passei a comer e comer. Bom, peguei gosto pela coisa e hoje sou cheinha com muito orgulho.

— A senhora está em ótima forma. Vou ser sincero com a senhora e já me desculpo se cometer alguma indiscrição.

— Pode falar, senhor Geraldo.

— Homem nenhum gosta de agarrar osso, se é que a senhora me entende.

Débora Marcondes novamente sacolejou seu corpo roliço com outra gargalhada. Geraldo Roberto sorriu satisfeito.

— Mas prossiga, Madame, não tive a intenção de interrompê-la.

— Bom, eu não tive dúvida. Conversei com o Eduardo e trouxemos nosso anjo para morar conosco. Ela tinha só sete anos. Sabe, a Amélia era nossa filha única. Ela sentiu muito ciúme, muito mesmo. Coisa de filha única, eu acho. Ela cismava com a pobre Júlia que era um horror, inventava mentiras, contava histórias, mas era só olhar para o rosto de anjo da Júlia para saber que a Amélia estava com ciúmes. Bom, é claro que a Júlia não era uma santa, às vezes a gente via que ela provocava a Amélia, mas para uma criança que perdeu toda família era mais do que compreensível. Eu a entendia. Mas a Amélia parecia que não tinha compaixão, ela queria que a gente mandasse embora a Júlia. O senhor acredita? Ela sentiu muito mesmo com a vinda da Júlia e engordou rapidamente. Tinha sessenta e cinco quilos com apenas dez anos de idade. Era uma tristeza. E quanto mais ela engordava, mais a Júlia abrochava e o ciúme só aumentava. Mas o que eu podia fazer, senhor Geraldo? Amélia é minha filha e eu a amei demais sempre, Deus é minha testemunha. Mas Júlia era filha da minha irmã, é minha filha de criação, eu não podia abandoná-la! De jeito nenhum! Por isso, eu fiz o

que achei que era melhor para as duas, principalmente para Amelinha que estava indo de mal a pior. Dentro de minha própria casa, eu as separei, fiz com que tivessem vidas absolutamente separadas, enquanto uma estudava de manhã, a outra estudava de tarde, em colégios diferentes, amizades diferentes e atividades diferentes, até nos finais de semana evitávamos que ficassem juntas. Era como se não morassem na mesma casa. Deu certo. Eu percebi que a Amélia ficava muito melhor longe da Júlia. Ela voltou a sorrir, a dormir bem, parou de engordar feito louca. Eu acho que agi bem.

— Madame, a senhora deve ter tido muito trabalho com as duas!

— Sim, eu tive até que contratar um motorista, pois fiquei exausta de ser motorista em tempo integral de uma ou de outra.

— Eu faço ideia.

— Sabe, a Amélia tinha realmente alguma coisa forte contra a Júlia, ela desenvolveu um ciúme quase doentio. Por conta disso, eu comecei a me policiar para não falar da Júlia com ninguém. Bastava uma frase elogiando a Júlia que Amélia enlouquecia. Para minha tristeza elas nunca se tornaram amigas como eu sonhava, mas a convivência se tornou com o passar dos anos mais aceitável. Na adolescência, a Amélia parou de se implicar com a Júlia. Não sei o que aconteceu, mas foi uma coisa que aconteceu do dia para noite. Ela nunca mais falou uma palavra contra a Júlia. Eu fiquei feliz.

— E o que aconteceu depois?

— A Amélia quis se mudar para São Paulo. Tentei convencê-la, mas ela estava decidida de um jeito que eu nunca tinha visto. Eu achei que era besteira. O Rio de Janeiro não é tão grande como São Paulo, mas temos excelentes faculdades por aqui. Por outro lado, eu também tinha ido embora de Minas Gerais, por isso eu aceitei que ela fosse. Achei que ela precisava ir e encontrar seu próprio caminho. Compramos dois apartamentos em um prédio nos jardins, um para cada filha. Nunca fiz diferença entre as duas. Como a Júlia não quis estudar em São Paulo, eu e o Eduardo acabávamos usando o apartamento quando visitávamos a Amélia. Era bom, pois podíamos ficar o tempo que quiséssemos sem atrapalhar a rotina de Amélia. E Amélia ficou muito bem em São Paulo. Acho que foram seus melhores anos. – Lágrimas encheram os olhos de Débora. — Bem, depois de alguns anos de formada, Júlia, que tinha ido trabalhar em Belo Horizonte, decidiu que também queria ir para São Paulo e eu lhe dei as chaves do apartamento. Júlia sempre me ligava muito feliz, contando as amizades que fazia, o sucesso que fazia no emprego, as promoções que ganhava, já Amélia passou um período bem, até se aproximou de Júlia, parecia um sonho, mas depois voltou a ficar perdida, transtornada, depressiva, mas eu juro por tudo que me é sagrado que não imaginava que ela estivesse tão triste a ponto de tirar a própria vida. Eu não podia imaginar...

Lágrimas grossas escorriam com velocidade pelo rosto daquela senhora e Geraldo Roberto, que não podia ver uma dama chorar, saiu em disparada em sua direção e a abraçou. Débora Marcondes que já se sentia amiga de Geraldo Roberto aceitou o abraço de bom grado. Ficaram ali alguns instantes quietos. Geraldo Roberto percebendo que Débora Marcondes tinha se recuperado, indagou:

— Não me entenda mal, madame. Sou apenas uma pessoa que procura a verdade. Mas a senhora achava que Amélia tinha um pouco de razão em não gostar nada de Júlia?

— Como eu disse, a Júlia tinha perdido toda sua família em um incêndio e era muito trauma para uma criança só. E, bem...

— Pode falar, madame.

— Eu disse ao senhor que o pai da Júlia não prestava, não é?

— Sim, a madame foi bem clara.

— Existe uma coisa...

— Pode falar, madame.

— Bem, eu vou contar, mas exijo sigilo absoluto, entendeu?

— Sou um túmulo, madame.

— E depois quero que o senhor me conte tudo, hein?

— Tudo.

— Bom, Júlia me disse que seu pai, bem, que ele fazia algumas brincadeiras...

— Sexuais, madame?

— Isso. O safado abusava dela! – Débora Marcondes tinha os olhos inflamados de ódio.

Geraldo Roberto não teve como não sentir uma profunda pena daquela criança abusada, órfã e com cara de anjo. Sentiu uma raiva profunda do pai de Júlia e cerrou os punhos.

— Não há nada, madame, que me cause mais desgosto do que abuso de menores.

— Você entende por que eu sempre fui tolerante com Júlia. Ela era uma ótima criança, considerando tudo, sabe? Eu sei que ela não facilitava a vida de Amélia, eu não posso dizer ao senhor que Amélia também não provocava, isso seria mentira, enfim, cada uma tinha seus motivos, entende? Elas brigavam muito, como fazem mesmo duas irmãs, só que não brincavam juntas. Nunca brincavam, havia uma tensão constante entre as duas. Elas viviam vidas paralelas mesmo tendo a mesma idade, você entende? Mas na adolescência elas fizeram

uma trégua, Amélia parou de se implicar com a Júlia. E depois quando minha Amélia foi para São Paulo ficou muito bem mesmo, foi sua melhor fase. Então, a Júlia se mudou para São Paulo, a Amélia não gostou, é claro, mas elas já eram adultas e pela primeira vez se deram um pouco, mas passado um tempo tudo voltou, sua insegurança, sua depressão, e a Amelinha...

— Não fale mais nisso, madame.

Débora Marcondes silenciou por alguns instantes. Depois retomou a conversa:

— Você conhece a Júlia?

— Nunca fomos apresentados, mas sinto que a conheço.

— O senhor disse que tinha chances da Amélia ter sido assassinada. Isso é possível mesmo?

Geraldo Roberto teve pena daquela pobre senhora. *Sim, saber que sua filha foi assassinada, talvez seja menos doloroso que imaginá-la tirando a própria vida, mas assassinada por sua filha de criação, seu anjo? Isso seria um tiro no peito. Eu não posso matar essa doce senhora. Por que fui prometer dizer a verdade? Ao mesmo tempo ela merece saber a verdade. Samanta, quer dizer, Júlia é perigosa. Sim, pode ter sido ela quem incendiou a própria família, já matou Amélia e pode querer agora matar sua tia. Eu tenho que falar. Não há escolha. É preciso dizer a essa doce senhora.*

— Madame, a senhora acredita em forças ocultas?

— Está na bíblia que elas existem.

— Pois bem, há indícios fortes apontando para um demônio.

— O senhor acredita em demônios? Acha que foi um demônio que matou minha Amélia?

— Tenho certeza de que existe um demônio dentro de algumas pessoas, madame. A senhorita Júlia não lhe contou nada sobre esse demônio?

— A Amélia me contou. Ela estava aterrorizada. Eu não sei o que aconteceu... Eu fiz tudo o que pude, a mandei imediatamente de volta para o psiquiatra. Ela estava sendo medicada, foi um choque para todos nós o que ela fez... O psiquiatra nos disse que ela não deu sinais de que intencionava tirar sua vida e... – A voz de Débora Marcondes falhou.

— O que Amélia lhe contou, madame?

— Que estava sendo assombrada. Coisas muito estranhas aconteciam e... Foi demais para ela.

— Esse mesmo demônio assombrou o filho da minha cliente, madame Clarice.

— O senhor tinha me contado isso rapidamente por telefone. Eu achei que

o senhor tivesse descoberto algum suspeito.

— Como eu disse, eu acho que existe um demônio, algo de ruim, dentro de algumas pessoas. Se as pessoas são assim, se tornam ou se há alguma coisa, cabe à ciência explicar. Na minha profissão eu só constato que há pessoas capazes de atos de uma violência aviltante.

— Quem é seu suspeito, senhor Geraldo Roberto? – perguntou secamente Débora Marcondes, como se já soubesse a resposta.

— A senhorita Júlia, madame.

Aquelas palavras entraram como tiros certeiros no coração daquela generosa senhora. Débora Marcondes ficou em choque. Geraldo Roberto correu em sua direção, buscou ajudá-la dizendo palavras confortantes, a abraçou, deu-lhe um copo de água para tomar, mas tudo era em vão. Ele sabia que tinha fincado uma faca pontiaguda no coração daquela mãe carinhosa, mas prometera a verdade e honrara sua palavra. Geraldo Roberto estava desesperado, saiu pela casa em busca de ajuda, encontrou a empregada e ordenou que chamasse imediatamente o marido de Débora, a empregada obedeceu, Geraldo Roberto abraçou-lhe efusivamente agradecido, voltou para sala e sentou-se na frente daquela senhora imensa e inerte.

— Madame, milhões de desculpas, mas eu quis lhe dizer a verdade. Fiz isso porque acredito que a senhora também pode vir a ser vítima da senhorita Júlia. Isso é realmente possível e quiçá provável se a senhora for uma pedra no caminho da senhorita Júlia.

Aquela frase de alguma forma, abalou Débora Marcondes, foi como se as balas atingissem ainda mais seu coração, penetrando mais fundo, mas ao mesmo tempo lhe deram o ódio necessário para reagir.

— O senhor não sabe do que está falando! Meu anjo nunca faria nenhum mal a mim! Nunca! O senhor está entendendo? Nunca!!! Tudo que essa menina conquistou, a mulher maravilhosa que ela se tornou... O senhor não sabe de nada. Não é mais bem-vindo! Retire-se já daqui!

— Eu tive que alertá-la, sinto que a magoei, sinto muito mesmo. Eu tinha essa obrigação, entende? A senhora pode correr perigo de vida.

— Saia daqui agora! – Débora Marcondes gritou em plenos pulmões.

Geraldo Roberto quis insistir a última vez:

— Deixe eu contar tudo. A senhora entenderá.

— Ponha-se para fora daqui! – esbravejou.

Geraldo Roberto viu a gigantesca senhora caminhar em sua direção, determinada a retirá-lo de lá à força. Sentiu todo o peso de sua pequenez e soube que não teria chance alguma contra aquele colosso que se aproximava. Pegou

seu paletó e ainda tentou se despedir:

— Vou-me embora, madame. Peço que me procure quando se acalmar. Prometa. E adeus.

— Saia daqui ou vou ter que enxotá-lo! – gritou ainda mais alto.

Geraldo Roberto bateu em acelerada para fora dali, já conseguia imaginar Débora Marcondes colocando-o para fora como um saco de lixo. Geraldo Roberto já estava no portão de pedestres quando escutou a porta da casa batendo. Vestiu o paletó. Estava pensativo e triste. *Espero que ela me procure. Ótima pessoa, madame Débora. Eu vou conseguir explicar tudo. A doutora Lara poderá me ajudar com a conversa. Ela entenderá. Ela não tem culpa, pobre coitada. Quem eu quero enganar? Essa doce senhora nunca se perdoará. Nunca.*

– 29. Arpoador –

Geraldo Roberto sacou o telefone do bolso. Era uma questão de vida ou morte. A vida de Clarice e Miguel estavam em perigo. Geraldo Roberto precisava alertá-los com a máxima urgência.

Clarice estava sentada em um banco na calçada e Miguel a abraçava, buscando acalmá-la. Ela apreciou o abraço, sentia muita falta de seus meninos. Nunca mais ninguém a abraçara daquele jeito e foi pensando nisso que voltou a chorar. A certeza da ausência permanente de seus filhos enchia seus olhos de lágrima. Ela nunca se conformaria. Nunca aceitaria suas mortes prematuras.

O telefone tocou. Clarice e Miguel voltaram a realidade. Clarice olhou para o celular e disse a Miguel assustada:

— É o Geraldo. Deve ter acontecido alguma coisa! Ele é todo precavido sempre me liga de telefones que não são dele e...

— Atenda.

— Geraldo?

— Madame Clarice que bom que atendeu. Serei breve. Me encontre no Arpoador daqui a meia hora.

— Você está aqui no Rio?

— Estou. Até breve.

— Até.

Clarice desligou o telefone, olhou assustada para Miguel e disse:

— Precisamos ir até o Arpoador, agora.

— Agora?

— É. Geraldo Roberto irá nos encontrar lá.

— No Arpoador? O que ele quer?

— Ele não disse, mas precisamos ir.

Miguel e Clarice caminharam rapidamente em direção ao carro preto estacionado. Wesley seguiu as orientações sem pestanejar. Nessas horas é que Clarice valorizava a extrema discrição de Wesley, que sabia muito bem que não havia nada que a irritasse mais que dar satisfação sobre tudo que fazia ou deixava de fazer. Wesley sabia que estava ali para receber ordens e não debater sobre os hábitos e preferências de sua patroa. Wesley percebendo a pressa de Clarice e seu ar de preocupação, antes que ela dissesse que tinha pressa, acelerou o máximo que pode. Clarice percebendo o barulho do acelerador, olhou para o retrovisor e sorriu para Wesley. Wesley sorriu com seus olhos. Eles se comunicavam muito pelo olhar, tanto Wesley como Clarice aprenderam a interessante arte de decifrar cada expressão contida no olhar um do outro. Em dez minutos já estavam lá.

O telefone tocou novamente. Clarice atendeu.

— Já cheguei, Geraldo.

— Já a vi. Estou indo para aí.

Geraldo Roberto se aproximou rapidamente de Clarice e Miguel e disse em voz baixa.

— Vamos nos sentar naquele banco em frente à praia do diabo?

— Sim, é uma boa ideia – disse Clarice.

Clarice, Miguel e Geraldo Roberto assistiam brutais ondas se romperem nas pedras. Geraldo Roberto resolveu ir logo ao assunto, não havia mais tempo a perder.

— Madame, descobri a verdadeira identidade de Samanta. Ela se chama Júlia.

— Mas quem é Júlia? – quis saber imediatamente Miguel.

— Júlia é a irmã de criação da falecida senhorita Amélia, filha de Débora Marcondes e Eduardo Monteiro.

— Mas eu nunca ouvi falar dela... – estranhou Clarice.

— Pelo que eu pude entender, Júlia e Amélia não se davam, assim se Amélia era amiga de Toninha, Júlia automaticamente não era. Elas viviam vidas paralelas, foi assim que me disse a madame Débora.

— Bom, também eu e Débora éramos apenas conhecidas, nossas conversas sempre foram sobre assuntos triviais e sem importância... Mas que descoberta, Geraldo! Nos conte tudo! — disse Clarice.

— Eu estava há tempos desconfiado que a história que Júlia contava era verdadeira, não nos detalhes, mas na sua estrutura. Devia mesmo ter existido uma garota que era filha de empregada, devia mesmo ter havido um incêndio, uma tia carinhosa e querida. Por isso, resolvi investigar a vida das pessoas que

Júlia matou.

— Por que você achou isso? – perguntou Miguel.

— Porque só mentimos naquilo que é necessário. É mais fácil maquiar a verdade. Oculte apenas o que é desagradável. Na minha longa experiência aprendi que a melhor mentira é aquela que mais se parece com a verdade.

— Eu não podia imaginar – disse Clarice boquiaberta.

— E por que você começou pela família de Amélia? – perguntou Miguel.

— Por que eu já tinha investigado a família do senhor Wagner, além do mais sua morte segue o padrão da morte do Fernando. Ele namorou a Júlia, ela contou a ele sobre seu demônio e sua história, então, o aterrorizou e depois o matou. Contudo, havia duas mortes que aparentemente não seguiam esse padrão que era a de Amélia e Raquel e escolhi começar pela Amélia.

— É surpreendente – falou Clarice.

— Bem, madame Clarice, sabe depois que falamos com o Miguel e ele nos contou toda história mais uma vez, tal como já conhecíamos pelo Fernando e também pelo Wagner. Eu pensei que talvez a senhorita Júlia tivesse treinado muito bem seu discurso e tivesse uma memória realmente fantástica, pois é muito difícil nos lembrarmos dos detalhes do que nunca existiu, foi, então, que me lembrei que ela podia estar dizendo a verdade, não, evidentemente, em relação aos nomes das pessoas ou lugares, mas em relação ao que fosse realmente essencial. No nosso caso, senhorita Júlia ousou, por julgar-se muito inteligente ou talvez por nos julgar estúpidos demais, contar toda sua história.

— Toda? – perguntou Clarice incrédula.

— Sim, ela contou toda sua história de vida.

— Sério? – repetiu Miguel.

— Sim. Vou lhes contar tudo. A senhorita Júlia era a filha da empregada que morava em um sítio praticamente de favor. A pequena Júlia sempre teve cara de anjo o que comovia seus patrões que a tratavam, sempre que podiam, como a princesa que ela sonhava ser. A nossa Júlia desde pequena, ouso dizer, não era flor que se cheire. É por isso que ela, exatamente como a protagonista da história que contava, atazanava quem estivesse por perto, na maior parte das vezes seu irmão pequeno e a filha caçula dos Pereira Leite, que eram os alvos mais fáceis. Eu acredito, não tenho provas ainda, que Júlia dizia a todos na região que era filha dos Pereira Leite, tal como ela conta em sua história, foi revelada a mentira, mas, ao contrário da história que ela nos conta, não foi ela quem revelou, foi a filha caçula dos Pereira Leite que decerto quis se vingar por tantas chateações que Júlia lhe causava. Júlia não perdoou essa criatura e assassinou-a a sangue frio no lago do sítio, para todos os efeitos a criança morreu afogada atrás de sua bonequinha, mas meu instinto de detetive me diz que esse foi o primeiro

assassinato que ela cometeu, seguido depois de muitos outros.

— Como você sabe disso tudo? – perguntou Miguel abismado.

— Madame Débora me contou a infância de Júlia e eu fiz as conexões necessárias com a história que ela conta.

— Continue, Geraldo – pediu Clarice.

— Bem, eu acredito que Júlia não suportava mais ser filha de seus pais pobres, humildes e problemáticos. O pai de Júlia, conforme me contou madame Débora, não acertava no emprego. Ela disse ainda, mas isso eu realmente não tenho certeza, pode de fato ser uma mentira, que Júlia era abusada sexualmente por seu pai. Seja o que for, a pequena Júlia, ultrajada por ter revelada sua mentira perante a comunidade da região resolveu matar toda sua família e ver-se livre deles de uma vez por todas. Ela sabia que se ficasse por ali, não teria chances de ser nada na vida. Tal como na história ela foi morar com sua Tia, mas o nome de sua tia é Débora Marcondes e não Leila. Acredito que a senhorita Júlia ame de verdade sua tia, ou talvez, nutra por essa tia, o sentimento mais perto do amor que seu coração envenenado seja capaz de sentir. – Geraldo Roberto fez uma pausa.

— Continue – disseram Miguel e Clarice em coro.

— Bem, não há muito mais o que dizer. Tenho, é claro, mais algumas desconfianças. Madame Débora me disse que Júlia e Amélia implicaram uma com a outra toda vida, que Júlia não facilitava muito a vida de Amélia, mas que a madame Débora compreendia dado toda história sofrida de Júlia. De qualquer forma, o que importa é que ela comentou que as duas começaram a se entender mais na adolescência e que isso aconteceu do dia para noite. Deve ter acontecido alguma coisa, só preciso descobrir o que é. Tenho a sensação de que há algo de importante aí.

— Nós sabemos – disse Clarice.

— Nós queríamos mesmo te contar – disse Miguel.

— Pois, então, contem logo – pediu Geraldo Roberto.

— Nós descobrimos. – Clarice olhou para Miguel. — Na verdade, Miguel se lembrou de algo muito importante que presenciou. Nós descobrimos, visitando a Toninha, que Gisele deu um beijo na boca de uma outra menina em sua festa de quinze anos. Miguel ficou branco. Ele se lembrou do beijo.

— Claro, claro, as duas Gisele e Júlia, amantes desde pequena, mas isso não explica...

— Calma, Geraldo, vou explicar tudo. Além do beijo, ele se lembrou que viu as duas meninas serem assediadas por uma gangue famosa entre os jovens daquela época, a gangue do Ossada. Ele estava com meu filho e o Wagner. –

Clarice suspirou fundo, quase tomando coragem para contar o pior.

— Eu não sabia que seu filho conhecia o Miguel e o Wagner. Continue, madame – pediu Geraldo quase aplicando o bote do filhote.

— Eu também não sabia que eles se conheciam, mas eles conversaram apenas nessa fatídica festa de quinze anos da Toninha.

— Por favor, madame, conte, minha curiosidade está muitíssimo aguçada.

— Calma, Geraldo. Bom, eles estavam juntos e viram as duas garotas serem assediadas pela gangue do Ossada. Eles foram bem grosseiros, disseram que elas só gostavam de mulher porque não sabiam como era estar com um homem entre outras coisas desse nível. A gangue percebeu que tinha plateia e desistiu. Todas as pessoas que estavam na sacada pararam para ver o beijo das duas e, por conta disso, presenciaram o assédio.

— Prossiga, madame. Eu sei que não acabou.

— Meu filho, o Miguel e o Wagner que tinham descido até o jardim para ver o beijo, acabaram ficando por lá e...

— Fale agora, madame. – Geraldo Roberto foi incisivo.

Miguel se levantou nessa hora e caminhou pela praia do diabo, era como se a revolta do mar acalmasse seu coração de alguma forma, como se a fúria do mar e sua potência lembrassem a Miguel que ele não podia fazer nada. *Sim, eu não tinha chances contra a gangue do Ossada.*

Clarice olhou triste para Miguel. Ela o olhava como se visse seu próprio filho. Geraldo Roberto segurou nas mãos de Clarice e disse:

— Eu estou com você não importa o que irá me dizer.

Clarice voltou a si. Ela segurou com força nas mãos miúdas de Geraldo Roberto e falou de uma só vez:

— A gangue do Ossada voltou. Meu filho viu. As garotas foram estupradas. Eles não puderam fazer nada. Mas elas não perdoaram, Geraldo. Elas não perdoaram! Elas queriam que meu filho desse sua vida, ele não deu e elas tomaram dele. – Clarice estava muito abalada.

Geraldo Roberto viu que Clarice estava com seus nervos a flor da pele. Ela precisava relaxar. Geraldo Roberto a abraçou. Clarice se deixou ser abraçada e rompeu em soluços fortes e desesperados. Geraldo Roberto sabia que o coração daquela mulher estava despedaçado. Ele tinha sofrido por suas perdas irreparáveis e agora sofria com ela por sua descoberta. Clarice chorou e chorou até cansar, como uma criança deixou sua cabeça cair no colo de Geraldo Roberto que afagava sua cabeça e dizia baixinho:

— Vai passar, Cali. Vai passar.

Foi a primeira vez que deixou de chamá-la de madame. Naquele instante, ele sabia que Clarice era a garotinha, Cáli.

Geraldo Roberto queria alertar Clarice e Miguel que corriam risco de vida. *É capaz que nesse exato instante madame Débora esteja conversando com a senhorita Júlia sobre nossas suspeitas.* Geraldo Roberto pensava em uma maneira de dizer isso aos dois, mas viu Miguel de longe transtornado e perdido acalmando-se ao ver a fúria das ondas nas pedras e ainda sentia o sopro dos soluços baixos de Clarice em seu colo, a quem afagou mais uma vez feito se faz com uma criança, e soube que não era o momento. *Não, não era.*

– 30. De vista para o mar –

O apartamento de Clarice tinha quatrocentos metros quadrados e ficava bem perto do posto dez no Leblon. Da janela, Miguel e Clarice fumavam. Geraldo Roberto estava sentado na poltrona da sala e mexia seu copo de *whisky* para que o gelo fizesse seu papel. *Tinha chegado a hora de contar a eles,* pensou e se levantou em direção à varanda.

— Doutor Miguel, me perdoe, mas é estranho vê-lo fumando. Não combina com o senhor. Desculpe-me pela intromissão – disse Geraldo Roberto.

— Pode parecer estranho, Geraldo, mas eu fumava quando era garoto aqui no Rio. Comecei para fazer tipo para as garotas e depois acabei viciando na nicotina. Só parei mesmo depois que me formei. Depois disso, nunca mais pus um cigarro na boca. Só hoje...

— A madame, então? Seus dedos delicados contrastam terrivelmente com a vulgaridade do cigarro. Perdoe-me, madame, mas os cigarros são ordinários demais para senhora.

— Geraldo, só você para dizer isso. Eu voltei a fumar depois que perdi o Fernando. Eu não fumo tanto como um dia já fumei, mas gosto de ter cigarro aqui em casa, sempre que estou muito triste eu acendo um cigarro. Eu quase não trago, mas a fumaça me acalma. É estranho...

— Se eu conseguisse fumar, hoje até eu fumaria, só para prestar meu tributo a essa estranha fumaça cinza que com tanta proeza e suavidade acalma seus corações – disse Geraldo Roberto se solidarizando.

Miguel e Clarice sorriram para Geraldo Roberto que mexeu mais uma vez seu copo antes de começar seu discurso:

— Bem, meus amigos, nós já sabemos o motivo, já sabemos a identidade da nossa assassina e de sua cúmplice e conhecemos seu passado. Só falta descobrirmos como Júlia e sua cúmplice cometeram cada assassinato. Mas não é isso que me preocupa. Estou preocupado com vocês dois. Vocês correm risco de vida.

— Eu também? – perguntou Clarice aflita.

— Sim, madame, infelizmente o risco não é exclusivo do Miguel. Eu contei à madame Débora que sua sobrinha Júlia era suspeita das mortes. Antecipo minhas sinceras desculpas. Fiz uma descoberta brilhante, em compensação uma guilhotina afiada agora pende sobre nossas cabeças.

— Mas por que você fez isso, Geraldo? – perguntou Clarice transtornada.

— A verdade é que fiz pelo bem da madame Débora. Nossa assassina já queimou sua família, matou outras tantas pessoas, entre as quais sua irmã de criação, Amélia. Tive receio que investisse contra sua tia.

— Mas a Samanta, quer dizer, Júlia ama sua tia.

— Talvez ame, talvez não. A ciência psiquiátrica já provou que psicopatas não amam, possuem. Eu não sei se Júlia é psicopata e nem sei o grau de sua psicopatia. De qualquer forma, preferi não arriscar.

— Mas agora você colocou minha vida em risco! – exclamou Clarice injuriada.

— Madame, eu entendo como se sente, mas eu sei como proteger a senhora. Eu dou minha palavra de cavalheiro que nada acontecerá à senhora. Confie em mim. Faça como eu mandar e estará segura. Por falar nisso, esse apartamento, madame, não é mais seguro.

— E para onde você quer que eu vá, Geraldo? – perguntou Clarice mais calma.

— Antes mesmo de falar com madame Débora já providenciei um lugar para a senhora. Por uma questão de segurança, doutor Miguel, não revelarei ao senhor esse local. Aconselho o senhor a procurar imediatamente um outro lugar para ficar. Sua casa não é nada segura. Se o senhor quiser, eu posso ajudá-lo nessa busca.

— Geraldo, quero que me ajude. Você acha que posso ficar com a Lara?

— Não, é melhor que fique sozinho. Fique calmo que encontraremos esse lugar. Deixe comigo, Doutor Miguel.

— Você acha que posso passar essa noite aqui, Geraldo? – perguntou Clarice, já conformada.

— Não, madame, seguirá comigo para seu destino. Aliás, sem querer ser indelicado, peço para arrumar suas coisas assim que terminar seu cigarro. Convém que faça apenas uma mala pequena com os itens essenciais, nada muito chamativo.

— Está bem – murmurou Clarice.

Geraldo Roberto percebeu o desânimo que acometeu Clarice e Miguel e não quis que aquele sentimento se fortalecesse em seus ânimos.

— Doutor Miguel e madame Clarice, rogo para que não se deixem abater. Não tínhamos quase nada. Agora já sabemos quem nossa assassina é e por que mata. É uma grande vitória. Iremos vencer essa guerra. Estejam certos e confiantes. Mais do que nunca precisamos manter elevada nossa força e nossa energia, pois nossa inimiga não desistirá.

Miguel e Clarice mudaram suas faces como se tivessem recebido uma injeção de vigor. Geraldo Roberto levantou-se até Clarice pegou em suas mãos e lhe disse olhando dentro dos olhos:

— Madame, estamos perto, muito perto, de pegarmos a assassina dos seus filhos e sua sórdida cúmplice. Agora é a hora de vestirmos nossa armadura e pegarmos nossas melhores armas. A senhora está comigo?

— Estou – respondeu confiante.

Geraldo Roberto virou-se para Miguel e fez a mesma pergunta:

— Doutor Miguel, o senhor está comigo?

— Estou – disse convicto.

— Ótimo. Eu preciso de vocês assim, desse jeito. Lembrem-se disso! É uma guerra e temos que vencê-la! E, querem saber? Nós venceremos. Eu sei disso.

Clarice olhou para seu cigarro que ainda estava na metade e o apagou.

— Já vou para o quarto fazer minha mala.

— Discrição, madame.

— Pode deixar, Geraldo.

Miguel tragou o cigarro com força, expeliu a fumaça e o apagou:

— Vou acompanhá-lo nesse *whisky*, Geraldo.

— Será uma honra, Doutor Miguel.

– 31. Entre facas e canivetes –

Júlia e Gisele se amavam em plena quarta-feira à tarde como se o mundo lá fora não tivesse nenhuma importância e para elas não tinha mesmo.

Gisele estava de pé, encostada na parede, seus cabelos compridos cobriam apenas um pouco dos seus seios à mostra. Ela vestia apenas uma calcinha. Gisele tinha uma faca na mão. Ela passava a ponta da faca pela sua pele branca, entre seus seios, depois lentamente desceu a faca pela barriga até sua virilha, ali deixou a faca mais que um instante, fazendo insinuações que sabia excitavam a Júlia, em seguida desceu a faca para suas pernas, virou-se de costas e passou a faca em seu bumbum, sempre olhando fixamente nos olhos de Júlia.

— Você gosta disso, não é, sua assassina? – disse Gisele em tom baixo e sexy para sua amada Júlia.

— Corte para eu ver. Corte sua perna, cadela – disse Júlia excitada.

— Quero ver você masturbando antes. Masturbe para mim, Ju. Quero ver sua buceta molhada para mim – Gisele continuava passando a faca lentamente pelo seu corpo.

— Você fala como a puta que é – gargalhou Júlia.

— Pode ser, mas eu sou a sua puta. Não se esqueça disso.

— Sim, é minha, toda minha. Agora se corta, ordinária.

— Não, eu quero antes ver você se molhando toda.

Júlia sorriu para Gisele e arrancou sua calcinha. Passou sua própria mão pelos seios, barriga, descendo para virilha até alcançar o clitóris e ali começou a massagear, sempre olhando para Gisele que mostrava sua língua para Júlia, excitada. Júlia chegou ao orgasmo em menos de um minuto.

— Foi muito rápido, Ju, não conta.

Júlia riu de sua namorada e novamente se acariciou agora demoradamente, antes que pudesse alcançar o orgasmo. Gisele subiu em cima de Júlia já completamente nua e com a faca na mão, começou a passar a faca

lentamente pela Júlia que sorria prazerosamente com a brincadeira de sua amada.

— Deixa eu te furar, antes, Ju?

— Não, eu já fui muito furada. Agora é sua vez.

Gisele beijou a boca da Júlia e seus seios demoradamente. Ainda em cima da Júlia, Gisele perguntou:

— Quer que eu fure meu braço para escorrer o sangue no seu rosto e você chupar?

— Você sabe que eu quero! – respondeu Júlia animada.

Gisele pegou a faca e furou seu braço esquerdo, depois apertou bastante para que algumas gotas escorressem em direção à boca da sua amada.

— Está gostoso, Ju?

— Está. Escorre mais. Fura com vontade. Deixa eu chupar seu sangue. Deixa!

Gisele sorriu, espetou um pouco mais a faca em seu braço, em seguida o entregou para Júlia chupar. Gisele agora estava deitada na cama e deixava que Júlia chupasse seu braço como uma vampira.

— Agora me chupa – ordenou Gisele.

Júlia sorriu da safadeza de sua namorada. Deixou de chupar o corte e desceu com sua boca para a virilha da Gisele e a amou do jeito que sabia amar.

Depois do clímax, as duas se abraçaram extasiadas. Júlia rapidamente se levantou, vestiu uma camiseta grande e caminhou para janela, pelo vidro viu prédios velhos e o tráfego movimentado da nove de julho. Notou que uma pequena aranha andava rapidamente perto da janela e a matou imediatamente com um tapa. Viu o inseto morto, grudado em sua mão e o ofereceu a Gisele:

— Quer chupar?

— Vá se *fuder*.

Júlia lambeu a aranha em sua mão e depois sorriu para Gisele:

— É essa boca que te come.

— Ju, você é nojenta.

— E você é uma gostosa. Agora vira de costas que quero ver sua bunda daqui.

Gisele sorriu e virou-se de costas para sua amada.

— É linda! Posso lamber seu rabo?

— Você não dá descanso! – disse Gisele brincando.

— Já cansou?!

— Não, vem aqui. Estou te esperando.

Júlia sorriu mais uma vez:

— Vou te furar na bunda.

— Você sabe que pode fazer o que quiser comigo.

— Eu sei – Júlia sorria maliciosamente. — E hoje eu vou fazer tudo com você. Tudo mesmo.

Gisele riu.

— Eu não esperava menos.

Júlia pegou um canivete suíço que estava em cima da mesa juntamente com outros objetos cortantes e pontiagudos e disse animada:

— O dia vai ser longo. Eu vou começar *devagarinho* com esse canivete de nada. Você nem vai sentir.

Gisele disse sorrindo, porém estava apreensiva:

— Eu tenho certeza que vou sofrer hoje.

— Não, minha linda, você vai gozar e dar prazer para o amor da sua vida.

Gisele tremeu, ela sabia que Júlia estava inspirada. Gisele sentia prazer em ser machucada e em machucar, mas não como Júlia. Os limites de Júlia sempre foram maiores, bem maiores.

Gisele lembrava-se que quando começaram a partir para objetos cortantes teve medo da fúria de Júlia. Ela conhecia bem sua amada para saber que havia o risco dela se empolgar demais. Felizmente, Júlia sempre teve sincero interesse na anatomia humana, especialmente para saber o que doía mais, onde doía mais, o que feria mais, entre outros detalhes que poderiam interessar sua mente conturbada, por isso não foi difícil para Gisele convencê-la a cursar enfermagem. Gisele que na época ainda era estudante do primeiro ano de medicina empenhou-se em munir Júlia de todos os detalhes interessantes que certamente a levariam a fazer o curso. Depois do curso, Gisele, que conhecia a genialidade de Júlia, sabia que ela tinha adquirido pleno domínio do corpo humano, portanto, não cometeria o erro de feri-la novamente em locais arriscados ou de difícil recuperação. Ainda assim, temia Júlia e sua intensidade assassina, principalmente temia a loucura de sua mente. *Eu sei que um dia ela irá me matar, mas ainda não chegou esse dia. Não vou morrer hoje.* E foi pensando assim que se entregou para Júlia sem reservas naquele dia.

– 32. No meio das pedras –

Júlia vestia uma camiseta grande e Gisele uma camisola de seda. Elas estavam sentadas na pequena mesa que tinha no quarto daquele hotel de quinta categoria. Elas não gostavam de se encontrar em suas casas e ter o chato trabalho de ter que limpar todo o sangue ou dar o que falar para a empregada. Preferiam lugares imundos e de péssima categoria onde o sangue e os gritos não significavam muita coisa e principalmente onde podiam entrar anônimas e sair desse mesmo jeito.

Júlia pegou a mão de Gisele que estava sobre a mesa e a beijou ternamente:

— Vai ficar tudo bem, Gigi. Você sabe que sou ótima em curativos.

— Você exagerou. Passou do limite. E pare de sorrir assim, você sabe disso.

Júlia sorriu:

— Eu te avisei que o dia iria ser longo.

— O pior é que eu sabia mesmo que hoje você estava impossível. Vou ficar com cicatrizes!

— Você sabe que eu amo cicatrizes. Se eu pudesse eu retalhava seu corpo inteiro...

— Eu sei por isso que eu deixo...Mas, eu tenho medo que um dia você me machuque de verdade – Gisele murmurou contrariada.

— Eu me policio para que isso nunca aconteça.

— Mas e se sua sede de sangue for maior e...

— Você sabe que na vida não há garantias... Você quer parar?

— Você sabe que não. Você acha que ficamos assim por causa daquela noite?

— Talvez... – disse Júlia enigmática.

Júlia sabia muito bem que seu gosto por sangue tinha nascido com ela. Lembrava-se dos seus primeiros assassinatos no sítio. Os pequenos pintinhos, passarinhos, patinhos e sapos morriam em suas mãos, nunca tiveram chance. Depois um dia em que estava mesmo furiosa com a caçulinha dos Pereira Leite, a Betina, que fez questão de espalhar a quatro ventos que ela era filha dos empregados, não pensou duas vezes e a afogou, tal como afogava os patinhos.

Para Júlia a morte não era apenas um jeito que ela encontrou de facilitar sua vida, mas significava também prazer, satisfação e poder. Saber que ela era mais forte e inteligente, que comandava as vidas que a rodeavam e que podia eleger ao seu próprio deleite quem merecia ou não viver, para ela não tinha nada melhor.

O incêndio que tinha aniquilado sua família foi o meio que Júlia encontrou de se livrar deles de uma vez. Aterrorizava-lhe a ideia de se ver presa àquela gente que detestava para o resto de sua vida. Apesar de pequena, ela sabia muito bem que se ficasse naquela cidadezinha horrível não teria chance alguma na vida e sonhava, desde que vira pela primeira vez ouro e pedras coloridas e brilhantes enfeitando a senhora Doroteia Pereira Leite, que era com aquilo que gostaria de trabalhar: joia. Júlia carregava no peito a certeza que luxo e beleza só podiam existir em um lugar bem longe dali. Por isso, sabia que tinha que fugir para esse paraíso e a morte de sua família seria seu passaporte.

O vermelho sanguíneo e o desfalecer de uma vida encantavam Júlia desde pequena. Ela sabia que Gisele não era como ela. Era mais fraca, sempre foi, mas foi a criatura mais divertida com que tinha aparecido em sua vida. Ela adorou a temporada de férias em Trancoso que passou com Gisele. Júlia tinha apenas onze anos e Gisele já tinha catorze. Ambas moravam no Rio de Janeiro e sentiram afinidade imediata quando se encontraram em uma terra estranha à beira mar. Amélia era gorda e se recusava a ir à praia. Ficou o verão todo dentro da quarto do hotel pedindo batatas fritas e assistindo televisão. Júlia em compensação seguia todos os dias para praia com seus tios, Débora Marcondes e Eduardo Ribeiro. Foi no mar a primeira vez que Gisele se aproximou com intenções libidinosas. Ela chegou devagar como quem não quer nada e pegou em sua bunda. Júlia adorou. Achou que talvez tivesse sido sem querer, mas no dia seguinte quando brincavam de esconde e esconde nas pedras, que ficavam isoladas em um canto da praia afastado e deserto, Gisele depois de se esconder entre algumas pedras mais altas, que formavam paredes ao seu redor, tirou seu biquíni e, assim que Júlia a encontrou, ela se ofereceu. Gisele foi simples e direta. Completamente nua na areia, olhou dentro dos olhos azuis de Júlia e perguntou:

— Você me quer?

Júlia sequer tinha beijado alguém na boca. Seu desejo e prazer ainda estava mais ligado à tortura e à morte do que ao sexo em si. Não podia ainda

imaginar na imaturidade dos seus onze anos que esses dois prazeres podiam se conectar perfeitamente. Júlia era curiosa e não tinha qualquer tipo de trava moral, guiava toda sua vida por sua exclusiva vontade e apetite. Gisele lhe parecia bonita e a sensação de perversão e mistério fizeram-na sucumbir:

— Eu quero – respondeu simplesmente.

Gisele, então, iniciou a pequena Júlia nos prazeres sexuais. Júlia era uma aluna aplicada e rapidamente ultrapassou sua mestre no quesito inovação e criatividade. Gisele só agradecia. Ela tinha sentido logo de cara quando deparou com aquela menina linda na praia que aquele rosto de anjo escondia um pequeno demônio. Tanto foi assim que a música delas que fazia uma pensar na outra era *You are the Devil in disguise*, do Elvis Presley. Geraldo Roberto não sabia disso, mas acertou em cheio quando sugeriu ao Miguel que essa música se aplicava perfeitamente à Júlia.

Elas cresceram juntas, provaram, descobriram e desfrutaram muitos prazeres. Gisele sabia que dificilmente conseguiria segurar a Júlia por muito tempo. Ela sempre soube que a Júlia tinha uma sede insaciável do mundo, queria experimentar e fazer de tudo, não tinha limites. Para desgraça de Gisele, Júlia a conquistou irremediavelmente para toda vida. A vida não tinha graça se Júlia não existisse, ela venerava Júlia de uma forma doentia e perigosa. Fazia o que Júlia quisesse. A única verdade de Gisele é que Júlia mandava em seu mundo.

Foi no jardim da festa de quinze anos de Toninha que Júlia rompeu o namoro com Gisele e deram o que era para ser o último beijo, mas a vida é feita mesmo de reviravoltas e o que aconteceu naquela noite as uniu de uma maneira inviolável.

Amélia seguia Júlia pela festa. Júlia a rotulava como intrometida, azeda e invejosa, mas Amélia só queria ter certeza que Júlia não estava aprontando nada, afinal tinha sido estranha sua súbita vontade de ir à festa. Do alto da sacada, Amélia acompanhou sua ida ao jardim com Gisele, viu o beijo, e gritou para toda festa: “Duas mulheres se beijando!”. Raquel e sua irmã Roseli, que estavam perto, viram que era mesmo verdade e começaram a auxiliar todos aqueles que queriam ver o beijo apontando onde elas estavam e alardeando que conheciam uma das lésbicas: Gisele. A outra lésbica não conseguiram identificar. Amélia pensou em dizer, mas, além de ter medo de Júlia, ela sentia insegurança, por toda vida ela tinha evitado que Júlia conhecesse seus amigos, não era agora que a exibiria a todos, até porque o tiro poderia sair pela culatra e prejudicar a si própria: Amélia, a gorda estranha, é irmã de uma lésbica.

Após o grito da Amélia, a gangue do Ossada desceu às pressas, estavam excitados e animados com o que poderiam fazer, cercaram as duas e as intimidaram. Desistiram. Tinham plateia. Parecia que elas tinham escapado, mas a gangue do Ossada depois que farejava uma encrenca seguia até o fim

acontecesse o que acontecesse. E foi assim, que a gangue, como cachorro atrás de uma cadela no cio, voltou e dessa vez pegou as duas de jeito. Foram estupradas por todos os membros da gangue mais de uma vez. Ao todo cada uma teve onze investidas. Duas de cada membro da gangue e três do Ossada que até nisso queria aparecer. Um total de vinte e duas vezes. Era muita coisa. Elas apanharam muito e feio. Depois de apanharem demais, enfim, elas pararam de relutar e deixaram que fizessem o que queriam fazer. Terminaram sujas e dilaceradas, mal conseguiam andar. Júlia nunca contou para Gisele, mas ela desconfia que Gisele tenha percebido: Júlia adorou ver Gisele sofrendo, apanhando e sangrando. O sangue escorrendo pela pele de Gisele, seu olhar de sofrimento, despertou um novo prazer em Júlia, maior e melhor, um novo prazer, até, então, desconhecido. Foi nesse instante que Júlia entendeu que o prazer que tinha por tortura e sangue podia se unir ao prazer que tinha por sexo.

É claro que Júlia sofreu com o estupro, sobretudo porque era ela que sempre gostava de ter o controle e o poder. A ideia de ser tratada feito um objeto qualquer, ela certamente não apreciou nem um pouco, mas conseguiu sentir prazer em alguns golpes, principalmente os primeiros que recebeu, o que ela não podia imaginar é o êxtase que sentiria depois ao ver Gisele apanhar e ser estuprada. Júlia nunca tinha sentido prazer maior que aquele, nem quando incendiou toda sua família.

Júlia jamais disse como apreciou imensamente parte daquela noite, nem Gisele disse que percebeu isso, mas depois de um tempo Júlia introduziu os objetos cortantes e pontiagudos ao sexo e Gisele aceitou de bom grado, pois sabia como era importante para Júlia e não queria perdê-la. Júlia jamais falou novamente em terminar com Gisele. Elas estavam unidas pelo destino de forma irremediável e concordaram que se vingariam de todos que contribuíram de alguma forma para aquela noite.

Para a gangue do Ossada, elas tinham arquitetado uma assombração bem mais cruel, violenta e terrível que incluía, com os detalhes que descobriram de cada membro da gangue, mortes sinistras de pessoas da família, incluindo crianças, incêndios e uma longa e tenebrosa tortura dos estupradores, que acordados, após serem vinte e duas vezes estuprados, terminariam por ver seu pênis ser decepado. Tinham decidido que não os matariam imediatamente, só depois de algum tempo. Sabiam do risco disso, mas queriam que vivessem um tempo com a vida dilacerada, torturados e decepados. Também sabiam que depois de tudo que sofressem demorariam a ganhar a autoestima necessária para se vingarem. Portanto, arriscariam por um curto período, um risco calculado. Torturariam um membro de cada vez, para que cada um sofresse a expectativa de que chegasse sua vez. O Ossada, é claro, seria o último. Secretamente, é claro, o espírito de Júlia conspirava. Júlia tinha um plano paralelo em seus

melhores sonhos. Ela sonhava em compelir a gangue do Ossada a estuprar Gisele, mais uma vez, para que ela pudesse sentir novamente o prazer que sentiu naquela noite. É claro que nunca contou nada à Gisele e nem tinha certeza de que faria isso, pois a ideia de estuprar e decepar cada membro da gangue lhe parecia deliciosamente cruel, no entanto, isso fazia parte de sua fantasia.

Naquele instante Júlia olhava para Gisele em sua charmosa camisola dourada e a imaginava sendo estuprada, aquilo a enchia de prazer. Seus tenebrosos pensamentos foram perturbados por uma pergunta que Júlia odiava ouvir de Gisele:

— O que você está pensando?

— Em você – respondeu Júlia sem mentir.

— Eu não vejo a hora de matarmos logo o Miguel para partirmos para a gangue do Ossada. Devíamos ter começado com eles – disse Gisele.

— Vingança é um prato que se come frio e o doce fica sempre na sobremesa.

— É...você tem razão. Você acha mesmo que o Miguel sabe de alguma coisa? – perguntou Gisele.

— Acho que desconfia de alguma coisa. Antes de matá-lo, eu preciso descobrir o que ele sabe. Um pouco mais de paciência.

Ficaram por um instante quietas se olhando. Muitas coisas as uniam, talvez coisas demais, Júlia queria um dia se libertar. No final, talvez tivesse que matar Gisele. Teria que imaginar como. Vendo que o sangue escorria de Gisele, Júlia interrompeu seus próprios pensamentos e perguntou:

— Bom, vamos fazer os curativos? Me deixa cuidar de você, Gigi?

Gisele apenas sorriu. Ela adorava aquela dedicação extrema de Júlia com seus curativos. No fundo ela tinha uma desconfiança de que Júlia se esmerava daquele jeito, limpando e demorando-se além do usual em cada corte, porque gostava de ver as feridas e o sangue, mas gostava de se iludir pensando que aquilo era apenas o cuidado que Júlia tinha com o seu amor, mas Júlia não amava, ela possuía.

Júlia abriu sua mala e sorriu maliciosamente. Ela adorava cuidar dos cortes de Gisele, sobretudo ver as feridas, guardá-las na mente como uma fotografia e limpar o sangue, o vermelho lindo e brilhante do sangue.

– 33. Era verdade –

Eduardo Monteiro tentou consolar sua esposa inutilmente. Débora Marcondes não parava de chorar. Ele pacientemente afagava suas costas e dizia palavras doces e confortantes. Porém nada parecia funcionar, Débora continuava chorando inconsolável. Depois de muito tempo chorando, Débora simplesmente parou. Bebeu o chá que estava a sua frente e disse a Eduardo que ficaria bem, que ele podia ir. Apesar de relutar, Eduardo aceitou, pois tinha uma reunião muito importante. À noite ele conversaria com sua esposa com calma e a consolaria mais. Ele sabia que sua filha estava morta e não havia nada a ser feito. Não passou pela cabeça de Eduardo que Débora tinha chorado por outro motivo, tampouco imaginou, quando ela parou de chorar, que ela tinha decidido ir para São Paulo tirar a história contada por Geraldo Roberto a limpo.

Assim, que Eduardo saiu, Débora rapidamente se arrumou, pegou sua bolsa e partiu para o aeroporto.

Na sala de espera do aeroporto, Débora tremia de raiva e nervoso. *Maldito baixinho! Quem ele pensa que é para acusar meu anjo? E se ele tiver razão? Amélia sempre disse que Júlia era má. Os bichinhos de estimação que sempre morriam, alguns cortes estranhos... Não de jeito nenhum, absolutamente, Amélia, que meu bom Deus a tenha, sempre foi mentirosa. Eu a amo muito, mas a verdade é que ela sempre mentiu muito, principalmente em relação à Júlia. Ai meu Deus do céu, amado pai, será que é verdade? Será que eu matei minha filha? Será que eu a submeti a uma vida triste e tenebrosa perto de uma louca? Não, não, meu anjo é bom. Sempre foi meu presente do céu. Mas eu preciso... eu preciso saber. Perdoe, meu anjo amado, por desconfiar de você, mas eu preciso, eu preciso mesmo saber.*

Débora comprou dois lugares no avião. Felizmente ela tinha dinheiro suficiente para não ir esmagada feito uma sardinha em lata. *Essas companhias aéreas e sua mania de magreza. Como eles imaginavam que uma pessoa robusta coubesse em um daqueles assentos ridículos?*

O voo foi nervoso. Débora olhava a cada cinco minutos para o relógio e

os quarenta minutos em que ficou sentada transcorreram lentamente como se cada minuto representasse uma hora. Assim, que o avião pousou, Débora Marcondes, ignorando os anúncios luminosos e irritantes que pediam que o cinto de segurança permanecesse afivelado, soltou-o imediatamente e, assim que pode, levantou-se daquelas cadeiras ridículas. Foi a primeira a sair do avião. Felizmente, não teve nenhum idiota que quisesse passar-lhe a frente, só Deus saberia o que ela era capaz de fazer, se houvesse. Débora andou o mais depressa que pode em direção à fila de táxi especial e em apenas vinte minutos estava na frente do prédio de Júlia.

O porteiro recebeu Débora Marcondes com entusiasmo. Ele sabia que ela era proprietária de dois apartamentos no prédio e a tinha em alta estima só por imaginar o tamanho de sua fortuna.

— Dona Débora, que bom revê-la! Fazia tempo que a senhora não vinha conferir seus apartamentos. Posso garantir a senhora que em breve conseguiremos alugar o apartamento da sua, da sua – o Porteiro gaguejava sem saber o que dizer — que era da sua filha, Amélia.

— Muito bem – respondeu secamente.

— A senhora quer vê-lo? Eu estou com as chaves aqui. Se a senhora me der um minuto...

Débora não estava para conversa fiada, por isso de forma quase áspera respondeu:

— Eu tenho as chaves.

— Ah, mas claro! Que besteira a minha! A senhora é a dona, é claro e...

Débora estava ácida.

— Estou com pressa.

— Ah, eu compreendo – disse enquanto a acompanhava até o elevador — muitos negócios na cidade. Eu posso imaginar. Há muitos homens de negócio aqui no prédio e eu já estou acostumado, sabe, com essa correria que vocês vivem.

Débora não respondeu.

— Não sei se a senhora veio ver a Dona Dora, mas ela não está.

Dora!? Pensou Débora irritada. *Tinha me esquecido que a Júlia não gosta de seu nome, como se o nome que minha irmã deu fosse feio... É um nome lindo. Eu até entendo que ela sempre teve vergonha de onde veio, dos seus pais, do seu passado...Eu sei disso, mas daí a querer que eu a chame por esse novo nome...Ela sabe que não chamarei.* Débora pensou em corrigir o porteiro dizendo que Dora não era o nome de sua sobrinha, mas pensou em Júlia e não fez isso, limitou-se a repetir:

— Não se preocupe comigo, como eu já disse, eu tenho as chaves.

O elevador estava demorando mais do que Débora estava disposta a esperar. Débora viu que o porteiro estava prestes a falar mais alguma coisa, mas finalmente o elevador chegou. Débora correu para puxar a porta do elevador. De dentro do elevador ainda via a cara de expectativa do porteiro para mais uma palavrinha. Apertou o botão décimo sétimo e disse secamente:

— Se o senhor me der licença. Eu estou realmente com pressa.

— Com toda certeza. Me desculpe mesmo. Eu entendo perfeitamente. Caso a senhora precise de qualquer coisa, estou por aqui.

Débora nem pensou em responder. A porta do elevador se fechou. Assim que chegou no *hall,* pensou em visitar o apartamento de Amélia e talvez despedir-se dela mais uma vez, mas estava aflita demais para fazer isso, virou-se para o apartamento de Júlia e apertou a campainha, só por precaução. Nada. Apertou mais uma vez. Nada. *O porteiro tinha razão,* pensou. Abriu sua bolsa, pegou a chave do apartamento e abriu a porta.

Dentro do apartamento de Júlia, Débora emocionou-se. O apartamento de Júlia tinha seu bom gosto. Delicadamente passou as mãos pelo sofá, pela mesa de jantar, pensou em se arriscar e ver o que tinha na cozinha, talvez na geladeira. *Não estou com fome! É ansiedade*. Ainda assim, entrou na cozinha, abriu a geladeira, só coisas *light*. *Que tristeza!* Sem muita opção, pegou uma latinha de coca zero e abriu, despejou o conteúdo em um copo e resolveu ver o quarto de Júlia, onde dormia, o que estava lendo e quaisquer outras coisas de seu anjo. Sentou-se na cama, pensou em deitar e chorar, mas não fez isso, abriu a gaveta de sua cabeceira, uma pomada para as mãos, um brilho labial, um relógio, enfim, nada que interessasse. Instintivamente continuava sua busca. Não sabia o que procurava, mas não parava de procurar. Partiu para o armário, olhou suas roupas, seus sapatos. *Quantos sapatos, Deus meu!* Começou a abrir as gavetas e ver tudo que tinha, calcinhas, meias, sutiãs, nada demais. *O que eu estou fazendo?* Olhou mais uma vez para cama. *Embaixo dela tinha mais gavetas!* Cobertores, lençóis...O armário tinha algumas portas em cima. *Vou precisar de uma escada.* Débora Marcondes odiava aquelas escadinhas de alumínio, pois tinha dúvidas de que pudesse suportar o peso de seu corpo, mas a curiosidade era maior. Foi até a área de serviço pegou a pequena escadinha e a levou até o quarto de Júlia. Subiu um degrau, outro. *Ótimo, está suportando*. Abriu a porta. *Caixas!* Tirou uma a uma e colocou-as em cima da cama. Sentou-se na cama. A primeira caixa tinha bijuterias do tempo em que Júlia fazia o estilo mais despojado. Em outra encontrou inúmeras caixinhas de joias. *Nossa o que meus brincos de brilhante estão fazendo aqui? Eu achei que tinha perdido*. Uma ponta de tristeza feriu de forma contundente o coração de Débora. *Eu sempre dei tudo que ela quis. Por quê, meu Deus, por quê?* Lágrimas escorriam pelo rosto redondo e largo da doce

senhora. Suas mãos rechonchudas suavam e tremiam. *Meu anjo, meu anjo!*

Débora Marcondes levantou-se da cama como se tomasse coragem para persistir em sua busca. Na outra caixa, canivetes e facas. *Canivetes e facas?* Débora Marcondes caiu desolada na cama, já não pensava. Abria uma caixa atrás da outra, freneticamente, até que encontrou, ali sozinho, uma caixa só para ele, um caderninho preto velho de capa dura. Abriu e viu que era um diário, o diário de Júlia.

Mais uma vez, Débora Marcondes se levantou. *Ler ou não ler? Que diabos! É claro que eu vou ler.* Entusiasmada, sobretudo receosa, Débora Marcondes sentou-se na cama e começou sua leitura.

"Acho ridículo aquelas meninas babacas que..."

Débora fechou o diário. *É horrível eu ler isso. Eu não deveria, mas eu preciso...*Abriu o diário novamente e encontrou no cabeçalho direito a data era 13/04/1998. *Era aniversário de Júlia de treze anos.*

"Acho ridículo aquelas meninas babacas que ficam escrevendo no diário sobre suas aflições imbecis que não importam a mais ninguém. Hoje eu ganhei essa merda de uma amiga mala da minha tia e quase queimei de raiva, mas depois pensei eu não preciso escrever como uma idiota, eu posso escrever sobre minhas conquistas. Eu já conquistei muita coisa e não posso falar sobre elas com ninguém, mas agora eu posso.

"Minha vida até hoje foi marcada por três grandes conquistas. Acho que a maior delas foi sair do buraco onde eu nasci. Minha mãe era um mulher burra que se apaixonou por um imbecil e as duas mulas resolveram morar na porra de um buraco no meio do mato. Eu soube no dia que vi a Dona Doroteia arrumada feito uma árvore de natal que eu tinha nascido no lugar errado. Ela brilhava como as estrelas. Eu queria aquilo para mim. Minha mãe sempre que brigava com meu pai dizia que podia ir embora morar com sua irmã rica, é claro, que ela era covarde demais para largar meu pai, mas eu não era.

"Eu entendi que eu dependia dos meus pais até poder me sustentar, portanto, até lá eu ficaria presa àquele buraco junto com eles. Depois que minha mãe teve meu irmãozinho a vida ainda ficou mais chata porque eu passei a não existir e depois passei a virar babá. Está certo que não foi por muito tempo, depois de maltratar feio meu irmão minha mãe não quis mais meus serviços. Pouco importa. Eles me irritavam e eu queria me livrar deles todos. Eu sabia que só tinha uma saída para mim: a morte deles. O incêndio foi perfeito, só eu sobrevivi. E eu consegui o que queria que era sair do buraco e morar com minha tia rica sem a merda da minha família.

"A vida naquela merda, pacata e tediosa, me ensinou que duas coisas valem realmente a pena: matar e se vingar. Nada era mais delicioso fazer como passatempo do que caçar pequenos animais, fazer meus experimentos e matá-los. As pessoas não apreciam o que é realmente interessante. Não há nada melhor que sentir um coração parar de bater, o corpo tornar-se mole e sem importância.

Outra coisa que eu gostava era me vingar das pessoas que por algum motivo me irritavam, eu geralmente gostava de destruir alguma coisa delas, até porque eu era menina e não tinha ainda meios para me vingar fisicamente delas. Bom, eu até tinha. Meu pequeno irmão sofreu bastante na minha mão. Ele chorava e tremia só de me ver. A besta da minha mãe imaginava que era em razão da vez que eu o tinha maltratado aquela vez, mal sabia ela que ele sofria na minha mão sempre que ela saia de perto. A Betina foi a minha primeira pessoa de quem me vinguei e que era do meu tamanho. Foi minha segunda maior conquista: matar uma pessoa com minhas próprias mãos. Pude juntar o prazer de matar com o prazer da vingança e foi o máximo. Até aquele dia, tudo o que eu tinha matado na vida eram pequenos animais, mas fui tomada por um sentimento delicioso de morte quando a Betina imbecil disse aos nossos amigos que eu era filha dos empregados. Tive a certeza naquele dia que ela merecia morrer. Tudo que precisei foi um momento sozinha com ela para afogá-la como eu fazia com os patos do lago. Eu adorei matá-la e matá-la me deu a coragem necessária para eliminar minha família de vez. Eu sempre sonhava com o dia em que mataria minha família inteira, mas eu só tive segurança para isso, depois que eu matei a Betina. Foi com a Betina que eu descobri o prazer de matar gente. Eu imaginei que matar minha família seria melhor ainda, mas aí quando eu matei, não foi tão bom. A delícia é sentir a vida se esvaindo do corpo da pessoa. No incêndio não dá para fazer isso, mas eu tive que matá-los assim, matá-los um a um levantaria suspeitas e eu sabia também que eu não tinha força necessária para matar adultos. Eu até pensei em matar meu irmãozinho antes de matar meus pais, mas era arriscar demais, afinal a Betina já tinha morrido. O incêndio não foi visto como um assassinato, foi visto como uma fatalidade. Cometer essa fatalidade foi minha terceira maior conquista. Fatalidades podem ser interessantes também. Dá um certo prazer cometer uma "fatalidade", como eu disse, não é tão perfeito como sentir a respiração e o coração pararem, mas é gostoso também. Acho que a melhor parte não foi atear o fogo, mas, sim, saber que sou eu quem manda e que é muito fácil enganar todo mundo. Depois foi muito fácil fazer cara de coitada para meus tios para eles me acolherem. Eles sempre me amaram, principalmente minha tia, que sempre teve verdadeira adoração por mim. Faz alguns anos, acho que tinha uns onze anos que eu contei para minha tia que meu pai abusava de mim, é mentira, claro. Eu ouvi isso no noticiário e achei que podia ser uma boa ideia para que minha tia tivesse ainda mais pena de mim e quisesse me proteger ainda mais. Contei e deu muito certo, minha tia ficou transtornada e só faltou erguer um altar em minha homenagem. A gorda da Amélia se deu mal, muito mal. Hoje em dia é só ela falar no meu nome que já toma uma invertida. É claro que estou aproveitando para deitar e rolar na gorda sempre que posso e ainda me faço de vítima. Eu manipulo todo mundo. É muito fácil. Sou eu que mando aqui."

As mãos de Débora tremiam e o ar parecia lhe faltar. Correu na velocidade que pode para a sacada do apartamento. Precisava sentir o vento forte no rosto ou morreria. Abriu a porta da sacada um vento gelado que só São Paulo tinha fez voltar sua cor. Apoiou-se ainda trêmula na sacada. Ela sabia que não tinha estômago para continuar lendo o diário, mas sabia também que tinha

que ler, tinha que ler tudo. Ela precisava saber. Sentou-se em uma das cadeiras da varanda e esqueceu-se ali por muito tempo. Ela sabia que tinha que se preocupar com Júlia. Ela sabia que ela podia entrar ali a qualquer tempo, sabia que tinha que guardar as caixas, tirar uma cópia do diário, mas simplesmente não tinha forças. Depois de aproximadamente meia hora, Débora motivada pela lembrança de Amélia, obrigada a viver uma vida inteira de injustiças por culpa de sua própria mãe, levantou-se e decidiu que leria todo o diário, pois tinha passado a vida inteira escondendo de si mesma as maldades de Júlia e era hora de encará-las todas de uma vez. Tinha que enxergar toda verdade. Saber de todos os feridos. Conhecer o peso de sua cegueira, de sua cumplicidade, e, só depois, decidir o que fazer.

Débora Marcondes guardou todas as caixas, guardou o pequeno diário em sua bolsa e partiu para a gráfica que lembrava mais perto. Se Júlia voltasse, devolveria o diário outro dia, se tivesse sorte guardaria o diário e iria embora dali antes do seu retorno. Ela sabia que não tinha condições de enganar a Júlia. Não do jeito que estava, Débora Marcondes estava devastada. Nada conseguiria apagar a tristeza, a raiva e a culpa estampadas nos seus olhos. Saiu rapidamente pela portaria sem dar chances para qualquer conversa mole do porteiro.

No caminho para gráfica pensou em comprar um presente para Júlia. *Sim, minha visita tinha que ser disfarçada. Ela saberia pelo porteiro língua solta que eu estive lá. É inútil esconder.* Depois da gráfica, Débora passou em uma padaria excelente da região e comprou bolo, *petit fours,* frios, pães, bem exagerado como era do seu feitio e decidiu que deixaria um bilhete dizendo que teve que vir a São Paulo para visitar os imóveis da família e resolver suas pendências e que passara para tomar um lanche agradável com seu anjo, mas que era uma pena que não tinha a encontrado.

Débora chegou ao prédio de Júlia carregada de sacolas. O porteiro quis perguntar, mas pela cara de Débora ele entendeu que não deveria, nem ousou sair de sua saleta. Estranhou as sacolas da padaria e o rosto funéreo da Dona Débora, simplesmente não combinavam, mas não cabia a ele perguntar, imaginou que a morte da sua filha Amélia a machucava. O elevador chegou. Débora lamentou não saber se Júlia tinha ou não chegado, mas não estava disposta a perguntar ao porteiro. Tocou a campainha uma vez, duas, três, pegou a chave e entrou. Rapidamente investigou o apartamento: vazio. Correu para o quarto da Júlia com a escadinha e guardou o diário na caixa que o encontrara, exatamente como o encontrara. Sorriu satisfeita. Teve um súbito receio de que Júlia estivesse chegando. Correu para guardar a escadinha. Depois pensou que deveria arrumar a mesa. Arrumou tudo rapidamente e saiu correndo dali.

Débora Marcondes não sabia mas Júlia chegaria só à noite. Ela estava tendo uma tarde bastante agitada com Gisele em uma espelunca não muito longe

entre facas e canivetes e sexo, muito sexo.

– 34. Petrópolis –

Débora Marcondes olhava para a cópia do diário dentro de sua bolsa e nem ousava encostar. Só leria quando estivesse só, completamente só.

Débora chegou ao Rio de Janeiro e foi direto para sua casa na Barra da Tijuca. Queria sumir do mundo. Durante o voo, Débora tinha decidido que passaria alguns dias sozinha na casa de campo que tinham em Petrópolis. Seu marido certamente estranharia, contudo, diante de sua recente crise de choro, que ele interpretara como sofrimento pela morte de Amélia, Débora tinha a desculpa ideal.

Por isso, logo depois de fazer uma pequena mala com poucas roupas, pegou o telefone e ligou para Eduardo.

— Meu amor, hoje é quarta-feira, sei que tem que trabalhar, mas não aguento mais ficar nessa casa olhando para tudo da Amelinha. Já decidi que ficarei uns dias em Petrópolis...Acho que até domingo. Não sei direito.

— Você sabe que não gosto que fique longe de mim. Espere mais dois dias. Vamos na sexta, logo depois do almoço. Eu consigo organizar tudo no escritório e...

— Du, meu amor, você não está entendendo, eu não aguento mais!

Eduardo sentiu o peso da frase de sua esposa, lembrou-se do desespero do seu choro profundo e longo, e silenciou.

— Du, já enfrentamos muitas coisas juntos, mas eu preciso de um tempo sozinha e longe daqui. Você consegue me entender?

Eduardo era muito compreensivo e sempre atendia aos desejos de sua esposa por quem tinha verdadeira adoração.

— Se quiser muito, vá. Quando pretende ir?

— Hoje.

— Meu amor, já está tarde. Espere até amanhã cedo. Você consegue fazer isso?

Débora Marcondes conhecia bem seu marido para saber que disso ele não abriria mão. Estava realmente tarde e Débora não gostava de pegar estrada à noite.

— Consigo. Bom, é até melhor, pois conseguirei me despedir de você.

— Sim, e eu estou com saudades suas faz muito tempo que a gente...

— Eu sei, me desculpe, eu...

— Você não precisa se desculpar. Perdemos nossa filhinha. Eu entendo perfeitamente.

— Obrigada, meu amor.

— Não se preocupe comigo. Você precisa recarregar suas baterias. Eu entendo. Eu estou saindo agora do escritório.

— Que bom! Estou te esperando.

Débora desligou o telefone apreensiva. Ela não podia deixar que Eduardo percebesse que havia outra coisa. *Não ainda, não. Ele não merecia sofrer como eu estava sofrendo. Ele também amava muito a Júlia. Eu precisava ficar só, compreender tudo e depois decidir o que fazer.*

Débora tomou banho, colocou sua camisola e se deitou, ainda não era nem nove horas da noite.

Eduardo estranhou a casa toda escura. Foi até seu quarto, encontrou Débora deitada e a beijou.

— Você está bem, meu amor?

— Só estou muito cansada. Chorar tanto me deu muita dor de cabeça. Deixei seu prato no micro-ondas. Me desculpe, meu amor.

— Imagina. Descanse agora. E durma bem.

— Obrigada.

Eduardo fez um afago nas costas de Débora, beijou seus lábios e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

No dia seguinte, logo cedo, Débora partiu. Como queria evitar Eduardo, deixou um bilhete amoroso no banheiro para que ele visse logo que acordasse e soubesse que ela já tinha partido. Ela odiava ter que esconder o que sabia de Eduardo, mas tinha que ser feito. E, sem olhar para trás, pegou a estrada rumo a Petrópolis. No banco do passageiro, estava sua pequena mala, que ela olhava de lado imaginando as surpresas que o diário lhe revelaria. *Não posso pensar nisso agora. Quero só dirigir. Assim que chegar em Petrópolis eu lerei tudo. Agora eu só preciso dirigir.*

Débora chegou em sua casa de Petrópolis que cheirava a guardado. Abriu todas as janelas e fez um café, gostava dele bem forte. Pegou uma xícara grande e a encheu. Abriu a mala, pegou o pequeno caderninho em espiral, cópia do

diário, e se sentou na velha poltrona de leitura. Suas mãos tremiam.

08/08/2000

Eu sei que faz tempo que eu não escrevo e sei que disse que falaria aqui das minhas conquistas, mas hoje vou falar de uma derrota. Hoje faz exatamente um mês que eu perdi uma luta. Eu fui pega, espancada e estuprada, seguidamente estuprada pela gangue do Ossada, eu e a Gisele. A Gisele é minha namorada. Ainda é. Tudo começou porque eu resolvi ir de bicona na festa de uma amiga da Amélia da alta sociedade carioca. O Rio de Janeiro inteiro iria, inclusive a Gisele, eu não queria ficar de fora. A Amélia quase babou de raiva, mas eu falei que nem olharia para a cara gorda dela e ela se acalmou. Ela realmente é muito insegura. Bom, no caso dela eu também seria, é claro que seus amigos se me conhecessem prefeririam a mim. Mas eu não quero seus amigos bolhas, nunca quis. Bom, a festa estava incrível. Nunca vi uma festa como aquela. Foi ali que eu me toquei que o mundo podia ser meu parque de diversões e que eu não devia me prender a ninguém. Eu já pensava em terminar com a Gisele há um tempo, mas vendo aquilo tudo eu tive uma certeza forte, muito forte, que eu tinha que ser livre. Eu já andava mesmo enjoada dela. Eu a levei ao jardim, cheguei mesmo a terminar, ela ficou desesperada, me agarrou e me deu um beijo, a gorda da Amélia nos viu, gritou feito a porca que é, e depois disso, fomos pegas, surradas e estupradas. Foi horrível o que eles fizeram com a gente. De manhã, eu olhei para Gisele, ela estava mal, não conseguia andar direito, estava suja, ferida e usada. Eu também estava desse jeito. Eles não tinham o direito de ter feito isso comigo. Ela se aproximou e me abraçou com muita força e eu entendi que aquela desgraça nos uniria para sempre. Eu disse ao seu ouvido que todos iriam pagar e ela sorriu. Nós duas queremos vingança. Não qualquer vingancinha, mas a pior e mais cruel vingança de todos os tempos. Eu soube naquele momento que minha vida tinha mudado completamente.

Quando eu cheguei em casa a gorda me viu e deu um grito de pavor, por sorte, minha tia e meu tio não estavam, olhei com ódio para gorda, catei ela pelo pescoço e a levei ao seu quarto. Ela não hesitou nem por um instante. Eu mostrei tudo para ela, depois contei todos os detalhes do nosso estupro com requintes de crueldade, é claro. Não poupei nada, falei tudo mesmo e até exagerei. Ela tremia e chorava. Jurou que sairia do meu caminho. Segurei forte pelos cabelos dela e disse com força e maldade: "Isso não vai ser suficiente!" Ela gritou desesperada dizendo que faria qualquer coisa que eu mandasse. Então, eu a soltei. Na hora ela pensou que se livrou, mas eu ainda vou fazer ela comer o pão que o diabo amassou, ela vai ser torturada por toda merda de sua vida. Mandei a gorda da Amélia não contar nada a ninguém, fiz ela prometer ajoelhada. A vingança é só nossa e se ela meter a boca

suja dela de novo não vai ter volta. Eu ainda não sei exatamente o que farei com a Amélia, com a gangue ou com os outros filhos da puta que participaram para que o pior acontecesse. Eu só sei que nos vingaremos com excesso de crueldade de todos sem exceção. Gisele já disse que fará qualquer coisa que eu mandar. Ela nem imagina as coisas que já passaram por minha cabeça. Todos eles desejarão nunca terem nascido. Esse será a grande conquista da minha vida.

Quero registrar que não tem coisa pior do que ser espancada e montada feito uma égua. Não vou ficar descrevendo o que eles fizeram, acho besteira relembrar, mas eles fizeram de tudo e, por isso, vão pagar com tudo. Eles não sabem com quem mexeram. Não fazem ideia do que eu sou capaz. Só sei que sou bem pior que eles.

Mas tem uma coisa que aconteceu nessa noite maldita e que eu não posso contar, nem para Gisele, por isso desabafarei aqui. O fato é que eu gostei de assistir seu estupro, a forma como ela apanhava, sofria e era violentada, me deu muito prazer. Fico excitada só de relembrar.

Acabei de ter uma ideia: introduzir objetos cortantes ao sexo. Vou ter que testar isso e vou fazer a Gisele aceitar.

29/10/2000

Hoje foi um grande dia. Eu consegui convencer a Gisele de que queria furá-la. Ela aceitou. Ela me ama, tenho certeza que muito. Depois do furo, eu a tratei com muito carinho e ela deixou também que eu a cortasse. Eu fiz um belo corte em sua perna. Quero ainda furar aquela barriga linda que ela tem. Ela disse que só vai deixar eu furar em alguns lugares depois do curso de enfermagem. Quero fazer logo essa merda, mas ainda tenho um ano e pouco de colegial pela frente. Tudo bem, passa rápido. Até lá ela que se cuide.

02/02/2001

Comecei a cortar a gorda já há alguns meses. É uma delícia. Ela tem uma carne macia e mole. A lâmina desliza feito manteiga. Eu peguei prazer em mexer com facas, muito prazer, e acho justo, depois de tudo o que ela aprontou, ela me satisfazer do jeito que eu quiser. Quando estou a fim, eu entro em seu quarto, normalmente já é alta madrugada e meus tios estão dormindo, daí chego devagar e suavemente, sento ao lado de sua cama, levanto sua camisola e faço minha obra de arte. A faca é o meu pincel. Os cortes ficam lindos. Daí eu chupo tudo direitinho para não sujar o lençol até o sangue estancar e depois faço o curativo na gorda. Ela deixa eu fazer o que eu quero com a faca, não sei se é por medo ou por culpa, talvez uma mistura dos dois. Eu realmente a intimido com a faca na mão, mas ela também acha que tem culpa por eu ter ficado tão perturbada. Ela sabe que eu nunca fui normal, se é que existe

isso, mas carrega a certeza que eu só fiquei assim, bem ruim mesmo, depois do estupro. A verdade é que o estupro me libertou para eu poder seguir minha verdadeira natureza. Antes eu tinha mais cuidado, mais limites, agora eu me assumi de verdade. Eu gosto de sangue, eu gosto de facas, eu gosto de cortar, torturar e matar. Essa sou eu. E eu sempre fui assim, mas, é claro, que nunca direi isso a ela. Quero que a culpa da Amélia penetre nos seus ossos!

15/01/2001

A Amélia saiu de casa. Ela está fugindo de mim. Tenho que reconhecer que vou sentir falta de fatiar sua banha. Era muito gostoso. Quero que ela sempre fique gorda, bem gorda.

11/05/2001

Nesse domingo é dia das mães, meus tios foram visitar a Amélia, eu quase fui junto, minha tia disse que era melhor eu não ir e eu aceitei. Minha tia sempre fez tudo por mim e eu tenho que retribuir quando não me atrapalha e para esse final de semana eu já tinha outros planos: viajar com a Gisele para casa dos meus tios em Petrópolis. Tenho que confessar que fiquei com saudades da gorda. Eu odeio a Amélia, mas não posso negar que é uma delícia fatiá-la... Deve ser porque ela é bem gorda. A gordura é macia e faz a faca deslizar facilmente. Fora que a pessoa gorda tem muito mais carne para estragar. Foi depois de furar a Gisele e descobrir que gosto demais disso que eu resolvi que furaria a Amélia também. Eu achei que a Amélia iria oferecer resistência e que isso podia ser um problema, mas ela deixou, sempre deixou. Enquanto eu a cortava, ela gostava de chorar quietinha, eu gostava de ouvir, é bem mais gostoso quando tem sofrimento. Ainda hoje gosto de fechar os olhos e lembrar dela chorando encolhida. Não posso reclamar da Amélia. Ela ficou muito obediente, escondia os cortes e fazia tudo que eu mandava. Só teve uma vez que ela me desobedeceu. Ela trancou a porta do seu quarto para que eu não pudesse entrar de madrugada. Na noite seguinte, consegui uma chave, entrei, a cortei inteira em cima de um plástico de obra que arrumei e a mandei viajar para que minha tia não a visse. Ela ficou bem assustada depois disso, foi quando ela resolveu se mudar para São Paulo. Eu gosto de fantasiar que não foi por isso que ela saiu do Rio e que ela sente falta da minha lâmina, mas eu sei que eu sou feito um demônio para ela. No final, ela foi a única que ficou sabendo daquela noite terrível. Não que ela seja especial, mas ela me viu chegando em casa e não adianta eu queria torturá-la, mais que qualquer pessoa. Acho que só estou com saudades de fatiá-la. A Gisele que não me escute ou pode ficar com ciúme. Minha mão está coçando, a Gisele que se cuide nesse final de semana.

04/03/2006

Hoje supostamente é um grande dia é dia da minha formatura em enfermagem. Eu estou pouco me fudendo em ser enfermeira, já decidi que nunca trabalharei com essa porra. Faz três anos que trabalho com moda e gosto bastante. Agora que eu e a Gisele estamos formadas ninguém mais segura a gente, conseguiremos o dinheiro para nossa vingança. Por falar na melhor e mais genial vingança de todos os tempos, ela foi inteiramente concluída. Não falta mais nenhum detalhe. O plano está absolutamente perfeito. Não vou contar antes de acontecer para não azedar. Quero contar, conforme as coisas forem acontecendo, pois poderei dar todos os detalhes, falar de cada tortura, de cada sangue derramado, de cada prazer e de cada morte que conquistarei nessa jornada.

Chegamos à conclusão de que para fazer tudo que queremos precisamos de muito dinheiro. Eu queria roubar, mas a Gisele é cagona e acha arriscado. Ok, eu concordei. Trabalho honesto, grande merda! Eu não falei para ela, mas vou continuar roubando sempre que tiver chance. De qualquer forma, eu concordei porque precisaremos mesmo de muita grana. Juntaremos grana por três anos, até o final de 2008. Nossa intenção é ter pelo menos quatrocentos mil reais para torrar com nossa vingança. A Gisele diz que passa fome se for necessário. Eu não passo fome, mas mato, roubo e destruo quem aparecer pelo caminho.

A Gisele tem que namorar o Antonio, Antonio é um cara que ficou melhor amigo de um cara da gangue do Ossada que não participou daquela noite de maldita. Ele foi escolhido por isso e porque é irmão do Fernando, o idiota que não fez nada para impedir nosso estupro. A Gisele tem que namorar com ele e obter a maior quantidade de informações que conseguir sobre a gangue do Ossada. Não confiamos em mais ninguém para fazer o trabalho, só confiamos em nós duas. Ela começou a circular perto do Antônio, mas ele nem olha para ela. Espero que ela consiga fisgá-lo.

Eu fiquei de conquistar o Wagner, o Fernando e o Miguel. Sim, três! A Gisele vai ter que namorar muito tempo para reunir as informações que precisamos, eu não... Eu só preciso conquistar, assombrar, sim, não qualquer sustinho besta, assombrar de verdade, eles desejarão morrer, e depois que provarem, mais uma vez, como são covardes, os mataremos. A Gisele vai me ajudar em qualquer coisa que precisar. É necessário, pois eu não posso ser presa, aliás, nenhuma de nós duas, nossa vingança tem que ir até o fim e vai.

Resolvi que começarei com o mais difícil que é o Wagner que mora na porra de Mato Grosso do Sul. Vou me mudar para aquela merda assim que tivermos a grana para eu me sustentar com estilo e conquistar esse fazendeiro milionário e covarde. Já montamos meu disfarce, que

não será muito diferente da minha vida real, buscarei trabalhar em uma joalheria famosa em Campo Grande e terei que dar um jeito de conquistá-lo.

05/04/2009

Estou nessa merda de Campo Grande já faz três meses. Minha tia acha que eu estou em Belo Horizonte. Faço a Gisele mandar uma carta para minha tia, toda vez que viaja para lá para visitar sua avó. Tive que ter o cuidado de instalar um telefone em BH, só para dar para minha tia. Eu recebo as chamadas no meu celular e assim falo com minha tia sem levantar suspeitas.

Estou odiando essa cidade e parece que estou perdendo tempo, pois não consigo fazer com que o idiota do Wagner olhe para mim. Ele apareceu aqui na joalheria para comprar uma joia para puta da sua namorada. Ele é apaixonado por ela. Vai ser foda! Eu não sei exatamente o que fazer, mas vou dar um jeito de queimar o filme dessa menina. Pensei em matá-la, mas ele pode ficar depressivo e isso não vai me ajudar. Tenho que torrar o filme dela. A boa notícia é que a Gisele está namorando firme o Antônio. Já estão juntos há um ano! Ela já conseguiu algumas informações sobre a gangue e estamos reunindo tudo com muito carinho para planejar uma vingança personalizada para cada membro da gangue. Nossa vingança é uma obra de arte.

06/07/2010

Demorou muito, demais para o meu gosto, mas consegui: estou namorando o Wagner. Ele é deplorável. Extremamente simpático, sabe o tipo bonachão caipira? Pois é, tenho que sorrir e beijar esse tipinho! Descobri que o apelido dele no Rio era Chico Bento no Rio...Pudera! O cara é péssimo. A Gisele acha engraçado, filha da puta. Não contei, mas foi lindo fritar a menina em praça pública. Eu descobri que a desgraçada tinha feito um aborto antes de conhecê-lo, graças aos meus contatos com as enfermeiras da região. A família dele é muito tradicional e religiosa. Imagina só o Wagner namorar uma assassina de bebê?

A mãe do Wagner é uma perua assumida e vive aqui na joalheria. Bom, eu fui sempre extremamente simpática com ela, é claro. Ficamos amigas rápido. Um belo dia contei para ela esse "podre", é claro que contei como sua melhor amiga e disse que ela tinha que ter piedade da coitadinha que já tinha sofrido muito. Eu disse que só estava contando porque ela era minha amiga e eu me senti na obrigação. Menti dizendo que a pobre criatura não pode mais ter filhos. É claro que a velha quer ter netinhos do seu filho único... Foi perfeito! Em três dias a coitada foi escorraçada. A velha me ama e me apresentou ao seu filho, mal sabe ela que agora ele vai namorar uma assassina de verdade. Ele começou a namorar comigo rapidinho. Acho que queria esquecer a outra. Estou

sendo um "amor de pessoa" e isso me irrita profundamente. A velha só falta me levar leitinho na cama. Queria poder matá-la...ela e seu filho bolha. Está difícil bancar a boazinha sem ter ninguém por perto para eu deslizar minha lâmina.

10/11/2010

Matei! Sim, o Wagner oficialmente foi para o lado de lá! É claro que antes ele sofreu um bocadinho, como ele diria... Ele era uma criatura bem medrosa e vamos dizer que nosso demônio afugentou o covarde rapidinho. Eu fiz todos os cortes sozinha. Percebemos que a família era tão crente que pouco importava se parecesse ou não automutilação. Os cortes que apareciam no meu corpo eram limpados com água benta, vivíamos na Igreja e meu quarto tinha uma cruz em cada parede. Também carregava uma cruz no peito que ele me deu de presente, por ironia da joalheria em que trabalho. Não adiantou, é claro. O demônio começou a assustá-lo. Foi muito divertido pregar os sustos nele. Ele é ótimo de assustar. O dia em que viu seu cavalo morto foi memorável. Fez uma cara de pavor digna de filme de terror! Queria ter filmado... Bom, foi tudo perfeito. A Gisele cuidou de providenciar a instalação de uma cerca elétrica no terreno em que queria executar o Wagner. Ela conseguiu fazer isso usando os nomes do proprietário do terreno. É impressionante as coisas que conseguimos fazer pela internet. Bom, a cerca elétrica deu o toque teatral exato à sua morte. A velha já não quer levar leitinho para mim na cama. Ela ficou bem aliviada quando disse que tudo tinha sido muito pesado e que eu decidi me mudar dali. Ela desconfia que tenho o demônio no corpo e o pior é que tenho mesmo. Nasci com ele dentro de mim. Se um dia ela quiser me encontrar, nunca me achará. Eleonor morreu ali.

13/02/2011

Voltei para o Rio de Janeiro. Tenho que ser rápida por aqui ou poderei ser descoberta. Aluguei um apartamento em Ipanema e nem ouso pisar na Barra onde morei quase minha vida inteira. Por sorte, o Fernando está apaixonado por mim. Fiz uma aparição só e ele apaixonou, facinho, facinho. Não para de me ligar. Estou dificultando um pouco para ele querer namorar. Acho que está dando certo.

07/03/2011

Sou a namorada do Fernando. Encontrar a Gisele socialmente tem sido muito bom. Acho que dá mais vontade. Tudo que é proibido parece melhor. Estamos conseguindo dar umas fugidas quando os dois irmãos nos deixam em paz. Estamos nos arriscando um pouco e isso dá uma adrenalina boa. É muito bom. Queria cortar ela inteira, mas não

posso, do contrário, o Antônio pode desconfiar. Meu consolo é que em breve ela me cortará e poderei vê-la chupando meu sangue. Quando eu puder cortá-la, ela vai sofrer e muito. Essa abstinência está me matando, não tenho nem a gorda da Amélia para afundar minha lâmina.

14/04/2011

Ainda não começamos a aterrorizar o Fernando. Mais uns quinze dias e a paz dele vai acabar. A Gisele já descobriu tudo que podia da gangue do Ossada, tantos anos de dedicação tinham que servir de alguma coisa. Ela está com pressa e quer matar logo o Fernando. Disse que podíamos deixar de aterrorizá-lo. Dá para acreditar? É a melhor parte!

Eu até entendo que ela tem medo de ser descoberta, mas não tem chance da gangue do Ossada ter contado do estupro para ninguém, eles não falaram nem fudendo e nem vão falar porque a porra do crime aconteceu já faz tempo, eu garanto que o cara da gangue e que é amigo do Antônio não faz a mais puta ideia do que aconteceu. Ela está segura! Ela é cagona, isso sim! Está é com medo! E de novo, é besteira! A Gisele não sabe como funciona um cérebro maligno, eu sei, se o Ossada quisesse ter matado a gente, teria feito no dia, depois só nos matariam se os entregássemos e nós ficamos quietas. E se ela tem tanto medo, é só ela continuar evitando os encontros com a merda da gangue e pronto. Ainda acho que eles nem a reconheceriam, mas daí até concordo que seria arriscar demais. Eu entendo também que a Gisele está de saco cheio de interpretar a namoradinha apaixonada... Mas porra! Ela precisa ter paciência. Eu explico a ela que vingança é um prato que se come frio. Ela faz que entende, mas depois volta a querer apressar as coisas. Se ela continuar com isso, eu vou ter que castigá-la. Eu comprei uma faca nova e não vejo a hora de testar sua lâmina. Afinal, já estou me segurando há muito tempo. De um jeito ou de outro, ela vai continuar namorando a porra do Antônio, me ajudar a aterrorizar o Fernando e a matá-lo. Não vou deixar ela descumprir o plano. Aterrorizaremos todos aqueles que contribuíram de alguma forma com o estupro, sem exceção. A dose de terror será na medida do seu envolvimento e, é claro, do meu exclusivo prazer.

23/06/2011

Depois de uma dose de realidade, a Gisele está fazendo tudo o que eu quero. A propósito, a lâmina da faca é ótima.

O Fernando tem sido perfeito. Assustou-se exatamente como planejamos e agora vive tenso e nervoso pelos cantos. Está quase no ponto. Marcamos de passar uma semana em Angra dos Reis em julho. Vai ser lá. Resolvemos que o Fernando será afogado. Nós não o afogaremos, é claro. Eu e a Gisele pretendemos dar uma droga que não

é pega na triagem do IML e depois jogá-lo no mar. Vai ser demais! Bom, eu sei que não gosto tanto de fatalidades quanto do assassinato puro e simples, mas dessa vez eu poderei sentir ele amolecendo antes de jogá-lo ao mar. A Gisele não me privará desse prazer. Desde o início concordamos que todas as mortes precisam ser acidentais, afinal, se é obra do demônio, não poderia ser diferente. Além disso, dessa forma conseguirei continuar circulando por aí desapercebida sem levantar suspeitas. O que as pessoas poderão dizer a meu respeito!? Que sou louca, amaldiçoada? Acho que não estariam mesmo erradas. De qualquer forma, estou segura, afinal ninguém sabe quem sou. E se alguém descobrir, bem, um acidente sempre pode acontecer.

02/07/2011

Matamos o Fernando. No final usamos algo simples e não por isso menos perfeito: KCL – cloreto de potássio, que é abundante no mar e nunca poderia ser pego na triagem do IML. Injetamos depois do Fernando ter bebido muito e resolver tirar um cochilo. O efeito é rápido. Não pudemos demorar para jogá-lo ao mar. Depois foi só esperar descobrirem. Todos acreditaram que ele morreu afogado, menos a mãe, maldita Clarice, ela acha que ele foi assassinado. Ele era realmente um ótimo nadador e morrer afogado foi estranho. Mas era essa a ideia, afinal se o demônio está por trás da morte, não poderia ser simplesmente um acidente qualquer. É tão óbvio!

Apesar de teimosa, a Clarice não oferece risco nenhum. Parece uma louca depressiva que assusta a todos com o buraco que ficou no lugar do seu coração. Ela vai se acabar sozinha, não precisa da nossa ajuda. Digna de pena, se eu pudesse sentir compaixão, mas só sinto desprezo por sua tristeza e arrogância, como se carregasse a maior dor do mundo ela se exibe por aí. Ridícula.

9/08/2011

A Gisele acha que a Clarice pode ser perigosa. Eu não acho, mas a Gisele a conhece a mais tempo que eu, tenho que lhe dar um crédito. A Gisele parece mesmo preocupada, aceitou até continuar namorando o Antônio para ver se consegue descobrir alguma coisa da Clarice!

03/09/2011

Eu me mudei para São Paulo. Não foi difícil. Minha tia tinha comprado um apartamento para mim e foi só pedir as chaves. O apartamento é perfeito é na frente da gorda da Amélia. Vou poder aterrorizá-la e depois matá-la sem dificuldades. Ela e seu gato nojento. Afinal, eu já matei tantos bichinhos de estimação que ela já teve, esse não pode ficar de fora da nossa tradição familiar.

Já decidi que um dia a minha irmãzinha postiça vai se matar. Vai combinar perfeitamente com seu estado deplorável, além disso quero sua gordura ensanguentada espalhada pelo asfalto, eu a quero exposta ao mundo. Ela me expôs e morrerá exposta na sarjeta com sua gordura e seus problemas fúteis.

Eu sei que essa vingança vai ter que esperar sua hora. Não é agradável ter que esperar para fazer aquilo que a gente quer, mas a vingança é um prato que se come frio. Por enquanto, eu sou a melhor amiga que a Amélia já teve. Para sua surpresa, assim que cheguei a tratei bem, até demais. Eu lhe disse que estava arrependida de tudo que tinha feito a ela, que implorava seu perdão, mas que tinha ficado louca e perdida após o estupro, mas agora tudo o que eu queria era esquecer o passado, queria ser outra pessoa: Dora, eu queria enterrar a Júlia, contei que queria começar uma nova vida, inteiramente nova, ser feliz e pedi que me chamasse de Dora, nunca mais falasse do passado comigo e não dissesse a ninguém quem um dia eu fui, e isso incluía não dizer que éramos primas, que nos conhecíamos ou contar qualquer fato do meu passado. "A Júlia não existe mais. Só existe a Dora. E a Dora quer ser sua amiga". Eu disse também que informaria seus pais do meu novo nome. Era oficial, eu era uma nova mulher, que faria tudo para me redimir. Ela caiu feito uma pata. Ela até chorou de alegria e me abraçou. Foi ridículo! Depois disso, cubro-a de elogios, sorrisos e gentilezas. Não é fácil ser tão doce, cínica e falsa, sobretudo é difícil resistir a tentação de fatiá-la. Ela tem uma gordura maravilhosa para cortar... Mas eu sou forte e aguento bem, me consolo no terror que ela sofrerá. Essa alegria irritante da Amélia tem dia marcado para acabar. Daqui a um ano o terror começará e ela vai desejar não ter nascido. Acho que esse tempo antes do terror é necessário para que a Amélia confie em mim e acredite realmente no demônio. Eu tenho que ter paciência. E terei toda paciência do mundo, quero que a vingança seja perfeita.

14/10/2011

Comecei a trabalhar na Tiffany & Co. Luxuosa, linda e aristocrática! É maravilhoso poder trabalhar bem longe de todos os desgraçados. Adoro saber que eles nem ousam entrar na minha loja. Fico pensando que se minha família tivesse viva eles nunca ousariam pisar ali. E nem poderiam, solo sagrado demais para seus pés imundos.

07/01/2012

Estou amiguinha da Raquel ela nem pode imaginar o que tenho em mente para ela. Eu gosto de olhar para ela, sorrir abertamente e pensar que logo a matarei. Eu consigo ser mais gentil com isso na cabeça.

Estou frequentando sua casa. Decidimos que nem ela, nem a

irmã serão aterrorizadas. Afinal, elas só ficaram entusiasmadas demais por nos verem beijando. É compreensível, considerando que descobri que Raquel e sua irmã gostam de garotas. Apesar de compreensível não é perdoável, pois se não tivessem feito tanto alarde a gangue do Ossada não teria sabido do beijo. A grande tagarela da história é a Amélia, é, por isso, que ela foi psicológica e fisicamente torturada desde o início. Ela só está gozando de um período de paz agora para sofrer muito mais lá na frente, quero que ela saiba o que é ter paz, o que é ser feliz, quero que se sinta amada e protegida, para sofrer mais ainda quando perder tudo isso mais uma vez, ela não vai aguentar, vai enlouquecer. A tortura é linda. Um bom torturador sabe que tem que saber afagar sua vítima, fazer suas vontades, até acarinhá-la se for preciso, para depois ser terrivelmente cruel. Quando se faz isso, não há retorno, não há salvação ou remédio, a vítima é completamente sua.

19/02/2012

A Gisele me ligou agora pouco. Conseguiu alugar um carro com documentação falsa, é claro, e atropelar a Roseli. Ela estava saindo de uma balada de carnaval em Búzios e andava pelo meio da rua displicentemente como se estivesse na praia...E não é que estava mesmo? Estou muito orgulhosa da Gisele, eu achei que ela não teria coragem para agir sozinha, mas teve e saiu vitoriosa. Será recompensada. Não vejo a hora de vê-la, não quero dizer isso, mas estou com saudades da Gigi. O mundo é um lugar melhor com ela. Não tenho mais vontade de me livrar dela, bom, não por enquanto.

22/03/2012

Hoje foi o coquetel lindo do novo metal da Tiffany, o Rubedo. A loja estava cheia e todo mundo ficou deslumbrado. Eu realmente me superei na organização desse coquetel. Sou excelente em tudo o que faço.

21/05/2012

Estou cercando o Miguel. Gosto de persegui-lo, é como uma caça. Descobri que ele frequenta uma livraria no centro da cidade e comecei a frequentá-la também. Tenho certeza de que ele me notará. Vai ser fácil. Basta que eu não tome conhecimento de sua presença. Pude notar que ele gosta de ser olhado, é muito vaidoso, não vou lhe dar esse prazer. Nunca vou lhe dar muita confiança. Será mais fácil mantê-lo assim.

10/09/2012

Hoje é segunda-feira e o Miguel me convidou para jantar. Ele se

desculpou por não ter ligado ontem, mas é que foi escalado de última hora para um plantão. Eu acho ele interessante. Ele é cheio de si. Eu gosto disso, desse orgulho. E também será mais legal vê-lo perder toda confiança e se transformar no rato covarde que é. Não vejo a hora de começarmos a aterrorizá-lo, mas antes eu tenho que começar a namorá-lo... Eu acho que do encontro de hoje já sai namoro. Gisele vai ter que me ajudar quando começarmos o terror. Ele é médico e pode descobrir se eu me mutilar, só de ver os cortes. É importante que possa acreditar que é um demônio. Com o Wagner foi muito fácil, bem rápido eu fui coberta de cruzes e água benta. Com o Fernando, mais ou menos, ele teimou um pouco, mas depois aceitou. Vamos ver como será com o Miguel... Estou animada, acho que vai ser um desafio. Ele é bem inteligente.

Voltei do encontro. Só passando para dizer que conquistei o último do trio, sou oficialmente a namorada do Miguel. Ele tem o olhar leve e feliz, isso me irrita, mas me acalmo pensando que é por pouco tempo, em breve seu olhar vai ser sombrio e profundo... Ele nem pode imaginar o que o espera!

Comecei a assombrar a Amélia há uma semana, por enquanto são apenas pequenas coisinhas, como televisão ligada, objetos em lugares diferentes, sangue em pontos estratégicos, mas logo começarei a pegar mais pesado, bem mais pesado. Bom, ela acreditou direitinho. Teve um dia que ela veio chorando para cá, eu tive até que consolá-la... Comprei uma linda cruz de ouro e dei de presente. Ela não tira aquilo do pescoço. É hilário!

25/12/2012

É Natal e eu odeio. Esse sentimento de bondade, esperança, compaixão me enoja. A Gisele, por isso, caprichou no corte. Fui eu que pedi. Quis jogar um pouco de sangue nesse natal adocicado. Miguel não aguentou. Ele sofre comigo. Ele hoje tem um olhar escuro, profundo e carregado. A minha dor é sua também. É visível o mal que estou lhe causando... Ele gasta sua energia com a dor alheia, com seus pacientes, seus amigos, sua família, e, principalmente, comigo. É muita burrice. Essa é sua maior fraqueza: jogar fora toda sua força vital. Um dia ele me contou que foi isso que o instigou a ser médico. Quis contar que foi o motivo oposto que me levou a fazer enfermagem, me alimentar de prazer da dor alheia, mas, é claro, que não pude dizer nada. Ele nem sabe que sou enfermeira. Acho melhor não saber. Bom, no fundo, ele é só mais um imbecil, apesar de inteligente, culto, bonito e tal. Se não se importasse com os outros, nunca teria ido me salvar. Mas foi, eu vi e agora vai pagar. Comprei um presente estúpido para ele. Ele adora esporte e não foi difícil escolher algumas roupas esportivas para dar. Deu vontade de queimar, mas, no final, eu dei. Pior foi ver a cara de feliz dele. Ele é

muito apaixonado por mim. É um idiota!

11/02/2013

O Miguel foi embora. Ele faz o tipo durão. Acha impossível eu não saber quem me machuca. É claro que eu sei, mas ele nunca vai saber quem é. Ele acha que é meu ex-namorado. Eu tive que mentir dizendo que namorei o Antônio, pois o Miguel descobriu o bilhete ameaçador que o Antônio me enviou por causa do porteiro imbecil do prédio, que entregou a ele a minha correspondência. Eu sei que ele volta. Eu nunca amei, mas eu conheço a força do amor por causa da Gisele e dos meus tios, principalmente da minha tia. Eles sempre fizeram tudo por mim e sempre me perdoaram. Por isso, eu sei que ele vai voltar. Enquanto isso, vou aproveitar para matar a gorda da Amélia. Mataremos nesse mês a Amélia e mês que vem a Raquel.

22/02/2013

A Amélia morreu, bom, eu a matei. Foi ótimo que o Miguel estava longe, pois pude cuidar de toda coisa chata para minha tia, consolá-la, ir ao enterro, missa e o diabo. Meu tio também está triste. Não gosto de ver os dois tristes, mas sei que fiz um bem aos dois. Eles não mereciam ser pais daquela gorda nojenta e traíra.

Depois que eu comecei a assustá-la, ela ficou muito chorona e vinha me ver toda hora. Mas passado um tempo, ela aceitou bem seu novo fardo. Acho que isso é mérito meu. Eu a tornei uma pessoa bem resignada. Ela acredita que merece sofrer e merece mesmo. Eu matei o gato dela, o último bicho que essa gorda carente vai ter. Fiz questão de levar o corpo dilacerado do bicho para ela ver. Ela ficou muito mal e me olhou com um medo e um respeito maravilhoso. Tudo ficou claro para ela. Ela soube ali que era eu quem estava a assustando desde o início. Ela perguntou com os olhos, eu não disse nada, só assenti com a cabeça. A gorda foi para cozinha pegou uma faca. Piada! Uma faca? Eu disse que ela fez bem de pegar a faca assim eu já poderia cortá-la em pedacinhos, encaixotá-la e despachá-la pelo correio, mas eu preferia que ela se matasse. Mandei ela soltar a faca. Só precisei dizer uma vez, ela soltou na hora. Ela tremia muito. Eu adorei a sensação de alguém ter tanto medo assim de mim, é muito poder. Depois eu disse a ela: "chegou a hora de você morrer, sua gorda imunda". Fui levando-a para varanda, com a faca em punho, é claro. Ela se encostou na sacada acuada. Então, eu disse, lembro-me tão bem: "eu posso cortá-la em pedacinhos para fazer bacon, sua porca gorda, e ainda convidarei sua mãe para comer você em uma feijoada. Será um prazer torturá-la por dias e dias, tão longos que você desejará nunca ter nascido, e cada dia cortar um pedacinho do seu corpo gordo. Você nunca sai de casa. Pense comigo? Quem irá desconfiar?" Amélia tremia ainda mais e chorava. Eu

continuei: "Eu acho que seu nascimento foi mesmo um erro e quero corrigir isso hoje. Se você não gostou da minha proposta, você pode simplesmente se matar e livrar todo o mundo de você. Você estaria fazendo um bem, principalmente a seus pais, que você sabe preferem muito mais a mim, do que você, sua gorda nojenta". Amélia se jogou. Depois disso, chamei Gisele para um hotel imundo para brindarmos e comemorarmos sem limites.

02/03/2013

O Miguel voltou. Eu sabia. Não vejo a hora de ficar com ele para ele sentir minhas cicatrizes sinistras e disformes e eu extrair o máximo prazer do seu olhar de dor e sofrimento. Eu não gosto muito de ficar com homens de um modo geral, mas eu gosto de ficar com Miguel. Ele é forte, atlético e lindo. Eu faço a Gisele assistir a gente de vez em quando. Ela disse que gosta de ver, mas, ao mesmo tempo, eu sei que morre de ciúme. Eu quero que ela sinta muito ciúme de mim. O sexo fica melhor e ela me deixa fazer muito mais coisas...

09/03/2013

Morreu a Raquel. A Gisele mandou muito bem. Como eu disse, a Raquel gosta de meninas. Eu e a Raquel fomos a uma festa de uma amiga em comum, a Estela. Pedi para Gisele aparecer, dar em cima da Raquel e drogá-la. Deu certo, Gisele já a conhecia e foi fácil a aproximação, Raquel ficou muito a fim rapidinho. Foi excitante fingir que não conhecia a Gisele e vê-la dando em cima da Raquel. Minha namorada foi sensacional. Seduziu a Raquel, colocou o boa noite cinderela em sua bebida, me avisou no momento exato e tudo sem dar a menor pista. Bom, daí eu me aproximei rapidamente, antes que a droga fizesse efeito, dizendo que precisávamos de gelo. Ofereci as chaves do meu carro para Raquel, dei uma risadinha para as duas e disse que não tinha pressa. Gisele se insinuou para Raquel se convidando para ir junto. A Raquel entendeu rápido o recado e, querendo se agarrar em meu carro com a Gisele, pegou decidida as chaves de minha mão. A Gisele me contou que deu uns beijos na Raquel, depois disse que queria ir ao banheiro, saiu do carro e pediu para que Raquel voltasse logo. A Raquel não conseguiu voltar. Morreu de acidente de carro. O Instituto Médico Legal constatou a presença do nosso boa noite e de álcool, mas como a Raquel morreu sozinha, sem ser roubada ou estuprada e o assunto morreu aí. É claro que depois eu usei a morte da Amélia e da Raquel para aterrorizar o Miguel. Ele é teimoso e insiste em não acreditar no meu demônio. Mas logo ele vai acreditar e vai tremer de medo. Vai sim, covarde!

03/04/2013

A Gisele me contou que o Antônio está cada vez mais desconfiado de mim. Resolvemos matá-lo. Ele curte uma coca e a Gisele vai garantir que ele cheire uma puríssima. Overdose. Perfeito!

10/04/2013

O Miguel deu um cano na nossa comemoração de sete meses de namoro. Estaria radiante de felicidade, pois odeio essa chatice, mas justo hoje tinha preparado um pequeno susto para o Miguel, um vestido ensanguentado no meu armário, supostamente presente do meu ex-namorado, o recadinho particular que meu demônio gosta de dar antes das vítimas morrerem. Tudo bem, vai ficar para outra ocasião. A Gisele está providenciando a morte do seu namorido Antônio. Estou aliviada que ela o matará. Eu nunca disse nada, mas eu tinha um baita ciúme desse desgraçado.

15/04/2013

O Antônio morreu de overdose. Ninguém desconfia da Gisele ou de mim. Usarei a morte dele para aterrorizar o Miguel. No domingo ele virá aqui em casa e vai ter uma deliciosa surpresa. Um vestido regado à sangue. Divino! Estou animada, darei um grito como o da loira na cena do chuveiro de Psicose.

A Gisele acha que temos que matar a Clarice também. Não concordo, eu acho a Clarice uma piada. A verdade é que a Gisele está com medo e exagera as coisas. Acho mais arriscado matar a Clarice do que não matá-la. Vai chamar muita atenção. Deixa ela por aí chorando que nem uma imbecil, qual o problema? Ela andava de pijama pelas ruas do Rio de Janeiro depois da morte do Fernando! Chegou a dormir algumas noites na sarjeta! Quem vai acreditar nessa maluca?

23/04/2013

Ontem o Miguel confessou que foi ao Rio de Janeiro para intimidar o Antônio. Ainda bem que ele já estava morto. Essa foi por pouco! Imagina se eles tivessem conversado!? Miguel me contou que conheceu a Clarice. Pude perceber que ele não descobriu nada relevante. Miguel parece convicto de que agora eu estarei livre das ameaças com a morte de Antônio. Ele não quer acreditar que é o demônio. Talvez agora com o Antônio morto, ele finalmente entenda que não existe ninguém, só o demônio. Está sendo difícil dobrarmos o Miguel. Ele é muito cético. Não imaginava que fosse tanto. A única coisa que eu não gostei é que ele ficou intrigado pelo fato da Clarice ter certeza de que as mortes de seus filhos não são coincidência, que existe alguma relação entre as mortes. Tenho que dar um jeito nessa cisma do Miguel.

26/04/2013

Fui no consultório psiquiátrico de uma amiga de Miguel dos tempos da faculdade. Foi fácil manipulá-la. Contei algumas coisas que não falei para o Miguel, como por exemplo que ele é o próximo na lista do demônio marcado para morrer. Eu vou dar um nó na cabeça dessa vaca. Ela fica querendo saber o que eu tenho, mas ela nunca vai descobrir que eu não tenho nada, só nasci ruim, ruim mesmo. O Miguel está lutando para não acreditar no demônio, prefere que eu tenha alguma doença. Tive uma ideia ótima que convencerá o Miguel de uma vez por todas. Vou contar a ele sobre o demônio da Samanta, fingirei que descobri que estou com o demônio. Sabe, tipo um insight? Ele terá que se render! Vou fazer uma senhora encenação! Desse jeito eu consigo explicar a loucura da Clarice e ainda convencer o Miguel sobre o demônio. Matarei dois coelhos com uma cajadada só! Terminarei contando que sonhei com sua morte. Ele pode não admitir, mas ele vai tremer de medo!

30/04/2013

Hoje fiz a encenação para o Miguel e ele ficou arrasado. Ele está se acabando, é muito delicioso acompanhar de tão perto. Ele não admite, é claro, mas acho que está começando a acreditar. Ele quer que eu durma hoje na casa dele, pois amanhã é feriado. Vai ser perfeito. Amanhã quero acordar com um corte que faça ele arrepiar. Consegui dizer a ele que precisava arrumar a mala e que iria depois. Vou fazer isso e me encontrar com a Gisele em algum beco sujo para ela me ferir bem fundo. Daí depois é só cutucar o corte de madrugada com uma faquinha e esperar ser descoberta.

02/05/2013

Deu certo! O Miguel não quer acreditar, mas ontem ele derrubou a árvore sinistra que tinha na frente da casa dele. Ele não sabe ainda, mas já está acreditando no meu demônio. Não gostei de que ele fica falando tudo para puta da amiga psiquiatra. Antes de ver o corte, eu escutei ele conversando com ela no telefone, ele insistiu para que ela me medicasse. Eu já saquei que a vaca gosta do Miguel e já sei que ela só vai me trazer problemas.

Fui jantar fora hoje com o Guel e ele quer que eu me trate. Mesmo depois do corte, mesmo depois de ter derrubado a árvore! Que saco! Achei que o último golpe teria sido suficiente. Vou ter que fazer pior, vou para o limite. No meio do jantar eu pensei em um jeito brilhante de desacreditar a idiota da psiquiatra e abalar o chão de Miguel com um terremoto: simular um suicídio. Essa noite! Depois do jantar eu

conversei com a Gisele e contei sobre minha ideia brilhante. Ela não quis. Às vezes ela é medrosa. Disse que é arriscado, mas eu a convenci, dizendo que ela podia ficar comigo no apartamento para garantir minha segurança e de qualquer forma o Miguel é médico e não vai deixar seu anjinho morrer. Agora vou sair de casa para buscar a Gisele, ela vai entrar comigo pela garagem escondida no carro, dormiremos juntas, é claro, todo vinho que eu tomei no jantar me deixou excitada. E amanhã vou me cortar bem na hora que o Miguel ficou de me pegar, e a Gisele vai ficar de prontidão, caso ele não apareça ou dê alguma merda. Depois ela vai aproveitar a confusão da ambulância para dar o fora. Tem que ser assim. Eu preciso fazer ele acreditar e tirar a imbecil da psiquiatra do meio do caminho.

23/05/2013

Não passei mais por aqui, pois estava muito preocupada. Aconteceu muita coisa.

Bom, eu estava reinando absoluta após a teatral tentativa de suicídio. Foi perfeita! O Miguel ficou arrasado. Depois de sair do hospital fui para casa dele para me recuperar. Eu contei a ele que o demônio tentou me matar por eu não ter aceitado ser sua cúmplice em relação ao Miguel. Disse ao Miguel que resolvi ligar a ele contando que o demônio tinha me dado seu nome, pois não aceitaria ser sua cúmplice, contei que vi o telefone ensanguentado tocando dentro de casa e que depois disso o demônio partiu para cima de mim. Miguel ficou comovido, de alguma forma eu pareci para ele uma heroína. Fiquei ainda mais santificada para Miguel, seu puro anjo uma brava e corajosa heroína.

Fui para a consulta com a Lara, poderosa, sapateei na cara dela. Mas saindo de lá, caí do pedestal direto para o abismo.

Nossa vingança ficou a um fio de naufragar. Deu uma raiva! O Miguel estava a milímetros de tremer de medo por causa do demônio!

Foi a besta da Clarice que finalmente nos causou problemas! Eu devia ter escutado a Gisele e tê-la matado. É mesmo o boi sonso que derruba a porra do curral, como diz minha tia. Eu tenho certeza de que ela contou para Lara que eu sou a Samanta. Eu descobri, pois vi a Clarice entrando no consultório da Lara depois que saí da consulta. Eu achei que tivesse esquecido minhas chaves no consultório e voltei. Essa foi a sorte, pois peguei a Clarice no flagra entrando. Antes da fofoqueira da Lara contar tudo para seu amiguinho, eu me antecipei e revelei que era Samanta. Afinal, se eu estava me abrindo, ele tinha que confiar. Foi muito difícil, eu tive que ser muito melosa e convincente para fazer ele acreditar. Sempre evitei ser carinhosa e fazer declarações que eu odeio, mas tive que me sujeitar a toda essa merda. É claro que também dei ênfase à tristeza e ao drama que me rondam desde que nasci, o intuito era que ele sentisse pena e culpa por me largar. Ainda bem que quando

bolamos a vingança combinamos que a história que contaríamos às vítimas seria a mesma, do contrário a vingança teria melado. Provou-se muito importante também que a história que criamos tenha sido inspirada na minha vida, ficou mais fácil mentir convicta e fazer o trouxa do Miguel quase chorar comigo. A verdade é que pela primeira vez fiquei com medo de assistir nossa vingança naufragar. Agora vou matar essa vadia. Ela já me irritou suficientemente. A Gisele diz que agora não dá. Realmente ela morrer depois de ter revelado essa grande porra será muito óbvio mesmo. Mas ela entrou na nossa lista negra e vai morrer na primeira chance. Vadia desgraçada!

Depois que fiz minha excelente performance de coitadinha para o Miguel ele aceitou me perdoar, é claro, que eu o deixei na mão, afinal se sou sua heroína não posso ficar com ele e vê-lo morrer nas mãos do demônio. Isso é parte do show, é claro. Só para ele achar que eu sou idiota como ele e fico fazendo "sacrifícios" para os outros...A verdade é que só quero o sacrifício dele. Quero que ele se entregue para mim em uma bandeja e com uma maça na boca.

24/05/2013

O Miguel me ligou. Ele acredita no demônio. Triunfei!

Ele me contou do seu ridículo pesadelo com o demônio e com a árvore sinistra. Tudo que precisei fazer foi confirmar tudo o que ele me dizia. Ele está acreditando. Provou ser o covarde que eu imaginava. Eu e a Gisele estamos felizes porque poderemos finalmente matá-lo e partir para gangue do Ossada. Combinamos de nos encontrar no zoológico para cobrirmos todos os detalhes de sua morte e amarrarmos bem o plano.

28/05/2013

Fui até a casa do Miguel para matá-lo, decidimos que água e eletricidade não combinam e o Miguel adora tomar banho na banheira para relaxar, mas deu merda. A vaca da Lara estava lá. Achei o Miguel bem esquisito. Ele descobriu ou desconfia de alguma coisa. Agora o assassinato do Miguel está suspenso, preciso descobrir o que ele sabe, desconfia ou pensa que sabe.

Débora Marcondes deixou o diário cair no chão...Encolheu-se toda, agarrando seus joelhos e chorou muito. Só no amanhecer do dia seguinte que Débora se levantou da poltrona, foi até o banheiro, lavou o rosto, olhou-se no espelho, pegou suas coisas e saiu apressada dali.

– 35. Um encontro no parque –

Júlia chegou no seu apartamento cansada, afinal a tarde com a Gisele tinha sido para lá de animada. Viu a mesa posta, lembrou com carinho de sua tia, mas ficou feliz por não vê-la ali naquele estado. Além do mais, não estava nem um pouco a fim de bancar a sobrinha querida. Largou sua mochila na cama do quarto e correu para o banho. *Definitivamente não dá para tomar banho naquelas espeluncas imundas,* pensou Júlia, entrando feliz em seu banheiro limpo, lindo e cheiroso.

Depois do banho, pegou o telefone e ligou para sua tia, ela não atendeu. *Ok, eu ligo mais tarde para tia Débora.*

Júlia sentiu o cansaço pesando no corpo. *Uau, hoje foi demais!* Colocou o pijama. *Oito da noite, mas estou tão cansada.* Deitou em sua cama com um sorriso no rosto, pensando em tudo que fizera naquela tarde.

No dia seguinte, Júlia resolveu que precisava arrancar de Miguel o que ele sabia. Ligou para ele e nada. Mais uma vez e nada. Tentou inúmeras vezes e nada. Resolveu ir para o consultório de sua amiguinha, Dra. Lara.

Júlia chegou no consultório, viu aquela secretária com cara de frígida e aquela imagem lhe deu um nó no estômago. *Essa eu não pegava nem amarrada!*

— Preciso falar com a Dra. Lara com urgência.

— Sente-se, por favor.

Isabela levantou-se, bateu na porta levemente, entrou no consultório da Lara e explicou o ocorrido. Lara disse:

— Sim, pode deixá-la entrar.

Lara abriu um sorriso para receber Júlia e sentiu-se a pessoa mais falsa da face da terra. Depois que descobriu o romance entre Júlia e Gisele, Lara sabia que Júlia só queria fazer mal a Miguel. Ela não sabia o porquê, não estava a par das últimas descobertas de Clarice e Miguel, mas sabia o que importava: Júlia era extremamente perigosa.

— Olá, Samanta.

— Eu precisava vê-la. Estou desesperada.

— O que aconteceu? – perguntou Lara, esforçando-se para parecer preocupada.

— O Miguel desapareceu.

— Tem certeza?

— Tenho, já tentei ligar diversas vezes. E o Miguel não é disso, mesmo que ele não consiga falar comigo na hora, depois ele me liga. Estou tentando falar com ele já faz alguns dias e nada. É muito estranho.

Lara lembrou que tinha aconselhado Miguel a fugir de Samanta como o diabo da cruz. Ficou feliz por constatar que ele estava conseguindo cumprir seu conselho com êxito.

— Você sabe, Miguel ficou muito perturbado depois do pesadelo com o demônio...

— Eu não achei isso a última vez que os vi juntos na casa do Guel.

— Infelizmente faz tempo também que não falo com Miguel – disse Lara.

Era realmente verdade. Depois daquela noite, Lara e Miguel combinaram de se encontrar com Clarice no Guarujá. Era uma sexta-feira de sol a última vez que falara e vira Miguel. Clarice e Miguel ficaram de marcar um encontro com Toninha e Paola do qual Lara não tivera nenhuma notícia, propositalmente. Geraldo Roberto alertou Clarice e Miguel para não dividirem seu conhecimento com mais ninguém. Ele sabia do risco que correria qualquer um que carregasse aquela informação.

— Será que aconteceu alguma coisa? Será que o demônio.... Júlia não completou a frase.

— Não vamos pensar no pior. Quer que eu tente falar com ele? – improvisou Lara.

Lara logo se arrependeu de sua oferta. Miguel atenderia o telefone e Samanta saberia que ele estava fugindo dela, mas se voltasse atrás em sua oferta ela desconfiaria. Lara, por isso, discou para seu amigo e torceu os dedos para que ele não atendesse ao telefone, mas ele atendeu.

— Alô, Lara?

— Olá, Miguel, sou eu. Estou aqui com a Samanta. Ela não estava conseguindo falar com você.

Miguel ficou mudo.

— Converse com ela.

Miguel desligou o telefone.

Lara olhou para Júlia aflita.

— Caiu a linha, Samanta.

— Tente de novo – foi tudo que Júlia disse.

Lara tentou e nada. Soube que o celular tinha sido desligado.

— Não consigo. Deve estar sem sinal. Bom, pelo menos sabemos que ele está bem.

— É mesmo um alívio. Eu preciso ir – disse Júlia cinicamente.

— Você vem para nossa consulta amanhã? – perguntou Lara.

— Não – disse secamente Júlia, saindo apressada do consultório.

Lara resolveu não perguntar o porquê. Ela sabia que Samanta tinha descoberto que Miguel fugia dela. *Eles sabem,* Júlia pensou. *Eu não sei o que sabem, mas sabem que vou matá-lo. Lara também precisará morrer. Eu preciso me encontrar com a Gisele.*

Júlia saiu do prédio e ligou para Gisele.

— Eu preciso te ver.

— Saudades?

— Gigi, eles sabem. A Lara e o Miguel sabem.

— Encontro?

— Sim, urgente.

— Onde?

— Daqui a meia hora na marquise do parque Ibirapuera.

— Já estou saindo.

— Até já.

No parque Gisele e Júlia se cumprimentaram discretamente.

— Vamos para um lugar que eu sei que é vazio – disse Júlia.

— Você conhece bem aqui? – perguntou Gisele.

— Eu sempre corro aqui.

Gisele sorriu.

Gisele e Júlia deixaram as ruas do Parque e ingressaram pelo gramado em direção a algumas árvores. Júlia olhou em volta e disse:

— Podemos falar aqui.

— O que houve?

— O Miguel está fugindo de mim. Eu percebi que a Lara ficou feliz quando eu disse que não estava conseguindo falar com ele. Eles sabem que eu quero matá-lo. Teremos que matar os dois.

— E a Clarice.

— É.

— O que será que eles sabem? – perguntou Gisele.

— Isso eu não sei e acho que não descobriremos, o que importa é que sabem que eu sou uma assassina – constatou Júlia.

— Você é mesmo uma assassina depravada – disse Gisele com um sorriso.

— Gisele sem brincadeiras agora. O que faremos?

— Não podemos matá-los de qualquer jeito, seríamos pegas, Ju.

— O que vamos fazer?

— Vamos sumir, Ju.

— Levantará suspeitas.

— Temos que sumir, Júlia. Invente uma desculpa qualquer no seu trabalho, no seu prédio e desapareça. Escondidas teremos mais chances de encontrá-los. Agora se estivermos sendo vigiadas, isso ficará impossível.

— Será que estamos sendo vigiadas? – perguntou Júlia.

— Acho que sim.

— Agora?

— Talvez – respondeu Gisele.

Júlia e Gisele olharam em volta e não viram nada.

— Pense comigo, Ju, se você estivesse desconfiada que alguém a mataria, o que você faria?

— Um covarde fugiria. Eu, você sabe, eu mataria o desgraçado.

— E o que mais esse covarde faria? – perguntou Gisele.

— Iria querer pegar meu assassino para que pudesse parar de fugir.

— Sim, é por isso que acho que estamos sendo vigiadas.

— Arrume um beco qualquer e me avise – ordenou Júlia.

— Vou voltar para aquela última espelunca que ficamos.

— Você gostou de lá, ordinária? Mas lá não, eu acho arriscado. E se foi lá que nos viram juntas?

— Bom, então vou para aquela bomba da Rua Augusta. E você, Ju?

— Lembra aquele hotel no centro? – perguntou Júlia.

— Uau! Você escolheu a dedo.

— Sua escolha não é muito melhor que a minha – constatou Júlia.

— É verdade – disse Gisele.

— Cancelaremos nossos celulares? – perguntou Júlia.

— Com toda certeza.

— Como poderei falar com você?

— À moda antiga. Ao vivo e a cores sempre à noite.

— Posso beijá-la? – perguntou Júlia.

Gisele sorriu:

— Se já estamos no inferno...

Júlia beijou Gisele longamente.

— Sentirei saudades – disse Gisele.

— Eu também – respondeu Júlia.

Cada uma seguiu seu caminho e não olharam para trás.

– 36. Uma noite de sexta-feira –

Júlia trabalhou normalmente naquela sexta-feira sem levantar qualquer suspeita de que aquele era seu último dia. Iria para casa no final do dia, arrumaria suas coisas e sumiria do mapa. Pensou em inventar uma desculpa no trabalho, talvez acreditassem, mas ela sabia que não voltaria a trabalhar lá, era inútil dizer qualquer coisa. Ela sabia que as únicas pessoas que poderiam ir atrás dela na loja era Miguel ou Lara e que pouco se importaria com que eles lhe dissessem, afinal os dois já sabiam que ela era uma assassina. Já no prédio Júlia queria dizer alguma coisa, sua tia de vez em quando aparecia por lá e ela gostava de sua tia, bem, do jeito que sabia gostar. Uma oportunidade de trabalho na Tiffany de Nova Iorque parecia uma oferta difícil de se recusar e era isso que pretendia dizer no sábado de manhã ao porteiro quando saísse com suas malas e ao telefonar para sua tia.

Júlia chegou em casa e teve uma surpresa boa quando viu sua tia sentada na poltrona.

— Tia Débora, que visita maravilhosa! – disse correndo em sua direção para abraçá-la.

Débora Marcondes deixou ser abraçada sem muito entusiasmo.

— O que houve, titia? – perguntou Júlia carinhosamente, bancando a sobrinha perfeita.

— Nada...Eu só fico triste quando penso na Amelinha.

Júlia olhou para as malas que já estavam prontas na sala e pensou que sua tia estivesse chateada porque ela não avisou nada a respeito, por isso foi logo dizendo:

— Não fique triste, tia. Temos uma ótima notícia para comemorar! Recebi uma proposta de trabalho irrecusável. Amanhã viajo para Nova Iorque para ser gerente da loja mais badalada da Tiffany. Eu tentei falar com você, mas não consegui.

— Que notícia maravilhosa! – disse Débora esforçando-se em sua atuação.

— Vamos abrir uma *champagne*. E não fique com essa carinha triste que eu virei sempre visitá-la!

Júlia pegou uma garrafa de *Veuve Clicquot,* estourou e encheu as duas taças. Serviu uma taça para sua tia e brindaram. Débora esforçou-se para dizer com o máximo de entusiasmo que conseguiu:

— Ao seu sucesso, meu anjo!

— Obrigada, titia! – disse sorrindo.

Débora bebeu sua *champagne* sem pressa. *Era ótimo poder estar ocupada com alguma coisa sem precisar dizer nada*, pensou.

— Tia, eu quis tanto te agradecer por aquele lanche maravilhoso, mas, como eu te falei, eu não consegui falar com você – disse com um sorriso nos lábios.

— Não precisa agradecer, meu anjo. Você sabe que sempre faço tudo para você com o maior prazer. – Débora tentava falar coisas da maneira que usualmente falaria com Júlia, mas faltava-lhe força e intenção.

Júlia voou para dar mais um abraço em Débora. Se Débora não soubesse que tudo que leu foi escrito do próprio punho de Júlia, acharia que Júlia era mesmo um anjo.

— E a que devo a visita, minha tia linda? E vamos animar, viu?

— Eu só estava com saudades – respondeu.

— Ai! Eu também! Deixa eu encher seu copo, titia. Quer comer alguma coisa? Tenho ainda aqueles salgadinhos que você comprou para mim que eu sei que adora.

— Seria ótimo – respondeu Débora, pensando que enquanto estivesse com a boca cheia não precisaria falar.

Débora e Júlia beberam mais *champagne* e comeram alguns salgadinhos. Para sorte de Débora, Júlia contava entusiasmada tudo o que sabia sobre Manhattan e Débora limitava-se a sorrir e comentar outras curiosidades que sabia da ilha.

Débora levantou-se da poltrona abriu a porta de vidro que dava para varanda:

— Estou com calor.

— Sério? – duvidou Júlia pois São Paulo era muito frio em junho.

— Muito.

— Mas está frio...

— Deve ser a menopausa – confidenciou.

— Espere um pouco, titia, pegarei um casaco e já vou para aí.

Júlia pegou um casaco chegou por trás de sua tia gorda e a abraçou. As duas mulheres ficaram vendo a cidade de São Paulo lá embaixo.

— Eu não posso deixar de pensar que Amelinha se jogou daqui de cima, meu anjo.

— Não pense assim, tia. Amélia não iria querer que você sofresse dessa forma. Está certo que ela pensava muito nela, mas ela a amava demais.

Ouvir aquilo ofendeu Débora. Ela sentia a inveja venenosa de Júlia ao dizer "*ela pensava muito nela". Pensava? Não, Amélia pensou em todos menos nela. Largou a vida que amava no Rio para que Júlia desfrutasse de tudo o que era da Amélia por direito. Depois submeteu-se à torturas sem fim porque imaginava que deveria pagar porque Júlia fora estuprada.* Débora quisera ter a chance de ter dito à sua filha que ela não devia nada à Júlia, que ela não foi responsável pelo estupro, que ela não devia se julgar culpada, que Júlia a estava manipulando desde o início, que ela sentia muito, que ela não percebeu, que estivera cega, que implorava por seu perdão. Mas, Amélia estava morta...

A morte de Amélia pesava-lhe contra o peito e ela começou a chorar.

— Vamos entrar – disse Júlia. — É doloroso para você ficar aqui.

— Não, eu preciso, eu...

— Fale, tia.

— Eu sei quem você é, Júlia.

— Claro que sabe.

— Não, eu realmente sei.

Júlia que ainda estava abraçada à sua tia, a largou imediatamente. O tom carinhoso sumiu de sua voz e ela perguntou rispidamente:

— E o que você sabe?

— Tudo.

— Tudo o quê?

— Você quer que eu diga?

— Quero, desembucha logo.

— Eu sei que você matou a Amélia, alguns outros homens e mulheres e que pretende matar todo mundo que esteve de alguma forma envolvido com seu estupro.

— Você leu meu diário? – Júlia adivinhou.

Débora assentiu.

Júlia entrou rapidamente e pegou uma faca na cozinha. Débora não se perturbou, continuou na varanda, apoiada na sacada, olhando para as luzes da cidade de São Paulo. Escutou Júlia se aproximando e perguntou:

— Você vai me matar com essa faca?

— Eu não quero, tia, mas se for preciso...

— Será que é? – perguntou Débora.

— Você sabe mais que qualquer pessoa – argumentou Júlia.

— Sei até mais que a Gisele – concordou Débora.

Júlia não disse nada.

— Acho que sei demais mesmo. É difícil para mim ficar andando por aí com tudo que sei – disse Débora.

Júlia a olhava sem entender o que sua tia queria.

— Venha me mate. Eu quero ver se tem coragem de matar a pessoa que te criou.

Júlia sabia que tinha coragem de sobra, ajeitou a faca em seu punho para que ficasse pronta para dar um golpe se necessário. Júlia se aproximou de sua tia e disse:

— Pule, Tia. Pule do apartamento da Amélia. Junte-se a ela. Eu sei que sente sua falta!

— Sim, vou fazer isso. Vamos até lá. Você vem comigo?

Júlia pegou nas mãos de Débora sem dizer nada. Débora e Júlia entraram no apartamento da Amélia e seguiram para a varanda. As duas apoiaram-se na sacada, Júlia falou ternamente:

— Pule agora, titia. Vá se encontrar com sua filhinha. Vá cuidar dela!

Débora agarrou o braço de Júlia que tinha a faca e o apertou com toda sua força até que Júlia fosse obrigada a soltá-la. A faca caiu no chão e Débora a chutou para longe, ainda segurando forte no braço de Júlia.

— Você não pensou que eu pularia sozinha. Pensou? Eu pedi para você vir comigo e você aceitou.

— Me solta!! Me solta!!! – Júlia gritava desesperada tentando se desvencilhar do braço forte e firme de sua tia, mas era em vão, sua força era ínfima perto da força de Débora, cujo braço era maior que a cintura de Júlia.

— Não – respondeu secamente. — Vamos pular juntas!

— Você só pode estar louca, tia!

— Não, quem é louca é você. – As lágrimas escorriam involuntariamente dos olhos de Débora, porém seu olhar carregava uma convicção inabalável.

Júlia percebeu que sua tia estava resoluta, ainda assim insistiu mais um pouco.

— Tia, eu fui molestada quando era pequena...

— Eu sei que você não foi molestada. Eu li seu diário, se esqueceu? – argumentou Débora.

— Você sabe que é verdade que eu fui estuprada, seguidamente estuprada – disse Júlia.

— Ter uma adolescência difícil não é desculpa para sair matando gente por aí...

— Não é justo que eu me vingue?

— A justiça está nas mãos de Deus, Júlia!

— Não, tia, isso você nunca entendeu... Somos nós que traçamos nosso destino, não é Deus, o Demônio ou outra pessoa, somos nós mesmos.

— Você está certa, cabe a você as escolhas que fizer na vida, mas não pode determinar o destino de outra pessoa, só no seu você pode mandar.

— Eu posso mandar no destino de quem eu conseguir.

— Não, você não pode, e é por isso que hoje você vai pagar.

Júlia percebeu que bater de frente com sua tia não tinha sido uma escolha inteligente, afinal se sua tia quisesse ela morreria ali naquele instante. Débora tinha uma enorme vantagem física sobre Júlia, por isso Júlia tinha que ser sagaz.

— Tia, não faça nada que irá se arrepender depois. Eu nasci assim. Que culpa eu tenho? Eu não consigo sentir como as outras pessoas. Eu me esforço, mas não consigo. Eu não sei o que é culpa, remorso ou compaixão. Eu realmente não sei o que é isso...Eu não escolhi ser assim, Titia. Eu juro por tudo que é sagrado! Me solte, por favor! Me envie para um tratamento. Eu vou fazer tudo que for possível para melhorar. Eu juro! Eu prometo! Eu te amo, titia. Você é a única pessoa que eu amo. Me ajude! Você não pode me abandonar. Você é tudo para mim. Você leu meu diário, você sabe que eu te amo! Você sabe que é verdade.

Débora sentiu compaixão por Júlia e uma vontade imensa de ajudá-la. Teria amolecido, não fosse saber que nas mãos daquela assassina estava o sangue de sua menina, Amelinha:

— Se você nasceu assim, é da sua natureza, Júlia. Não há nada a ser feito.

— Existe, sim. Eu posso me tratar. Eu posso ficar boa. Acredite. Você tem que me dar uma chance.

Débora não disse nada.

— Tia, você está fazendo a mesma coisa que eu fiz, você está se vingando

pela morte da Amélia. Você sabe disso, não sabe?

— Só Deus sabe a dor que eu carrego no meu coração, Júlia. Não tente adivinhar meus sentimentos. Você sabe que não é boa nisso.

— Você pode não reconhecer, tia, mas você me quer morta pela Amélia.

— Não, Júlia, eu preciso liquidar o monstro que eu mesma criei.

— Mas eu não sou um monstro... Que horror, tia! Não fale assim... Eu só preciso de um tratamento.

— Você conhece a história do escorpião e do sapo? – perguntou Débora.

— Não, titia. Me conte! Vamos sentar.

— Não. Fique quieta e escute. O escorpião queria atravessar o lago e pediu ao sapo para levá-lo. O sapo estava com medo, mas depois decidiu ajudar, afinal se o escorpião o picasse, ele próprio também morreria. Para surpresa do sapo, o escorpião o picou no meio do lago, o sapo indagou o porquê e o escorpião disse que era da sua natureza.

— O que você quer dizer?

— Que você está além da cura ou redenção. E é por isso que vem comigo. Não quero mais falar com você. Você vai morrer agora. – Débora estava emocionada. Seu coração batia forte e as lágrimas molhavam todo seu vestido florido.

Débora pegou no braço da Júlia com ainda mais força. Júlia lutava com todas as suas forças por sua vida, mas Débora Marcondes era uma montanha humana e Júlia não teve a menor chance. Não foi difícil para Débora segurar Júlia no colo e empurrá-la sacada abaixo. Antes de jogá-la, Débora deu um beijo em sua testa e sussurrou ao seu ouvido:

— Que Deus tenha piedade de você, meu anjo. Que ele perdoe o que eu não perdoei.

Júlia abriu pela última vez seus grandes olhos azuis e soube que era o fim.

O grito alucinado de Júlia arranhou mais um pouco o coração de Débora e mais lágrimas escorreram por seu rosto. Na mente a certeza de que tinha feito o que era necessário. Débora Marcondes fez o sinal da cruz, pediu perdão ao seu Deus e se atirou da mesma sacada sem gritar. Ela não temia a morte, no coração sentia a fé de que encontraria sua filha no vale dos suicidas. Era tudo que desejava.

– 37. Despedida e recomeço –

Na manhã seguinte, o sol brilhava forte sobre o sangue seco de Júlia e de Débora. Seus corpos já não estavam ali.

Eduardo Monteiro olhou para as malas ao lado da porta e sorriu. Daqui a pouco iria para Petrópolis passar um final de semana com sua amada esposa. Ele estava animado, fazia tempo que não tiravam o momento para ficar juntos. Bebeu mais um gole da xícara de café e lia sem muito interesse as notícias do Jornal. *O Jornal de domingo é bem melhor que o de sábado,* pensou displicentemente. A empregada sorriu para Eduardo que retribuiu o sorriso e deixou uma pequena caixa ao seu lado. Interessado olhou o remetente e duvidou: *Débora?* Na caixa havia uma carta e um pequeno caderno em espiral. Apressadamente, Eduardo desdobrou a carta de Débora e leu:

Amor da minha vida,

Ao ler essa carta saiba que eu já não estou por aqui. Pense que eu e a Amélia estamos juntas aguardando o juízo do nosso bom Deus. Eu não podia deixá-la sozinha, principalmente depois de tudo que descobri. Eu ainda não sei como, mas eu falhei terrivelmente com nossa Amelinha, não a ajudei quando ela mais precisou de mim, ela gritou por ajuda todo o tempo, ela implorou, mas eu estive surda e cega. Eu sei que nunca poderei me perdoar. Nunca. Que Deus possa ter a capacidade de me perdoar e acalentar minhas feridas, pois eu sei que perdoará Amelinha, e eu gostaria de passar a eternidade ao lado dela no paraíso, implorando por seu perdão e cercando-a de cuidados, beijos e carinhos eternos. Nossa Amelinha, meu amor, foi vítima da pessoa mais cruel que conheci: Júlia.

Eu pensei em não dizer nada a você sobre a Júlia, queria poupar sua dor e seu sofrimento, mas eu sei que com nossa morte seu sofrimento irremediavelmente virá e só a verdade pode acalmar os porquês de seu coração. E certamente não é agora na minha despedida que vou mentir a você. Nesse envelope você encontrará o diário de Júlia. Ele dirá tudo

o que precisa saber e talvez mais ainda.

Quero que saiba que eu sinto, tanto e tão profundamente, que a tristeza e a culpa não couberam dentro de mim. Elas eram maior que a vida e pediram para que eu fosse embora. Eu fui e levei a Júlia comigo. Eu sei que era o que eu tinha que fazer. Meu amor, quero que saiba que te amarei sempre. Sua Débora.

Eduardo foi tomado por uma avalanche de emoções que fizeram com que ele tremesse e suasse frio. Faltava-lhe ar. Sentou-se novamente para recuperar o fôlego, mas uma forte dor no peito comprimia seu coração sem piedade. Morreu de ataque cardíaco naquela manhã de sábado.

A empregada retornou com uma bandeja para retirar a mesa do café, mas derrubou-a no chão e gritou, como nunca tinha gritado antes em toda sua vida. Na cadeira da copa jazia Eduardo Monteiro, seus olhos abertos e sua expressão de dor chocariam qualquer um que com ele se deparasse.

Algumas horas depois daquele mesmo sábado, em um pequeno e discreto hotel de Copacabana, Geraldo Roberto e Clarice tomavam café da manhã.

— Mais café, Elvira?

— Não, muito obrigada, Felício. Que nome você foi escolher, hein?! – disse a pergunta em voz baixa.

— Madame Elvira lembre-se do risco que mencionei.

— Está bem, Felício. Mas é que...

— O que, madame?

— Nada! – disse Clarice virando mais uma página do jornal. — Me diz por que demorou tanto para voltar?

— Estava tudo bem no prédio da senhora, mas quando eu estava saindo, o porteiro veio correndo em minha direção com uma caixa na mão. Eu relutei em pegá-la, considerando, enfim...

— Diga logo, homem!

— No final, eu a trouxe. Foi enviada pela senhora Débora Marcondes.

Clarice arregalou os olhos:

— Você a abriu?

— Não ousei violar sua correspondência, madame Elvira. Mas confesso que a tentação foi grande considerando o remetente...

Clarice tomou a caixa das mãos de Geraldo verificou o remetente, arregalou os olhos, ferozmente abriu a caixa, pegou a carta e leu:

Cara Clarice,

Eu não posso reparar o mal que Júlia lhe causou. Ela lhe tirou seus filhos e eu sei que não há no mundo dor maior que essa. Eu descobri o monstro que eu criei com todo seu horror e violência. Eu soube que Júlia tinha que ir embora e logo. Foi por isso que a levei comigo. Ela nunca mais a incomodará. Espero que possa encontrar o consolo e o conforto que eu não encontrei no nosso bom Deus. Um abraço, Débora.

— Ela, ela...

— Deixe-me ler a carta! – disse Geraldo Roberto quebrando as regras de etiqueta e tomando a carta das mãos de Clarice.

Geraldo Roberto leu rapidamente a carta e disse:

— A boa senhora matou Júlia e se matou.

Clarice imediatamente pegou seu *iPad* e procurou por informações e encontrou a seguinte nota:

Tragédia nos Jardins: duas mulheres foram encontradas mortas na área externa de edifício de apartamento luxuoso.

A empresária carioca Débora Marcondes e sua sobrinha Júlia Marcondes Faria foram encontradas mortas por volta das nove horas da noite de sexta-feira pelo porteiro, Eliseu de Almeida, na área externa de um luxuoso edifício de apartamentos localizado na Alameda Tietê. A Polícia investiga a causa das mortes, mas há suspeita de duplo suicídio. Alguns meses atrás, Amélia Marcondes Ribeiro, filha de Débora e prima de Júlia, tirou sua própria vida no mesmo local, atirando-se do décimo sétimo andar do edifício. Os corpos das duas foram levados para o Instituto Médico Legal de São Paulo.

— Leia, Geraldo.

Geraldo Roberto quase pediu para que Clarice o chamasse de Felício, mas percebeu que era absolutamente desnecessário naquele momento. Júlia não estava mais entre eles. Geraldo Roberto pegou o *iPad* e leu a nota, enquanto isso Clarice folheava o diário.

— Meu Deus do céu! É o diário de Júlia! – disse Clarice em voz alta após ler um trecho da primeira página.

Geraldo Roberto sabia que a Clarice tinha a prioridade da mãe que perdeu seus filhos precocemente, por isso não ousou interromper sua leitura, mas ansioso do jeito que era devorou todos os pães que restavam na cesta e pediu ao garçom urgência para que lhe trouxesse rapidamente mais uma cesta de pães, manteiga,

queijos e geleia. O garçom achou graça do apetite daquele pequeno homem e o atendeu prontamente.

Clarice percebendo que Geraldo comia como se não houvesse amanhã resolveu matar um pouco da sua curiosidade:

— Geraldo, ela é ainda mais má do que imaginávamos. Ela conta tudo aqui. Há prova suficiente contra a Gisele.

— Posso ver, madame? – Geraldo Roberto pediu em voz baixa, sabendo que seu pedido era descabido.

— Nem pensar. Quero ler isso tudo. Por favor, Geraldo, vá caminhar pela praia, vá ler o jornal ou tomar uma água de coco no calçadão. Essa sua comilança está me deixando doida.

— Pois não, madame. Com licença. – Geraldo Roberto saiu do restaurante em direção à porta de saída do hotel. Ele pretendia dar uma volta. Ficar ali vendo Clarice ler o diário era absolutamente enlouquecedor, depois de alguns minutos, ele certamente arrancaria o diário de suas mãos e fugiria como faria uma criança.

Em Jacarepaguá, Miguel saboreava uma salada de fruta e lia algumas manchetes do jornal. Pensou em ligar para Lara, queria lhe contar tudo, mas se lembrou que era perigoso e colocou o celular de volta à mesa. Miguel não conseguia parar de pensar em Lara. Ele precisava ouvir sua voz, saber se estava bem, contar tudo o que tinha acontecido. *Será que era realmente perigoso?* Pegou, mais uma vez, o celular, mas dessa vez ligou para Geraldo Roberto:

— Geraldo?

— O que combinamos, Doutor Miguel?

— Sem telefonemas. Eu sei é que...

— Pode falar, acho que estamos vivenciando uma trégua.

— Trégua? É isso que disse?

— Exatamente, Doutor Miguel.

— O que aconteceu?

— A senhorita Júlia, Doutor Miguel, faleceu.

— Como assim, Geraldo?

— Recebemos uma carta da madame Débora contando à madame Clarice de um jeito suave, como só a boa senhora era capaz, que ela tinha matado a Júlia e se matado.

— Nossa! Por quê?

— Madame Débora encontrou o diário de Júlia e descobriu o monstro que criou sob seu teto com toda sua maldade e crueldade.

— Que tragédia, Geraldo!

— Uma lástima, a madame Débora era uma mulher espetacular, com sua generosidade, exuberância, bondade, simpatia...

— Pelo menos acabou...

— Não, meu bom Doutor, não se esqueça da senhorita Gisele.

— É verdade...Você leu o diário?

— Ainda não, está sendo lido pela madame Clarice.

— Onde vocês estão? Eu preciso ler esse diário.

— Acho que por hora estamos seguros. Bem, nós estamos no hotel *Tulip Inn* em Copacabana.

— Não tinha vaga no Copacabana Palace? – perguntou ironicamente Miguel.

— Doutor Miguel, essa não seria uma opção meio óbvia para madame Clarice?

— Eu sei que sim, só estava brincando com você, Geraldo! Relaxa!

— Relaxar? Como eu posso fazer isso? Eu também preciso ler aquele diário...

— Eu vou até aí. Mas eu já posso ligar para Lara e falar sobre tudo que sabemos?

Geraldo Roberto achou graça da pergunta de Miguel. Ele já tinha percebido que a Doutora Lara nutria sentimentos mais intensos por Miguel do que pura amizade, mas até aquele momento não tinha percebido que Miguel sentia a mesma coisa. Com um largo sorriso respondeu:

— Pois ligue já, o que o doutor está esperando?

Miguel apertou no celular o nome de Lara e aguardou ansiosamente que atendesse. Lara atendeu o telefone animada:

— Que bom que ligou! Estava tão preocupada, Guel!

— É bom poder falar com você, Lara. Eu estou com saudades.

Uau, pensou Lara, mas disse apenas:

— Eu também. Você estava sumido! Eu sei que estava fugindo da Samanta, mas você podia ter ligado...

— Eu não podia, aí que está! Descobrimos tantas coisas que o Geraldo achou prudente não envolvê-la sem necessidade.

— E agora? Você já pode me contar? – perguntou Lara.

— Eu posso.

— E por quê?

— A Júlia morreu – respondeu Miguel.

— E quem é Júlia?

— É a Samanta.

— Morta? Que alívio!

— É...

— Vamos me conte tudo, Guel!

— Tem chance de você vir para o Rio? Eu estou hospedado em um hotel perto do Rio Centro?

— Longe...

— Um pouco, mas com a ponte aérea fica mais pertinho.

— Quando você volta para São Paulo?

— Ainda não decidi. Quero ler o diário da Júlia.

— Vocês encontraram o diário dela? – espantou-se Lara.

— A Débora enviou para Clarice.

— Débora era a mãe de Amélia?

— Isso – respondeu Miguel.

— Nossa, está muito confuso. Me conte tudo do começo!

— Só se você vier para cá – brincou Miguel.

— Ai, Guel! Sorte sua que é sábado e que estou muito curiosa!

— Que bom! Assim que chegar me liga que eu direi onde estou.

— Está bem!

— Traga algumas roupas e fique até segunda. Posso ter a chance de mostrar a você essa minha cidade maravilhosa.

— Vou gostar muito – respondeu Lara.

Miguel pôde sentir que, do outro lado da linha, Lara sorria. Pela primeira vez na vida, Lara ousou ter esperanças. *Miguel está diferente comigo,* pensou.

Perto de três horas depois, Lara chegou ao Rio de Janeiro no aeroporto Santos Dumont. No saguão, ligou para Miguel.

— Cheguei, Guel!

— Que bom! Quer que eu vá buscá-la?

— Não, só me diz onde você está.

— Eu estou no apartamento da Clarice, com ela e o Geraldo.

— Onde fica?

— Na Vieira Souto em frente ao posto dez.

— Onde é isso?

— Você não conhece nada mesmo do Rio, não é?

— Não, só estive uma vez aqui e era muito pequena...

— Me deixe pegá-la – pediu Miguel.

Normalmente Lara diria não, mas ela resolveu aceitar.

— Está bem.

— Me aguarde no área do desembarque. Vou ligar quando estiver chegando.

Lara sorriu de novo. *Ele vem me buscar,* pensou animada.

Lara, por algum motivo que desconhecia, tinha se arrumado mais do que era de costume. Ela quis estar bonita para Miguel. E sua produção causou um efeito em Miguel que assim que a viu, disse sem pensar:

— Você está linda!

Lara sorriu.

— Eu estava com saudades, Doutora Lara Fonseca. Veja o que está fazendo comigo! – disse Miguel com um grande sorriso, pegando a pequena mala de suas mãos e a colocando dentro do luxuoso carro preto de Clarice.

Lara que sempre foi despojada e tinha frases de efeito para tudo, ficou sem palavras e limitou-se a sorrir, mais uma vez.

— Venha cá! – Miguel puxou-a pelas mãos e deu um forte abraço.

Lara correspondeu o abraçando bem forte. Miguel a apertava bem forte, como se não a visse há muito tempo. Foi um abraço longo, forte e demorado. Ela não sabia ainda o que estava acontecendo, mas estava gostando muito. Depois de alguns instantes, entraram no carro:

— É de Clarice – disse Miguel antes de ouvir a pergunta.

— Eu imaginei – constatou Lara.

— Lara, é tão bom vê-la bem. Você não pode imaginar. Aconteceu tanta coisa e você me ligou com a Júlia do seu lado, eu quase surtei, fiquei com receio de que qualquer coisa que eu falasse pudesse colocar sua vida em risco, por isso desliguei, mas fiquei preocupado. Você não imagina o quanto! E se alguma coisa acontecesse a você, eu.... – Miguel não terminou a frase. — Acho que têm coisas que acontecem na nossa vida e que nos mostram o que realmente importa.

Lara quase ficou quieta, mas tomou coragem e perguntou:

— Eu realmente importo para você?

— Mais do que você pode imaginar – respondeu Miguel com um sorriso e um olhar que diziam muito mais que sua resposta.

Lara enrubesceu. Miguel achou graça, nunca tinha imaginado como seria Lara sem jeito. Era delicioso vê-la tímida e nervosa. Lara quis mudar rapidamente de assunto:

— Agora me conte tudo, Guel! Não aguento mais esperar!

Miguel contou sobre o chá na casa de Toninha, a festa de quinze anos, como eram todos tão jovens, o beijo de Gisele e Júlia, a gangue do Ossada, o estupro, como ele, o Wagner e o Fernando voltaram para impedir e acabaram fugindo, as teorias que fez sobre a vingança das duas e como constatou que realmente estava certo depois de ler o diário, ainda contou sobre como Geraldo Roberto descobriu a identidade de Júlia, sua conversa com Débora, o risco de vida que passaram a correr, a carta de Débora para Clarice, a delicadeza com que disse como matou Júlia e se matou e depois começou a contar sobre o diário, mas Lara o interrompeu:

— Não conte mais nada, Guel. Esse diário eu quero ler.

— É um prato cheio para você que é psiquiatra.

— Realmente.

Miguel estacionou o carro no prédio. Lara estava curiosa sobre o diário:

— Todo mundo já leu o diário?

— Se você está perguntando se eu, Clarice e Geraldo o lemos, a resposta é afirmativa.

— Então, eu poderei ler. É grande?

— Você dá conta! – respondeu Miguel rindo.

— Por que está rindo?

— Porque aconteceu a mesma coisa com a gente, ficamos alucinados para ler o diário.

Miguel e Lara subiram pelo elevador. Lara cumprimentou Geraldo e Clarice, tentou ser discreta, mas deve ter feito cara de surpresa ao notar que seguravam uma taça de *champagne,* pois Clarice foi logo dizendo:

— Desculpe não esperá-los, mas quis comemorar com meu amigo e detetive, Geraldo Roberto, nossa grande vitória.

Miguel sorriu:

— Vocês não se importarão de brindarem mais uma vez, não é?

— Evidentemente que não, doutor Miguel. Será um grande prazer – respondeu Geraldo com entusiasmo.

— Então, não há porque se desculparem – disse Miguel.

Clarice entregou uma taça para Miguel e outra para Lara e as encheu com mais *champagne*.

— À nossa vitória! – falou Geraldo Roberto entusiasmado, levantando seu copo.

Os outros fizeram a mesma coisa e brindaram. Todos começaram a conversar com entusiasmo sobre as descobertas, as aflições, as cenas e saias justas que viveram nos últimos dias. Depois de falarem e rirem muito, Geraldo Roberto disse:

— Não quero ser estraga-prazeres, nós realmente tivemos uma vitória importante, mas temos que nos lembrar que a guerra continua, a Gisele ainda está solta por aí. Entregaremos o diário para as autoridades, mas pode demorar até que ela seja presa.

— O que devemos fazer, Geraldo? – perguntou Clarice.

— Hoje podemos aproveitar. A Gisele deve estar vivendo seu luto, mas temos que continuar com nossos cuidados, pois ela pode querer concluir a vingança mesmo sem a Júlia, até como uma homenagem à sua amante, ela pode estar ainda mais motivada a ir até o fim.

Todos na sala se entreolharam. Foi Lara que quebrou o silêncio:

— Do amanhã não sabemos, mas a vida está aqui hoje e devemos aproveitá-la. Quem quer jantar?

Geraldo e Clarice se desculparam, mas estavam cansados. Tinha sido um dia cheio e intenso. Miguel olhou para Lara com interesse. Lara, que já tinha sido amaciada pela *champagne*, segurou Miguel pelas mãos em direção a porta e disse sorrindo:

— Então, somos só eu e você.

Miguel apenas sorriu. Ele pretendia beijá-la aquela noite, amanhã queria apresentá-la à sua família como sua namorada e intencionava vê-la todos os dias de sua vida. Miguel tinha descoberto que amava Lara e depois de tudo que passou soube que não havia tempo na vida para perder.

– 38. Angra dos Reis –

Gisele enchia mais um copo de *vodka*. Ela sabia dirigir o *yacht* que tinha ganhado de presente de Júlia, mas tinha contratado um marinheiro, porque pretendia encher a cara até que pudesse esquecer quem era.

Ela lembrava-se que tinha brigado feio com Júlia por causa do *yacht*, pois sabia que Júlia tinha roubado e muito para conseguir dinheiro para aquilo. Além disso, tinha achado muito arriscado ela ter comprado o *yacht* e a casa em Angra da Clarice e seu marido.

— E se descobrirem, Júlia? Você percebe que há o risco de colocar tudo a perder só por causa da porra de uma casa e de um *yacht* com um preço baixo?

— Relaxa, Gigi.

— Relaxa?

— É, usei um procurador. E ninguém sabe que eu sou a Júlia, lembra?

— Júlia Marcondes Faria seu nome está registrado, não será difícil chegar até você! Você não vê?

— Agora já está feito. Deixa de ser rabugenta e vamos dar uma volta no seu novo barquinho.

Gisele lembra que entrou no *yacht* pensando em continuar a briga, mas quando Júlia a olhava daquele jeito, pegava em sua mão e lhe sorria com desejo o mundo parava. Gisele lembra que sorriu já arrependida de ter feito um grande caso do presente e Júlia, empurrando-a em direção à suíte, falou ao seu ouvido:

— Eu te dou um presente e é isso que ganho? Achei que você iria retribuir de uma forma diferente aqui na cama desse *yacht* – ao falar isso Júlia empurrou Gisele para cama.

Gisele deitada na cama, abriu um sorriso ainda maior e pediu feito criança:

— Sem facas e canivetes?

— Só amorzinho – riu Júlia. — Agora vem para cá.

Gisele agora estava encolhida naquela mesma cama chorando desesperadamente. Ela deixava-se gritar pela dor que sentia. A certeza da ausência eterna de Júlia provocavam uma dor física aguda e penetrante. *Nada mais fazia sentido. Nada mais vale a pena.* Tudo que Gisele olhava faziam-na lembrar de Júlia, não havia nada que pudesse olhar e que não a fizesse sofrer. A cama, o *yacht*, a *vodka*, Angra, a música...e Gisele chorava angustiada, sentia que seu coração sangrava e que aquela dor forte e contundente jamais iria passar, procurava em vão pensar ou lembrar de alguma coisa que não a fizesse pensar em Júlia, mas era impossível. Gisele percebeu que o seu mundo era o de Júlia. Tudo só importava, existia ou fazia sentido se Júlia estivesse ali. Seu sol tinha morrido. Nada mais deveria existir. E com uma vontade de explodir o mundo, Gisele sentia sua dor corroê-la por dentro e chorava como se não houvesse amanhã. Na sua cabeça martelava a certeza de que não tinha como prosseguir.

Levantou-se da cama, ainda chorando, encheu mais um copo de *vodka* e escutou a música "Te amo" do Chico Buarque e teve a certeza de que não sabia andar sozinha e chorou mais, muito mais.

Começou a tocar outra música do Chico: "O que será" e apesar de não ser uma música romântica, Gisele lembrava de Júlia com a mesma intensidade. A música falava da chama da vida, da vontade de viver, que ninguém tinha como Júlia.

Tudo que Gisele via a fazia lembrar de Júlia.

É inútil, é inútil. Nunca vou conseguir sobreviver a essa dor...Esse buraco que parece que se alastra dentro do meu corpo e me esvazia. É como se eu já não existisse, só a dor.

Gisele saiu do quarto, caminhou para o convés, escolheu a lateral do yacht para parar, lá não podia ser vista pelo marinheiro, estava só, ela e o oceano. Sentiu o vento forte e gelado do mês de junho, aquilo lhe deu um sopro de vida, suficiente para encorajá-la a se atirar no mar. Tudo o que queria era sentir qualquer coisa que não fosse aquela profunda e dilacerante dor da ausência eterna de Júlia. Pensou que a adrenalina do salto, a água fria do mar pudessem por poucos instantes fazer com que esquecesse tudo. E, assim que Gisele se atirou no mar e sentiu seu frio e seu poder, ela conseguiu por poucos instantes não pensar em Júlia. Encontrou seu consolo e seu conforto na violência das ondas e na frieza daquelas águas. A força com que se debateu nas águas por sua sobrevivência foi seu renascimento. Depois de aproximadamente uma hora, seu marinheiro conseguiu encontrá-la e resgatá-la. Foi sorte, muita sorte. Ele não lhe perguntou nada, ela também nada lhe diria. No fundo dos seus olhos uma pequena faísca voltara a brilhar.

– 39. Pombinhos –

Lara e Miguel andavam juntos de mãos dada como dois pombinhos. Não havia casal mais apaixonado. Miguel abraçava, beijava e acarinhava Lara. Gostava de fazer surpresas, dar-lhe presentes, fazer grandes declarações de amor, levá-la para jantar, passear, ir ao cinema, ir ao parque, ficar abraçado ao seu lado, ver o pôr do sol, admirar a lua e as estrelas, dormir junto, acordar junto e fazer tudo junto. Lara também era só sorrisos, cuidados, carinhos e beijos para o amor da sua vida: Miguel. Ela não podia ser mais feliz. Depois de quatro meses, eles resolveram que morariam juntos e no final do ano se casariam. Foi no primeiro final de semana que já estavam morando juntos no sobrado de Miguel que Geraldo Roberto apareceu para uma visita. Foi Lara que atendeu a porta e lá estava Geraldo Roberto. Ele usava um terno largo, seus cabelos banhados em gel estavam perfeitamente alinhados, no ar um cheiro forte de colônia masculina e nas mãos uma flor:

— Olá, Geraldo Roberto. Que surpresa! O Miguel vai adorar revê-lo. Estávamos com saudades.

Geraldo Roberto deu as flores para Lara e disse:

— É um prazer revê-la, senhorita Lara. Madame Clarice me contou que estavam morando juntos e resolvi fazer uma visita surpresa. Ainda bem que os encontrei em casa.

— Que bom! E você chegou na melhor hora. Miguel está preparando um almoço delicioso para comemorarmos nosso primeiro final de semana juntos.

— Não atrapalharei?

— De jeito nenhum!

Geraldo Roberto aguçou as narinas e passou a língua pelos lábios:

— Se for assim, não irei recusar o convite. O cheiro está delicioso.

— O Miguel cozinha muito bem. Venha vou levá-lo até a cozinha e te dar uma taça de vinho.

Miguel que fazia um risoto, entusiasmou-se com a chegada de Geraldo:

— Uau, você por aqui! Bom te ver, Geraldo! – disse Miguel o abraçando.

Geraldo Roberto sorriu pela calorosa recepção do casal:

— É com muita alegria que participarei dessa refinada comemoração. Meu olfato apurado me diz que o Doutor Miguel tem o dom para culinária.

— Que isso, Geraldo! – disse Miguel.

— É verdade – disse Lara. — O Guel cozinha muito bem.

Miguel sorriu:

— A Lara é suspeita para dizer, ela só fala bem de mim, Geraldo, mas eu gosto de cozinhar.

— Sei que há talento, doutor Miguel, meu olfato não mente.

— Que bom que veio nos visitar! – disse Lara animada.

— Pois é, surgiu um trabalho aqui em São Paulo e quis lhes fazer uma surpresa. Eu confesso que também estava com saudades.

Geraldo Roberto, Miguel e Lara conversaram, beberam vinho, comeram filet mignon com molho de mostarda e risoto de pistache feitos por Miguel com muita dedicação e carinho, e o resultado foi um almoço animado e delicioso.

— A sobremesa é brigadeiro de colher – disse Miguel sorrindo. — Eu faço tudo para atender as vontades do meu amor.

— Pois saiba, Doutor Miguel, que eu também aprecio esse maravilhoso doce brasileiro – disse Geraldo Roberto aos dois.

Após a sobremesa, eles tomaram café *nespresso*. A conversa estava tão boa que tomaram duas xícaras cada um.

— Eu estou feliz de vê-los tão bem. Eu sempre desconfiei que um dia ficariam juntos. Eu consigo farejar o amor de longe.

— Eu não imaginava – disse Lara suspirando.

— Lara, era muito requisitada na faculdade. Nunca imaginei que tivesse chances – disse Miguel sorrindo.

— Ai, Guel! Até parece! Você sabe que eu era louca por você.

— Geraldo, eu juro que nunca desconfiei de nada! Ela era minha melhor amiga, nunca deu a entender nada, era séria, discreta. Como eu podia imaginar?

— Os olhares valem mais que palavras – disse Geraldo.

— Você também é um romântico incurável como eu? – perguntou Miguel.

— Sou, um romântico inveterado. As damas sabem que sofro de uma fraqueza crônica por elas.

— Essa frase merece um brinde – disse Lara. — Me diga, Geraldo, o senhor aceita um licor?

— Só se os donos da casa forem me acompanhar.

— Mas certamente que iremos – disse Miguel.

Após o licor, Geraldo mudou sua expressão, estava sério e um pouco nervoso:

— Eu queria vê-los. Estava com saudades. Não menti. Mas há mais.

— O que é, Geraldo? – perguntou Miguel.

— Sei que estão felizes e enamorados, mas vim lhes pedir pessoalmente para que tomem cuidado. A senhorita Gisele desapareceu e todos nós sabemos do que ela é capaz.

— Nenhuma pista dela? – perguntou Miguel.

— Nenhuma. Eu tenho procurado incessantemente pela Gisele e nada. Procurei por seu nome verdadeiro, pelo nome falso que ela usou para alugar o carro que matou Roseli, pelo nome do proprietário do terreno em Mato Grosso do Sul, por outros nomes que descobri que usava nos hotéis que frequentava com a Júlia e nada. Ela sumiu do mapa. Já convenci a madame Clarice a sair do grande circuito, ela aceitou ficar com uma conhecida minha no interior de Minas Gerais. Vim aqui para oferecer o mesmo tipo de abrigo a vocês. Tem um conhecido meu, no interior de São Paulo, que adoraria recebê-los para uma temporada. É importante que aceitem meu pedido.

Miguel e Lara se entreolharam. Eles não queriam ter que sair dali, estavam tão felizes, ao mesmo tempo receavam que aquela doce felicidade pudesse um dia acabar.

— Quero conversar com Lara a respeito, quando teremos que dar a resposta?

— O quanto antes, mas ficarei aqui em São Paulo até segunda-feira.

— Está bem, até lá responderemos – disse Lara.

— Como poderemos falar com você? No seu celular? – perguntou Miguel.

— Mudei o número. Eu volto a procurá-los, se quiserem falar comigo, estarei no hotel Fasano.

— No Fasano? – admirou-se Lara.

— Com os cumprimentos do meu novo cliente.

Geraldo Roberto despediu-se do casal e entrou em um carro em que um motorista o aguardava. Assim que fecharam a porta, Lara abraçou forte Miguel, depois perguntou olhando em seus olhos:

— O que você acha, Guel?

— Nunca me perdoarei se te perder. Acho que temos que ir, ao menos por um tempo. Geraldo, nos manterá informados sobre Gisele.

— Você consegue deixar seu trabalho? Sua residência?

— Não é ideal, mas consigo. E você?

— Eu também dou um jeito, vou ter que passar alguns pacientes para meu pai, mas dá para ser feito.

— Então, está decidido – disse Miguel. — O importante é que ficaremos juntos.

Miguel e Lara se abraçaram forte, mais uma vez.

– 40. Uma nova vingança –

Gisele não usava mais os cabelos longos e loiros, usava um corte masculino e tingia seus cabelos de preto, seu rosto estava bem diferente, o nariz agora era menor e arrebitado, o queixo mais proeminente e os lábios grossos, os músculos ocupavam o lugar das curvas que um dia já definiram seu corpo, tinha feito inúmeras tatuagens em seu corpo todas em homenagem à Júlia e ostentava uma magreza profunda fruto da dedicação e do treinamento que comandavam sua rotina.

Quem um dia a conheceu, jamais a reconheceria. Gisele fez questão de mudar radicalmente tanto por necessidade, já que era procurada pela polícia, como porque algo endureceu terrivelmente dentro do seu coração transformando todo colorido e alegria que possuía em viver em algo negro, denso, profundo e espesso. Parecia para Gisele que todo o amor que fora capaz de sentir tinha ido embora para sempre junto com Júlia, seu coração estava seco, duro e amargo. Era como se o mundo de repente ficasse cinza e nada mais pudesse despertar dentro do pântano que cobria sua alma qualquer sentimento.

Gisele no passado quisera se vingar por amor à Júlia, pela paz que almejava conquistar ao seu lado, e por uma obsessão doentia e secreta que desenvolvera ao longo dos anos em relação à gangue do Ossada, agora só tinha sobrado essa obsessão e a extravasaria, despejando o líquido negro e envenenado que ocupava o lugar do seu coração em cima daqueles que tanto odiava.

Gisele nunca tivera a frieza e determinação de Júlia para esperar todos aqueles anos pela vingança contra a gangue do Ossada, aquilo lhe custara caro demais e ela só conseguiu pagar o preço pelo amor incondicional que sentia por Júlia. Agora Júlia não estava lá e esperar não fazia nenhum sentido. Vingarem-se da gangue era a causa de suas vidas e agora não havia mais motivos que impedissem Gisele de seguir em frente. *Não depois que Júlia tinha ido, não depois de saber que eu nunca poderei viver em paz com a Júlia, não depois de tudo.* Gisele fechava os olhos e imagina que expunha seus argumentos à Júlia e conseguia vê-la como se estivesse ali, sorrindo para Gisele e dizendo: “Está bem,

sua ordinária. Tudo mudou mesmo. Vamos partir para cima da gangue do Ossada e deixar os três patetas para depois".

Júlia nunca soube da obsessão de Gisele pela gangue. Começou aos poucos, logo no início da investigação, Gisele apenas guardava as informações em um caderno, cada página dedicada a um membro estuprador. Depois, conforme a investigação evoluía, Gisele resolveu montar um mural no quarto de bagunça do seu apartamento e passou a fechá-lo à chave, pouco tempo depois via-se recolhendo lixo dos membros da gangue, aprendendo seus gostos, suas preferências, prazeres e manias, e passando horas dentro do carro ao lado de fora de suas casas só para espiá-los. O quarto não tinha mais um mural, mas toda parede coberta por folhas e folhas de todo tipo de informações sobre a gangue, desde algumas irrelevantes como marca de pasta de dente, premiações esportivas no colégio, até outras de maior relevância que revelavam hábitos, gostos e preferências dos membros da gangue que poderiam ter sua utilidade comprovada com a vingança. De todo modo, não havia nada que Gisele não soubesse dos membros da gangue do Ossada, qualquer coisa que quisesse estava ali naquele quarto mantido às chaves e escondido do mundo, inclusive, de Júlia.

Gisele passou horas e horas dentro daquele quarto arrumando fotos, lixos e correspondências que guardava dos membros da gangue, reorganizando o perfil psicológico, adicionando comentários ao histórico dos membros e aos seus hábitos. Parecia um trabalho tedioso e infinito, mas Gisele tinha prazer em sua obsessão, mais que isso ela não conseguia evitá-la.

O segredo foi mantido longe de Júlia, pois ela sabia que Júlia se assustaria com aquele quarto, aliás qualquer um se assustaria em ver aquilo. Não era normal, nem um pouco. Gisele conhecia o tamanho assustador de sua obsessão para prudentemente escondê-la do mundo.

Mas agora tudo era diferente. Gisele não se preocupava mais em esconder sua obsessão, seu amor por Júlia ou sua sede de vingança. Tudo havia sido aberto ao mundo, e, principalmente, Júlia não estava lá, no fundo, sempre foi só com ela que Gisele se importou. Amor e paz não eram mais opções para Gisele, nunca mais, não sem Júlia. Aquilo tinha ficado em um passado longínquo e distante. Tudo que tinha restado era sua sede por vingança e sua louca obsessão. Não havia mais um minuto ou qualquer coisa para se perder. Gisele sabia que gozava da liberdade absoluta daqueles que nada temem. A ausência de amor, de esperança e paz lhe davam essa coragem desalmada.

Durante os meses que tinha se seguido da morte de Júlia, Gisele não pensava em outra coisa a não ser como se vingaria daqueles que ela e Júlia tinham prometido vingança ou morte. Já tinha decidido que começaria pela gangue do Ossada, mas o plano de vingança precisava ser totalmente reestruturado, pois Gisele estava só, absolutamente só. Ajuda nunca foi algo que

as duas quisessem contar e não era agora que Gisele dependeria de alguém.

Felizmente Gisele conhecia os membros da gangue do Ossada como ninguém. Ela sabia que não conseguiria levar a vingança a cabo do jeito que planejara com Júlia, pois aquela vingança era complexa, requeria tempo, paciência e principalmente sem a Júlia não tinha como ser executada. Por isso, Gisele tinha que conceber uma nova vingança, porém queria ainda agradar a Júlia, ainda que soubesse que ela já não estava mais ali para agradar. Gisele fechava os olhos e imaginava os comentários que sua amante diria de suas ideias.

A primeira ideia que Gisele teve foi seduzir um a um em oportunidades diversas, no Jobi com o Luca que sempre bebia lá às quintas-feiras, em um carro de *test-drive* com o Caveira que trabalhava em uma concessionária, na praia de Ipanema com o Zecão que não perdia o futevôlei aos sábados, em uma reunião com o Feijó que tinha virado um *marketeiro* importante, e, finalmente em Búzios com o Ossada, que agora era dono de pousada. A ideia era seduzi-los separadamente, e, então, quando estivessem envolvidos a ponto de perderem o controle, ela deceparia o pênis de cada um, sem dó nem piedade. Depois disso, os mataria, pura e simplesmente. Gisele fechou os olhos e soube: Júlia acharia a vingança boazinha demais para a gangue e absolutamente sem graça.

A segunda ideia que ocorreu a Gisele era explodir toda a gangue. Já era setembro, e ela sabia que eles tinham um encontro tradicional de final de ano, que acontecia sempre no último final de semana de novembro: dois dias inteiros na pousada do Ossada. Nesse final de semana, o Ossada fechava a pousada para seus amigos, nem a entrada dos membros da família era permitida, um final de semana para os companheiros da gangue geralmente regado a muita cerveja, muita carne e muita conversa sobre todas as aventuras, ousadias, maldades e indiscrições da gangue.

Gisele ainda teve outras ideias para matar a gangue nesse mesmo final de semana, como envenenar a comida ou a bebida, aparecer armada com uma pistola de tiro rápido e atirar em cada membro em plena luz do dia, ou matá-los um a um enquanto dormiam. Azar dos empregados desavisados que estivessem na pousada e daquele amigo do Antônio, membro da gangue, que não tinha participado do estupro, infelizmente não poderiam sobreviver para contar. Gisele sabia que Júlia acharia qualquer uma dessas ideias decepcionante. Era fácil, rápida e indolor demais.

Gisele não conseguia chegar a uma alternativa de vingança que pudesse satisfazer Júlia e que pudesse implementar sozinha, até que um belo dia depois de treinar no clube de tiro e na academia de MMA uma ideia brilhante veio à sua cabeça. *Sim! É perfeita!*

Gisele conhecia a gangue bem demais para saber que um dos passatempos prediletos era jogar pôquer. Eles se reuniam ocasionalmente na

cada de alguns amigos para uma noite de jogatina pura. Zecão, que era o mais viciado, não se satisfazia apenas em jogar pôquer na companhia de amigos, por isso era habitué em casas ilegais de jogatina no Rio de Janeiro e sempre que podia passava horas e horas na internet jogando pôquer online.

É claro que todo esse vício lhe rendeu uma considerável dívida com um agiota famoso do Rio de Janeiro, Turquesa, grande conhecido dos jogadores viciados, que estava sempre circulando nos ambientes prediletos de seus clientes: casas de jogatina ilegais, jóquei e qualquer outro lugar em que se jogasse por dinheiro.

Gisele, é claro, conhecia bem essa dívida. Gisele abordou o Turquesa no Jóquei dizendo que estava interessada em quitar toda dívida do Zecão, tudo o que o Turquesa precisava fazer em troca era garantir que no domingo do último final de semana de novembro o Zecão e seus amigos embarcassem em um *yacht* em búzios para um passeio em alto-mar com direito a muita bebida, mulheres e, é claro, pôquer. Turquesa aceitou o dinheiro na hora: "*Isso é fácil*". Gisele deu metade do que prometeu ao Turquesa, a outra metade só daria depois de ter a prova de que o convite fora aceito pelo Zecão.

O Turquesa, que tinha uma lábia maravilhosa dos autênticos malandros, falou mil e uma maravilhas ao Zecão sobre o *yacht*. O Zecão que só pelo início do discurso já tinha ficado impressionado, depois de ouvir o Turquesa falando, comentando e elogiando o *yacht* por mais de meia hora, é claro, não resistiu, pegou o número do telefone para agendar o tal passeio e agradeceu efusivamente ao Turquesa como se ele estivesse lhe dado o mapa do tesouro escondido. Turquesa ainda acrescentou ao final: *"Liga logo, Mané, ou vai lotar*".

Depois de Gisele receber o telefonema entusiasmado do Zecão reservando o *yacht* para o sábado, pagou a outra metade que devia ao Turquesa.

Era 23 de novembro de 2013 e faltava exatamente uma semana para o grande dia. Gisele mal podia controlar sua ansiedade, passava e repassava o plano em sua cabeça sem parar. Foi para a Marina da Glória no Rio para entregar os uniformes customizados e conversar mais uma vez com a tripulação que a acompanharia até Búzios.

Após uma semana intensa de treino, pouquíssimo sono e muito café forte, Gisele estava pronta. O *yacht* estava ancorado perto do píer da praia da armação à espera da gangue do Ossada. A tripulação organizava os últimos detalhes dentro do *yacht* e Gisele fiscalizava para que tudo ficasse absolutamente impecável.

Perto das seis da tarde, Gisele viu a gangue se aproximando, um sorriso cobriu seu rosto. *Eles vieram*. Ordenou que a tripulação se posicionasse para recepcionar seus convidados. Orientou e auxiliou seus convidados a entrarem no *yacht*. Eles estavam extremamente animados e eufóricos. Pelo olhar que

lançavam, Gisele conseguia verificar que estavam admirados com a tripulação, a recepção de boas-vindas e, é claro, o *yacht*. Ainda ancorados, eles tomaram um taça de *champagne* e comeram alguns petiscos. Logo depois, Gisele de ordem para que o *yacht* partisse.

Gisele conduziu a gangue ao salão do *yacht*, que era espaçoso e luxuoso. Tinha uma mesa de carteado em formato de hexágono e dois grandes sofás um de frente para o outro. Uma garçonete aguardava os convidados na frente de um pequeno bar que tinha algumas garrafas de *whisky*, *vodka*, vinho e cerveja. Gisele que estava vestida de crupiê assumiu sua posição junto à mesa.

Gisele conhecia seus convidados bem demais para saber que beberiam *whisky*. Realmente, depois de cinco minutos, cada membro da gangue do Ossada segurava um copo de *whisky* na mão e serviam-se avidamente dos petiscos. Gisele aguardou aproximadamente uma hora, quis que seus convidados bebessem, comessem, conversassem e se divertissem, principalmente os queria confiantes e confortáveis, depois anunciou que já estavam em alto-mar e conduziu a gangue para a mesa de pôquer.

Os seis membros da gangue sentaram-se à mesa de jogos, Gisele trocou as fichas e deu as cartas. Discretamente, assim que notou que os copos estavam ficando vazios, Gisele orientou a garçonete para que começasse o churrasco. Minutos depois, desculpou-se pela ausência da garçonete que estava ocupada preparando o churrasco e completou o copo dos convidados com mais *whisky*, mas, dessa vez, usou uma garrafa que tinha especialmente feito para gangue.

Cerca de vinte minutos depois, a droga começou a agir e a gangue ficou absolutamente entorpecida. Seguiu até a cozinha com uma pistola e atirou na garçonete. Posicionou-se perto da escada e aguardou que o restante da tripulação viesse verificar o ocorrido. Tão logo apareceram, receberam seus tiros e caíram mortos no chão. A tripulação estava morta. Limpo, simples e rápido, bem diferente do que viria a seguir.

Gisele algemou as mãos dos membros da gangue, colocando-as atrás do encosto da cadeira, bem como seus pés. Injetou cloreto de potássio no membro da gangue que não participou do estupro, matando-o imediatamente. Aproximou-se do Ossada, o despiu, retirou a cobertura falsa de feltro e admirou por alguns instantes a mesa de aço inoxidável que tinha encomendado para aquele dia, da cadeira empurrou-o para mesa, puxou-o para que ficasse com o tronco deitado na mesa, abriu seus braços, prendendo-os em duas correntes fixas à mesa, e, por fim, algemou seus pés.

Gisele olhou para o Ossada ali exposto e decidiu que era hora de verificar os instrumentos que tinha trazido mais uma vez. Abriu um sorriso quando abriu sua maleta, repleta de facas, canivetes, cutelos, alicates, serrote, martelo e todos os instrumentos que pudessem ter alguma serventia, finalmente todo o

aprendizado que tivera na escola de medicina teriam seu máximo aproveitamento.

Gisele sabia que os membros da gangue demorariam algumas horas para voltarem a si. O boa-noite cinderela variava de pessoa para pessoa, mas calculou que em cinco horas todos estariam despertos. E esse era o tempo perfeito para descansar um pouco. Gisele sabia que teria muito o que fazer pela frente e tinha que estar na sua melhor forma.

Gisele ancorou o *yacht* perto de uma ilha que sabia ser deserta distante da terra firme e dormiu cerca de cinco horas, o que para ela, que foi acostumada aos plantões em hospitais, era uma eternidade. Era uma da manhã. Gisele colocou uma calça branca, camisa branca e seu jaleco de médica e foi até a mesa de jogo. Antes de entrar no salão escutou os debates e discussões entre os membros da gangue, achou graça, escondeu o sorriso e ingressou com seu rosto frio e implacável no salão. Todos os membros emudeceram imediatamente.

— Boa noite, gangue do Ossada. Vocês estão aqui por um motivo simples: sofrimento. Preparem-se que hoje a noite será eterna.

— Quem é você? – perguntou o Zecão indignado.

— Meu nome é Gisele.

— E o que você quer, sua vaca?

— Você é burro mesmo. Já disse que quero o sofrimento de vocês – ao dizer isso Gisele fincou a faca na coxa direita de Zecão e ele gritou alto com a dor. — Eu poderia tê-los alertado de que acho respeito fundamental, mas sou da opinião de que respeito deve ser conquistado.

— Ajude o Farinha, Gisele. Ele não acorda. – disse Luca angustiado.

— Nem acordará – disse Gisele. — Foi um presente que eu dei a ele.

— Algum palpite do motivo que estão aqui para sofrer. Ossada?

Ossada, que tinha o tronco grudado à mesa, limitou-se a cuspir na mesa.

Gisele pegou um cutelo e cortou o dedo mindinho da mão esquerda do Ossada.

— Quero começar "devagarinho". Mais alguma sugestão.

Ninguém mais ousou falar nada.

— É bom que arrisquem ou vou ter que obrigá-los a falar.

Foi o Luca o primeiro que tomou iniciativa.

— Nós matamos ou aleijamos alguém da sua família?

— Não. Mas boa tentativa. Está livre por enquanto. Feijó, qual sua opinião?

— Estupro?

— Ah, você é bom, Feijó. Acertou, também está livre por enquanto.

— Quando foi, Caveira?

Caveira que passou boa parte de sua juventude bêbado e drogado, não conseguiria acertar uma data nem morto. *Talvez se eu conseguisse lembrar o evento.* Tentava lembrar todas mulheres que tinha estuprado com violência, afinal aquelas que só negaram o sexo, mas não tinham demandado medidas mais drásticas não contavam para ele. Lembrou-se do estupro de duas garotas em uma festa de alguma patricinha da zona sul, de pelo menos três meninas que andavam à noite pela praia de Ipanema desavisadas e de outras duas que a gangue seguiu após saírem de uma balada. *Em qual desses estupros o Farinha não participou?* Não conseguia se lembrar, na cabeça dele a gangue andava sempre junta. Resolveu chutar o estupro da praia, pois tinha sido o mais marcante.

— Na praia.

Gisele com a faca em punho furou a coxa esquerda do Caveira.

— Você errou. Alguém sabe? Preciso lembrá-los de que é melhor contribuírem ou terei que arrancar a resposta de vocês.

— Na festa de quinze anos.

— Você é bom mesmo, Feijó. Sim, foi lá. Vocês estupraram eu e a menina que estava comigo.

— As duas lésbicas! – exclamou o Luca, admirado com a descoberta.

— Sorte sua, Luca, eu não achar que lésbica seja um termo ofensivo.

O Ossada gargalhou.

Gisele pegou o cutelo e cortou o outro dedo mindinho do Ossada que deu um berro assustador. Gisele olhou para toda gangue, à exceção do Ossada que tinha a cabeça deitada na mesa e disse:

— Na festa de quinze anos, vocês nos surraram e violentaram. Júlia não está mais aqui para se vingar. Ela desejava muito essa vingança, assim como eu. Tínhamos grandes planos para vocês, mas infelizmente ela se foi antes da hora. Mas não se preocupem que eu consegui planejar uma vingança que satisfaria a Júlia plenamente. Bom, eu a conhecia como ninguém. Eu sei tudo que ela gosta, cada mania, cada perversão... Por isso, não se preocupem que eu conseguirei representá-la em alto estilo. Imaginem que hoje ela esteja aqui ao meu lado. Será mesmo como se ela tivesse, vocês vão ver. Eu trabalharei em dobro, vocês não sentiram sua falta. Eu serei hoje eu e ela. Só que Júlia era muito mais cruel, violenta e gostava muito mais de sangue do que eu. Eu sei como fazer exatamente do jeito que ela gostaria. Vocês vão ver que eu não estou exagerando. Por isso não se queixem da violência desnecessária, haverá mesmo

e haverá muita. Mas é desse jeito que tem que ser. Não há outro. Preparem-se para a noite eterna.

A gangue estava muda e assustada. Eles tinham certeza que estavam lidando com uma doida de pedra e não tinham a menor ideia de como iriam escapar.

Gisele pegou o osso de fêmur na mão e gargalhou.

— O nome da gangue de vocês: Ossada. Sei que o nome surgiu porque o nosso querido amigo aqui – disse batendo levemente com o fêmur na bunda do Ossada — matou um rapazinho e guardou seu fêmur de recordação para bater em quem cruzasse o seu caminho. Estou errada?

— Não, você está certa, cadela. Eu estou preso aqui, mas se estivesse solto, você não teria chances. Eu enfiaria o fêmur na sua goela, sua puta.

Gisele pegou o martelo e com toda sua força martelou as mãos do Ossada. O urro que ele deu foi terrível. Guardou o martelo calmamente. Pegou o fêmur e disse para que todos ouvissem:

— O Ossada deu uma ideia interessante aqui: enfiar o fêmur na goela de vocês. Vou testar não tenham dúvida disso e agradeçam a ele. Mas isso pode esperar, por enquanto quero fazer com ele o que vocês todos fizeram comigo e com a Júlia.

Gisele enfiou o fêmur no ânus do Ossada vinte e duas vezes ininterruptamente. Eram só gritos e urros e sangue, muito sangue, até que ele desmaiou.

— O grande Ossada não aguentou. Será que vocês aguentarão melhor? Descobriremos, é claro.

— Você vai fazer isso com todo mundo? – perguntou o Caveira.

— Claro. E se quiserem saber exatamente o que eu farei com cada um de vocês, é só prestarem bem atenção em tudo que estou fazendo com o Ossada. Eu farei questão de repetir igualzinho. Que cara é essa, Luca? Você não acha justo? Puxa, é verdade. Estou lembrando que o Ossada fez questão de fuder a gente uma vez a mais que cada um de vocês.

Gisele pegou o fêmur e enfiou mais duas vezes na bunda do Ossada. A gangue explodiu em repugnância, o Ossada quase uivou, tamanho foi o seu grito.

— Com os cumprimentos do Luca para você, Ossada.

Ossada pareceu que queria dizer mais alguma coisa, porém não tinha forças, soluçava e gritava. Gisele segurou sua cabeça para trás e disse:

— Segura firme, Ossada. Você não é o fortão da gangue? Segura firme, pois se você aguentar bem, eles também vão achar que aguentarão. Sim, Ossada, eu sei que eles não aguentarão nada bem. Isso é impossível não é mesmo...Mas

finja para o bem da sua gangue.

O Ossada continuava chorando e passou a implorar:

— Pare! Pare, por favor!

— Não! A noite nem começou. Lembrem-se que a Júlia era muito cruel e tinha grandes planos para vocês. Nós iremos até o fim aqui. E pare de falar comigo, Ossada. Me faz lembrar da sua voz na noite do estupro e isso me irrita profundamente, eu me lembro da sua língua nojenta e...

Gisele com um alicate puxou a língua do Ossada e cortou com o cutelo. A gangue fechou os olhos. O sangue transbordava pela mesa, parecia sem fim. Era um cena horrenda e hedionda que Gisele só conseguira criar em homenagem à sua amada Júlia. Ela queria que a vingança fosse perfeita para Júlia e sabia tudo que precisava fazer para que fosse assim. Gisele tinha incorporado toda sede assassina e gosto violento de Júlia e cumpria o ritual que concebera sem fraquejar.

Falta ainda decepar as mãos e o pênis, pensava Gisele friamente.

Caveira começou a soluçar. Gisele se aproximou e disse:

— Você é o próximo. Seguiremos a ordem do estupro.

Caveira soluçou ainda mais.

— Não aguento isso, Caveira. Você precisa de um motivo mais forte do que o sofrimento alheio. Que seja o seu próprio! – disse enfiando a faca em seu abdômen.

O Caveira chorava agora com motivo para Gisele.

— Ainda não acabamos com o Ossada – disse pegando um machado de sua maleta. — Há mais trabalho a ser feito.

— Ossada, eu odiei como você passou suas mãos nojentas em mim.

Depois disso, Gisele prendeu os braços do Ossada na região próxima aos ombros em outra corrente que havia na mesa e cortou suas mãos.

O pior era ouvir o Ossada gritando sem língua, abafando seus gritos em seu próprio sangue.

— E, é claro, que eu odiei esse seu pênis maldito. – Gisele segurou o pênis do Ossada e o decepou em um único golpe com o cutelo, depois jogou-o sobre a mesa e disse: — Acontecerá o mesmo com vocês.

A gangue se debatia tentando se livrar das algemas, mas era inútil. Começaram a gritar desesperados. Gisele pegou sua faca e começou a furar a gangue inteira. Depois de tomarem cada um alguns furos, finalmente, se acalmaram.

Gisele puxou a cabeça do Ossada para trás e disse:

— Você pode morrer agora se pedir desculpas ou poderá viver e ver todos seus amigos sofrerem. O que acha?

Não era possível distinguir claramente o que o Ossada dizia, mas Gisele interpretou aquilo como desculpas. Pegou uma injeção e aplicou cloreto de potássio em sua veia. Rapidamente Ossada morreu. Gisele soltou as algemas. Arrastou seu corpo para um canto. Olhou para a gangue e disse:

— Eu podia deixá-lo viver assim pelo mundo, sem língua, mãos, pênis, mas ele pediu desculpas. Vamos ver se vocês preferirão viver ou morrer. Todos falam maravilhas da vida, mas na minha profissão, sim, eu sou médica, vocês se admirariam quantas vezes as pessoas preferem morrer ao invés de viver. Particularmente, eu acho que a vida é supervalorizada. Ficam pregando que a vida é sagrada e toda essa porra de direitos humanos, mas a verdade é que quando a vida vira uma grande merda a morte é sua melhor opção. Mas, é claro, que se vocês acharem que estou errada, que a vida é mesmo uma dádiva, vocês a terão. Eu pensei em cegá-los, afinal tudo começou porque vocês nos cobiçaram, mas depois cheguei a conclusão de que se puderem enxergar e ver tudo que a vida pode lhes oferecer, mas nunca será de vocês, seria melhor, muito melhor, também será ótimo se puderem ver todo o olhar de repugnância, desprezo e pena com que os olharão no futuro. A escolha é de vocês.

Gisele caminhou até o caveira:

— Chegou sua vez.

Ministrou uma anestesia que o entorpeceu quase imediatamente. Acionou as rodinhas de sua cadeira, levou-a onde estava o Ossada, o despiu e o algemou, tal como fizera com o Ossada. Passados alguns instantes, o Caveira começou a voltar a si.

Gisele sorriu.

— Bem-vindo de volta! Agora é sua vez.

Gisele pegou o fêmur e fincou-o sem dó nem piedade por vinte e duas vezes consecutivas. Era sangue, dor, muita dor e gritos, assustadores e ensurdecedores. Gisele tinha seu uniforme completamente ensanguentado e o sangue tinha respingado na mesa e nos outros membros da gangue que ainda aguardavam sua vez.

O Caveira não demorou muito para implorar e logo teve sua língua decepada. Gisele tal como uma máquina, seguiu decepando mãos e pênis. No final, Caveira, mesmo sem língua, gritou morte bem alto. Gisele admirou-se pelo empenho. Ela sabia que o Caveira pediria a morte. Ela lembrava-se de ter descoberto que ele era figurinha carimbada em casas de suingue do Rio de Janeiro. Chegou a cogitar de atrair a gangue para uma orgia em alto-mar, utilizando-se do bom nome de uma consagrada sociedade secreta de

libertinagem, cujos membros são pessoas refinadas, ricas, liberais e hedonistas, tudo isso por causa do Caveira, que já tinha tentado ingressar nessa sociedade duas vezes, mas lembrou-se do pôquer, estimado por todos membros da gangue, e optou que o embuste fosse uma noitada luxuosa de jogatina.

Gisele cumpriu seu dever admiravelmente até o fim, uma legítima executora. Fora rápida, firme e cruel, extremamente cruel. Manteve as regras que tinha concebido até o fim, sem exceções. Quem a desrespeitou sentiu sua lâmina e sua força, e decepou tudo o que queria de cada membro da gangue e os violentou pela quantidade de vezes que ela e Júlia foram violentadas.

Não foi surpresa nenhuma para Gisele que todos os membros da gangue tenham escolhido a morte. Já eram seis horas da manhã e o *yacht* era só sangue e carne morta. Sobre a mesa estavam as mãos, línguas e pênis dos membros da gangue. Gisele tremia seu braço direito por exaustão muscular. Seu trabalho tinha sido árduo e cansativo, mas Gisele sorria satisfeita. Tudo tinha acontecido exatamente da forma que ela concebera.

Gisele desancorou o *yacht* e navegou até o Rio de Janeiro. Eram sete e meia da manhã quando ancorou na prainha na Barra da Tijuca. Olhou toda sua obra pela última vez e despediu-se. Pensou em Júlia com carinho. Quis tê-la ao seu lado. Imaginou-a ali por alguns instantes, eufórica de felicidade. Júlia sempre fora intensa, muito intensa.

Gisele não quis levar nada do *yacht*, só as lembranças dos passeios que fez com Júlia. Sentiria falta deles, assim como sentia falta de toda uma vida com Júlia que não podia existir mais. Limpou as lágrimas dos olhos, mergulhou no mar e nadou até a praia ainda vazia.

Ela sabia que não demoraria muito para descobrirem o que ela tinha feito. Ela queria que todo o mundo soubesse. Afinal, se todos souberam dela e de Júlia, do estupro, do diário, da vingança, se tudo fora revelado ao mundo, todos também saberiam que elas tiveram, sim, sua vingança e em grande estilo. Propositalmente, Gisele não escondeu nenhuma evidência, estava tudo ali, os corpos da tripulação, dos membros da gangue, as partes de seus corpos, sua roupa branca inteiramente coberta de sangue, todos os instrumentos que utilizou para tortura, incluindo o fêmur, o *whisky* com a droga, as injeções de cloreto de potássio e o sangue duro e seco que a tudo cobria e amarrava.

– 41. Beijo é sinal de amor –

Gisele ficou saboreando o noticiário por pelo menos um mês. O crime tinha chocado a sociedade carioca e, por isso, virou manchete de jornal dia após dia, revelavam outros detalhes da vingança, as histórias das vítimas, relatos de pessoas que conheceram Gisele ou Júlia, detalhes da investigação, até o motivo do crime virou debate nacional, afinal o estupro das meninas justificaria ou não a vingança, é certo apropriar-se da justiça, entre outras questões que estavam na boca do povo. Era exatamente o que Gisele queria exibir ao mundo: sua vingança. Um tributo que prestava em homenagem à Júlia. Gisele sabia que Júlia estivesse onde estivesse teria adorado aquele momento e estava satisfeita por isso.

Ela já tinha colhido os louros da vitória e era hora de seguir em frente, era isso que a mantinha viva, a ideia de concluir o que Júlia e ela um dia começaram. Queria liquidar o trio pateta de forma simples e ágil, um tiro na cabeça de cada um. Tão logo saiu à procura de Lara, Clarice e Miguel e não os encontrou, soube que havia alguém por trás disso. *Eles não se esconderiam por livre e espontânea vontade*. Gisele conhecia a polícia bem demais, para saber que não isso não era obra deles, certamente, devia ser obra de alguma pessoa entendida no assunto, provavelmente conhecido de Antônio. *Não, Antônio não incentivava a loucura da mãe, ao menos não no começo. Será que depois foi convencido? Sim, Antônio deve ter sido convencido por sua mãe. E sua mãe para progredir na investigação deve ter tido ajuda. Mas de quem?*

Gisele se isolara do mundo e isso agora pesava em sua investigação. Não fazia ideia de quem ajudara a mãe de Antônio e nem tinha esperanças de descobrir. Tudo o que sabia era que tinham ajuda, pois Gisele não conseguia encontrar nem um rastro do trio pateta.

Fez o que pôde, deixou recados no hospital à procura de Miguel, no consultório da Lara e no prédio da Clarice. Fez perguntas, inventou histórias para obter informações, mas de nada serviu, eles tinham desaparecido

completamente do mundo.

Gisele refletia sobre a necessidade da morte do Miguel, de Lara e de Clarice, mas sabia que não havia outra alternativa, tinha que ir até o fim. Miguel já tinha sido torturado por Júlia e precisava morrer, isso fazia parte da vingança. Além disso, ele, Lara e Clarice mereciam também morrer pois tinham sido responsáveis pela ruína de Júlia. Gisele sabia que Débora não iria simplesmente vasculhar as coisas de Júlia até encontrar algo que a comprometesse. Não, fez isso porque ideias foram colocadas em sua cabeça. Não tinha dúvidas disso. Era coincidência demais que Júlia tenha sido assassinada por sua tia justamente depois de Júlia e Gisele terem descoberto que Miguel, Lara e Clarice sabiam de alguma coisa. Estava claro que todos eles tinham alguma coisa a ver com a tragédia que envolveu a morte de Júlia. Para Gisele coincidências não existiam, e, por isso, eles mereciam morrer. Gisele nunca abdicaria do direito de se vingar da morte de sua amada.

Gisele sabia que ninguém consegue se esconder para o resto da vida. Uma hora eles teriam que aparecer e quando isso acontecesse morreriam com um tiro na cabeça. Precisava-se manter firme até que isso acontecesse. Por Júlia, ela conseguiria.

Gisele suportava seus dias, não era fácil, viver era um fardo, mas consolava-se na ideia de que devia eliminar os últimos inimigos por sua amada, aqueles que foram responsáveis por sua morte precoce.

Assim, como eles não poderiam esperar para sempre isolados do mundo, Gisele também não poderia e era com isso que Geraldo Roberto estava contando.

Geraldo Roberto instruiu detalhada e longamente todas pessoas que tinham contato com Miguel no hospital e na residência, fez a mesma coisa com Lara e Clarice. Se surgisse qualquer pista, iria atrás, mas nada aparecia. Ele sabia que Gisele era esperta demais para deixar quaisquer pistas. Restava apenas esperar. Era um jogo de paciência.

Era dois de fevereiro de 2014 e o jogo de espera continuava. Foi em um domingo na Vieira Souto que Geraldo Roberto viu duas mulheres se beijando no calçadão, sentadas em um banco de frente para o mar. Achou curioso, pois tinha sonhado com Gisele e Júlia se beijando na fatídica festa de quinze anos da Toninha. Foi almoçar e mais um novo beijo, dessa vez discreto entre duas jovens na porta do restaurante. Ficou intrigado. Geraldo Roberto sabia que a sociedade estava mudando e já tinha presenciado beijos entre mulheres, aliás muito lhe agradava vê-las beijando, porém aquilo parecia coincidência demais. Caminhou pelas ruas de Ipanema para fazer a digestão do almoço, o que no caso de Geraldo Roberto era necessário considerando a quantidade de alimentos que ele tinha que digerir. Foi justamente quando andava pela Visconde de Pirajá que viu no cinema Estação Ipanema em cartaz o filme “A vida de Adèle” e ali exposto

mais um beijo entre duas mulheres. À noite, na porta de um bar, presenciou outro beijo de mulheres com muita vontade. Não acreditou em tantas coincidências. Tinha que ter um significado, mas não sabia qual era. Miguel e Lara tinham colocado Geraldo Roberto a par da discussão que sempre tinham sobre a existência ou não de coincidências na última vez que almoçaram juntos. Geraldo Roberto não dissera nada na hora, mas inclinara-se a pensar como Lara: não existiam coincidências. *Sim, haveria sempre uma causa ou um significado,* pensou Geraldo Roberto. *Mas o que esse beijo quer dizer?*

Era meia-noite e revirava-se de um lado para outro da cama sem conseguir dormir. Pensava no beijo, no amor longo e duradouro de duas meninas, que se conheceram ainda muito novas, de como esse amor tinha suportado o tempo e a tragédia, na morte de Júlia, na dor profunda de Gisele, certamente irrecuperável, na carnificina que Gisele deixara em seu *yacht*, o *yacht* que tinha sido dado de presente pelo amor de sua vida: Júlia. Geraldo Roberto sabia que Gisele cometeu a pior atrocidade que presenciou em vida por amor à Júlia. Louco, doentio, profundo, doloroso e viciante, mas era amor.

Geraldo Roberto fechava os olhos e o cenário cruento que Gisele criara com suas próprias mãos vinha à sua cabeça. Estranhava aquilo terrivelmente. *Como ela pôde ser capaz?* Ele, que já sabia quase de cor o diário de Júlia, sentia que conhecia Gisele. Uma mulher que vivera toda sua vida devotada à Júlia, por quem sentia um amor colossal. Sua vida inteira voltada à Júlia, desde que a conheceu menina até agora apos sua morte. Geraldo sabia pelo diário que Gisele não era tão afeita às facas e outros instrumentos sanguinários como era Júlia. Gisele aceitara aquilo por Júlia e fizera aquilo como todo o resto por amor, seu extremo e obcecado amor por Júlia que sobrevivia a tudo, até mesmo à morte. Ela queria a agradar tão terrivelmente que abdicara a si mesma para executar a cruenta vingança contra a gangue do Ossada. Sua devoção e fidelidade eram impressionantes. *Gisele a amava profundamente, a adorava, mais que isso a venerava,* pensou Geraldo Roberto. *E como isso devia lhe doer. Sua dor deve ser intensa, muito intensa. Como ela tem suportado? Só a ideia de completar o trabalho de vida de Júlia e de se vingar de sua morte. Ela não desistirá. De jeito nenhum, mas onde ela estará? Alguém que ama tanto e tão profundamente como ela? Apostaria que ela viveria no* yacht*, não fosse tê-lo deixado de propósito à mercê da polícia. Que outro lugar? Onde?*

Geraldo Roberto já tinha pesquisado os nomes de Júlia e Gisele e realmente só a casa em Angra dos Reis estava no nome de Júlia, mas Gisele não estaria lá. *Lá não tinha nada a ver com Júlia, não tinha sua identidade, mas a de Clarice. Gisele não se sentiria acolhida lá. Alguém com o buraco que ela tem na alma precisaria sentir a presença de Júlia de alguma forma. Meu bom Deus, é isso! Gisele está na casa de Júlia.*

Geraldo Roberto levantou eufórico da cama e gritou:

— É lógico! É lá que ela está! Só pode ser lá!

Geraldo Roberto pensou em sair no meio da noite para ter com Gisele. Podia ir até a delegacia, mas sabia que só encontraria os plantonistas. Ele tinha o celular do delegado responsável pelo caso. Geraldo sabia que o delegado fazia tudo que estivesse ao seu alcance, afinal o caso recebera repercussão nacional e aquilo era publicidade gratuita e garantida. Geraldo apertou rapidamente as teclas do seu celular:

— Doutor Lineu?

— Isso são horas, Geraldo?

— É informação quente.

— Manda.

— Eu sei onde está Gisele. Precisamos ir até lá e prendê-la.

— Calma, Geraldo. Como você sabe?

— Eu só tenho certeza. Tem que ser. Faz todo sentido.

— E onde ela estaria?

— Na casa onde Júlia morou quase toda sua vida na Barra da Tijuca.

— Será? Ninguém mora lá?

— Não, segundo acompanhei Débora Marcondes perdeu seus pais e não tinha filhos ou parentes próximos e Eduardo Monteiro era filho único e também já tinha perdido os pais, também sem parentes próximos. A casa com os devidos trâmites legais será do Município.

— E o que você sugere?

— Vamos lá agora.

— Vou chamar meus homens de confiança, Geraldo.

— Em meia hora na delegacia, Doutor Lineu?

— Meia hora.

Geraldo Roberto vestiu um dos seus ternos antigos e folgados, banhou o cabelo em gel, alinhou-o com um pente fino e saiu correndo para a delegacia.

— É melhor irmos no meu carro – disse o delegado. Depois olhou para seus homens e disse: — Vamos prender a maluca.

Por orientação de Geraldo Roberto, eles deixaram o carro longe da residência e seguiram a pé. Chegaram na casa, que aparentemente estava deserta. Dessa vez, foi o delegado quem tomou dianteira:

— Corvo, vamos entrar nesse casarão e sem barulho.

O Corvo mexeu na fechadura e rapidamente a porta estava aberta. Tinha sido fácil, sem alarmes. *Madame Débora era confiante nas pessoas,* pensou

Geraldo Roberto.

O delegado coordenou a busca mandando seus homens para cantos diferentes da casa, ele e Geraldo ficaram com a ala superior. Caminhavam como gatos pela casa, sem fazer ruídos. Foi Geraldo Roberto quem abriu uma porta que rangeu terrivelmente. Em seguida ouviram-se passos. Geraldo Roberto se escondeu atrás da porta e soube que havia alguém do lado de fora. Era Gisele, ele sabia. Ela empurrou a porta contra a parede e verificou que havia um obstáculo. *Alguém estava ali,* teve certeza. Gisele pegou a pistola em suas mãos e a descarregou na porta de madeira de uma só vez, sem pensar duas vezes. Geraldo Roberto recebeu os tiros sem que tivesse chance de reagir. O delegado, que já estava bem perto de Gisele, atirou em sua perna. Gisele caiu no chão e viu que o delegado mirava a arma para sua cabeça:

— Largue a arma! – ordenou o delegado.

Gisele já tinha pensado que uma situação dessas poderia acontecer e sabia o que devia fazer: lutar até o fim. Ela sabia que não teria chance alguma se fosse presa de acabar com o trio pateta, não depois da repercussão que teve sua cruel vingança, descrita pelos jornais como abominável, horrenda, cruenta entre outros adjetivos. Apontou a arma para a cabeça do delegado. Ela ainda tinha uma bala e ele não estava muito longe, tinha grandes chances de acertar, mas, antes que tivesse chances de apertar o gatilho, recebeu uma bala na cabeça. Morreu na hora.

O delegado guardou a arma e ligou rapidamente para emergência, minutos depois já tinha chegado uma ambulância para socorrer seu amigo: Geraldo Roberto.

A morte de Gisele fora rápida, talvez até demais. Uma boa morte, sem dúvida. Talvez não fosse o fim que ela merecesse. Porém, a vida às vezes não era mesmo justa e o delegado sabia disso melhor que ninguém. O delegado sentiu por ter dado uma morte boa para Gisele, mas quando sua própria vida está em jogo, a verdade é que a escolha torna-se bem fácil. Conhecendo a morosidade de um processo criminal e as diversas artimanhas que poderia se valer o advogado de defesa, como insanidade mental, entre outras, o delegado sentiu um certo alívio de ter definido o destino de Gisele daquela forma definitiva, sem possibilidade de recursos ou argumentos protelatórios. Ainda assim a sensação de injustiça revirava-lhe o estômago. Foi por isso que jogou a arma no chão raivoso e gritou irritado:

— Que grande merda!

Até Geraldo Roberto, apesar das palavras de pouca ou nenhuma categoria, em seu sono profundo concordaria dizendo: “Sim, das maiores”. Por outro lado, conhecendo Geraldo Roberto como eu conheço e o dom que ele tem

para filosofar sobre as obras do destino, eu posso afirmar que ele sabia de verdade que aquela morte de Gisele acalentaria os corações sofridos de seus queridos amigos, permitiria com que encerrassem um capítulo negro de suas vidas e seguissem finalmente adiante. A morte de Gisele daria a eles uma segunda chance para serem felizes, coisa que se estivesse presa não teriam, afinal existiria sua real ameaça os assombrando perpetuamente. Aquela morte tinha sido o fim e por isso o começo de uma nova vida para aqueles que mereciam.

– 42. O sono dos justos –

Geraldo Roberto tinha recebido os tiros na região do tronco protegida pelo colete a prova de balas que usava, à exceção de uma bala que perfurou seu braço esquerdo, felizmente extraída por uma cirurgia de emergência, sem maiores complicações.

Geraldo Roberto sorria no leito do Hospital Copa D'Or acalentado por Clarice e Lara que se esmeravam para fazer todas suas vontades.

— Madame Clarice, assim eu vou ficar mal acostumado. E, senhorita Lara, o Doutor Miguel vai se morder de ciúmes.

Elas riam da graça de Geraldo Roberto e lhe mimavam ainda mais. De alguma forma interessante, o leito do hospital estava fazendo o mesmo efeito que o bote do filhote de Geraldo Roberto. Ele até pensou em usá-lo com as enfermeiras, mas via que era absolutamente desnecessário. Ele tinha tudo o que poderia querer e muito mais.

— Quero agradecer a você, Geraldo. Você foi brilhante do início ao fim. Realmente, muito obrigada, por tudo. – Clarice tinha os olhos marejados em lágrimas.

— Você nos salvou – completou Lara emocionada.

— Eu não deixaria que nada lhes acontecesse, jamais – disse em tom protetor e cavalheiresco.

Clarice e Gisele se derreteram com o comentário. Geraldo Roberto sorriu satisfeito. Ele tinha as damas, como gostava de chamar as mulheres que conhecia, em altíssima conta. Elas eram as rosas do seu jardim. Gostava de cuidar delas e protegê-las para que mantivessem o frescor, a doçura e a suavidade. Sentia prazer em imaginá-las indefesas, doces, amorosas, carinhosas e dependentes de um homem que as pudesse prover e cuidar para seu próprio deleite e egoísta prazer, pois não havia nada mais delicioso na concepção de Geraldo Roberto que cuidar de uma flor, vê-la desabrochar e cheirar seu doce e

inebriante perfume. Geraldo era um irrecuperável cavalheiro com a alma romântica e apaixonada.

— Será que ela seria capaz de encontrar a gente? – quis saber Lara.

— Nunca duvidei da capacidade da senhorita Gisele. Ela era bem astuta. Cedo ou tarde ela os encontraria. Não duvide disso, senhorita.

— É impressionante o que ela foi capaz de fazer – comentou Lara. — Eu não imaginava que ela conseguisse ter a determinação que teve.

— O amor, senhorita Lara, realmente move montanhas. Ela foi capaz de fazer tudo que fez, por Júlia.

— Eu não tenho dúvidas disso, Geraldo. Ela conseguiu incorporar a crueldade e a violência de sua amante sem fraquejar. Foi realmente impressionante. Eu não teria estômago. De jeito nenhum!

— Ainda bem – ponderou Geraldo Roberto.

— Geraldo, eu estou em paz pela primeira vez em muito tempo. Achei que nunca teria paz novamente. – Clarice tinha lágrimas nos olhos. — Mas eu estou em paz comigo e com minha consciência. Nunca achei que pudesse me sentir assim de novo. E graças a você, Geraldo, obrigada, do fundo do meu coração, obrigada. – Clarice abraçou o Geraldo molhando seu pijama com lágrimas.

— Madame Clarice, a senhora que foi uma mãe exemplar do começo ao fim, nunca desistiu de lutar por seus filhos, mesmo depois que se foram. E, se me permite dizer, lutou com muita elegância, força e determinação. Eu a admiro, madame Clarice.

Clarice começou a soluçar e Geraldo Roberto acarinhou seu braço e lhe deu um sorriso.

— Chore, madame Clarice. Deixe a fraqueza lhe invadir e chore, fará bem. Não precisa mais ficar se controlando. Não precisa mais ser forte. Tudo acabou, madame. E eu estou aqui.

Clarice chorou, chorou e chorou, até que cansou. Geraldo Roberto sorriu:

— Muito bem, madame. Faça sempre isso. A senhora deve chorar suas lágrimas e sua dor. É importante que o faça.

— É que se eu fraquejasse, eu sabia, Geraldo, que não haveria mais volta para mim. A tristeza tomaria conta de mim completamente...

— Pode parecer que é assim, mas é importante saber chorar e recuar quando o fardo torna-se pesado demais. Pense que é uma forma de recuperar suas energias.

Clarice sorriu.

— Eu não sei o que faríamos sem você – disse Lara, abraçando o Geraldo Roberto.

— Madame Clarice e senhorita Lara eu só fiz o que era certo. Nenhum homem que se preze ousaria deixar duas damas em perigo, à mercê da sorte. Jamais! Sou eu quem agradeço por terem colaborado, deixado suas vidas de lado e sobretudo por confiarem em mim.

— Você é um homem digno de confiança, um dos poucos – elogiou Lara.

— Obrigado, senhorita Lara. Cuidado que ficarei sem jeito... – disse Geraldo sorrindo.

Os três estavam conversando animadamente quando Miguel entrou, cumprimentou Clarice, Miguel e Lara e abraçou Geraldo Roberto.

— Geraldo, obrigado – disse Miguel. — Você colocou um fim nisso tudo. É um enorme prazer ter você como amigo.

— O prazer é todo meu, Doutor Miguel.

— Que isso! – exclamou Miguel

— Mas é verdade – disse Geraldo. — Você e a senhorita Lara são amigos que nunca quero perder. Nem digo nada à madame Clarice, pois não é elegante fazer uma dama corar até o ponto do tomate.

— Nunca perderá nossa amizade – disse Lara.

Clarice sorriu:

— Sempre galanteador! É uma pena, se não estivéssemos no hospital, poderíamos brindar.

— Eu adoraria uma *champagne,* mas realmente ordens médicas são ordens médicas. Os doutores estão aqui para não me deixarem fazer diferente. – Geraldo Roberto abriu um sorriso para o casal de médicos.

— Não deixarei mesmo. – Miguel piscou, tirando uma *champagne* que estava escondida sob o blazer. — Bem, talvez um pouco. Eis algumas vantagens de ser médico, Geraldo.

Geraldo Roberto abriu a boca admirado, parecia uma criança que recebia seu sonhado presente, pura e imensamente feliz.

Miguel abriu a *champagne*, serviu as taças que Lara tinha escondido no armário e todos as ergueram e brindaram. Foi Geraldo Roberto quem disse, logo depois de ouvir os cristais batendo:

— À guerra que vencemos. A vitória é nossa, completamente nossa!

— À nossa vitória – disse Clarice emocionada.

Depois de brindarem, foi Miguel quem disse:

— Agora temos que deixar nosso herói descansar.

Clarice e Lara imediatamente concordaram e saíram do quarto junto com Miguel.

No leito do hospital Geraldo fechou os olhos relaxado e dormiu em paz o sono dos justos.

Agradecimentos

Ao Riquinho e a Tia Neide pela ávida leitura e todos ótimos conselhos.

Ao Marton pela ótima consultoria que era para ser só de arquitetura, mas foi bem mais abrangente.

À Polícia Científica do Estado de São Paulo, em especial ao Marcos Alexandre Oliveira e ao doutor Enrico Andrade.

Ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em especial a Julieta Magalhães e ao doutor Daniel Barros.

Sobre a autora

Eliane Quintella começou a escrever ainda criança para o jornal do bairro em que morava. Era conhecida pelos colegas de ginásio pelas redações que criava. Quem estudou com ela no ginásio lembra-se de suas redações. Naquela época, ela já tinha certeza que queria passar a vida escrevendo. A vida seguiu. Formou-se em Direito, trabalhou, fez mestrado, trabalhou e depois trabalhou ainda mais e nunca deixou de escrever. Até que um dia viu-se em casa, com um punho quebrado, por um mês inteiro. Era sua grande chance. Escreveria um livro. E, foi assim que animada começou a escrever seu primeiro livro: Pacto Secreto. O livro virou uma saga. Mas a história não acaba aqui, pois escrever é quem Eliane é, assim escreve sempre e todos os dias, contos, artigos e esse livro de suspense psicológico que vocês leem agora, Café Forte.

Eliane gosta de dizer que já nasceu escritora. Ela não é politicamente correta e se orgulha disso. E como perceberão é aficionada em thrillers. Tem uma queda para ficar em casa lendo, escrevendo, assistindo seriados e estudando filosofia, é claro, que tudo regado a muito café, sim, de preferência bem forte.

Entre em contato:

– *E-mail*: eliquintella@hotmail.com
– *Twitter*: @eliquintella
– *Blog*: http://elianequintella.wordpress.com e http://pactosecreto.wordpress.com
– *Facebook:* http://facebook.com/LivroCafeForte